

Ana Cardoso de Matos
Telma Bessa Sales

Conversando sobre Património Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens



Edições UVA

Coordenação:

Ana Cardoso de Matos

Telma Bessa Sales

Conversando sobre
Património Industrial e outras histórias:
palavras, espaços e imagens

Sobral/CE

2018



Conversando sobre Patrimônio Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens

© 2018 copyright by Ana Cardoso de Matos e Telma Bessa Sales (coord.).

Impresso no Brasil/Printed in Brasil

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitor
Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA
Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial
Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomis Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Maria Adélane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Simone Ferreira Diniz
Renata Albuquerque Lima
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virginia Célia Cavalcante de Holanda

Editoração, projeto gráfico e impressão
Sertãoocult Editora
(88) 3614.8748 / (88) 99784.2222 / Whatsapp (88) 99846.8222

Catálogo
Neto Ramos CRB 3/1374



Coordenadores
Prof. Dra. Ana Cardoso de Matos
(Universidade de Évora)
Prof. Dra. Telma Bessa Sales
(Universidade Estadual Vale do Acaraú),

Colaborador
Prof. Dr. Ronaldo André Rodrigues
(PUC.MG)

Fotografias
Herlon Leão
Capa e imagens internas do livro:
Engenho de cachaça em Alcântaras, Sobral, Ceará.

Revisão ortográfica
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Apoio:
CIDEHUS
CAPEUS
MAG (Mestrado Acadêmico de Geografia - UVA)
Casa do Construtor
Maria Goretti Rodrigues (SP)
Milena Pereira (Lisboa)
Isaurora Freitas (Fortaleza, CE)
Janaina Bueno (Lisboa)
João Neto (Lisboa)
Manoela Rossinete Rufinoni (SP)
Valéria Aparecida Alves (Fortaleza CE)
Pedro Marcos Roma de Castro (Brasília, DF)
Cleonir Luiz Grandó (Curitiba, PR)
Marli Gonçalves (Curitiba, PR)
Paula Carneiro Amarante (Belo Horizonte, MG)
Igor Vieira (Sobral, CE)
Adriane Veras (Sobral, CE)
Sérgio Marley (Porto Alegre, RS)
Regianne Leila (Roterdã, Holanda)

"Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e PT2020, no âmbito do projeto UID/HIS/00057/2013 - POCI-01-0145-FEDER-007702"

"This work is funded by national funds through the Foundation for Science and Technology and the European Regional Development Fund (FEDER) through the Competitiveness and Internationalization Operational Program (POCI) and PT2020, under the UID / HIS project / 00057 / 2013 - POCI-01-0145-FEDER-007702"



M33c Matos, Ana Cardoso de
Conversando sobre Patrimônio Industrial e outras
histórias: palavras, espaços e imagens / Ana Cardoso de Matos;
Telma Bessa Sales. - Sobral: Edições UVA, 2018. 242 p.

ISBN: 978-85-9539-026-3 (Versão impressa)
ISBN: 978-85-9539-025-6 (E-book)

1. Experiências. 2. Patrimônio Industrial. 3. Memórias. 4.
Patrimônio. I. Sales, Telma Bessa. II. Título.

CDD-371.32

Sumário

Prefácio em italiano de Alessandro Portelli / 5

Prefácio de Alessandro Portelli / 7

Notas prévias / 9

Apresentação / 15

Conversando sobre Património Industrial

Professor Dr. José Amado Mendes / 23

Universidade de Coimbra/Univ. Autónoma de Lisboa

Professor Dr. Jorge Custódio / 43

Universidade Nova de Lisboa

Professor Dr. José Manuel Morais Lopes Cordeiro / 71

Universidade do Minho - Braga

Dra. Maria Luisa Ferreira Nunes dos Santos / 107

Biblioteca Nacional – Lisboa

Dra. Maria da Graça da Silveira Filipe / 125

Universidade Nova de Lisboa - FCSH

Dra. Maria da Luz Sampaio / 143

Universidade de Évora (CIDEHUS) e IHC - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Dr. Guilherme Pinheiro Pozzer / 161

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - São Paulo, Universidade do Minho - Braga

Professor Dr. Paulo Fontes / 177

*Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
CPDOC - Fundação Getúlio Vargas – FGV - Rio de Janeiro*

Professora Dra. Beatriz Mugayar Kuhl / 189

Universidade de São Paulo – USP - São Paulo

Professora Dra. Cristina Meneguello / 205

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - São Paulo

Professora Dra. Ana Paula Mota de Bitencourt da Costa Lins / 221

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan/PE

Prefácio em italiano de Alessandro Portelli

Poco lontano dal mio quartiere, sulla via Flaminia ai margini di Roma, in un campo ai lati della strada, chi passa in macchina vede due strutture che da lontano sembrano cattedrali romaniche. In realtà si tratta di due delle tante fornaci per la fabbricazione dei mattoni che per decenni hanno costellato Roma . una città dove l'industria principale è stata l'edilizia. Sono bellissime, e abbandonate, come tanti manufatti industriali nell'epoca della deindustrializzazione. Per anni ho immaginato di trasformarle in un teatro, un centro di ricerca, un archivio Ma restano lì, e ogni volta che ci passo sono più in rovina. Uno spreco assurdo.

Uno spreco non solo perché un oggetto di bellezza e di possibile utilità va in rovina. Uno spreco anche, forse soprattutto, perché l'abbandono di luoghi dove le persone hanno vissuto, lavorato, lottato comporta anche la cancellazione delle vite di chi i ha resi vivi. Le fornaci a Roma sono state a lungo un simbolo della classe operaia della città, anarchica prima ancora che comunista. Nel quartiere di Valle Aurelia, accanto a San Pietro (un papa, vedendo i fumi e i fuochi delle fornaci dalla sua finestra, disse: questa è la Valle dell'Inferno. E così lo ricordano i romani, anche adesso che le fornaci sono state distrutte e gli abitanti trasferiti in anonime case di periferia) negli anni della dittatura si rifugiarono gli antifascisti, tanto che fra gli operai circolava una leggenda secondo cui lo stesso Lenin era venuto a nascondersi lì (in realtà si trattava dell'anarchico Errico Malatesta). Fu al confine fra Valle Aurelia che nel 1921 i fascisti furono respinti. Adesso di tutto quel luogo non resta più niente, solo una lapide in una baracca abbandonata (dove vanno a dormire spesso gli immigrati senza casa), con i nomi dei fornaci ari uccisi dai nazisti nel massacro delle Fosse Ardeatine.

A Roma la storia si identifica con i monumenti, con il Colosseo, i Fori, San Pietro... Delle volte sembra come se la città avesse smesso

di avere na storia a mano a mano che si avvicinava la modernità, come se le generazioni che l'hanno abitata in età contemporanea non significassero niente. Per questo il recupero del patrimonio di beni materiali industriali diventa un modo importante per raccontare un'altra storia, la storia di gente comune che ha materialmente costruito la città e l'ha resa viva. Credo che sia importante, per questo, che il recupero e il riuso non tradiscano la ragione d'essere, la storia, la funzione di queste realtà. A Terni, città industriale per eccellenza, mote fabbriche chiuse sono state giustamente trasformate in luoghi di cultura: un'officina meccanica in un centro multimediale, na fonderia in teatro, una grande fabbrica chimica negli studi cinematografici dove Roberto Benigni ha irato "La vita è bella" (prima che venisse abbandonata di nuovo). E tuttavia, qualche volta l'idea, in sé giusta, di una cultura che guardi al futuro, che si immagini come avanguardia del nuovo, finisce per fare sì che ci si dimentichi che quei muri sono intrisi di un passato senza il quale la città non esisterebbe e non sarebbe quello che è. E non dimentichiamo i rischi – bel esposti in alcune interviste di questo libro – che la destinazione turistica, m in sé accettabile, non possa finire per trsformare quedsti beni culturali preziosi in oggetti di consumo superficiale e banale.

Questo libro di Telma Bessa Sales e Ana Cardoso de Matos ci aiuta a capire quanto sia necessario questo lavoro, e quanto ricche e complesse siano le storie di chi a questo compito ha dedicato impegno, passione e professionalità. E' un lavoro che si lega bene con la tradizione della storia orale: da un lato, una memoria immateriale fatta di parole e racconti; dall'altro, una memoria materiale incorporata in oggetti e in edifici, che possiamo percepire solo con l'ascolto, la ricerca, il dialogo e il rispetto.

Calvinista Fortale

Prefácio de Alessandro Portelli¹

Não muito longe do meu bairro, na via Flaminia, às margens de Roma, em um campo ao lado da estrada, quem passa de carro vê duas estruturas que de longe parecem catedrais românicas. Na verdade, se trata de duas das tantas fornalhas para fabricação de tijolos, que por decênios protegeram Roma. Uma cidade onde a indústria principal foi a construção civil. São belíssimas, e abandonadas, como tantas outras construções industriais da época da desindustrialização. Por anos, imaginei transformá-las em teatro, em centro de pesquisa, em arquivo. Mas permanecem ali, e cada vez que passo estão mais em ruínas. Um desperdício absurdo.

Um desperdício não só porque um objeto belo e de possibilidade de uso se torne ruína. Um desperdício também, talvez, sobretudo, porque é o abandono de lugares onde as pessoas viveram, trabalharam, lutaram, comporte também o cancelamento das vidas de quem as fez viver. As fornalhas em Roma foram, por muito tempo, um símbolo da classe operária da cidade, anarquista, antes ainda de comunista. No bairro de Valle Aurelia, ao lado de São Pedro (um papa, vendo a fumaça e os fogos das fornalhas da sua janela, disse: - Este é o Valle do Inferno. E assim, se recordam os romanos, mesmo agora que as fornalhas foram destruídas e os habitantes transferidos para anônimas casas de periferia). Nos anos da ditadura se refugiaram os antifascistas, tanto que entre os operários circulava um boato de que o próprio Lênin veio esconder-se ali (na verdade se tratava de um anarquista chamado Errico Malatesta). Foi nos confins do Valle Aurelia que em 1921 os fascistas foram repelidos. Agora, de todo aquele lugar, não restou mais nada, somente uma lápide em uma barraca

¹ Alessandro Portelli é professor de literatura norteamericana na Università di Roma “La Sapienza”. É autor de diversos livros de literatura e de história oral. Entre suas obras recentes está *They Say in Harlan County: An Oral History* (2010) e *Desiderio di altri mondi: Memoria in forma di articoli* (2012). Fundou o Circolo Gianni Bosio para a pesquisa sobre músicas e culturas populares, e foi por cinco anos conselheiro para a memória histórica da prefeitura de Roma. No Brasil, publicou diversos artigos e o livro *Ensaio de história oral* (2010).

abandonada (onde vão dormir, com frequência, os imigrantes sem casa), com os nomes dos homens assassinados pelos nazistas no massacre das Fosse Ardeatine.

Em Roma, a história se identifica com os monumentos, com o Coliseu, os Foros, São Pedro... Às vezes, é como se a cidade tivesse deixado de ter história com a aproximação lenta da modernidade, como se as gerações que a habitaram na idade contemporânea não significassem nada. Por isso, a recuperação do Patrimônio histórico de bens materiais-industriais se torna um modo importante para contar uma outra história, a história de gente comum que materialmente construiu a cidade e a fez viva. Creio que seja importante, por isso, que a recuperação e o reuso não traíam a razão de ser, a história, a função dessa realidade. Em Terni, cidade industrial por excelência, muitas fábricas fechadas foram justamente transformadas em locais de cultura: uma oficina mecânica em um centro multimídia, uma fundição em teatro, uma grande fábrica de químicos em estúdios cinematográficos, onde Roberto Benigni rodou “La vitta è bella” (antes que fosse abandonada novamente). No entanto, alguma vez a ideia, em si justa, de uma cultura que olhe para o futuro, que se imagine como vanguarda do novo, termine por fazer sim que não se esqueça que aqueles muros estão imbuídos de um passado sem o qual a cidade não existiria e não seria o que é. E não esqueçamos os riscos - bem colocados por algumas entrevistas deste livro - que a destinação turística, em si aceitável, não possa terminar por transformar estes bens culturais preciosos em objetos de consumo superficial e banal.

Este livro de Telma Bessa Sales e Ana Cardoso de Matos nos ajuda a entender o quanto é necessário esse trabalho, e quão ricas e complexas são as histórias de quem com essa tarefa dedicou empenho, paixão e profissionalismo. É um trabalho que se conecta bem com a tradição da história oral: de um lado, uma memória imaterial feita de palavras e contos; do outro, uma memória material incorporada em objetos e em edifícios, que possamos perceber somente com a escuta, a pesquisa, o diálogo e o respeito.

Notas prévias

A escrita deste trabalho desenvolve-se como fruto de desencontros, ou melhor, encruzilhadas, descaminhos e encontros, que, no universo da pesquisa sobre os mundos do trabalho e do Património, permitem perder-nos e achar-nos constantemente. Quando nos permitimos entrar no universo acadêmico português para realizar estudos, não apenas como pesquisadores, mas seres inquietos, em épocas e universidades diferentes, com expectativas diversas, não imaginávamos que um dos frutos desta experiência seria a elaboração e divulgação de diálogos sistemáticos que tivemos com professores e estudiosos portugueses.

Os caminhos percorridos seguiram-se por congressos, colóquios e seminários dentro do contexto do doutorado e pós-doutorado, durante o ano de 2015 em Portugal. Buscávamos ampliar a visão no que se refere às temáticas da industrialização e aprofundar conhecimentos sobre os conceitos de Património Industrial. Trazíamos também o desejo de maior qualificação e aprendizagem na nossa área de atuação e, em certa medida, um aprofundamento e aperfeiçoamento na vida profissional.

Por outro lado, cada um de nós, plenos de curiosidade, indagávamos o que a vida nos ofereceria neste período de estadia no exterior. Seria um período monótono? Em companhia da melancolia e solitários por não conhecer muitas pessoas? Ou seria um tempo de alegria em sair da rotina acadêmica e profissional de trabalho, seja em sala de aula, orientações, pesquisas e as tradicionais correções de provas? Como seria a oportunidade de quebrar rotinas, aproveitar novas possibilidades e sair um pouco da luta diária pela sobrevivência, do dia a dia cronometrado da vida contemporânea, e assumir o papel de pesquisador de maneira “quase” integral? Como seriam as pessoas, a universidade e a vida no país “irmão”, que conhecíamos tão pouco? Enfim, estava latente uma mistura de ansiedade, desejos e apreensões pelo desconhecido, mas também a confiança em desenvolver um trabalho agradável e aproveitar este momento, um hiato da “vida normal” no Brasil.

Afora nossa mente inquieta, considerada a busca por uma produção do saber de forma plural e multidisciplinar, buscávamos alargar a visão que nos permitisse vivenciar experiências novas. A interação e socialização entre os investigadores constituíram-se apenas como parte de uma inserção na cultura do lugar e demais localidades de convivência, onde vislumbrávamos também os estudos, percebemos aprendizagem e ensinamentos.

Deparamo-nos, portanto, com uma oportunidade ímpar para o crescimento pessoal, acadêmico e profissional, na esteira do que afirma Boris Fausto, uma vez que estudar dá prazer, satisfação e alegria. Estes foram os sentimentos que nos conduziram ao que há de melhor e que poderíamos oferecer, mesmo durante as intempéries e vicissitudes na trama do viver: ser gente, conhecer gente e gostar de gente.

10 | Conversar, sorrir, errar, “cometer gafes”, enfim, ser humano, ser pessoa, com outras pessoas. Olhar, dormir, passear, comer juntos, enfim, deixar-se viver, contemplar belezas monumentais do “Velho Mundo”. Observar o frenesi dos turistas e moradores nas ruas das cidades, admirar o ritmo dos idosos lisboetas, portuenses e bracaren-
ses, com suas canções e hábitos tradicionais, cartão postal de cidades que preservam e valorizam suas ancestralidades. Enfim, conhecer as histórias das pessoas, suas opções e alegrias, suas decepções e disputas, suas reclamações, conquistas e percepções.

Entre a razão e os sentimentos, vivenciamos Portugal: uma realidade pulsante de homens e mulheres em seus afazeres, momentos de ócio (embora raros), de sorrisos, de mau humor... Gente que ama. Convivemos diretamente com algumas pessoas que nos apresentaram a outras e, num círculo dinâmico, participamos de encontros, debates e intervenções com diversos estudiosos, de diferentes áreas do saber, unificadas pelo interesse comum da temática Património Industrial.

Sim, o conhecer e o conviver com professores pioneiros do estudo em Património Industrial em Portugal nos desafiou a aprofundar a reflexão sobre o tema. Estabelecemos relações e, ao mesmo tempo, verificamos a multiplicidade de ações das instituições sociais e universidades em Portugal. Acreditamos que uma contribuição por nós

percebida foi o estreitar laços e fortalecer os fios tecidos entre os professores e profissionais portugueses e os professores do Brasil.

De fato, o diálogo profícuo destes profissionais tem se desenvolvido há alguns anos em eventos internacionais e atividades acadêmicas em ambos os países, dentre elas, orientações conjuntas de teses de Doutorado e dissertações de Mestrado.

Ao seguir estes passos, sentíamo-nos então impelidos a conhecer e a divulgar as trajetórias de estudiosos em Portugal e no Brasil. Algumas temáticas comuns foram articuladas e inspiraram entrevistas com profissionais de áreas como História, Arquitetura e Património Histórico, dentre outras. O registro das narrativas destes intelectuais representa um diálogo incessante, a partir do qual se constrói um conhecimento interdisciplinar sobre Arqueologia industrial e Património industrial.

Sabemos das limitações dessa construção, pois a formação de uma área de conhecimento, a busca por definir o estado da arte e perceber sua dimensão constituem elementos cujos obstáculos não serão totalmente transpostos. As percepções e discussões são percebidas de forma parcial, mas a busca por entender e conhecer tal campo de pesquisa se torna o propulsor deste trabalho. Os pensamentos apresentados podem ser provisórios ou consideram apenas certa temporalidade, mas trazem interessantes e importantes ideias e ideais.

Foi entre encontros, diálogos e desencontros que surgiu concretamente a possibilidade de produção deste livro. Ele nasce a partir da vontade de socializar nossos diálogos e as experiências dos investigadores dos dois países. A partir do tema irradiador das conversas, o Património Industrial, incorporamos as narrativas como elemento central em um diálogo enriquecedor de buscas e interpretações possíveis do viver.

Gostaríamos, assim, de convidá-lo(a) a viajar conosco nas histórias de vida destes estudiosos brasileiros e portugueses. São professores e pesquisadores que, no cotidiano, nos permitiram partilhar seus conhecimentos, ouvir suas narrativas e registrar suas experiências pessoais e profissionais, suas peculiaridades. Pessoas que vivenciam dramas, como nós e tantos outros, que se solidarizam com nossas

lutas e acreditam, igualmente, na construção de um mundo “onde caibam todos os mundos”.

Nas próximas páginas, caro (a) leitor (a), surpreender-se-á com eles e elas: o atencioso Prof. Dr. José Amado Mendes, o enfático Prof. Dr. Jorge Custódio, atual presidente da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI), a expressiva Dra. Maria da Luz Sampaio, que desenvolve há anos investigações sobre Património Industrial na cidade do Porto; Dra. Maria Luísa Ferreira que nos leva a conhecer momentos e reflexões sobre o Património em Portugal e compõe a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI), a contundente Dra. Graça Filipe, com larga experiência em gestão patrimonial e ex-diretora do Museu da Levada de Tomar; o bem-humorado Prof. Dr. Lopes Cordeiro, integrante do ICOMOS (Unesco).

De forma contundente acompanharemos o perspicaz Dr. Guilhaume Pozzer, pesquisador na área de Património Industrial - Unimcamp e Uniminho; a doce e carismática professora Dra. Cristina Meneguello, o entusiasta e dinâmico Prof. Dr. Paulo Fontes, a lúcida e atenciosa Profa. Dra. Beatriz Kuhl, além da generosa Profa. Dra. Ana Paula Bitencourt do IPHAN Pernambuco ¹.

12 | Todos os entrevistados e entrevistadas, em nossa “passagem” por Portugal, e aqueles que contribuíram conosco com suas experiências no Brasil, nos permitem acreditar na busca para sermos pessoas melhores e acreditam, como nós, em parcerias, confiança mútua e relações duradouras. Com este tempero, alimentamos o desejo em traduzir tudo aquilo que recebemos para nossos círculos, algo talvez diferente, talvez novo e divulgar a riqueza desta troca de experiências.

Nesta perspectiva, a ideia de um livro sobre as trajetórias destes profissionais foi consolidada. A partir de então, entrevistas foram realizadas e tecido um diálogo pendular, por ora profissional, com trajetórias acadêmicas e profissionais sendo apresentadas, por outra mais pessoal, com idas e vindas de conversas, textos, interpretações e impressões.

Devemos destacar, ainda, o apoio incondicional da Profa. Dra. Ana Cardoso de Matos, pertencente ao Centro Interdisciplinar de

1 As entrevistas com os investigadores portugueses foram realizadas em Portugal por Telma Bessa Sales durante o período do pós-doutoramento (2015) que realizou no CIDEHUS - Universidade de Évora, sob a supervisão da Profa. Dra. Ana Cardoso de Matos. As entrevistas com os pesquisadores brasileiros foram realizadas por Telma Bessa Sales nas universidades brasileiras em 2015 e em 2016.

História, Culturas e Sociedades - CIDEHUS, Universidade de Évora, que acompanhou a tessitura deste livro em sua totalidade.

Agradecer à generosidade e afetuosidade do Prof. Dr. Alessandro Portelli, da Universidade de Roma, La Sapienza, que nos brindou com seus pensamentos e ideias na abertura de nosso livro. Ele, que para nós se constitui em uma grande inspiração no trato com entrevistados e suas narrativas, tornou-se parceiro para toda a vida, e agradecemos, sua colaboração nas palavras de prefácio do livro.

Temos consciência da necessidade de um contínuo aperfeiçoamento e do constante avanço em nossas linhas de investigação. O desejo em transmitir um pouco daquilo que recebemos, de tudo que nos foi compartilhado e apresentado, de forma agradável, em uma ação inovadora por meio de um produto que esperamos seja acessível a todos.

Como afirma Castro, (2013, p. 778) sobre a pós-graduação no Brasil, “espera-se que o processo possa convergir para novas produções científicas que possuem caráter explícito e podem ser compartilhadas e disseminadas pela comunidade acadêmica”².

Por meio de tantos encontros e reuniões – reunir, verbo transitivo direto, que vem do latim “*unire*”, que significa “ligação, adesão” –, conseguimos articular esta publicação que, por ser uma colaboração entre Portugal e Brasil, mantém o português usado no Brasil no Prefácio, nas perguntas e nas respostas dos pesquisadores Brasileiros e mantém o português usado em Portugal na Apresentação, nas perguntas e nas respostas dos investigadores Portugueses.

Enfim, é uma oportunidade de ligação, de união entre pessoas, conhecimentos, culturas e realidades diferentes, mas complementares, distantes apenas pelo além-mar dos portugueses e próximas o suficiente pela língua e pela alegria de viver.

Então, ei-los com a palavra,

Boa leitura,

Telma Bessa e Ronaldo André Rodrigues

2 CASTRO, P. M. R.; PORTO, G. S.; KANNEBLEY JÚNIOR, S. Pós-doutorado, essencial ou opcional? *Revista da Avaliação da Educação Superior*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 773-801. 2013. Disponível em: < <http://submission.scielo.br/index.php/aval/article/view/88135>>.

Apresentação

Este livro foi elaborado em colaboração. Várias mãos o foram tecendo, urdindo, entrelaçando ideias, cruzando caminhos, olhares, desejos e ações, ao longo do ano de 2015, em Portugal e no Brasil. Tem como objetivo contribuir para as reflexões acerca do Património Industrial no mundo, colocando em diálogo profissionais da área que atuam no Brasil e em Portugal.

Não se reporta apenas a discursos ou teorias, mas a práticas enraizadas no social, na ação quotidiana profissional e pessoal de cada autor, seja na gestão, no trabalho de campo ou na docência, enfim, as experiências práticas dos que lidam com o Património Industrial nestes países. Para tanto, compõe-se de relatos de experiências vividas por aqueles que assumem a sua atividade nesta área e defendem não só a valorização e educação patrimonial, mas propõem maneiras inovadoras no modo de lidar com o Património Industrial.

|15

Mais que isso, a ousadia do livro consiste também em incentivar o debate e apresentar elementos teóricos, contribuindo para a reflexão da ação patrimonial no mundo, trazendo para o quotidiano questões para se pensar a própria prática no trabalho com o Património e a busca de diálogo com investigadores de diversas áreas do saber.

É importante, antes de ler sobre as narrativas que compõem este livro, conhecer a história e o processo desta publicação, as dificuldades enfrentadas, as opções feitas, a metodologia utilizada e, convém da mesma forma, saber os percalços e percursos dos investigadores e algumas das questões e perspectivas no trabalho com o Património Industrial.

O título “Conversando sobre Património Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens” representa uma tentativa de sugerir elementos presentes nas narrativas dos autores. E nos levar a indagar: que publicação é essa, um misto de entrevistas e conteúdo,

análises e teorias? Sim, é um livro diferente, pois tem uma singularidade: são múltiplas as percepções teóricas, vários assuntos abordados, diversificadas competências, episódios recordados, expostos sempre na primeira pessoa, sob o olhar de quem os viveu.

Aqui se encontram as vidas de professores que relatam suas histórias desde quando jovens ingressaram na faculdade, o que pensam hoje sobre si mesmos e o mundo, as problemáticas sentidas, o que fazem, o que pensam e como sentem o viver hoje, e como veem os tempos que hão de vir numa tentativa de fazer falar e ouvir as novas gerações.

Esta publicação é fruto do diálogo com professores que lidam diretamente com o tema do Património Industrial em Portugal, durante o programa de Pós-Doutoramento no CIDEHUS (Universidade de Évora), Professores da Universidade Nova de Lisboa, professores da Universidade do Minho e outras instituições. Nesta conversação, refletimos sobre várias temáticas, como concepção de Património Industrial, a disciplina Arqueologia industrial, tipos de projectos de museologia, procedimentos de gestão museológica, tendências e práticas de turismo industrial e sustentabilidade, reconversão de espaços fabris, práticas de desenvolvimento local.

16 |

Na mesma direção, estamos em uníssono com profissionais estudiosos do tema no Brasil. Sim, este diálogo rompe fronteiras e em seminários, congressos, atividades académicas, debatemos estes e outros assuntos com professores da Unicamp, da USP, da FGV RJ, da UFPE.

Dentro dessa abordagem, estamos atentas à realidade da crise que se vive hoje na Europa e no Brasil, e, levando em conta a dimensão social, política e cultural, dedicámo-nos a refletir não só sobre questões pontuais, como também considerámos as trajetórias, as histórias de vida destes investigadores de diversas universidades.

Vale a pena lembrar que está subjacente a todos estes assuntos uma concepção que acredita na importante contribuição de cada área do conhecimento na construção de um mundo melhor. Ou seja, a ação e postura de cada profissional, além da sala de aula, na constituição de novos valores de convivência, na perspectiva de se ter maior tolerância, no efetivo respeito pelas diferenças, dando priori-

dade ao ser humano e não aos sistemas e estruturas que visam unicamente a produção económica.

Acreditamos numa sociedade com justiça, onde os direitos humanos sejam respeitados, onde a esfera pública e os espaços públicos sejam tratados com ética e transparência. Uma sociedade que adote uma economia não de forma reducionista e consumista, mas que respeite o ambiente, o património, a cultura dos povos, uma educação libertadora e não mercadológica, enfim, vislumbramos uma sociedade em que a vida esteja em primeiro lugar.

As reflexões temáticas são ancoradas no legado que recebemos e no que vamos deixar para a humanidade, os valores e bens culturais de toda a humanidade integrando um mundo onde as pessoas não sejam tratadas como estatística, como números, com discriminação ou preconceito, mas como gente que ama, trabalha, anseia por justiça e paz. São idosos, jovens, crianças que no quotidiano vão se constituindo e constituindo a cidade, o bairro, a comunidade em que vivem. O tema do património comporta todo esse emaranhado de realidades e o Património Industrial apresenta desafios e possibilidades de valorização da herança industrial presente na história.

Enfim, é uma reflexão sobre o Património Industrial (conceitos, abordagens etc.), de forma plural, que contempla as vidas de autores e suas narrativas, pois sabemos que os conceitos estão em permanente construção com os novos olhares que se debruçam sobre esta área do património. Cabe aqui uma conexão às reflexões de Raymond Williams, ao discorrer sobre a cultura no seu livro *Marxismo e Literatura*, no sentido de orientar que “os conceitos que participamos, não são conceitos, mas problemas, movimentos históricos ainda não definidos”¹, repensando velhos problemas com novos olhares.

Além de professores, buscamos diálogo também com instituições sociais, no mundo da cultura, das artes, e, sempre na perspectiva de não enquadrar, mas tornar visível a pluralidade, não rotular nenhum destes profissionais e seus pensamentos e práticas quotidianas, não “engessar” o conhecimento, sabedores que somos que o Património Industrial não pertence a ninguém, é de todos os que o buscam e ninguém tem a verdade do melhor caminho a ser seguido.

1 Raymond Williams, *Marxismo e literatura*, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

Considerando esta rede complexa que é a sociedade, primando pelas relações sociais, diálogos, sabendo que é importante na investigação aparecer também o caminho do investigador, suas trajetórias de vida, além de teorias e análises intelectuais, optámos pela metodologia da história oral.

Nesta perspectiva, inspiradas por estudiosos como Alessandro Portelli, Luísa Tiago de Oliveira, Paula Godinho, Verena Alberti, Marieta Moraes, Yara Aun Khoury, optámos por ouvir as histórias de vida. Temos afinidades com os autores citados acima, e esta opção metodológica nos ajuda a compreender as narrativas pessoais, localizadas, dentro de um contexto mais amplo.

A opção em trabalhar com esta abordagem implica pensar os investigadores dentro de suas práticas, considerando suas trajetórias, bagagens culturais, relações sociais etc... Tal perspectiva considera a pluralidade, as diferenças entre pessoas, pois é importante, como afirma Fenelon²,

18 |

[...] produzir uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele [...] na esperança de estarmos, de alguma maneira com nosso trabalho ajudando a construir o futuro, numa perspectiva transformadora.

Sim, a perspectiva de uma história que conta não somente os eventos, mas dá ênfase aos significados dos eventos. Com isso, cada página deste livro contém a palavra, o sentimento, a decepção, as alegrias, as divergências, enfim, as narrativas dos autores que são explicitadas por eles mesmos e que contam “as verdadeiras raízes da vida”³.

Inicialmente seleccionámos, dentro do universo académico, alguns profissionais que trabalham com Património Industrial de Portugal. A partir de análise e diálogo com estes, estabelecemos relações com as próprias experiências, através de suas narrativas e interpre-

2 FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social**: historiografia e pesquisa. In: História e Cultura. N. 10, São Paulo, dezembro de 1983.

3 HOGGART, R. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. v. 1 Lisboa: Presença, 1973.

tações do vivido, realizando entrevistas que se colocam de maneira peculiar, pois é, neste exercício do conhecer e de se deixar conhecer, que se apreende um universo revelado pelo outro. Em seguida entrevistámos os investigadores do Brasil.

Cada entrevista é única. Cada um expressa sua subjetividade, suas memórias, demonstra como as lembranças se cruzam, como reafirmam algo, sempre e intimamente ligado ao que fazem hoje. E porque escolhemos o diálogo, valorizamos a maneira como cada narrador desenvolve seu relato.

Nesse sentido, a possibilidade de dialogar, ouvir os narradores implica considerar também que lugar eles ocupam na realidade social. Para melhor compreensão, é necessário não desvincular o relato em si, de seu narrador, como afirma Khoury⁴,

As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Cada narrador dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós.

|19

É através das entrevistas que eles falam de si mesmos, das suas experiências no trabalho, falam de suas famílias, dos pensamentos sobre o futuro, o mundo hoje, pois colocam-se frente ao facto de serem entrevistados; usam uma chave que abre infinitas lembranças, acontecimentos, memórias que, evidentemente, é a história vivida por eles em um determinado tempo e espaço.

Conversar e refletir com estes profissionais, sem dúvida, ampliou a percepção sobre as nossas próprias trajetórias académicas, pois deve-se ter em conta que realizar uma entrevista é uma experiência com uma dimensão interpessoal que transforma a ambos os sujeitos (o narrador e o investigador) e viver este momento com atenção e paixão significa viver uma experiência de aprendizagem.

4 KHOURY, Y. A. Muitas Memórias, Outras Histórias: Cultura e o Sujeito na História. In: **Muitas Memórias, Outras Histórias**. Déa Felelon Ribeiro, Laura Antunes (Org). São Paulo: Olho D'água, 2004.

O livro, portanto, reúne narrativas e expressa o cuidado em explicitar a experiência de cada um em relação ao Patrimônio Industrial vivido com problemáticas concretas, e não como uma abstração teórica. A opção pela história oral possibilita a visibilidade das narrativas, que têm muito em comum, mas que também expressam algumas divergências, as limitações, afinidades, afetos, diferenças, enfim, a pluralidade das visões acerca do mundo e da história.

Nas páginas que seguem encontram-se um emocionante relato da Dra. Graça Filipe, Doutora Maria da Luz, Prof. Dr. Amado Mendes, Prof. Dr. Jorge Custódio, Prof. Dr. José Lopes Cordeiro, Dra. Maria Luisa Ferreira Nunes dos Santos da Biblioteca Nacional, investigadores portugueses, além de estudiosos como a Profa. Dra. Cristina Meneguello, Profa. Dra. Beatriz Kuhl, Prof. Dr. Paulo Fontes, Profa. Dra. Ana Paula Bitencourt, Prof. Dr. Guilherme Pozzer, pesquisadores do Brasil.

20 | Há, em certa medida, muitas análises comuns entre os narradores. De destacar que todos acreditam no futuro promissor da reflexão sobre Patrimônio Industrial, que é um campo em expansão, e veem a necessidade do estreitar laços com profissionais de áreas afins, em todo o mundo.

Este livro pode ser uma ferramenta para uma aproximação, para estabelecer relações duradouras, para acreditar nas reflexões e práticas sociais rumo ao avanço da preservação e proteção do Patrimônio Industrial. Enfim, nosso desejo de ver todos empenhados nas lutas pela proteção dos Patrimônios culturais e industriais.

Que este livro seja utilizado em leituras, debates, colóquios, reuniões, seminários, estudos, no espírito de conservação e do que afirma a carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial. Agradecemos a todos pela valorosa contribuição e em especial à Capes e ao CIDEHUS.

Ana Cardoso de Matos e Telma Bessa Sales



Conversando
sobre
Património Industrial



Possui doutorado em História Moderna e Contemporânea, pela Universidade de Coimbra, e mestre em Ciências da Educação, pela Universidade de Austin (EUA), é professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e colaborador da Universidade Autónoma de Lisboa. Tem-se dedicado à investigação de diversas temáticas, com destaque para as seguintes: história económica e social, industrialização, história empresarial, ética e cultura de empresa, liderança e cultura organizacional, museologia e património cultural, sobre as quais publicou várias obras. Foi Diretor do Curso de “Mestrado em Museologia e Património Cultural” e um dos organizadores do I Encontro Nacional sobre o Património Industrial (Coimbra – Guimarães – Lisboa/1986), cujas atas foram publicadas sob a sua coordenação. Foi membro e coordenador de um grupo de trabalho do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX – CEIS 20 e Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É membro de várias associações científicas, nacionais e estrangeiras.

Professor Dr. José Amado Mendes

Universidade de Coimbra/Univ. Autónoma de Lisboa

TB = Telma Bessa

JA = José Amado Mendes

TB: Hoje é dia 01 de julho, estamos na Universidade Autónoma de Lisboa em conversa com o professor José Amado Mendes, que é um pioneiro em Portugal no estudo sobre Património Industrial. Inicialmente o professor poderia apresentar-se e falar um pouco de sua trajetória profissional.

JA: Sou José Amado Mendes, natural do concelho e distrito de Coimbra, onde nasci em 1939. Foi assim a minha trajetória: fiz o ensino primário próximo da localidade de onde sou natural; depois realizei parte do ensino secundário em Luanda (Angola), quando cumpria o serviço militar e, em seguida, efectuei a licenciatura em História na Faculdade de Letras na Universidade de Coimbra (1972).

Antes dessa licenciatura, tinha concluído o curso do Magistério Primário, também em Coimbra (tendo sido o melhor aluno do curso, que terminei com 17 valores), embora nunca tenha exercido a atividade de professor primário. Mas foi importante porque, no fundo, fiquei muito ligado às Ciências da Educação (como vamos ver daqui a pouco).

Na altura da conclusão da licenciatura, fazia parte a elaboração e apresentação de uma tese, tendo a minha sido sobre *Trás-os-Montes nos fins do Sec. XVIII, segundo um manuscrito de 1796* (publicada, com duas edições).

O documento que estudei e publiquei na tese é uma fonte notável; o historiador Joel Serrão considerava-a, com o que eu concordo, a fonte mais importante sobre a totalidade de uma província portuguesa nos finais do século XVIII. A rainha D. Maria I (cujo reinado decorreu de 1777 a 1816), por decre-

to, estipulou que deveria fazer-se a chamada “demarcação das províncias”, da qual se encarregaria, em cada uma, um “juiz demarcante”, ou seja, uma espécie de sociólogo/investigador que andava pela província a ver e inventariar o que lá havia de relevante. Eu tive a sorte de ter acesso ao documento, resultado do trabalho sobre Trás-os-Montes, do qual apenas se tinha publicado em resumo, na revista *Ilustração Transmontana*. O autor/juiz demarcante, chamado Columbano Ribeiro de Castro, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, fez um trabalho exímio sobre Trás-os-Montes, sob todos os pontos de vista: economia, religião etc. É um documento excepcional, e mais, do ponto de vista demográfico, foi uma inovação, pelos quadros estatísticos que elaborou, contemplando já as profissões da população transmontana em 1796. Por outro lado, também nos permite averiguar a mortalidade infantil, porque ele nos forneceu esses quadros. Só no 3.º *Censo da População* (1890) é que as profissões vêm indicadas, porque, no primeiro (1864) e no segundo (1878), não foi possível incluir esses dados, já que muitas das pessoas exerciam mais do que uma profissão.

Defendi a tese em 1972, no momento já era monitor e fui logo convidado para assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra - FLUC. Em 1973, quando era ministro da Educação Veiga Simão, fui com um grupo de docentes fazer o Mestrado em Ciências da Educação nos Estados Unidos da América (EUA). Fui com minha mulher, estávamos casados recentemente e tínhamos um filho; claro que foi complicado, e voltámos um ano depois.

Fomos integrados num projecto de formação de professores destinados às Escolas Superiores de Educação e ao Instituto Nacional de Pedagogia, a criar futuramente. Fomos para Austin, no Texas, outros foram para a *Columby University* (Nova Iorque) e outros ainda para Illinois (Chicago). Fizemos o Mestrado num ano, foi de facto um trabalho intenso, pois os alunos americanos levavam dois anos a concluir o curso.

Deu-se então a Revolução de 25 de abril de 1974 e, quando viemos, as coisas estavam complicadas; as Escolas Superiores de Educação só foram criadas mais tarde e o Instituto Nacio-

nal de Pedagogia nunca chegou a abrir. Regressámos à base, isto é, cada um foi para o estabelecimento de ensino onde estava antes, pelo que eu voltei para a Universidade de Coimbra e aí fiquei por cerca de 36 anos. Tive que fazer todos os concursos e provas, como se não tivesse feito o Mestrado.

Concluí o Doutoramento em 1985, com uma tese chamada *A Área Económica de Coimbra: Estrutura e Desenvolvimento Industrial, 1867-1927*. Eu tinha começado a lecionar na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Letras, “História Medieval de Portugal”; sucedi ao Prof. Torquato de Sousa Soares (que se jubilou por limite de idade), com uma colega que ensinava “História da Idade Média” (Prof.^a Maria Helena da Cruz Coelho), mas eu preferia dedicar-me à História Contemporânea, pelo que, quando regresssei dos EUA, comecei a ensinar “História Contemporânea” (com uma designação que tinha a “marca” da recente Revolução: “História do Capitalismo Monopolista e do Socialismo”). Mas, no âmbito da História Contemporânea, cheguei à conclusão que muitos investigadores se concentravam nessa área. Por exemplo, sobre a mesma temática da *desamortização*, foram elaboradas duas teses de Doutoramento, em Coimbra (António Martins) e em Lisboa (Espinha da Silveira).

|25

TB: O que seria a “desamortização”?

JA: “Desamortização” foi um processo que veio no contexto da Revolução Liberal e que consistiu na venda de bens da Coroa e de nobres (em hasta pública) e no encerramento dos mosteiros; deixou de haver “bens de mão morta” (isto é, que não podiam ser alienados) e estes bens foram colocados à disposição da burguesia.

Bom, eu vendo isso tentei criar, na FLUC, três novas áreas, que ainda não eram investigadas nem lecionadas. Primeiro a **Arqueologia Industrial** (disciplina opcional); comecei a ministrar a disciplina em 1985, a qual se mantém a cargo de um professor que se doutorou comigo. Foi frequentada, ao longo de mais de vinte anos, por uma média anual de cem alunos,

o que é excepcional, sendo opcional: alunos da História, de Arqueologia, de História da Arte e da Arquitectura.

Isso permitiu-me circular por esse mundo fora, em colóquios, eventos etc. Uma outra área nova que eu abri foi a **História das Empresas** ou **História Empresarial**. Tenho feito a História de várias empresas: empresas vidreiras, da Marinha Grande, empresas de abastecimento de água a Coimbra, empresas bancárias e seguradoras, a nível nacional. Acabámos de publicar, aqui na Universidade Autónoma de Lisboa - UAL, um *Dicionário de História Bancária e de Seguradoras* (2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda), do qual fui um dos coautores e organizadores (com o Prof. Miguel Figueira de Faria); praticamente todos os bancos e seguradoras dos séculos XIX e XX, que operaram em Portugal, constam desse dicionário. Também em história empresarial, vários docentes se doutoraram sob a minha orientação.

26 |

E, finalmente, fundei o **Curso de Mestrado de Museologia em Património Cultural**, que foi um sucesso e continua a ser oferecido. Recorremos a especialistas em Museologia, para além de nós próprios professores (Maria Regina Anacleto, José d' Encarnação e Irene Vaquinhas, que colaboraram comigo), mas também porque nós oferecíamos algo inédito e não comum em Portugal. Os alunos do Mestrado tinham a possibilidade de visitar museus de referência, não só em Portugal como também no estrangeiro. Na primeira edição, fomos a Bilbao (Espanha) visitar o Museu Guggenheim, bem como aos principais Museus de Madrid; na segunda edição, levámos os mestrandos aos mais importantes Museus de Londres; e, na terceira, pudemos apreciar os excepcionais Museus de Berlim. A FLUC suportava todos os encargos, excepto a alimentação, apenas o pequeno almoço, no hotel. As propinas (o que estudante paga ao longo do ano para frequentar um curso) eram mais elevadas que as dos outros Mestrados, mas nunca nenhum aluno se queixou, face às regalias de que usufruía.

Naturalmente, fui lecionando nessas áreas e investigando, tendo efetuado várias publicações. Houve uma altura em que tive uma intensa colaboração com o Brasil, o que hoje, pontualmente, ainda se verifica. Essa colaboração com o Brasil foi, sobretudo, numa área muito interessante que é a *História da História em Portugal e no Brasil*.

No Brasil (Rio de Janeiro), colaborámos com três colegas: os professores Francisco Falcon, Berenice Cavalcante e Ilmar Rohloff de Mattos. Infelizmente, eles não publicaram a parte relativa ao Brasil. Nós concluímos o trabalho que está publicado pela editora “Círculo de Leitores” (edição completa e ilustrada) e pela editora “Temas e Debates” (edição académica, em dois volumes). Esse foi um trabalho muito interessante, feito pelos professores Luís Reis Torgal, Fernando Almeida Catroga e por mim próprio. Eu não conheço outro país que tenha uma obra tão completa sobre a evolução da História ao longo dos séculos XIX e XX.

Repare que se trata, intencionalmente, da **História da História** e não apenas da História da Historiografia. Com efeito, aquela engloba tudo que se refere à História: historiografia (obviamente, a história escrita), docência e investigação, identidade, património, comemorações, ideologia, utilização da história politicamente etc.

|27

Depois de ter desenvolvido essas três áreas na Universidade de Coimbra, por ter idade e tempo de serviço suficiente (quase 43 anos na função pública), pedi a aposentação na Faculdade de Letras da Universidade Coimbra e vim colaborar com a Universidade Autónoma de Lisboa, onde coordeno o Gabinete de Apoio a Mestrados e Doutoramentos, investigo e coordeno investigação, oriento alguns doutorandos e leciono unidades curriculares, sobretudo ao nível do Mestrado e do Doutorado.

TB: Quais suas motivações para assumir este tema do Património Industrial?

JA: As motivações vieram-me, sobretudo, por dois motivos: primeiro, a minha passagem pelos EUA, onde pude ver mu-

seus muito interessantes, por exemplo, o Museu da Ciência e da Indústria de Chicago; foi possível constatar como se atribui relevância ao contemporâneo, à história do presente, a qual está relacionada com questões como o trabalho, a indústria, os transportes, as comunicações, ou seja, “o mundo que nós perdemos”¹, recordando o título de uma obra de Peter Laslett. Esse mundo, que veio até ao final do século XVIII e inícios do XIX, foi totalmente alterado com a industrialização e na sequência das três revoluções industriais, que tiveram um papel fundamental. Trata-se de uma área que não estava suficientemente estudada, do que me apercebi através da minha passagem pelos EUA, dos contactos e da leitura da bibliografia a que tive acesso.

Outra motivação foi aquilo que pude averiguar quando fazia a minha tese de licenciatura sobre Trás-os-Montes, pois estudei, além de outros aspectos, o artesanato, a indústria (ainda incipiente), as comunicações e a exploração mineira e esses aspectos cativaram-me. Depois, quando desenvolvi a minha tese de Doutoramento sobre a industrialização e o desenvolvimento na *Área Económica de Coimbra (1867-1927)*, estudei a transformação dessa área económica, que ultrapassa o distrito, bem como o processo da passagem da fase de artesanato para a da indústria.

Tive a sorte de ter sido orientado por um grande investigador, professor Jorge Borges Macedo, pai do Professor Jorge Braga de Macedo (economista), pois ele ajudou-me muito e deu-se um facto curioso: a tese foi publicada antes de ser defendida. O que, se não é inédito, pelo menos é invulgar. Era presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro, sediada em Coimbra, o professor Manuel Lopes Porto, da Faculdade de Direito que, com o professor Borges de Macedo, acederam que a tese fosse publicada, ainda que não divulgada, antes das provas.

Isso para mim foi bom, visto eu não ter que suportar os custos da impressão da tese (embora também não tenha recebido

1 The World We Have Lost: England Before the Industrial Age (1965; New York, 1966; 2nd ed., 1971, 3rd ed., 1983; re-issued and updated 2000) [N.E.].

direitos de autor), além de terem manifestado uma prova de confiança para comigo, perante o trabalho apresentado para defesa em provas públicas.

Para fazer esse trabalho eu vi e explorei cerca de dez mil livros notariais nos Arquivos da Universidade de Coimbra e nos Arquivos Distritais de Leiria e Aveiro, além de ter consultado muitas outras fontes, entre as quais a imprensa regional. Por exemplo, explorei todos os números do jornal *O Coimbrinense* (1854-1907).

Além disso, foi fundamental ir aos locais, visitando oficinas, fábricas, vendo máquinas, falando com operários, com gestores e empresários, e isso me cativou para essa área que, para mim, é importantíssima. Cheguei à conclusão que, na altura, se estava numa fase de desindustrialização, como acontecia noutras áreas. Então eu pensei: aqui está um património extraordinário, que está a ser dilapidado, e comecei a chamar atenção das pessoas e dos responsáveis para esse tipo de património.

Entretanto, após a Revolução Democrática de 25 de abril de 1974, começaram a formar-se alguns museus, englobando o Património Industrial, tendo as próprias autarquias começado a manifestar interesse pela temática. Eu cheguei à conclusão, num estudo que publiquei na obra intitulada *Estudos do Património. Museus e Educação* (2.^a ed., Imprensa da Universidade de Coimbra), que há em Portugal cerca de cem museus relacionados com o dito **Património Industrial**, em termos de **continente** (instalações) ou de **conteúdo** (coleções, maquinaria ou artefactos).

Quer dizer que muitos dos museus em Portugal estão instalados em antigas instalações do Património Industrial; seja, por exemplo, o Museu da Eletricidade, aqui em Lisboa, seja no Porto o Museu do Carro Elétrico, seja o Museu dos Lanifícios na Covilhã. Outros museus, nos seus conteúdos, têm objectos do Património Industrial, como coleções, máquinas ou tecnologias.

Eu entendo que o Património Industrial é de grande importância e chamo atenção para o próprio **turismo cultural**. Este ancora-se nos monumentos, mas não só nos monumentos tradicionais, como era costume, quando a própria História prestava pouca atenção aos “sem voz”, aos “anónimos”. Tradicionalmente, consideravam-se monumentos as igrejas e as catedrais medievais, os castelos, as ruínas arqueológicas e não muito mais. Hoje o património é vastíssimo, englobando inclusive o Património Industrial.

Entendi que, por essa via, poderia dar-se um bom contributo ao país e às cidades e outras localidades, inclusive do interior, pois o Património Industrial tem a ver com as pessoas, as comunidades e a própria identidade; é importante que nós lhe demos atenção, porque a história não é feita só pelos políticos e os militares; a história é feita por todos, pelos trabalhadores, pelos empresários, por técnicos, por sindicalistas.

30 | **TB: Então, frente à sua vasta experiência em investigação em Arqueologia Industrial, o que seria Património Industrial?**

JA: Há várias definições do que será Património Industrial e uma delas é que são os vestígios do desenvolvimento; isso significa ultrapassar uma polémica que esteve presente nos princípios da Arqueologia Industrial. Perguntava-se qual era o período da Arqueologia Industrial. E, no início da disciplina, em Inglaterra, berço da Revolução Industrial, defendia-se que a Arqueologia Industrial se reportava à I Revolução Industrial, isto é, ao período posterior aos finais do século XVIII. Um marco, como é sabido, foi o facto de James Watt ter patenteado a máquina a vapor, em 1769. Mas, depois, chegou-se à conclusão que era cortar a história abruptamente se apenas se iniciasse o processo nessa altura, pois havia antecedentes. Aliás, há até um autor - John Ulric Nef - que defendeu ter-se registado uma Revolução Industrial já no século XVII (ligada à exploração mineira, à metalurgia e outras indústrias que se foram desenvolvendo), mesmo antes da máquina a vapor e graças ao aproveitamento da energia hidráulica.

Isso mostra-nos, de facto, que em tecnologia e no desenvolvimento económico não há rupturas como há em política. No que a esta diz respeito, uma revolução pode fazer-se numa noite, num dia, mas no desenvolvimento económico, na cultura ou na sociedade, não há cortes abruptos; trata-se de processos lentos que, por vezes, se prolongam por gerações.

Hoje, a Arqueologia Industrial - e o Património Industrial, seu objecto de estudo - já se reportam à Idade Moderna ou mesmo à Idade Média; chegou-se à conclusão que, além da importante Arqueologia Clássica, relativa à História Antiga, também se pode falar de Arqueologia Medieval e de Arqueologia Moderna, também por vezes designadas por Arqueologia Histórica.

A Arqueologia Industrial ocupa-se do estudo, preservação e reutilização dos vestígios, materiais e imateriais, do desenvolvimento económico e da evolução tecnológica. Assim, atualmente entende-se que o Património Industrial não diz respeito apenas à I Revolução Industrial, mas igualmente a períodos anteriores.

Agora vamos especificar um pouco mais. Nós temos fábricas desativadas, por vezes com equipamentos no seu interior, oficinas, bairros operários, maquinismos diversos e utensílios com grande valor na evolução da cadeia da tecnologia, como, por exemplo, a cana do vidreiro, a roda do oleiro, moldes de cerâmica, moldes do vidro etc.; tecnologicamente tiveram uma importância extraordinária.

Temos depois não só bairros operários, mas também residências de empresários e gestores, habitações, estruturas de serviços sociais, cantinas, postos médicos etc.; tudo isso na parte das transformações das matérias-primas. Depois há os transportes e comunicações, como a locomotiva a vapor e respectivos comboios, os carros de bois e outros veículos de tração animal, carros de mão, embarcações, desde os pequenos barcos à vela até aos barcos a motor, os chamados “vapores”. Por exemplo, os imigrantes que chegavam ao Brasil, em grande número no final de Oitocentos e inícios de Novecentos, iam nesses “vapores”, a partir de meados do século XIX.

Seguidamente surgiu o automóvel e desenvolveu-se a aviação que, a partir do começo do século XX, modificaram profundamente o nosso modo de vida. Também o gás (já em Oitocentos) e a eletricidade assumiram um papel muito relevante no século XX, também já apelidado “o século da eletricidade”.

Deste modo, na área das energias constituem Património Industrial as centrais eléctricas, fábricas de gás, gasómetros e, se quisermos recuar um pouco mais, os moinhos de vento, as rodas hidráulicas, tudo isso relacionado com a transformação das matérias-primas e as comunicações. Recordem-se ainda os aparelhos eletrodomésticos que mudaram as nossas vidas, a partir do princípio do século XX, tendo-se dado uma revolução significativa na cozinha, permitindo à mulher libertar-se de trabalhos domésticos rotineiros e trabalhar fora do lar: frigoríficos, televisões, rádios e outros aparelhos fazem parte do referido Património Industrial.

E a pergunta até quando, ou a partir de quando podemos considerar património? Eu diria que tudo aquilo que se tornou obsoleto ou ultrapassado se pode considerar como património ou, consoante a sua natureza, Património Industrial. Os primeiros televisores, os primeiros transístores, os primeiros computadores já hoje são expostos em certos museus. Portanto, hoje o conceito de Património Industrial é muito vasto, pelo que apenas lembrei alguns exemplos.

32 |

TB: O senhor falou em aspectos importantes que comportam a análise do que seria Património Industrial e Arqueologia Industrial. O senhor poderia comentar sobre Património Industrial e a relação com Arqueologia Industrial?

JA: Património Industrial é o objecto. Arqueologia Industrial é a ciência, a disciplina ou o ramo do saber. Ou seja, pela Arqueologia Industrial eu chego ao Património Industrial. É um pouco como a história-realidade que se distingue da história feita pelo homem, isto é, da historiografia. Então, história é a realidade, o que aconteceu propriamente, enquanto a historiografia é o olhar sobre essa mesma realidade.

Por analogia, o Património Industrial é a realidade, digamos assim, e a Arqueologia Industrial é a visão que nós temos sobre essa realidade, da forma como a vamos estudar.

Uma outra polémica é a da própria expressão “Arqueologia Industrial”, porque dá a impressão que Arqueologia Industrial é um contrassenso; eu explico: quando se falava em Arqueologia nós tínhamos em atenção os tempos remotos, pois a Arqueologia exigia escavações, estudava as sociedades antigas, pré-clássicas e clássicas (Grécia e Roma); quando muito chegava-se um pouco até à Idade Média e, portanto, utilizavam-se escavações para colocar à luz do dia os vestígios antigos.

Ora, em Arqueologia Industrial não é necessário efetuar escavações, ou seja, os objectos estão à superfície, já que se trata de uma arqueologia de “cota positiva”. Mas, como é do conhecimento geral, a própria noção de arqueologia alargou-se; Foucault falava de uma “arqueologia do saber” e também se alude à “arqueologia do Estado Moderno”.

O mesmo sucedeu com o conceito de indústria, que já não se restringe apenas ao período mais recente, mas sim à transformação das matérias-primas ao longo da História. Podemos falar, por exemplo, em indústria na cidade de Roma, até na Grécia Antiga; claro que não é indústria de fábrica (mecanizada), mas sim de oficina (artesanal). Em suma, a expressão Arqueologia Industrial pode ser contestada, mas ainda não se encontrou outra mais adequada para substituí-la.

Quando propus a criação da disciplina Arqueologia Industrial na FLUC, um professor dizia: Arqueologia Industrial é História da Indústria, enquanto eu refutei: não; a História da Indústria pode fazer-se no gabinete, na biblioteca ou no arquivo, ao passo que a Arqueologia Industrial não; tem que se ir à oficina, às fábricas e à tecnologia, falar com os operários, saber como eles viviam, como se alimentavam, como conviviam; isso é que é Arqueologia Industrial. Muita gente ainda não está convencida desta nova perspectiva; como sabe, a inovação muitas vezes provoca alarido, repulsa ou desconfiança e as pessoas demoram a adaptar-se ao que é novo.

Durante alguns anos, autores ingleses reivindicavam a paternidade da expressão (anos 1960-70). Na década de 1950, um investigador belga e outro inglês publicaram artigos nos quais falavam da Arqueologia Industrial. Nós aqui em Portugal chamámos a atenção para o facto de Francisco de Sousa Viterbo já ter usado a expressão em 1896, num artigo publicado na revista *O Archeologo Portuguez*, intitulado “Os Moinhos”. E eles deram a “mão à palmatória”.

Além disso, sabemos hoje que a expressão já fora usada por outros autores europeus desde os anos 1830-40 (artigo do investigador Paulo Ramos, saído na revista *Al-Madan*).

Deve, no entanto, reconhecer-se que falar-se de Arqueologia Industrial desde meados do século XIX e, em Portugal, desde 1896, não teve efeito prático, não se criou uma disciplina, não se investigou. Isso começou a partir de meados do século XX.

A disciplina começou a ser lecionada em algumas universidades, foi criada em Inglaterra o Instituto de Arqueologia Industrial (Ironbridge-Coalbrookdale), onde estive quando eu criei a disciplina em Coimbra (FLUC) e onde permaneci umas três semanas (1985); começaram a publicar-se revistas especializadas, tendo-se criado um corpus teórico-metodológico que permitiu transformar a Arqueologia Industrial numa disciplina e numa ciência humana, como hoje é entendida.

34 |

TB: O senhor reportou-se a um assunto importante, que são as mudanças conceituais ao longo do tempo e análises que se fazem a partir das experiências e discussões. O senhor poderia citar alguns estudiosos que inspiraram a sua vida académica?

JA: São vários esses autores, como Studart Smith e Kenneth Hudson (ingleses) e outros que cito, abundantemente, nos trabalhos que tenho vindo a publicar. Foi editada uma *Enciclopédia da Arqueologia Industrial*, exatamente em Oxford, e há um conjunto enorme de artigos de vários autores, com muitos dos quais fui contactando, em Portugal e no estrangeiro; a lista é extensa.

Entretanto, também se começou a avançar no Associativismo, a nível nacional e internacional. Em Portugal, foi criada a As-

sociação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, que depois foi transformada em Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI), da qual fui presidente do Conselho Geral durante vários anos. Depois foi criada, no Norte do País, a Associação Portuguesa do Património Industrial (APPI). Há outras, não exclusivamente dedicadas ao Património Industrial, mas que também se ocupam dele.

A nível internacional, constituiu-se o TICCIH, ou seja, “*The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage*”, que promove encontros regulares de três em três ou quatro em quatro anos, em países diversos. Eu participei em vários desses encontros; recorde, por exemplo, os realizados em Madrid, na Bélgica, na Áustria e no Canadá. Também efetuámos um encontro intercalar do TICCIH em Lisboa, Coimbra e Braga.

Através dessas associações, de publicações e de diversos contactos, tive a possibilidade de conviver com vários especialistas da área. Aqui em Portugal também se têm dedicado à Arqueologia Industrial alguns investigadores, com quem tenho contacto, como, por exemplo, Jorge Custódio, José Manuel Lopes Cordeiro, Paulo Ramos, Ana Maria Cardoso de Matos, Elisa Pinheiro, João Paulo Avelãs Nunes, Manuel Ferreira Rodrigues e outros.

| 35

TB: A partir de sua vasta experiência de investigação na área de Património Industrial, poderia citar quais as fontes que o senhor trabalhou nestes processos?

JA: Podemos agrupar as fontes em documentais, iconográficas, materiais e imateriais. As fontes documentais são vastíssimas, documentos de arquivo, por exemplo, livros notariais e livros paroquiais – que são muito importantes para se saber, por exemplo, a genealogia dos operários, dos empresários –, estatísticas, legislação e correspondência. Documentação das empresas, entre a qual se contam relatórios, catálogos, correspondências, diplomas, faturas, prémios que essas empresas conquistaram em exposições nacionais e internacionais. Trata-se de uma vasta gama de documentação em arquivo, mas

deve ainda referir-se a imprensa periódica, nacional e internacional, pois todo este tipo de fontes é importante.

Fotografias e outras imagens - claro que hoje nós temos a televisão, há vídeos como forma de registo, enquanto outrora tínhamos postais ilustrados onde aparecem fotografias das próprias fábricas e de máquinas -, catálogos, enfim, há um conjunto de imagens para se conhecer não só as máquinas como também os edifícios. Muitas estações dos caminhos-de-ferro têm painéis de azulejos lindíssimos; por exemplo, a estação de Leiria tem um painel com uma fábrica de cimento, uma das primeiras fábricas construídas em Portugal, localizada nas proximidades (Maceira Liz). As próprias pessoas têm em suas casas fotografias.

E depois há as fontes materiais, que são as estruturas, mesmo quando estão em ruínas. Há exemplos de chaminés que não foram demolidas e que nos mostram estarmos perante testemunhos da I Revolução Industrial, onde foram instaladas máquinas a vapor. As ruínas nos dizem muito. Podemos “interrogar” as ruínas de uma fábrica: quantos operários ali trabalhavam? Quais as condições de trabalho? Se virmos o espaço onde laboravam podemos ter uma ideia, inclusive, da iluminação e da transformação da “noite natural” em “noite técnica” (expressões usadas por Joel Serrão), com o advento da eletricidade.

Anteriormente à instalação da eletricidade, muitas fábricas tinham o telhado em plano inclinado e envidraçado (em *shed*), para que a luz natural pudesse entrar; também as dimensões das janelas são testemunhos importantes para sabermos como se trabalhava. As máquinas e sua evolução, os fornos, por exemplo, no caso das artes do fogo (vidro, cerâmica, a metalurgia), a evolução da tecnologia desde a lançadeira até ao jato de água, de ar ou vapor (indústria têxtil). Os meios de transporte, aos quais há pouco me referi, os de tração animal, os caminhos-de-ferro, os automóveis, o navio, o avião, tudo isso é Património Industrial ou, por outras palavras, trata-se de “monumentos/documentos”, na feliz expressão de Jacques Le Goff.

TB: Quais os problemas enfrentados nos processos de investigação?

JA: São vários; faltam inventários completos do Património Industrial. Há nos Açores, aqui e ali, mas falta ainda muito, ou seja, nós não sabemos, muitas vezes, o Património Industrial que existe. Conhecemos o que há próximo de nós, mas não temos uma visão completa da sua existência no País, localização e estado em que se encontra. É importante que se inventarie o Património Industrial, que se faça um inventário completo, donde conste: como ter-lhe acesso, em que grau de preservação está, quais as suas características e potencialidades etc.

Outro problema é a falta de sensibilização das pessoas para a importância desse património. Às vezes, nas cidades, tem-se uma visão segundo a qual esses monumentos não têm valor e a primeira ideia é destruir mesmo e construir de novo; dá mais lucro, obviamente, é mais rentável.

Há coisas específicas, produtos de uma época que são representativos, um bairro operário, por exemplo, não se deve derubar todo; pode-se deixar uma casa, como exemplo; isso é importante, pois pode transformar-se num quiosque, galeria café ou restaurante.

Não me referi às pontes, elas são fundamentalmente de madeira, de pedra, de ferro ou de betão. A primeira ponte de ferro fundido do mundo foi edificada em *Ironbridge* (1776-1779), na Inglaterra. Foi classificada como Património Mundial e é o monumento fulcral de um importante *cluster* de Património Industrial, com diversos museus e monumentos industriais à sua volta. Anualmente, o referido conjunto patrimonial recebe mais de um milhão de visitantes.

De relevância são igualmente os antigos reservatórios de água. Também na Grã-Bretanha se publicou recentemente um livro muito interessante sobre essas *water towers*, bastante ilustrado com fotos dos referidos reservatórios (elevados, pois também os há subterrâneos, hoje a maioria), com mais de 50 anos, sendo alguns deles verdadeiras obras de arte. Recentemente, eu desafiei alguns investigadores aqui em Lisboa, numa banca de

Mestrado (na Universidade Aberta), para que seja feito um estudo do género em Portugal.

Portanto, nem sempre há sensibilidade e, às vezes, nem sequer há receptividade, inclusive para se conceder permissão do acesso a visitantes. Tive dificuldades, em Coimbra, em obter autorização para visitar uma fábrica de porcelana, inaugurada em 1924. Só lhe tive acesso através de uma família que obteve autorização do director (engenheiro), quando exerceu funções de encarregada, substituindo uma outra que se encontrava de férias. E quando fui falar com ele, tinha em cima de sua secretária o alvará da fábrica (de 1924), do qual ainda não se apercebera. Disse-lhe que tinha ali um documento extraordinário e ele respondeu: “Eu vou inaugurar uma nova linha de produção, em poucos dias, e vou exhibir este alvará para as pessoas o verem”.

Hoje, já muitos empresários que fazem estudos avançados são engenheiros, economistas, administradores e gestores, pelo que começam também a apostar mais no associativismo. Assim, já dispomos da Associação Portuguesa de Empresas com Museu (Aporem) que preservam património e documentação, pelo que a situação está a mudar. As nossas visitas a empresas e museus de empresa podem ajudar neste processo de sensibilização, mostrando a importância da preservação dos arquivos empresariais.

Está mudando o olhar; turistas alemães, ingleses, norte-americanos e outros têm grande apetência pelas questões relacionadas com a indústria e a tecnologia, pelo que os museus com património desse tipo são muito procurados.

Hoje, nos museus mais relevantes do mundo que conheço – Museu d’Orsay, de Paris, *Deutsches Museum*, de Munique, *Science Museum* de Londres ou Museu da Ciência e Indústria, de Chicago –, revela-se uma peculiaridade interessante, ao preservarem, conservarem e exibirem Património Industrial que vai do mundo antigo ao mais recente.

Por um lado, há uma certa dinâmica, ao nível da história local, promovida pelas autarquias que, por vezes, encomendam

monografias a investigadores atualizados e não apenas a simples amadores. Por outro lado, os professores têm um papel fundamental; em Coimbra (na FLUC) tive muitos alunos que hoje estão exercendo a docência e focam o dito Património, sensibilizando assim os seus educandos.

Também no domínio editorial, algo se vai fazendo. É o caso da Santillana Editora (que produz manuais para o Ensino Básico e Secundário), que resolveu montar uma exposição itinerante sobre o património, que está a circular pelas escolas e para a qual eu redigi textos sobre múltiplas vertentes do património, material e imaterial (inclusive o industrial) e que está a ter muito sucesso. Eu próprio estive na apresentação da exposição na Marinha Grande - “capital” da indústria vidreira - e na Fábrica Renova, empresa papelreira inovadora e de referência, a nível mundial (localizada próximo de Torres Novas).

É ainda importante que os meios de comunicação social intervenham mais activamente neste domínio. Com um colaborador meu (Manuel Ferreira Rodrigues, da Universidade de Aveiro) publicámos um livro sobre a *Indústria em Portugal. Da Idade Média aos nossos Dias*. Na sequência dessa iniciativa, fui consultor científico de uma série televisiva, exibida ao longo de seis episódios (na RTP), com imagens muito bonitas e elucidativas. Entre outras, foram efetuadas filmagens no Brasil, no estado de Minas Gerais (exploração do ouro e até uma procissão tradicional, em Mariana).

Também elaborei vários capítulos para a *História de Portugal* (dirigida pelo professor José Mattoso), cujo V volume foi elaborado por colegas da FLUC e nos quais eu abordei a indústria, os transportes, o operariado etc.

TB: Professor, qual a sua mensagem para as novas gerações?

JA: Eu deixaria a seguinte mensagem: cada vez mais os trabalhos académicos se vão multiplicando, sobretudo na sequência da entrada em vigor do Processo de Bolonha. A duração do curso de licenciatura foi reduzida para três anos (salvo al-

gumas exceções), tendo passado a oferecer-se uma formação geral, reservando-se a especialização para os níveis do Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Então, cada vez mais a investigação se vai diversificando e aprofundando.

Portanto sugiro que, quem gostar da área da indústria, da tecnologia e do Património Industrial, elabore a dissertação ou tese nessas áreas, pois há um vasto leque de temáticas por explorar. Vão para o terreno, estudem aspectos inovadores, para arejar a História-Ciência e a História-Docência, estudando fábricas e oficinas, tabernas e cafés antigos, convívio entre as pessoas, tudo isso tem a ver com as fontes orais e também materiais.

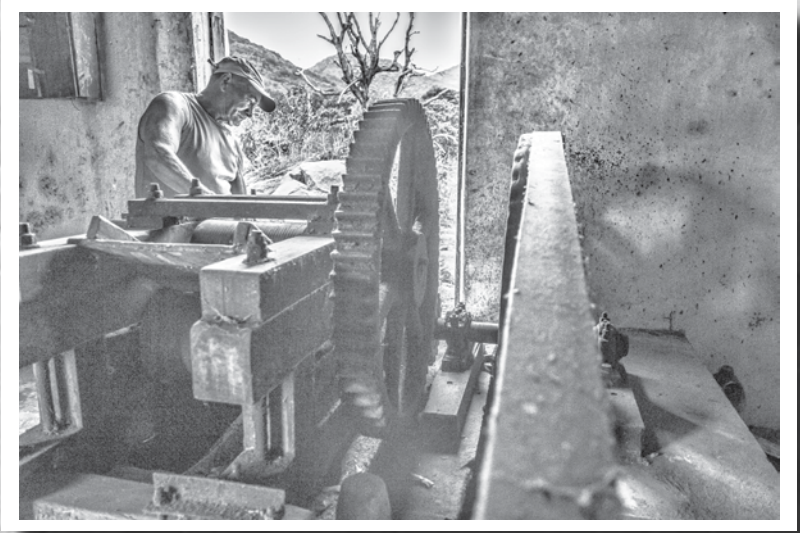
A Arqueologia Industrial pode dar um contributo significativo para o estudo e investigação dessas matérias. Aliás, foquei o assunto e temáticas com ele relacionadas em três conferências proferidas em Minas Gerais (agosto de 2015), designadamente em Belo Horizonte (UFMG e PUC) e em Ouro Preto (UFOP).

40 |

TB: Obrigada professor.

Telma Bessa,

Lisboa, julho 2015





Jorge Custódio nasceu em Santarém, em 1947. Doutorou-se pela Universidade de Évora. Investigador integrado do IHC (FCSH/UNL). Coordena o Projecto de Investigação, Era da Energia a Vapor em Portugal (1820-1974).

Dirigiu o Projeto Municipal da Candidatura de Santarém a Património Mundial (1994-2002), o Convento de Cristo (2002-2007) e o Museu Nacional Ferroviário (2009-2011). Comissário das exposições Arqueologia Industrial: Um Mundo a Conhecer um Mundo a Defender (Central Tejo, Lisboa: 1985) e 100 Anos do Património. Portugal 1910-2010. Memória e Identidade (2010), entre outras exposições.

Especializou-se em Arqueologia Industrial e Património Industrial. Desenvolveu intervenções arqueológicas em sítios industriais e coordenou projectos de museus industriais e mineiros.

Publicou, entre outras obras e estudos, “Reflexos da Industrialização na Fisionomia e Vida da Cidade. O Mundo Industrial na Lisboa Oitocentista”, in O Livro de Lisboa (1995), A Máquina a Vapor de Soure (1998), O Lagar e o ‘Azeite Herculanó’ (1998), Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês. Exposição Permanente (1999), Museu do Ferro & da Região de Moncorvo (2002), A Real Fábrica de Vidros de Coima e o vidro em Portugal no século XVIII (2002), «Renascença» Artística e Práticas de Conservação e Restauro Arquitectónico em Portugal, durante a 1.ª República, 2 vols. (2011-2013), A Mina de S. Domingos. História, Território e Património Mineiro (2013), Rodoviária do Tejo, nas origens, na história e na modernidade da viagem colectiva, com Deolinda Folgado, (2015).

Membro da Comissão Instaladora do Museu do Vinho de Alcobaça. Coordena a investigação dos 130 Anos da Caima – Indústria de Celulose (2018). Fundador da APAI. Prémio «Carreira» - Confederação das Associações de Defesa do Ambiente (2015).

Professor Dr. Jorge Custódio

Universidade Nova de Lisboa

TB = Telma Bessa

JC = Jorge Custódio

TB: Hoje é dia 20 de maio. Estamos na Universidade Nova de Lisboa com o professor Jorge Custódio, e vamos conversar sobre a sua experiência de investigação, porque o professor é pioneiro na pesquisa, no estudo e ensino sobre a temática do Património, sobre a Arqueologia Industrial. Então vamos inicialmente pedir ao professor para se apresentar, falar sobre sua profissão, sua experiência e de algum projeto com o qual esteja envolvido hoje.

JC¹: Em primeiro lugar devo referir que, neste momento, encontro-me aposentado da função pública onde fui assessor da Direção Geral do Património Cultural e também das minhas funções universitárias, onde fui professor auxiliar convidado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Fui professor em vários momentos da minha vida, e, sobretudo agora, nos últimos dez anos. Tenho 68 anos de idade. Neste momento, estou ligado à investigação sobre Arqueologia Industrial, como investigador integrado no Instituto de História Contemporânea. E de acordo com o movimento de refundação da Associação Portuguesa da Arqueologia Industrial (APAI), foi feita uma eleição e fiquei como presidente da dita Associação (2014). Neste momento, estou a

|43

1 Manteve-se a oralidade da entrevista. Mas na transcrição corrigiram-se as repetições usadas pelo autor para que a escrita fosse mais fluente. A transcrição obedeceu à grafia da língua portuguesa usada em Portugal e também, à vontade expressa do entrevistado quanto à opção de não adesão ao acordo ortográfico, por razões de defesa da língua portuguesa e por razões éticas em termos de atitude. Dado que, após a entrevista oral, se verificou que o registo gráfico nem sempre estava claro e perceptível em termos de fluência e exposição de ideias. Desse modo, o registo escrito foi analisado pelo entrevistado para lhe conferir sequência e corrigiu a informação dada durante a entrevista. O entrevistado procurou manter-se no estrito respeito da própria oralidade, o que não impediu a correcção do que estava confuso ou não tinha sido passado ao registo escrito, pelos motivos indicados ou por recepção auditiva deficiente da referida oralidade, em palavras ou expressões.

liderar um projecto de investigação sobre a “Era da energia a vapor em Portugal”, com vários investigadores, com o objetivo também de apoiar alguns mestrados e doutoramentos. Sendo que este projecto é estruturante para, no fundo, se compreender uma fase muito importante da história da industrialização em toda a Europa e em todo o mundo. Estamos a desenvolver um conjunto de metodologias que nos permitam estudar com maior profundidade a evolução de uma energia essencial da industrialização, sendo que essa investigação abarca, *lato sensu*, o século XIX e três quartos do século XX.

Evidentemente que, do ponto de vista geral, dentro do roteiro que me enviou, é importante saber quais as motivações que me apresentou para eu responder. Eu nasci em 1947 e, nessa altura, não se falava em qualquer parte do globo em Arqueologia Industrial nem em Património Industrial. Porque a Arqueologia Industrial é resultado, no fundo, de um conjunto de vontades, pensamentos, ideias que surgiram, sobretudo na Grã-Bretanha na década de 1950, e depois se afirmaram na década de 60 do século XX; e o Património Industrial, de facto, veio a reboque, portanto tem sua expressão mais clara nos anos de 1970. Aliás, vai haver vários congressos sobre Património Industrial a nível internacional, onde se discute muito sobre a natureza e os fins da Arqueologia Industrial e, ao mesmo tempo, se desenvolve todo um conjunto de bases para a proteção, salvaguarda, conservação do Património Industrial.

44 |

TB: E o que é mesmo Património Industrial?

JC: Antes de chegar aí eu gostaria de levantar talvez duas questões que me parecem importantes, que são as seguintes: as discussões que se desenvolveram nos anos de 1970, de 1980 e até muito nos anos de 1990 e ainda hoje em dia, estão completamente ultrapassadas e nós temos que ter uma visão da própria construção da identidade destes dois domínios, não é? Do domínio científico da arqueologia e do domínio patrimonial, do Património Industrial. Se bem que o Património Industrial já tivesse expressões anteriores, sobretudo ligadas com deter-

minados ramos do desenvolvimento técnico e industrial do homem. Recordo, por exemplo, que foi na gênese dos centenários dos caminhos de ferro dos primeiros países europeus que se formaram as primeiras colecções de bens ferroviários, isto é, ainda antes da Segunda Guerra Mundial. Portanto, a Segunda Guerra Mundial marcou uma “paragem” daquele movimento, e depois, no final da Segunda Guerra Mundial, também houve um renovado interesse ferroviário, e isso gera uma influência bastante marcante e positiva no próprio Património Industrial. Por outro lado, é preciso entender que durante essas três décadas em que se discutiu o Património Industrial, os conceitos que estavam subjacentes ao Património Industrial não eram os mesmos que nós temos hoje. Há uma mudança e alteração bastante grande (podemos à frente desenvolver isso).

Talvez o que quisesse aqui dizer é que, na primeira década do século XX e no início da segunda década do século XXI – portanto, estamos mesmo em cima dos acontecimentos - tudo isso se precisa. Precisa-se o que se entende por Arqueologia Industrial e o que se entende hoje por Património Industrial, sendo que os documentos que acabam por consignar toda esta mudança de pensamento que ocorreu; toda a discussão pública, tanto na Inglaterra, tanto na França, como na Alemanha, na Itália, na Espanha em especial, e em Portugal de certa maneira, pode-se dizer que essa mudança é operada porque há (houve) um aprofundamento muito maior das questões, tanto da arqueologia como do próprio património. Sendo que a questão do património radica essencialmente numa vontade expressa da comunidade europeia e da comunidade mundial, entre 1950 e 1960, e até um pouco depois de 1960, na afirmação de outros patrimónios, ou seja, de outros valores patrimoniais, que não fossem apenas os valores patrimoniais ligados à Igreja, à aristocracia ou ligados à nação. Porque até então o que se salvaguardava e se conservava como bens culturais, como património, eram os castelos, os palácios; eram os conventos, os mosteiros. Ora, isso trouxe uma mudança significativa. Essa mudança deu-se há quase meio século com

a etnologia e com a antropologia, dado que começou a haver também uma salvaguarda dos bens etnográficos. Na realidade, quando nós tratamos das questões patrimoniais, estamos a tratar dos bens culturais. E o conceito de bens culturais só se afirma verdadeiramente por influência tanto da Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação (Unesco) como do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos), ao longo da década de 1950 e da de 1960. Depois da Carta de Veneza; e na década de 1970, o Património Industrial fica perfeitamente consolidado, se bem que não com as mesmas características que hoje apresenta. Por isso, quando nós tratamos das questões do Património Industrial estamos a referir-nos essencialmente a bens culturais, mas convém não fazer confusão, porque todo património dito industrial não é Património Cultural, não é verdade?

46 |

Quando nos referimos ao Património Industrial é sobre bens culturais identificados por um conjunto de critérios de natureza social, técnica, industrial; ou também, porque ligados à inovação, ou à organização das empresas, ou ao nome e papel que essas empresas tiveram no contexto social e económico. Bens culturais que mereceram ser preservados, ou que foram eventualmente seleccionados, eleitos para serem, portanto, um legado e ao mesmo tempo uma herança da sociedade contemporânea. Estamos a falar de bens que nós hoje queremos que sejam bens para continuar, ou seja, bens para se afirmarem num próximo futuro. E queremos que esses bens sejam olhados numa perspectiva e numa atitude de salvaguarda e de conservação e numa perspectiva de que podem servir para enriquecer mais a educação, a cultura, a sociedade, o homem, a economia, tudo o que caracteriza, portanto, a nossa sociedade. Até porque esses bens culturais de natureza industrial têm particularidades muito próprias, e uma das particularidades mais interessantes é que se referem a identidades sociais novas, que foram identidades marcantes na história da construção da Europa e do mundo e que, nesse sentido da construção da Europa e do mundo, constituem marcos que nós identificámos como sendo essenciais para a compreensão do

que se passou em Portugal, do que se passou na Alemanha, na Espanha, na França, na Inglaterra, nos EUA, no Canadá ou na Austrália. Portanto, estamos aqui a referenciar bens que nós elegemos e conseguimos conhecer com maior profundidade (nem todos podem conhecer com a mesma profundidade até porque isso depende muito do efeito que esses bens tiveram na realidade), bens que nós elegemos e que podem constituir e são factos, e queremos marcar e determinar como heranças das sociedades que fluíram e que marcaram e transformaram a sociedade que nós somos hoje.

TB: Além dos artefatos e da reflexão sobre esse Património Industrial, o senhor poderia comentar sobre essa cultura imaterial dentro do Património Industrial?

JC: Muito bem. Durante muito tempo, isto é, praticamente entre os anos de 1960 até praticamente aos meados dos anos de 1990, os bens industriais identificados eram, sobretudo, da cultura material e não se falava da cultura imaterial, se bem que muitos autores oriundos do universo da antropologia ou da etnologia falassem muito na cultura técnica e estudassem os aspectos da cultura técnica que configuravam aquilo que nós podemos chamar mais apropriadamente, o “saber-fazer”: o saber-fazer do ferreiro e do vidreiro, o saber-fazer do moleiro etc. Contudo, não tinham emergido ainda os valores intangíveis, aqueles valores que são considerados valores imateriais, para que colando-se verdadeiramente à cultura material formassem um conjunto homogéneo, de cultura material e imaterial. O conceito de património hoje já envolve tanto a cultura material, como a cultura social, como a cultura imaterial, tendo em conta as comunidades mineiras, as fabris, as comunidades ligadas aos transportes ferroviários e aos transportes rodoviários, que formaram, entre si, laços muito profundos e que organizavam festas, encontros, formaram linhas de afirmação de identidades, de afirmação pessoal e colectiva, que hoje constituem também o universo de bens patrimoniais que estão consignados nos Princípios de Dublin de 2011, os

quais definiram claramente todos os universos dos bens industriais.

Vamos recordar para podermos perceber. As paisagens só há pouco tempo é que são consideradas também essenciais do ponto de vista do Património Industrial, se bem que elas fossem estudadas há muitos anos, desde os anos de 1960 e de 1970, mas não na perspectiva da marca industrial do homem. Ora, as paisagens industriais começaram a ser também estudadas. São os complexos fabris, mineiros, ferroviários; são os conjuntos, como os conjuntos fabris e mineiros; são, portanto, toda a realidade ligada ao trabalho, à produção, à transformação, ligada à distribuição e ao comércio (vamos à frente falar sobre este assunto) e, portanto, como eu estava a dizer, esses bens são conjuntos. Depois são ainda os edifícios, onde se destaca a natureza muito específica da problemática da arquitectura industrial. Também não podemos deixar de falar nesse tema da arquitectura industrial. Depois são os bens móveis, sejam os bens integrados, isto é, aquele Património Industrial que dá especial relevo ao património arquitectónico por estar nele integrado e que é essencial para a compreensão das arquitecturas do trabalho, sejam ainda os que constituem as colecções dos museus (isto é, os bens móveis, ou seja: ferramentas, máquinas, equipamentos desmontados, acessórios, produtos, intercalares ou finais etc.).

48 |

TB: O que seria esse Património integrado?

JC: São todos os bens que foram feitos, com destino, para aquela fábrica ou para aquela mina. Não é o complexo arquitectónico, é o que lá tem dentro, é o que constitui aquilo que mostra o espaço e o trabalho. Vamos dar um exemplo: a Estação reservatória de água dos Barbadinhos, em Lisboa, é um património válido ou autêntico, não pela arquitectura exterior, mas sim, pelo que tem lá dentro, as quatro máquinas a vapor, num plano perfeitamente integrado. Fazem parte do edifício. São o destino daquela unidade fabril. Na Central

Tejo, a mesma coisa, tudo o que lá tem no interior, ainda hoje, foi feito ou concebido como destino para a dita Central. Não interessa o momento, porque há coisas também na Central Tejo que foram destruídas. Há coisas na estação dos Barbadinhos que foram destruídas.

Portanto, a maior parte dos autores que têm trabalhado o Património Industrial esquece-se de que o Património Industrial não é apenas a arquitectura, mas algo mais. O Património Industrial põe em evidência a função e a forma, na “coisa industrial”. Porque se formos observar só a arquitectura, estamos a ver algo que não tem lógica, separando a parte do todo. É a mesma coisa se falássemos de uma igreja ou de um convento esventrados. Numa igreja, se tirarmos as suas talhas douradas, os seus santinhos, estaríamos a ver só um edifício nu, não é? O Património Industrial não é “edifícios nus”. Isto não quer dizer que todos eles tenham que ter o património técnico integrado. Porque também há a questão de que esses edifícios podem ser reconvertidos - um problema estratégico do Património Industrial -, eles podem ser reconvertidos. Podem ser reutilizados, refuncionalizados, e, aliás, até reabilitados, implicando que se faça uma avaliação criteriosa do que deve ser preservado e do que não deve ser preservado. O que poderá ser preservado num determinado patamar e aquilo que poderá ser preservado noutra patamar. Preservado num patamar de uso social de um edifício industrial ou patamar de um valor cultural de um edifício industrial. São coisas relativamente distintas e claras e não pode haver confusão.

Portanto, paisagens, sítios, complexos, conjuntos, edifícios, património técnico integrado, património móvel, ou seja, aquilo que foi retirado dos edifícios e que depois vai constituir as colecções de museus, por exemplo, ou faz parte de colecções particulares, privadas etc. E ainda aquilo que é sinal social da identidade do Património Industrial. Esse sinal social, no fundo, é a identidade e a memória. Essa identidade e memória têm que ser valorizadas.

Já agora quero aproveitar o ensejo para dizer: não se podem esquecer os valores da identidade e da memória, mas também não se podem sobrevalorizar, não é? Existem variadíssimas razões. Por uma razão fundamental que é a seguinte: as gentes mineiras, fabris, sejam operários ou patrões, morrem um dia. Se, entretanto, a sua capacidade de memória for utilizada para ficar registrada para se perceber alguma coisa no futuro, já é alguma coisa ao serviço do Património Industrial. Constitui documento. O dever em relação à memória desses agentes sociais e técnicos, sejam operários, sejam empresários etc., é guardar essa memória, mas é preciso entender que sempre se privilegia certos aspectos, nunca se privilegia a totalidade. Nós não podemos pensar que eles vão dizer tudo sobre as suas relações de trabalho e sociais, até porque eles não podem dizer tudo, porque, afinal, o fenómeno do trabalho industrial é um fenómeno alienante, tem a componente da alienação. E esta componente da alienação faz com que toda a sequência da cadeia técnica do trabalho não seja dominada por cada um deles, em separado, mas faz parte de todos os intervenientes dessa memória. Só uma parte é dominada por cada um dos elementos do processo, e quando nós juntamos toda a sequência da cadeia técnica, um indivíduo que sabe, por exemplo, da montagem de um componente da cadeia técnica, mas não sabe o que faz o outro no final e qual a sua memória, não é?

Portanto, privilegiar o Património imaterial sobre o Património da cultura material eu acho que tem que ser visto com peso, conta e medida, não é? Dado que o que é importante do ponto de vista da salvaguarda do Património Industrial é entregarmos ao futuro os valores a ele inerentes, os valores industriais que nós elegemos e que devem ser, portanto, bens do futuro.

TB: Em sua opinião, há então um privilégio do Património imaterial em relação à cultura material nos processos e nas práticas de conservação hoje do Património Industrial? Há essa preponderância de análise?

JC: Pode ser um perigo, porque privilegia-se apenas esse aspecto e esquece-se o material e, no fundo, isso vai ao encontro dos desejos dos imobiliários que dizem que o Património Industrial não é para preservar, nem para salvaguardar, mas sim, para destruir e construir quarteirões de prédios. Então nós temos que dosear a realidade. Podemos complementar as nossas ideias. No início dos processos de salvaguarda do Património Industrial, privilegiavam-se, sobretudo, os “monumentos fabris”, aquilo que era muito bonito do ponto de vista arquitectónico, às vezes não tendo uma relação entre a forma e a função, e aquilo que era emblemático da “nação industrial”, porque no fundo estamos a falar da industrialização que ocorreu no período áureo do Estado-nação. Na primeira fase, privilegiava-se aquilo que era emblemático para a nação do ponto de vista geral e, simultaneamente, observavam-se certos aspectos de maior grandiosidade, de monumentalidade dos valores em causa, o que tem muito a ver com as tendências, as tradições do património cultural em geral, que vem de trás, que também privilegiava a monumentalidade etc. Tudo aquilo que se poderia identificar com a cultura material. Não só aconteceu uma inversão de valores em relação a esses bens monumentais, como hoje em dia os valores não são só monumentais, pois às vezes também o são, mas existem outros valores, como os valores técnicos, os valores sociais e outros inerentes ao Património Industrial. Só depois, quando passamos para outra fatia, ou seja, quando vamos então ver porque se deixou de lado essa memória, pois ainda existem intervenientes vivos, porque ainda existem essas entidades sociais com capacidade de se organizarem à volta da indústria, ou da mina, ou dos transportes, é que começa a aparecer a componente do património imaterial.

Naturalmente isto tem a ver também com a própria agenda do património cultural a nível mundial. A agenda do património cultural a nível mundial ligou-se, a dado momento, com as novas problemáticas sociais intangíveis, articuladas com a publicação de um documento internacional que materializa a preservação e salvaguarda do património imaterial: a Con-

venção da Unesco para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível ou Imaterial (2003). Mas essa agenda tem uma data para as recomendações e para os actos constituintes dos valores patrimoniais, e, portanto, sendo assim, temos que saber que a história do Património Industrial não é una, mas sim, múltipla. À lógica cabe aqui reverter. Perceber a ideia de que, à medida que o tempo vai correndo, novos valores do Património Industrial vão emergindo.

52 | Aproveitaria a oportunidade para afirmar também que o Património Industrial começa a especializar-se. Especializa-se em património ferroviário, património mineiro, se bem que o património mineiro não é somente Património Industrial, pois há também o património geológico, que tem a ver com a presença de recursos mineiros no território. Como também com o património arqueológico mineiro ancestral, correspondente a várias épocas (épocas pré-romana, romana, medieval etc.) que não é propriamente de matriz industrial. Note-se que recentemente se começou a ouvir falar em património rodoviário; já há estudos e pessoas que fazem trabalhos sistemáticos sobre material circulante e estradas. Ora, isto é muito interessante. Podem-se analisar histórias de vida; como há cada vez mais interesse pelo património ferroviário. E cada vez mais fala-se em património técnico das obras públicas. Estamos a ver que o Património Industrial foi-se especializando, além de ter uma evolução, ele foi acompanhando a agenda do próprio património cultural que agrega, a dado momento, outros valores ligados às várias especialidades.

Portanto, o que nós estamos aqui a falar como fazendo parte do Património Industrial é tudo aquilo que tem a ver com a história social e económica do homem. E aquilo que é o resultado dessa história económica e social materializada em factos, em objectos, em fábricas, minas, pessoas que trabalharam, gente que viveu e que, portanto, passaram a ter um “novo mundo”, porque o mundo mudou no século XIX com a industrialização, com o liberalismo, dado que todos eram chamados a contribuir para a sociedade, a fazer história, e não

apenas só alguns, como aconteceu na Idade Média ou no século XVI ou XVII.

TB: Professor Jorge Custódio, considerando a perspectiva da interdisciplinaridade, no sentido de compreender essas mudanças, o senhor poderia comentar sobre os estudiosos que podem nos iluminar nestas questões além da arquitetura, da técnica, mas da dinâmica das mudanças dos próprios conceitos utilizados?

JC: Sim, posso indicar, mas podemos ver cada caso específico. Agora posso mostrar um certo roteiro desta lógica e que tem muito a ver com esta discussão entre tecnologia industrial e Património Industrial. Hoje, há uma grande tendência de pessoas que falam na problemática do Património Industrial, mas tendem a esquecer ou colocar de lado a Arqueologia Industrial. Ora, o que aconteceu nos últimos anos foi a afirmação da Arqueologia Industrial, mais do que se imagina. Por que se voltou a afirmar? Porque passou a dispor de melhores metodologias, porque começou a ter maior vínculo ao trabalho arqueológico industrial no território e, logicamente, começou-se a compreender que, independentemente de tudo que durante anos se discutiu, a Arqueologia Industrial estava viva e pretendia compreender melhor ainda a realidade que os estudos - repare - os estudos do património fazem-no, mas não o fazem com tanta profundidade. O que é essencial ao património é a salvaguarda, a conservação e a valorização.

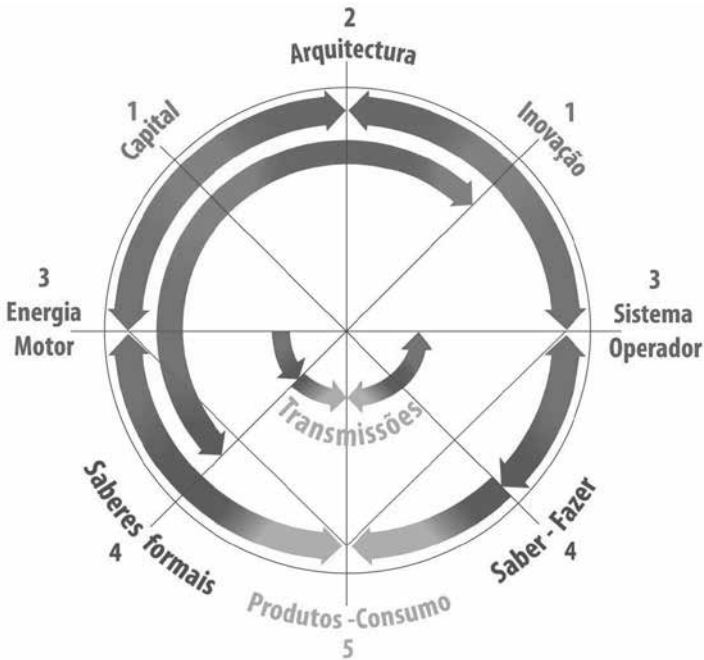
Portanto, a minha estratégia hoje em dia, é demonstrar que a Arqueologia Industrial tem o seu tempo (escrevi recentemente sobre isso na revista Al-Madan) e o seu território. O seu tempo porque a Arqueologia Industrial vai tratar de um determinado momento da história, da organização industrial do homem, do capitalismo industrial, que é, no fundo, o advento das energias artificiais, do aumento da potência, da criação de um novo tipo de homem, que é o Homem Consumidor. Torna-se claro que a Arqueologia Industrial tem seu tempo de análise entre a revolução industrial e o século XX, isto é, antes da desindustrialização dos anos 1960 e 1970 do sécu-

lo passado. Vai estudar as sociedades industriais até à desindustrialização, o arranque, o surto da indústria moderna que vai transformar toda a sociedade e todos os homens, o que só acontece a partir da Revolução Industrial (se bem que tivesse tido surtos na Idade Média, nos séculos XIV e XVI com o Renascimento, e até com a sociedade barroca). No entanto, só se dá a grande viragem, a transformação qualitativa nos séculos XVIII e XIX, com a Revolução Industrial. Curiosamente arqueólogos industriais ingleses, como Michael Nevell ou Eleanor Conlin Casella ou James Symonds, todos ligados a Manchester (mas também Marilyn Palmer, noutras horizontes de pesquisa), têm feito estudos muito interessantes tentando demonstrar, através da análise do território de Manchester, como essa mudança se operou, por exemplo, a partir dos novos monumentos criados, novos edifícios construídos que nunca tinham existido anteriormente, e que, marcam a mudança entre dois momentos distintos da história económica e social. Porque até há bem pouco tempo havia a ideia de que a Revolução Industrial era um movimento rápido, uma transformação qualitativa. Depois falou-se em mudanças ou transformações quantitativas mais lentas, que vinham de trás; processos desenvolvidos anteriormente, está tudo certo; mas vamos analisar o terreno e eles informam-nos com muito mais precisão, mostrando aquilo que são transformações qualitativas e transformações quantitativas. E é isso que é interessante. Essas transformações qualitativas fazem com que o homem seja diferente, não são só as novas estruturas económicas e sociais, é também o homem. O homem muda, deixa de ser o homem medieval, ainda sujeito às contingências do universo e está a “transformar-se”, a ser o homem que vai ao supermercado, que compra, que até compra demais, o Homem Consumidor.

TB: O senhor poderia lembrar, dentro deste longo processo de duração, de sua trajetória, qual seu primeiro trabalho de investigação que o senhor abraçou, que o senhor vislumbrou, dentro da área de Arqueologia Industrial?

JC: Eu comecei minhas atividades como assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E aí foi-me atribuída uma cadeira chamada “Revolução Industrial” e, no momento, chamei a atenção dos meus alunos (eu era muito jovem, isso foi há cerca de 40 anos) para a necessidade de se fazer um trabalho colectivo e interdisciplinar ou multidisciplinar, com base arqueológico-industrial. E ali começámos a fazer um trabalho de recolha, de análise de objectos com justificação para os futuros e novos historiadores e arqueólogos. Foi por isso que comecei, em 1977, com essa atividade de investigação do Património Industrial, porque eu vinha praticamente do Património Cultural e tinha compreendido o fenómeno do Património Cultural, logo após o 25 de Abril de 1974, em Portugal e, nesta altura, dediquei-me a fundo à Arqueologia Industrial, teoria e métodos.

Depois comecei logo a escavar. Escavei duas fábricas: a fábrica de vidros da Amora e a Real fábrica de vidros de Coima, esta última uma manufatura. Há que perceber que o conceito de Arqueologia Industrial era tudo o que se relacionava com as fases da Revolução Industrial e da industrialização, e havia a Arqueologia Pré-industrial, das sociedades anteriores (Idade Média, mas também Roma, Antiguidade). Perceber e descrever as mudanças ocorridas, considerando os estudos de todas as ciências e componentes, como a antropologia, a etnologia, a arqueologia etc., antes e depois da Revolução Industrial. Ultimamente, publiquei na revista *Al-Madan* um estudo intitulado “O Território e o Tempo da Arqueologia Industrial: intervenção e investigação. Realidades de Hoje, perspectivas de Futuro” (II.ª série, Revista *Al-Madan*, 2015), onde falo sobre este assunto. O esquema a seguir mostra os fundamentos da teoria da Arqueologia Industrial, tendo como base o processo industrial. Serve, sobretudo, para o universo industrial do pós Revolução Industrial, mas também pode adaptar-se à interpretação das indústrias no período pré-industrial.



Do século XVIII em diante, são as invenções e a inovação por excelência que mudam a sociedade e a história da humanidade. Se há duas características fundamentais das sociedades industriais, uma delas é a inovação (claro que tem que haver trabalho e capital, mas a invenção é que é a mudança), e a outra coisa é o consumo. Tem que haver o homem que está apto a consumir e, portanto, comprar mais, e agora, dá-se ao luxo de juntar dinheiro, aproximar-se mais socialmente dos outros, e tem a esperança de atingir outro patamar. E isso aparece claro com o estudo das estruturas materiais nos territórios e até naqueles que estão em ruínas.

Tem que se ter em conta que a Arqueologia Industrial é um método de investigação que implica várias técnicas de investigação, entre elas, a intervenção de campo. Não há uma única intervenção, são várias. Não se pode dizer que ao fazer uma investigação sobre uma realidade industrial ou mineira se

possa, de facto, prescindir de uma intervenção de campo. Sim, pode ser de vários níveis, uma intervenção destrutiva ou uma intervenção não destrutiva. O grande nome que marcou a mudança no conceito, na afirmação da Arqueologia Industrial foi o da arqueóloga inglesa Marilyn Palmer, porque ela percebeu perfeitamente, nos anos de 1990, que o que estava em causa era encontrar uma metodologia adequada para o estudo da Arqueologia Industrial. E essa metodologia não passava só pelo processo destrutivo de uma escavação arqueológica. Podia estar-se numa escavação sem destruir, utilizando outras técnicas desenvolvidas por estudiosos que não só arqueólogos, mas estudiosos da arqueologia, da arquitectura que, conjugando tudo isso, com novas técnicas e talvez com processos de multidisciplinaridade, pudessem induzir um movimento mais rigoroso, mais exaustivo de estudo de um bem industrial material no território.

Por isso, sou pela afirmação da Arqueologia Industrial, e não pela sua ultrapassagem pelo Património Industrial. Percebi nas suas perguntas uma ausência de questões sobre Arqueologia Industrial. Isso revela uma tendência que muitas vezes as pessoas têm de pensar que a Arqueologia Industrial e Património Industrial são a mesma coisa. Não. Nesse sentido a Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial diz claramente a diferença entre eles e essa diferença também hoje já se estabelece em relação aos estudos de sociedades pré-industriais. Na realidade eu comecei por estudar com os autores anglo-saxónicos, como Kenneth Hudson, Neil Cossons ou mesmo Barrie Trinder. Então, a Arqueologia Industrial era muito diferente daquilo que ela é hoje. Sou de uma geração que estudou os pioneiros. Estou, neste campo de investigação há 40 anos, trabalhei muitos anos nesta área, o que hoje me permite afirmar algum grau de pioneirismo que a minha investigação pode revelar. Para afirmar que o tempo marcou isso tudo. O tempo diz-me que quando eu nasci não existia a Arqueologia Industrial, e quando eu me formei e comecei a leccionar, a arqueologia já estava desenvolvida na Grã-Bretanha e na França

etc. Em Portugal, houve a destruição da fábrica de Cerâmica Lusitânia, no Campo Pequeno (1984). Praticamente acompanhei todos os processos. Mas, talvez, possa dizer que, o que mais marcou na minha formação, tanto em relação ao investigador arqueólogo, como quanto à pessoa ligada ao Património Industrial, pensando na conservação e na musealização, foi a exposição realizada na Central Tejo e o convite feito em 1981 para organizar essa exposição sobre os vestígios da indústria em Portugal. Esse convite obrigou-me a fazer uma investigação e várias missões em território português: praticamente duas grandes viagens em todo território português. Curiosamente, nessa altura, não fui às ilhas (hoje, de facto, tenho pena de não ter ido às ilhas, conhecia um pouco sobre a cidade, o Funchal e a Ilha da Madeira), mas não sabia mais sobre o Património Industrial das regiões autónomas. Essa exposição (1985) contribuiu para informar o meu pensamento sobre estas realidades industriais, que abre um leque de assuntos a tratar, o que é uma dificuldade, pois exige muita especialização. No entanto, a aprendizagem teórica, global, esteve presente nessa exposição gigante. Do ponto de vista geral, isso marcou toda a minha formação.

À medida que o tempo foi correndo, nasceu o interesse pela museologia industrial, que é uma componente da valorização do Património Industrial. Depois fiz várias exposições e museus que me permitiram compreender os fenómenos da museologia industrial. Especializei-me, dei esta disciplina na Universidade. Aprendi com os ingleses, evidentemente, desde cedo, pois visitei em 1988 os museus de Ironbridge: Coalport, Blists Hill, Coalbrookdale e o património mais relevante daquele sítio fundamental da Revolução Industrial inglesa. Para mim foi como um ideal de museologia que ainda está ligada ao que em francês se chama “musée en plein air”, ou seja, “museu ao ar livre”, que é uma tradição que vem do século XIX e do século XX, sobretudo dos países nórdicos, da Noruega, Suécia, Dinamarca, e apreendida pelos franceses. Depois, fui um dos primeiros portugueses a visitar o ecomuseu do Creusot em França (1982), que também foi outro embrião do conceito dos novos museus industriais.

Eu considero que há um carácter projectivo nos nossos trabalhos, as ideias que nós temos são do mundo, inclusive no património, pensamos que o mundo poderá mudar e projectamos naquilo que fazemos, a mudança do mundo. Isso não significa que o mundo mude, ele continua exactamente a correr ao seu próprio ritmo. Mas há uma coisa que somos, é que somos utópicos. E a utopia é sempre uma ideia para a mudança, para a construção do mundo em diversos aspectos, como também de assuntos, temas e teorias. Temos ideias, projectos e a necessidade de construir ciência também, sem confundir-los. Depois da obra dos pioneiros, depois de Marilyn Palmer, quem quiser desenvolver hoje a atividade, na Arqueologia Industrial, tem já as bagagens para o que quer fazer.

TB: Poderia comentar, dentro do seu campo de experiência, sobre investigação e trabalho de campo e processo de museologização?

JC: Sim, são duas coisas distintas. Num caso, investiga-se para perceber corretamente o funcionamento daquela fábrica, mina, cidade industrial, daquele conjunto mineiro, daquela paisagem. Aí há várias metodologias. No caso do património, tem a ver ou diz respeito a atitudes, quer dizer, a ideia de que o património é um conhecimento também é verdade, por exemplo. Para fazermos a salvaguarda de um bem tem de estudar-se, mas esse conhecimento pode estar circunscrito, não requer um aprofundamento científico e ir mais além. Não é preciso fazer análise de culturas materiais, a não ser que se caminhe para a perspectiva da conservação. Nesse caso, precisa também fazer uma análise de culturas materiais, para que os objectos se tornem claros quanto à matéria, forma e sua história. Quando estamos a olhar o património, estamos a olhar na perspectiva de valores, valores que nós queremos eleger para o futuro. E o modelo que existe para o Património Industrial é igual ao modelo que se tem para o Património Cultural. Não há diferenças, só que é outro tipo de património. Não tem as mesmas características que tem o Património Cultural, Artístico, Monumental, Arquitectónico, tem outras características, se bem que possa abranger os bairros industriais e os bairros

operários. O que interessa muito, na realidade, é que gere estudos de casos.

Quando nós tratamos do Património Industrial, estamos tratando também como Património Cultural, vendo as atitudes que sobre ele se exercem e estão hoje compaginadas; são atitudes conhecidas e todas elas se verificam em qualquer tipo de património. O filósofo francês Michel Lacroix influenciou muito meu pensamento, quando estudou as atitudes de destruição e de vandalismo. Segundo ele, há a indiferença e o abandono, a intervenção negativa ou positiva, há proteção, a preservação, a salvaguarda e a conservação. Logo, também há a conservação dos bens industriais. Quer dizer, essas são as atitudes, atitudes que nós temos para com o bem industrial. Elas estão presentes na forma de funcionamento da sociedade, estão presentes no mundo histórico em que vivemos. Hoje, no nosso país, falar a uma entidade pública de salvaguarda de um Património Industrial é como bater num ceguinho, na medida em que ela não tem dinheiro sequer para se pensar em Património Industrial. Não quer dizer que esse património não possa ser preservado por particulares, empresas e até associações. Isso é outra coisa, com agenda própria para resolver esse problema. Por outro lado, interessa aos sectores imobiliários que desapareça tudo dali. Aliás, lembro-me de um Presidente da Câmara de Lisboa – Santana Lopes (está registrado em acta) - que mandou destruir uns quarteirões de Alcântara (bairro industrial da cidade), pura e simplesmente - ficou ali um buraco cheio de ruínas!-, para implementar um projecto de um prédio, de uma torre gigantesca. Quem o mandou fazer uma coisa dessas? Quem lhe deu autoridade para fazê-lo, mesmo sendo presidente da Câmara? Isto é a grande questão que se coloca hoje em dia, é a atitude que, por um lado, deve estar patente nas entidades que estudam o património, nos organismos de Estado, seja central ou local, e nos cidadãos que podem ser coniventes com atitudes de destruição, porque não pensaram, não viram, não refletiram, não identificaram, ou porque simplesmente são indiferentes. Preferem ver mais uma

maravilha do consumo do que um bem cultural. Estas são as atitudes.

TB: Professor, e nesse caminho de investigação, de novas perspectivas, quais as dificuldades existentes?

JC: Há muitas dificuldades. Dependendo do caso, podemos elencá-las. As dificuldades podem ser, às vezes, de arquivo, de fontes, porque também é necessário que os arquivos públicos estejam em bom funcionamento, sejam cartográficos, sejam fotográficos, porque a nossa panóplia de fontes na Arqueologia Industrial e no Património Industrial como também, para salvaguarda, é muito grande, são muitas as fontes. Isso é uma característica, há uma multiplicidade e grande espectro de dados para se observar. Mas podem faltar os arquivos. Por outro lado, pode acontecer também que haja bloqueios institucionais. Eu recorro que vários alunos tiveram muitas dificuldades de estudar o arquivo da Galp Energia, pois há alunos que querem estudar as energias petrolíferas, por exemplo. Todavia, não conseguem lá entrar ou entram com inúmeras dificuldades burocráticas. Porventura, porque o arquivo não está bem organizado, porque o arquivo tem outras particularidades que não importa conhecer, ou porque estão à frente dos arquivos pessoas que travam o trabalho de investigação académica. Há muitos outros casos destes. Portanto, não pode haver esse tipo de constrangimento ao seu uso, temos que encontrar soluções para que isso diminua.

Por outro lado, também pode haver contrariedades relacionadas com os bens materiais. Vou mostrar um caso de destruição. Antigamente, destruía-se não arrasando tudo, ficava sempre algo, nem que fossem os alicerces dos edifícios. Era mais económico. Hoje existe uma máquina muito interessante, que se chama bulldozer. O bulldozer pode destruir todas as evidências da História da Humanidade, desde os vestígios pré-históricos até aos vestígios industriais, se alguém “lhe der autorização”. Para construir numa zona em que há vestígios da pré-história - se essa zona não tiver reconhecida, e até se for

reconhecida, mas se a força política for maior do que a vontade de um arqueólogo ou duma instituição -, esses vestígios são destruídos. Há essas dificuldades. Mas eu sou otimista. Mesmo com as contrariedades, a “gente” vai em frente.

TB: diante desse quadro, qual o futuro que o senhor vê para os estudos do Património?

JC: Depende dos países. Nem todos tem agenda para o Património Industrial. Se formos para a Inglaterra dá-se, evidentemente, relevo a este tipo de património cultural (em inglês, diz-se *industrial heritage*). Dá-se uma importância muito grande à componente prioritária da salvaguarda do património ou da herança cultural na Grã-Bretanha, pois, neste caso, há uma identidade nacional associada à industrialização britânica. No caso de Portugal, onde durante muito tempo se formou uma mentalidade de cariz agrária, afirmando-se como um país essencialmente agrícola, rural, nunca industrial ou fracamente industrial (o que estruturalmente não deixa de ser verdade), encontrava-se, muitas vezes, o investigador dizendo-lhe que não há futuro para o Património Industrial. É outra mentalidade e outros constrangimentos. Para mim este tipo de constrangimento mental é pior que os oficiais, porque os constrangimentos oficiais, a “gente” luta, e os mentais estão arraigados nas pessoas e, portanto, as pessoas continuam a pensar da mesma forma, apesar de já lhes ter sido demonstrado que o mundo mudou, que as coisas são diferentes.

Daí que depende muito do país a valorização ou não do Património Industrial. Na nossa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nós temos uma disciplina de Arqueologia Industrial para o primeiro ciclo e também para o segundo ciclo, destinada ao Mestrado de Arqueologia, especialização em Arqueologia Industrial. Desenvolve-se bom trabalho de campo, e penso que teremos capacidade de ir mais longe. Acontece também que os países, como Portugal, podem também ser surpreendidos, de vez em quando, por fenómenos que não estavam à espera. Este ano,

por exemplo, decorre na Europa o Ano Europeu do Património Industrial e Técnico, decidido pelo Conselho da Europa, dando-se privilégio às associações para sensibilizar as populações para os valores do Património Industrial e técnico. É uma ironia do destino, um país como Portugal, onde os primeiros anos foram da salvaguarda e sensibilização do património, com trabalhos muito avançados numa década (1980 até 1990); onde as coisas foram para frente e houve classificações, salvaguarda e surgiram museus, dar-se este acontecimento que coloca o Património Industrial na agenda da cultura patrimonial oficial. Podemos dizer que é uma ironia o facto dos poderes públicos terem agora de falar da salvaguarda de um Património Industrial e técnico num país onde eles têm contribuído para se pensar que Portugal não esteve na rota da industrialização. Para nós, também interessa mostrar que não é bem assim. Há valores nas minas, na energia a vapor, nas fábricas, nos “saber-fazer” dos trabalhadores, que existem ainda unidades fabris, como a Fábrica de Cerâmica de Sant’Ana (Junqueira), em que se trabalha toda a faiança e o azulejo a mão. Há nisto uma espécie do “destino” do país, que a dado momento desperta para outras realidades; num país como o nosso, em que as questões da indústria têm sido colocadas num plano secundário, os princípios da austeridade e das contas públicas do Estado estão sempre a ser invocados, quando na realidade não há civilização nem desenvolvimento sem contar com a indústria, com o investimento produtivo, não com as características do tempo da Revolução Industrial ou industrialização novecentista, mas com as características que lhes são inerentes hoje em dia.

|63

TB: De fato há várias mudanças, inclusive a desindustrialização. O senhor poderia comentar sobre este processo?

JC: O que aconteceu é que houve mudança de paradigma da indústria. Mudou a indústria tal como era no século XIX e a indústria do século XX. Nos meados do século XX, iniciou-se um processo de uma terceira Revolução Industrial, que veio

marcar a agenda deste século XXI, e que não tem nada a ver com o pensamento, o modo de ser, a energia e a estrutura organizacional das fábricas e das minas do século XX. Tem outra lógica, porque o mundo mudou. Agora temos internet, globalização, tudo isso. É obvio que as indústrias não são, nem serão do mesmo tipo. São cada vez mais avançadas do ponto de vista da inteligência artificial e não da inteligência natural, as máquinas operadoras, as energias tem que ser outras, fala-se cada vez mais nas fibras ópticas, outros materiais artificiais, no laser, nas indústrias biológicas, mas a sociedade não pode prescindir da indústria, da transformação, dos produtos, das matérias-primas, até porque se formos matar o consumo, será o fim, pois o homem consumidor não parece querer mudar. Não quer mais voltar atrás, já é estruturalmente consumidor.

TB: Frente a tudo isso, como envolver as novas gerações neste diálogo entre passado e presente nesse processo de desindustrialização?

64 |

JC: Eu não sou daquelas pessoas dirigistas; são as novas gerações que têm que aprender. O património que nós legamos ao futuro só subsiste se essas novas gerações o acarinharem. Quer dizer, hoje em dia há meios técnicos, num maior aprofundamento e aprendizagem dos valores patrimoniais, nos meios de comunicação e na Internet. Pode-se ver qualquer realidade industrial, mineira ou de transporte por via electrónica; assim como onde estão a ocorrer grupos de trabalho, conhecer pessoas a trabalhar nesta área. Nós temos uma associação de gente jovem, gente que aderiu à Arqueologia Industrial, ao Património Industrial, nós temos uma página no Facebook. Temos que ter mecanismos de transparência, daquilo que nós somos, o que fazemos, pois no mundo há bens e coisas que se podem preservar e salvaguardar. Mas não serei eu a dizer o que fazer ou de forma a determinar o futuro. As pessoas têm que aprender por si a pensarem, tem que haver muita investigação e conhecimento e muito espírito crítico. Isso posso dizer: - sem espírito crítico não avançamos. Ser apenas cidadão

do “admirável mundo novo”, sem termos os grandes alicerces da nossa conduta e formação, não funciona. A conduta tem que estar sólida. Para que o Património Cultural e o Património Industrial possam, no tempo futuro, serem essenciais para as populações, há coisas que são necessárias. Não quero acreditar que haja qualquer grupo social ou nação que o destrua e sempre que há um valor patrimonial preservado, como as pirâmides de Gizé, ou que há “gente” que pense conservá-las ou restaurar os bens patrimoniais (como o caso dos Budas do Afeganistão, pois são elementos identitários de toda Humanidade), isso é sinal que queremos uma sociedade mais coesa com os valores que queremos apreender. E estes também mudam com o tempo, e nós não podemos obrigar a sociedade a ser como nós. A realidade é mais forte que as algemas.

TB: Professor, o senhor teria mais algum comentário que ache importante?

JC: Talvez seja bom dizer, reforçando a bibliografia, que para além dos autores pioneiros estudei, também depois, e acompanhei a obra do Barrie Trinder, de Marylin Palmer, de Claudine Cartier, de Aldo Castellano, de Maurice Daumas, de François Choay, e sempre tive uma paixão pelos trabalhos pioneiros de Lewis Mumford. Também sou um crítico deste último. Karl Marx e outros autores, como Adam Smith, foram fundamentais para minha formação intelectual, serviram de base; mas não podemos confundir isso com aqueles que se dedicam de alma e coração a essas duas áreas do saber ou disciplinas, uma arqueológica e a outra de salvaguarda dos valores culturais. Evidentemente que talvez aquilo que possa dizer concretamente sobre o processo de desindustrialização é que ele é natural, não podemos evitá-lo, não é sempre o mesmo, porque há mudança do paradigma das indústrias - no século XIX, eram poluentes, cheiro de carvão, chaminés - e nós devemos estudar essas unidades fabris para perceber o que é que está em causa, o fenómeno da poluição, do meio ambiente, do carácter da cidade desta época - cidades que são descritas

como “cidades do carvão” (Coke Towns) por Charles Dickens, em *Tempos Difíceis*.

Por terem mudado os paradigmas industriais, houve o fenómeno da desindustrialização e essas mudanças têm tido vários componentes. Há certos lugares que são ruínas, há outros totalmente arrasados, há outros parcialmente arrasados, há outros que são abandonados, mas ainda contêm inúmeros vestígios da indústria. Para o arqueólogo industrial tanto faz encontrar um edifício, uma mina, um complexo, um conjunto, uma paisagem, seja ela em ruínas, ou esteja de pé, o objectivo é sempre estudá-la na sua realidade, porque o objectivo é saber que objecto era aquele, como compreendê-lo e interpretá-lo de acordo com as metodologias que dispõe, entre as quais as metodologias da intervenção arqueológica ou as da salvaguarda.

66 | Recordo agora as minas de São Domingos, em Mértola. São um gigante de ruínas! Em 2013 foram classificadas e salvaguardadas exatamente como ruínas, considerando as ruínas arqueológico-industriais e as ruínas das galerias antigas, tudo isso. Portanto, se me dessem oportunidade de fazer uma intervenção arqueológica numa fábrica de papel, como a do Porto Cavaleiros, em Tomar, que foi completamente vandalizada, que está em ruínas, eu faria de bom grado porque os arqueólogos trabalham com ruínas das culturas materiais, as ruínas são o seu material, desde a Pré-história até o final da industrialização e até ao processo de desindustrialização. O arqueólogo da Pré-história está a estudar o passado muito remoto, mas o arqueólogo industrial está a estudar o passado recente. Agora, a vantagem que o arqueólogo industrial tem sobre o arqueólogo das épocas mais antigas (Pré-história, romana ou medieval), é que também estuda os objectos presentes, porque muitos estão ainda construídos *in situ*. Um arqueólogo romano que vai fazer uma escavação arqueológica num templo, os objectos ainda podem estar de pé, e são interessantes do ponto de vista de sua autenticidade, do seu tempo histórico, o que interessa é perceber as transformações que foram ocorrendo no tempo e naquele sítio. O arqueólogo industrial também trabalha com

ruínas recentes, estuda as mudanças a ocorrer. Uma fábrica do século XIX pode ser uma realidade, ainda pode funcionar e – sabe-se – que sofreu modificações ao longo do tempo. Lembro-me de um meu professor, Borges de Macedo - que marcou minha formação - que dizia que a Arqueologia Industrial estudava também os espaços de laboração, as áreas da fábrica, as áreas de trabalho, mesmo estando detectadas em plantas e fotografias, era importante a intervenção arqueológica, porque elas mudaram muito ao longo do seu tempo de vida, um tempo curto. Por exemplo, num mesmo território encontram-se sobreposições de alterações de processos fabris e de organização industrial, num mesmo espaço. Quero dizer que é preciso compreender, quando se estuda um edifício fabril ou mineiro, o que estamos a observar e é exigível a intervenção arqueológica para observar as transformações muito sequenciais e rápidas dos espaços fabris e de trabalho, porque uma das características da própria industrialização é a revolução permanente dos meios de produção, que sempre estão a modificar-se e se refletem na organização fabril, até morrerem e, se se inovam, continuam a gerar trabalho, não morrem ali, naquele tempo.

Um dos meus trabalhos mais complexos foi a criação do Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês. Houve uma quase escavação na fábrica de cortiça (para encontrar os arquivos, que estavam soterrados), há um catálogo, e fizemos um museu que hoje está fechado, pois está integrado numa propriedade privada (hoje a Caixa Geral de Depósitos), tem os bens móveis na posse de um privado e não há meios financeiros para mantê-lo ou inverter a situação. Tem o valor arquitectónico e técnico do equipamento *in situ*, o seu Património integrado tem características particulares, assim como uma planta muito própria, centralizada, por isso e por outros critérios é uma unidade fabril que foi preservada. A fábrica fechou e os bens foram parar a particulares e o museu está lá, completo, mas fechado. Se

quiser pode assinar na nossa página da internet a petição para a sua salvaguarda, que corre em nome da APAI.

TB: Uma última mensagem?

JC: Talvez a mensagem mais importante seja: que nós devemos ser sempre pessoas.

Telma Bessa,

Lisboa, junho 2015





José Manuel Lopes Cordeiro, natural do Porto, é licenciado e doutorado em História Contemporânea pela Universidade do Minho, onde exerce funções docentes no Departamento de História, do Instituto de Ciências Sociais. Foi o fundador e é actualmente o director científico do Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, situado em Vila Nova de Famalicão, representante Nacional do “TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage”, organismo consultor da UNESCO/ICOMOS para o património industrial, e presidente da APPI – Associação Portuguesa para o Património Industrial. É também director da revista *Arqueologia Industrial*, a única revista portuguesa sobre esta temática, que se publica deste 1987. Foi fundador do Projecto do Museu da Indústria do Porto, organizador de inúmeras exposições sobre o património industrial, assim como de Encontros e Congressos sobre o mesmo tema, o último dos quais realizou-se em Junho de 2018 na Universidade de Aveiro em colaboração com a APPI-TICCIH Portugal. Desenvolve actualmente um projecto editorial que visa publicar uma História da Indústria do Porto, dos finais do século XVIII à actualidade, em cinco volumes, dos quais já se publicaram os dois primeiros (Edições Afrontamento). Para além disso tem inúmeros artigos e livros publicados nas áreas do património e arqueologia industrial, assim como da história económica e política contemporânea.

Professor Dr. Jose Manuel Morais Lopes Cordeiro

Universidade do Minho - Braga

TB = Telma Bessa

JLC = José Lopes Cordeiro

TB: Hoje dia 08 de maio de 2015. Estamos com o professor José Lopes Cordeiro, na Universidade do Minho, em Braga, Portugal, e vamos conversar sobre a sua trajetória, sobre as pesquisas realizadas e quais projetos em que está envolvido no momento. Inicialmente vamos pedir ao professor José Lopes Cordeiro para apresentar-se, falar de sua profissão, falar um pouco de si.

JLC: Meu nome completo é José Manuel Morais Lopes Cordeiro. Meu avô materno que me desculpe, pois poucas vezes uso o Morais, por exemplo, em documentos oficiais. Lopes Cordeiro já é comprido. Meu pai já era Lopes Cordeiro e eu fiquei a usar Lopes Cordeiro. Como lhe disse, sou professor de História Contemporânea, o meu doutoramento foi nessa área e estou na Universidade do Minho já vai fazer 30 anos (o tempo passa num instante). E em termos de projectos, tenho vários em curso neste momento. Tenho um projecto comum com dois colegas de Geografia, que é sobre os aproveitamentos hidráulicos e hidroelétricos aqui na Bacia do Rio Ave. É um rio pequenito, mas foi um rio com forte ocupação industrial desde meados do século XIX. É um projecto com várias facetas, por um lado, a preservação da documentação histórica relacionada com atividades e organismos do Estado ligados com esses empreendimentos a partir dos finais do século XIX. Nessa época surgiu legislação para regulamentar os aproveitamentos de água, porque até a situação tinha de se adaptar à nova realidade surgida com a industrialização, pois

com a procura dos rios para implantação de aproveitamentos hidráulicos e depois hidroelétricos, houve a necessidade de regulamentar esta atividade. Surgiram muitos pedidos e então criaram-se, no âmbito do Ministério da Economia, Serviços de Hidráulica que começaram a apreciar e legalizar esses pedidos. Obviamente esses pedidos geraram processos ligados às fábricas, mas poderiam ser também azenhas, engenhos de linho etc., há uma grande variedade. E essa documentação é preciosa porque revela-nos como é que as empresas se desenvolveram e, acima de tudo, porque o arquivo que estamos a explorar tem documentação inédita, muito pormenorizada, pois essas empresas eram obrigadas a apresentar uma descrição dos equipamentos, plantas, obras que foram realizando etc. Em termos de peças documentais existem exemplares muito bonitos, aguareladas, algumas delas um tanto ou quanto *naïfs* (principalmente as relativas aos moinhos) e temos a felicidade de ter acesso a essa documentação.

72 |

Nos últimos anos, com a situação complicada em que a economia portuguesa se encontra, houve a necessidade de reorganizar alguns serviços, que foram integrados noutros mais vastos, de modo que relativamente a esta documentação ficou-se um pouco sem se saber o que fazer. Há a obrigação de incorporar essa documentação na Torre do Tombo, no Arquivo Nacional de Portugal, mas também pode ser incorporada nos arquivos distritais. Enfim, nós trabalhamos aqui já há alguns anos e propusemos à Câmara Municipal de Guimarães que incorporasse no arquivo municipal, que no âmbito dos arquivos do Estado em Portugal é um arquivo muito especial, pois sendo municipal dispõe de funções distritais, o que teve a ver com a rivalidade entre as cidades de Braga e Guimarães, sendo um caso único a nível nacional. Com a incorporação no arquivo municipal de Guimarães resolve-se o problema legal e ao mesmo tempo permite-se o acesso a essa documentação, que é base deste projecto, que é estudar as várias vertentes da utilização da água na Bacia do rio Ave, que teve uma ocupação industrial intensíssima desde meados do século XIX. É um projecto muito interessante, muito rico e, ao mesmo tempo, permite

resultados a curto prazo porque temos acesso fácil e rápido à documentação conseguindo, com algum trabalho, descrever e reconstituir os processos de implantação industrial praticamente desde o seu início nesta região; neste momento estamos a tratar apenas os moinhos, e encontrámos toda a documentação relativa aos respectivos aproveitamentos hidráulicos, por exemplo de um determinado concelho da Bacia do Ave. O que é uma coisa impressionante, porque atualmente não há a memória de grande parte destas estruturas, pois fisicamente já desapareceram há muito tempo. Encontrámos as plantas, descrições, é muito interessante e até apaixonante. Era uma exigência aproveitar o acesso a esta documentação para realizar este trabalho.

TB: Voltando um pouco no tempo, o senhor poderia nos contar qual a motivação que sentiu ao assumir o tema do Património Industrial nos seus estudos?

JLC: Comecei muito cedo, era ainda estudante. Com mais dois colegas, mais velhos e na altura não nos conhecendo, fomos os primeiros a interessar-nos aqui em Portugal, pelo Património Industrial. Eu estudei fundamentalmente no Porto e aqui em Braga (pouco em Lisboa) e no curso de História, claro que já me interessava por História Contemporânea e História Económica Contemporânea, mas foi um tanto ou quanto por acaso que tive conhecimento da existência desta área de investigação, inicialmente da Arqueologia Industrial. Porque foi nos finais dos anos setenta, quando a Arqueologia Industrial e o Património Industrial ainda se confundiam; depois foram-se definindo e apresentaram os seus conteúdos e metodologia de forma mais precisa. Naquela época, não se conhecia a Arqueologia Industrial, era ignorada em Portugal, incluindo nos meios académicos. Aliás, com exceção dos países do centro e do norte da Europa, na Europa do sul praticamente não existia. Estava a nascer precisamente nessa altura. Na Itália, na segunda metade dos anos setenta, em Espanha era ainda muito débil e em Portugal não havia praticamente nada. En-

contrei num livro de um autor francês que, por sua vez, fazia referência a um livro que se chamava *Industrial Archaeology in Britain*, do Buchanan. Nunca tinha deparado com esse conceito, e fui consultar aquele livro. Tive que encomendar através de uma livraria, pois não existia no Porto, onde naquela época eu vivia. E fiquei muito interessado, de certa maneira, foi “amor à primeira vista”. Porque a Arqueologia Industrial proporciona uma dimensão material à História Económica, que me interessava, e que acima de tudo me permitia compreender e explicá-la melhor do que apenas com base na documentação. Ou seja, o que é que a Arqueologia Industrial e o Património Industrial nos proporcionam? Proporcionam-nos uma compreensão muito mais completa e aprofundada, muito mais real, muito mais exata, muito mais segura, muito mais rigorosa, do que foi o processo de industrialização. E acima de tudo, também nos permite compreender aspectos que, através da documentação, não nos aperceberíamos. O Património Industrial permite enriquecer a leitura do passado económico de uma região, e depois também abre para muitas outras perspectivas, desde a perspectiva da história social, da história da arte, da história das mentalidades, enfim, é muito mais enriquecedor estudar a História Económica através da perspectiva do Património Industrial ou mesmo da Arqueologia Industrial, são coisas diferentes.

TB: Então como se pode compreender o que é o Património Industrial?

JLC: São todos os vestígios materiais das primeiras fases do processo de industrialização. Estou envolvido há trinta anos com o Património Industrial, sou suspeito para falar, na realidade, se formos ver bem as coisas na história da humanidade, só há dois momentos chave: o neolítico e a revolução industrial, a industrialização. A partir do neolítico tudo muda, o homem sedentariza-se começa a cultivar, nascem as cidades, nasce a civilização. A partir da industrialização, todo o modo de vida e de entendimento das coisas, a produção de bens, a

sociedade, a cultura, tudo muda. São precisamente essas novidades que a industrialização provoca que são traduzidas materialmente, não são apenas com as máquinas e as fábricas, mas é toda sociedade, é todo o conjunto. São os cinemas, os transportes, os serviços públicos (água, eletricidade, saneamento), a habitação, e depois podemos ir buscar outras dimensões, como por exemplo, a maneira de usufruir dos tempos livres, há inúmeras dimensões a explorar. Civilizações industriais que nascem a partir dos finais do século XVIII e princípios do século XIX e claro, os seus vestígios que o próprio ritmo do seu desenvolvimento foi superando. E esses vestígios são importantes porque, precisamente, constituem marcos, permitem-nos ter essa compreensão de como as coisas ocorreram e de facto, podemos ler mil descrições de uma fábrica, mas se virmos a fábrica, ou mil descrições de um bairro operário, mas virmos o bairro operário e as condições de habitação existentes, é completamente diferente, não é? Essa dimensão “tridimensional”, digamos assim, que o Património Industrial proporciona, permite até uma relação diferente com a disciplina, porque é uma relação muito mais abrangente. Não é que se despreze a documentação, pelo contrário, a documentação é importante, é essencial, e é necessário analisar a documentação disponível antes de partir para o terreno, como, aliás, na arqueologia clássica. Mas a procura dos vestígios, a sua análise e estudo é totalmente diferente, é muito mais realizador do que trabalhando apenas com base na documentação.

|75

TB: Sabendo que foi “amor à primeira vista” sua relação com o tema do Património Industrial, e considerando o processo de busca de vestígios, de rastros, o senhor poderia nos contar sua primeira experiência com esta temática?

JLC: Portugal viveu uma industrialização tardia e pouco intensiva. E nos anos setenta ainda havia muitas fábricas do século XIX que estavam mais ou menos intactas. A grande destruição do Património Industrial ocorreu precisamente a

partir daí e nós não tínhamos então uma comunidade forte nesta área para intervir e evitar a sua destruição. Mesmo assim houve intervenções importantes, e pode-se dizer, fazendo um balanço destes últimos trinta anos, que o Património Industrial teve muitas derrotas, mas também conquistou algumas vitórias. Consegui, por exemplo, que hoje a opinião pública seja sensível à preservação do Património Industrial. Muitas vezes os noticiários regionais na TV abrem com denúncias sobre o estado de uma ameaça a algum sítio que é Património Industrial. Isso é uma conquista muito importante. Mesmo que muitas vezes a resolução definitiva acabe por conduzir à demolição desse sítio, houve uma sensibilização, uma mobilização da opinião pública da sociedade que compreende a importância da preservação desse tipo de património. Isso é uma vitória, apesar das derrotas, que são maiores, infelizmente, porque destruiu-se muita coisa, às vezes de uma forma gratuita. Tivemos uma industrialização tardia, Portugal era um país pouco desenvolvido, e depois tivemos uma ditadura que durou quase cinqüenta anos e que não proporcionou uma alteração substantiva da infraestruturas económica. Havia uma lei de condicionamento industrial que impedia ou dificultava a modernização das empresas. E de modo que conservaram-se máquinas que eram obsoletas mas que continuavam a funcionar. E o problema é que, também por causa disso, muitas empresas foram à falência, quando a situação se alterou. De modo que, claro, eu interessei-me, achei interessante, curiosa a expressão, o tema da Arqueologia Industrial. Fiquei surpreendido com a bibliografia que li, e depois no aprofundamento do que era, e comecei a ver o que existia em Portugal, e havia, na altura, muita coisa, que ainda não tinha sido destruída. E soube depois que havia duas pessoas, uma em Lisboa e outra em Coimbra, que estavam a trabalhar nesta área e pus-me em contacto com os colegas de Lisboa, através de uma pequena Associação que então tinham criado, éramos pouquíssimos. Hoje há mais interessados, felizmente.

TB: E dentro desse contexto, poderia comentar sobre seu primeiro projeto de pesquisa?

JLC: Na realidade, o primeiro projecto que realizei, porque participei em vários, foi um projecto em 1986, 1987, quando entrei para professor na Universidade do Minho, o qual constituiu um Inventário do Património Industrial da Bacia do rio Ave. Foi a primeira coisa que fiz e que achava que era importante fazer, aliás, ainda hoje é necessário realizar o inventário do Património Industrial a nível nacional. Iniciei também a publicação, na Universidade do Minho, de um boletim, intitulado *Arqueologia Industrial*, que depois se transformou numa revista e que atualmente é a única revista portuguesa na área da Arqueologia e do Património Industrial. Era uma área completamente desconhecida, e o boletim iria divulgá-la, e ao mesmo tempo incentivar estudos que merecessem ser publicados. Como referi, inicialmente, era um boletim, uma coisa modesta, um boletim informativo, mas também com notícias de publicações etc. Depois transformou-se numa revista científica, académica, e hoje em dia é o que ela é. Enfim, não é fácil editar uma revista, ainda mais numa situação de crise como é a que se vive, porque fica caro e as universidades, infelizmente, quase que deixaram de publicar revistas porque não há recursos, é uma situação catastrófica, é terrível. E a revista vai saindo, publicamos um número por ano, e, portanto, esse foi um dos primeiros projectos que concretizei.

Um outro projecto foi criar um museu nesta região da Bacia do Ave, que é uma região têxtil algodoeira. A indústria do algodão estabeleceu-se primeiro no Porto, ainda no final do século XVIII, e na primeira metade do século XIX existiam muitas tecelagens de algodão. Depois alargou-se para a Bacia do Ave, onde ainda hoje há um número razoável de fábricas têxteis. Isto foi em 1987, quando se estava a iniciar o processo de desindustrialização e Portugal tinha acabado de entrar para a União Europeia (UE), no ano anterior. A partir daí, infelizmente, começou a haver uma sucessão de falências de fábricas têxteis, que já viviam numa certa artificialidade, porque esta-

vam tecnicamente falidas, descapitalizadas, mas mantinham-se graças a empréstimos bancários; isso foi fatal, iam sobrevivendo à custa do crédito bancário, e quando este foi cortado, faliram imediatamente. O projecto do Museu interessou a vários municípios aqui da região e criou-se o Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave, para salvaguardar a memória têxtil desta região e tentar recolher o espólio dessas fábricas, que ia ser destruído, ia para o lixo, e muito foi, infelizmente. Nós criámos o Museu, que teve muitas dificuldades, mas que ainda hoje existe numa cidade pequenina, Vila Nova de Famalicão (entre Braga e o Porto) e essas dificuldades existiram e existem porque estas áreas da cultura são sempre pouco financiadas. Apesar de todas as dificuldades, conseguimos recolher alguma documentação, assim como maquinaria de interesse histórico. Há, contudo, um problema, quando uma empresa vai à falência. Todos os seus bens ficam sob a tutela do tribunal e depois vão a leilão para se realizar o dinheiro para remunerar os credores, sendo a documentação destruída, porque não lhe é atribuído valor. Esta situação já foi denunciada há muito tempo, mas infelizmente continua assim. E para se vender a maquinaria constituem-se lotes que depois vão a leilão. É um processo no qual não há possibilidade de intervir para salvar o património, sejam máquinas, documentação etc. No Museu temos a maquinaria de todo processo de produção, que vai desde a entrada do algodão na fábrica até à saída, temos as máquinas todas, que foram doadas. O Museu não compra nada, só aceita doações (também não tem dinheiro para comprar), mas são doações das empresas aqui da região e às vezes até de mais longe, pois têm conhecimento da existência do Museu e, como então não havia outro Museu como este em Portugal, contactavam-nos a propor a doação. Entretanto, foi criado outro museu têxtil, aliás muito bom, na Covilhã, consagrado à indústria dos lanifícios, que tem muito boas instalações, uma fábrica magnífica, que foi recuperada e reutilizada para museu. Nós temos instalações precárias, fracas, já salientámos a necessidade de mudar, mas ainda não houve a possibilidade em fazê-lo. Mas o Museu terá que mudar, obrigatoriamente,

pois o espaço atual não tem dignidade para constituir as suas instalações definitivas. Mas era uma questão de não adiar a criação do Museu, aguardando por melhores instalações, sob pena de se perder muito património. Deste modo, fomos para lá, mas sempre na expectativa de vir a mudar de instalações, embora já lá estejamos há um bom tempo. Mesmo assim, tem permitido desenvolver várias iniciativas, que em minha opinião estão aquém do que gostaria de fazer, mas nas condições atuais é o que é possível fazer.

Dos projectos iniciais, há um terceiro que desenvolvi, entre 1987 e 1989, que foi a organização da primeira Exposição de Arqueologia Industrial que se fez no norte do País e uma das primeiras em Portugal. Uma grande Exposição, em Matosinhos, que é uma cidade com grande tradição na indústria de conservas do peixe, pois está no litoral. Existiram mais de cinquenta fábricas, mas nessa altura já havia poucas, porque o processo de desindustrialização foi muito rápido, e da mesma forma propus, através da Universidade, ao prefeito de Matosinhos a organização de uma Exposição que eles patrocinassem sobre a indústria conserveira em Matosinhos. Eles aceitaram e a Exposição teve um grande sucesso porque não só era uma novidade, como era algo muito identitário daquela cidade, grande parte da população tinha estado envolvida na indústria conserveira, e que nunca tinha sido valorizada. Conseguimos encontrar e apresentar muita maquinaria, muitos objectos, que depois se perderam, infelizmente, porque a Exposição durou meia dúzia de meses, mas depois tudo teve de ser devolvido aos proprietários, que no entanto estavam dispostos a doarem à Câmara de Matosinhos se esta criasse um museu sobre a indústria conserveira, mas eles não quiseram, foi uma coisa inglória. Mas foi uma Exposição muito bem sucedida em termos de impacto social e cultural, e nos média, foi a primeira grande Exposição no norte do país, pois anteriormente só tinha sido feita uma exposição em Lisboa, na Central Tejo, que faz agora, precisamente, trinta anos. E esses foram os três primeiros projectos que realizei na área do Património Industrial.

TB: A partir desta experiência, o senhor acompanhou o processo de transição de espaço fabril para um museu em Fimalicão?

JLC: Não acompanhei porque o museu não está instalado numa fábrica, mas sim nos seus armazéns. Atualmente, a fábrica nem sequer existe, foi demolida. E os armazéns, são apenas simples armazéns, por isso é que digo que o museu está mal instalado. Aqueles edifícios não têm qualidade, é tijolo e mais nada, têm pouco espaço, portanto, não apresentam as condições necessárias para albergar um museu. Porque são construções extremamente funcionais, eram para guardar mercadoria, não tinham nada de especial, foi o que restou da fábrica. São instalações feias, fracas, insuficientes e mal localizadas. A única coisa boa é que nos permitem desenvolver um conjunto de iniciativas, que têm sido importantes para a salvaguarda da memória têxtil da região.

TB: O senhor poderia nos apresentar a composição do Museu da Indústria Têxtil da Bacia do Ave (quais as peças, a distribuição e organização dos espaços etc.)?

80 |

JLC: Temos no Museu um salão que reconstitui todo o processo produtivo, desde a entrada dos fardos de algodão na fábrica à passagem na primeira máquina para limpeza, seguindo para as cardas, depois para a fição e depois para a tecelagem. Temos a maquinaria toda, a linha de produção completa, com peças históricas do princípio/meados do século XX, e temos também um conjunto de máquinas diversas, avulsas. Temos um problema, que é a área da reserva já estar saturada e não termos mais espaços para incorporar mais maquinaria, porque às vezes temos propostas de doação de peças interessantes, que valeriam a pena preservar, e não temos hipótese de aceitar, o que é uma má imagem para o museu. Mas esses casos têm sido raros e estamos a tentar resolver o problema. E depois, o museu tem documentação de fábricas antigas, infelizmente conseguimos salvar muito pouco dos arquivos das fábricas antigas, mas temos plantas, correspondência, catálogos, livros técnicos, temos um bocadinho de tudo.

E depois dispomos de outro sector muito interessante, que nos foi doado. Como a indústria têxtil aqui em Portugal teve uma importância muito grande, havia um Instituto dos Têxteis, um organismo que fazia análise das matérias-primas. Era uma espécie de laboratório, e que foi extinto há alguns anos. Quase toda a biblioteca do Instituto dos Têxteis, composta por livros e revistas dos anos 1920 aos anos 1970, que é uma biblioteca técnica fabulosa, foi-nos doada. Portanto para estudar os processos produtivos antigos, em Portugal praticamente só nós é que dispomos dessa bibliografia. E, neste processo de salvaguarda ocorreu um acontecimento que muito me agradou. Durante todo o período em que se desenvolveu a indústria têxtil, por incrível que pareça, não existia formação em engenharia têxtil em Portugal, o que era uma coisa inacreditável; tínhamos uma indústria têxtil bastante desenvolvida, mas não estávamos a formar engenheiros têxteis, o que era incrível. Só passámos a formar engenheiros têxteis a partir de 1980, precisamente quando o sector estava a conhecer muitas dificuldades, com inúmeras fábricas a falirem. Principalmente durante o Estado Novo, no período de Salazar, a indústria têxtil tinha uma importância considerável, e como não formávamos engenheiros têxteis, alguns jovens interessados neste sector, entre eles alguns filhos de donos de fábricas têxteis, iam estudar no exterior, em Manchester ou na Suíça. Depois regressavam a Portugal, alguns para trabalhar nas fábricas da família, e todo o resto da vida estiveram ligados à indústria têxtil.

| 81

O museu teve, precisamente, três doações de engenheiros têxteis dessa geração, que atualmente já estão com noventa anos ou mais, e que nos doaram seus arquivos particulares, o que me tocou bastante, porque é a vida daquelas pessoas, e pessoas competentes, profissionais de grande qualidade, que tinham a sua documentação toda bem organizadinha, isto é precioso, e único! E depois temos um arquivo de história oral, onde preservamos cerca de meia centena de gravações de operários, técnicos, um projecto ao qual deixámos de dar continuidade por não termos pessoal suficiente e qualificado, mas que tentamos retomar. Neste momento, e de há alguns anos a esta

parte, em Portugal estão proibidas as admissões de funcionários em instituições públicas de modo que não temos pessoal para dar continuidade ao projecto. E isso é muito importante e necessário, mesmo porque desse arquivo, algumas pessoas já faleceram e as suas histórias de vida contribuem para percebermos a outra faceta da industrialização e isso é, de certo modo, Património Industrial imaterial. Como a industrialização afetou a vida das pessoas no cotidiano, como as pessoas sofreram, pois, trabalhar na indústria era muito duro. Mas, como disse, esse processo está suspenso a aguardar melhores dias. Essa documentação existe em vídeo, em cassete digital, e temos as respectivas transcrições. E o museu tem proporcionado bastante auxílio aos investigadores que estão a fazer teses de mestrado ou doutoramento, que já têm ido lá e consultado essa e outra documentação.

TB: Então um assunto importante é a divulgação e espaço para debate nas publicações académicas. O senhor poderia falar sobre a revista que, pela sua narrativa, tem uma vida longa?

82 |

JLC: Sim, tem uma vida longa e complicada porque, tendo muitos defeitos e poucas qualidades, uma dessas minhas qualidades, se o posso dizer, é ser teimoso. E editar uma revista é muito complicado, requer muita persistência, e cada vez mais, de modo que a revista está na quarta série, pois foi necessário enquadrá-la em projectos que garantissem a sua publicação, ou seja, obter também patrocinadores, que asseguram a sua edição. A primeira série foi a Universidade do Minho que a garantiu, mas era então um boletim, com custos diminutos. Na mesma época começou o projecto do Museu da Indústria Têxtil, em Vila Nova de Famalicão e, então, fazia sentido que a revista fosse editada no âmbito desse projecto. Então, passou de boletim a revista, uma revista académica, editada pelo museu e pela universidade, embora o museu, sendo municipal, não disponha de orçamento próprio. Essa foi a segunda série.

Entretanto, eu tive um projecto, uma proposta, que era muito interessante, o da criação de um museu industrial no Porto.

Em linhas gerais (o assunto é mais complicado do que isso), suspendi as minhas funções no Museu da Indústria Têxtil para, no Porto, desenvolver o Projecto do Museu da Indústria. E a revista, agora na sua terceira série, passou a ser publicada no âmbito deste novo Projecto, no qual participei com muito gosto, pois o Porto foi uma cidade industrial importante, e cada vez mais o seu Património Industrial e a memória da indústria corriam (e correm) o risco de se perder. Os jovens não sabem, tenho alunos do Porto que quando começo a falar em fábricas da cidade, conhecem as zonas onde as mesmas existiam, mas onde agora existem prédios ou jardins e ficam surpreendidos quando se diz que essa era uma zona industrial, com fábricas. De facto, é que é uma memória que se está a perder. E esse processo começou na década de 1980. O Museu da Indústria era um projecto interessante, desenvolvido com o município do Porto e com a associação empresarial, mas infelizmente acabou praticamente em 2001 por decisão dos promotores. O que aconteceu é uma coisa que acontece frequentemente em Portugal. Durante o período em que desenvolvi esse projecto, que durou oito anos, dois mandatos municipais, no final dos quais o partido político que estava à frente do município perdeu as eleições para outro partido, e este novo tinha uma política anticultural, pelo que decidiu pôr termo ao projecto. Aliás, fizeram pior, uma coisa única que vai ficar nos anais da museologia a nível mundial: votaram em assembleia municipal a extinção do projecto do Museu da Indústria do Porto. E passou por um voto de diferença, enfim uma coisa escandalosa. Todo o material recolhido, máquinas, documentação, está atualmente nas mãos da Câmara Municipal do Porto, que não sabe o que fazer com aquilo. De modo que regresssei ao Museu da Indústria Têxtil, em Vila Nova de Famalicão. E pouco depois iniciei a publicação da quarta série da revista, que é de novo editada pelo Museu da Indústria Têxtil, agora em parceria com a nossa associação, a Associação Portuguesa para o Património Industrial, que é o TICCIH de Portugal.

TB: Sabemos a importância da veiculação das questões e ideias dentro da área do Património Industrial e áreas afins. Nesse sentido, o senhor poderia comentar sobre a composição da revista, os conceitos, sua pluralidade de artigos, a dinâmica editorial?

JLC: É uma revista académica, uma característica que procuramos manter. Para além dos autores portugueses, incluímos também em cada número um artigo sobre o Património Industrial do Brasil, que é riquíssimo, mas pouco conhecido entre nós, pelo que acho importante divulgá-lo. De facto, como pode ver no artigo que consta deste exemplar, o Brasil tem um potencial tremendo em termos de Património Industrial, mas infelizmente é pouco conhecido, mesmo por muitos brasileiros. Então é importante dar-lhe visibilidade, e a partir desta quarta série, todos os números têm pelo menos um artigo sobre o Património Industrial do Brasil.

84 |

TB: A partir de sua trajetória, considerando também a revista e as concepções debatidas, o senhor poderia comentar quais estudiosos são inspiradores no seu trabalho?

JLC: Esta questão é um pouco complicada. Nós estamos filiados no TICCIIH e aceitamos com bom grado a perspectiva que o TICCIIH tem do Património Industrial, que me parece ser a mais adequada porque há algumas concepções algo distintas, que já tinham sido ultrapassadas, mas que surpreendentemente estão a conhecer de novo algum relevo.

TB: Poderia então comentar o que afirma o TICCIIH sobre Património Industrial?

JLC: Tem a ver com várias definições de Património Industrial, nomeadamente em termos cronológicos. Há quem considere que a arqueologia e o Património Industrial vêm já desde a Pré-História, porque sempre houve indústrias em todas as épocas históricas, o que é verdade, mas antes do início do processo de industrialização nos finais do século XVIII eram

indústrias que se exerciam em moldes diferentes, pelo que o período cronológico de que a arqueologia e o Património Industrial se ocupam inicia-se precisamente nessa época. Portanto, em termos teóricos, nós temos uma visão que coincide mais com a perspectiva anglo-saxônica, que foi desenvolvida pela associação inglesa, a AIA – *The Association for Industrial Archaeology* – que é o TICCIH da Grã-Bretanha, e por alguns autores, como Marilyn Palmer e outros autores britânicos. São aqueles que têm uma reflexão e pontos de vista com que eu mais me identifico. Porque esta questão tem a ver um pouco com a evolução do próprio conceito da Arqueologia Industrial e do Património Industrial, desde que aquela surgiu em meados da década de 1950. Quando nessa época, os ingleses, e agora vamos deixar de parte todos aqueles autores do século XIX que utilizaram a expressão Arqueologia Industrial, na realidade a disciplina nasce nos pós II Guerra Mundial, nasce na Grã-Bretanha, que então reunia todas as condições necessárias para tal ocorrer. Mas tem outros problemas. O primeiro problema é que o nome está errado, embora atualmente não seja possível, nem conveniente, alterá-lo. Porque, do meu ponto de vista, deveria denominar-se arqueologia da Época Contemporânea. Todas as épocas históricas têm a sua arqueologia: Arqueologia Pré-Histórica, Pré-Clássica, Clássica, Medieval, Moderna e também a Contemporânea, que nasceu como Arqueologia Industrial, embora tal tenha uma justificação dado o papel decisivo da indústria moderna na transformação da sociedade então existente. Porque surgiu na Grã-Bretanha e o Património Industrial tem de facto uma grande presença e evidência neste país. De modo que houve alguém, no caso foi Michael Rix, que cunhou a nova disciplina com esta designação, e como ela se popularizou assim, agora não há nada a fazer. Aliás, qualquer explicação adicional à sua denominação seria até um pouco anedótica: “não se pode dizer Arqueologia Industrial porque não se estudam só as fábricas, o que se procura realizar é a arqueologia da sociedade que nasce com a industrialização, por isso é a arqueologia da Época Contemporânea”. Quem está familiarizado com a disciplina sabe que

é isso, quem está por dentro do assunto já sabe que é assim, não precisa dizer, e, portanto, vamos ter que usar a expressão Arqueologia Industrial porque foi assim que ela nasceu e se popularizou.

Na realidade há já vários anos que Arqueologia Industrial quer dizer arqueologia da Época Contemporânea, arqueologia do processo de industrialização que marca o nascimento e desenvolvimento desse período histórico. E por isso mesmo estamos a fazer uma delimitação cronológica, tudo que é anterior ao século XVIII não é Arqueologia Industrial, mas integra-se na arqueologia do correspondente período histórico. Nos primórdios da disciplina, e durante algum tempo, considerou-se que a Arqueologia Industrial era a arqueologia da indústria, ou seja, exagerando um pouco, as indústrias líticas da Pré-História já eram Arqueologia Industrial. Não, não são, porque só no século XVIII é que se verificou uma ruptura, com o nascimento da fábrica moderna e da sociedade industrial. Todas as suas conseqüências, organização do espaço de trabalho, concentração de mão de obra, utilização de máquinas, linhas de produção, utilização de novas formas de energia, papel do investimento em capital etc., tudo é totalmente diferente, nada disso havia antes, por isso o campo de investigação da disciplina inicia-se nos finais do século XVIII ou princípios do século XIX, consoante os diferentes países e zonas do globo.

Mas a própria expressão Revolução Industrial também está errada, porque de uns anos para cá, os historiadores económicos consideraram (e com razão) que ao utilizar-se a palavra “revolução” se está dar a entender que o processo de transformação originado pela industrialização foi extremamente rápido, quando não foi assim, ou melhor, terá sido rápido, numa ou noutra região ou país – por exemplo, na Grã-Bretanha –, mas na generalidade até nem foi. Há zonas do globo – aliás, mesmo na própria Grã-Bretanha –, que só muito tarde foram tocadas pela industrialização. Agora vamos dizer que não se deve utilizar a expressão Revolução Industrial por-

que o processo foi mais lento nalguns países e regiões? Não dá, o conceito também está popularizado, e quanto aos especialistas, estes sabem do que se está a falar quando se utiliza aquela expressão. E com a Arqueologia Industrial, passa-se o mesmo. Não é a expressão mais adequada, porque dá a ideia de que nos interessamos apenas pelas fábricas, pela indústria, quando não é apenas isso, mas está popularizada, também não há nada a fazer. Claro que, como referi, de certa maneira há uma certa justificação para que a indústria tenha essa preponderância, porque constituiu o motor da transformação daquelas sociedades. De modo que é decorrente da industrialização que tudo se transforma. Daí podermos aceitar esta expressão, Arqueologia Industrial. Agora, quando a mesma nasce em meados dos anos cinquenta, início dos anos sessenta, só se utilizava a expressão Arqueologia Industrial, muitas vezes quando nos queríamos referir ao Património Industrial. Esta área era ainda muito embrionária, tendo nascido fora da universidade, naqueles cursos extramuros da Universidade de Birmingham, com Michael Rix. Nasce também como uma reação da sociedade civil ao desaparecimento do património que a reconstrução do Pós-Guerra suscita na Grã-Bretanha. É, nomeadamente, o caso do pórtico dórico de entrada na estação de Euston, em Londres, que foi então demolido, e que fez com que a expressão Arqueologia Industrial fosse muito popularizada pelos meios de comunicação social. Comentadores, historiadores da arte britânicos, muito conceituados, intervieram em defesa do pórtico, mas não resultou porque as autoridades ferroviárias deitaram mesmo aquilo abaixo. Isso foi, de certa forma, traumático para a sociedade britânica, que se identificava com os valores que o pórtico representava, ou seja, com os primórdios da construção da rede ferroviária naquele país, na época vitoriana.

E, nesses anos sessenta, a Arqueologia Industrial começou a penetrar no mundo académico, nas entidades responsáveis pelo património, na Grã-Bretanha, na Bélgica, na Alemanha, nos Estados Unidos. Entretanto, esta área de investigação evoluiu, definindo melhor os seus conceitos. E na segunda meta-

de da década de 1960 nasce um conceito novo, que é o de Património Industrial, *industrial heritage*, que nunca tinha sido empregue, considerando-se até então Arqueologia Industrial o que muitas vezes era Património Industrial. Isto porque o conceito de Arqueologia Industrial tinha surgido assim como que espontaneamente. Mas há que efetuar aqui uma distinção: a Arqueologia Industrial tem essa pretensão, a de constituir uma disciplina que utiliza o método científico da arqueologia. A arqueologia tanto se pode aplicar num passado remoto como num passado recente. A leitura arqueológica de um sítio tanto pode ser feita numa fábrica como num edifício ou ruína da época romana. A arqueologia tem uma metodologia própria, portanto, aplica-se à Pré-História, ao período romano, medieval, ou contemporâneo, aliás, eu costumo citar um exemplo de um famoso arqueólogo que se dedicou à Pré-História, pois quando, nos finais da década de 1970, chegou a Arqueologia Industrial aqui a Portugal, houve uma reação muito forte dos arqueólogos “clássicos”, que achavam que arqueologia e a sua metodologia não se aplicava a um passado recente, uma vez que para obter o seu conhecimento não era necessário proceder a escavações, pois havia muita documentação, quando é sabido que muitas vezes até nem há.

E, aliás, nós temos neste momento exemplos de que se não fosse o recurso à escavação arqueológica *stricto sensu* não se conseguia aumentar o conhecimento sobre uma fábrica importante. Isso aconteceu no Porto, por exemplo, com a fábrica de cerâmica de Massarelos, uma fábrica de meados do século XVIII, da qual só existe documentação das suas instalações a partir do final do século XIX. Esta fábrica, fundada no tempo do marquês de Pombal e que laborou até à década de 1980, ficou famosa por produzir louça de grande qualidade. Massarelos era uma freguesia periférica (hoje é, praticamente, central na cidade) e a fábrica ali situada, com uma história riquíssima, ardeu em 1920, vindo os proprietários a reconstruí-la noutro lugar da cidade. E aquelas ruínas, por incrível que pareça, permaneceram anos e anos abandonadas, até há algum tempo, quando foram alvo de urbanização. Gra-

ças à União Europeia - UE (tem coisas boas também), há uma legislação que Portugal transpôs para a legislação nacional e que obriga a que cada vez que há uma construção, seja obrigatório efetuar uma sondagem arqueológica. Já se sabia que aquilo era um sítio onde já tinha estado uma fábrica, embora na superfície não houvesse vestígios da área de laboração, a fábrica estava no subsolo. Então, quando se escavou o local encontraram-se três fornos, dos quais ninguém sabia a existência, para além de uma enorme quantidade de fragmentos de cerâmica, ou seja, de um importante espólio arqueológico que permite uma outra leitura, mais pormenorizada e completa, da história da fábrica, graças à escavação arqueológica. Ora, esta situação é uma prova evidente que a Arqueologia Industrial pode ser aplicada a época contemporânea, proporcionando um conhecimento que de outra forma não se poderia obter, com resultados muito positivos do ponto de vista científico.

A questão é que aqui em Portugal os arqueólogos “clássicos”, digamos assim, atuavam de uma forma corporativa, até por causa da escassez das verbas disponíveis para os trabalhos arqueológicos. Há poucas verbas para a arqueologia, há muita concorrência a disputar verbas, e então eles diziam: “ah... a Arqueologia Industrial não é arqueologia, porque aborda um passado muito recente para o qual há muita documentação escrita”. Agora essa situação alterou-se. Os próprios arqueólogos dessas épocas mais remotas já reconhecem o valor da Arqueologia Industrial. O arqueólogo que então costumava citar, e que há pouco referi, Grahame Clark, já falecido, que foi um arqueólogo britânico que se dedicou à Pré-História, o qual tem um livro editado em 1957 e que foi traduzido para português (*Arqueologia e Sociedade*), onde há uma passagem em que defende a intervenção arqueológica para a época contemporânea, afirmando que se pode recorrer à arqueologia para investigar qualquer época histórica, mesmo muito recente. Então é aquele argumento da autoridade, um arqueólogo “clássico” diz que é conveniente recorrer à arqueologia para investigar épocas recentes que não estejam suficientemente

documentadas. Não gosto de utilizar o argumento da autoridade, mas neste caso silenciava os detratores da Arqueologia Industrial.

De modo que nos finais da década de 1960 começou a efetuar-se a distinção entre Arqueologia Industrial e Património Industrial. A Arqueologia Industrial é uma disciplina arqueológica que estuda a Época Contemporânea. E agora temos o Património Industrial que é outra coisa, ou seja, é o estudo dos vestígios materiais do processo de industrialização, que de facto, são “matéria-prima” da arqueologia, mas do ponto de vista do Património Industrial é utilizada uma metodologia diferente. Porque uma intervenção arqueológica tem uma metodologia própria, para além de necessitar de reunir uma série de requisitos, que passam inclusive pela disponibilidade financeira, pois uma escavação custa bastante dinheiro, e não é só a escavação, é o pós-escavação, tem que se salvar o património trazido à superfície, não se pode abandonar essas estruturas às intempéries e ao vandalismo. Para estudar o Património Industrial não é necessária essa exigência, podemos estudá-lo do ponto de vista histórico, arquitetónico etc. Portanto, o Património Industrial diz respeito aos vestígios materiais do processo de industrialização, que são muito diversos, incluindo os materiais e os imateriais, que era algo que não se colocava até os anos noventa.

90 |

TB: Nesse processo de afirmação da disciplina Arqueologia Industrial e sua relação com Património Industrial, e nessa perspectiva de uma concepção ampla de Património, o senhor poderia comentar sobre aspectos do restauro e salvaguarda?

JLC: Na realidade há, de certo modo, um atraso compreensível, porque a preocupação em termos de conservação e salvaguarda do Património Industrial surge principalmente a partir do final da década de 1970 em grande parte dos países da Europa do Sul. Claro que de há uns anos para cá a conservação do património (sem ser o industrial) começou a desenvolver-se, com a criação de escolas de conservação e de restauro. O

restauro que é fundamental, em Portugal, era feito apenas por um instituto do Estado, que era o Instituto José Figueiredo, atualmente Instituto Português de Conservação e Restauro. Todas peças de museus do Estado, principalmente património artístico, que necessitavam de restauro eram enviadas para lá, e o Instituto demorava muito tempo, porque não dispunha de técnicos em número suficiente e também porque o restauro é um processo lento, minucioso, demora tempo. Depois, não havia os meios financeiros nem técnicos para efetuar o restauro de tantas peças. De modo que havia peças que ficavam lá durante vários anos.

Ocorre-me uma peça, o laudel de D. João I (era uma peça do vestuário que se colocava por cima da armadura), uma peça do século XIV que estava já em muito mau estado. E demorou uma série de anos para ser restaurada. Para certo tipo de património, não se tinha capacidade de resposta, apesar do instituto dispor de bons técnicos, mas para além de poucos também não tinha os meios financeiros necessários. Esse é um problema que afeta todo campo do património e não só relativamente ao Património Industrial, em Portugal, Espanha, França, e noutros países. Os escoceses e os canadenses estão a desenvolver uma boa produção neste domínio da conservação e restauro de acervos industriais, apresentando as reflexões teóricas mais importantes, assim como as melhores práticas de atuação em termos de conservação e restauro de Património Industrial, com exceção do património ferroviário, onde há uma importante tradição na Europa do Sul – nós mesmos, os espanhóis, franceses, italianos –, embora o património ferroviário seja um tipo especial de Património Industrial.

Nós temos no Porto o Museu do Carro Elétrico, que infelizmente está fechado para remodelação já há algum tempo, o qual constitui um bom exemplo de recuperação de antigos bondes, de uma forma excepcional, com grande rigor histórico. Se um museu industrial português tiver uma máquina a vapor e quiser recuperá-la, é difícil encontrar alguém com capacidade para o fazer. De modo que neste momento temos em

Portugal uma carência, e quando começa a surgir um número considerável de museus industriais, começa a ser necessário criar em Portugal esta valência, a capacidade de responder às necessidades de conservação e restauro do Património Industrial, seja metalúrgico, cerâmico, têxtil, porque atualmente não há. Nem sequer há muita bibliografia. E nesses países, como a Escócia ou o Canadá, que têm magníficos museus industriais, para além de organismos do Estado na área do Património Industrial sensibilizados para esta área, é natural que estejam mais avançados nestes domínios.

Há um outro país que também tem vindo a desenvolver um trabalho notável na área de conservação e restauro do Património Industrial, mas por uma razão óbvia – a dificuldade em entendermos a língua – nós não o acompanhamos, que é o Japão. Estive lá por duas vezes e apercebi-me de que estão a desenvolver um trabalho de grande qualidade, de alto nível. Mas os canadenses e escoceses encontram-se efetivamente na vanguarda. Claro que até há pouco tempo, o Património Industrial não tinha dimensão nem relevância suficientes para dispor de verbas ou apoio de instituições do Estado, mas atualmente essa situação alterou-se. Eu, neste momento, oriento uma tese de doutoramento na área de conservação do Património Industrial e tenho todo o interesse em que se possa criar esta área de investigação em Portugal, porque não existe.

No Museu da Indústria Têxtil temos uma oficina de restauro com dois operários têxteis reformados, que foram contratados para prestarem esse apoio. Mas temos consciência de que estamos aquém do que é necessário. Temos que fazer aqui um processo de aprofundamento, de acumular experiência, de sintetizar as questões teóricas que se colocam num restauro de bens industriais, para responder às necessidades existentes, mas temos consciência de que estamos a desbravar terreno, porque até agora nunca ninguém o fez. Criar metodologias, com suporte teórico, para intervir na área de conservação e restauro de bens patrimoniais de carácter industrial. Mesmo o restauro que se tem vindo a realizar no património ferroviário

ou dos bondes, pode ser questionado. Porque para o património ferroviário há uma carta patrimonial que contempla os cuidados e os requisitos que se deve ter para conservação deste tipo de património, que não pode ser efetuado de qualquer maneira (publicámos, precisamente, um artigo sobre esta temática na *Arqueologia Industrial*). E a sensação que tenho é que o restauro do património ferroviário que tem sido realizado em Portugal, nas oficinas da Companhia ferroviária (CP), é efetuado por técnicos competentes, mas numa perspectiva que talvez não seja a mais indicada do ponto de vista patrimonial e histórico. Aqueles técnicos recuperam as locomotivas, as carruagens, como sempre fizeram quando as mesmas estavam ao serviço e tinham que assegurar a sua manutenção. Ficam impecáveis, mas tal pode não ser a melhor maneira de se fazer o restauro do património ferroviário histórico. Vejo de facto que as locomotivas, as carruagens, está tudo a brilhar, mas não sei se seria preferível haver partes que não estivessem a brilhar, porque essa era a real situação a que a sua utilização conduziu e não pode nem deve ser alterada. O restauro de um equipamento ferroviário histórico, ou do Património Industrial no geral, não exige que tenha de ser devolvido ao seu estado original, tal como quando foi construído. O material que for substituído por um novo deve ser identificado como tal, com um sistema de marcação permanente, para que o visitante se possa aperceber de que existiu uma intervenção.

| 93

TB: Esse debate é muito interessante, o processo de transição do artefato do espaço fabril para um espaço de exposição museológica. O senhor poderia dar algumas orientações de como apresentar os artefatos e documentos ou como proceder neste processo?

JLC: Tenho essa preocupação há muitos anos. Quando viajo, procuro sempre conhecer museus, nomeadamente museus industriais. E recordo-me que na Dinamarca, aqui há uns anos, fui visitar um museu têxtil e quando lá cheguei deparei com instalações impecáveis, tudo muito aseado, tinham instalado um elevador nas janelas da fábrica, as persianas subiam

e desciam ao toque de um botãozinho. Agora já existem em Portugal, mas na época nunca tinha visto. Ou seja, uma fábrica têxtil do século XIX tinha sido adaptada para museu, mas, na realidade, deram cabo da fábrica. As condições de trabalho na indústria têxtil estavam completamente falsificadas, dando uma ideia errada ao visitante, principalmente aos jovens, que não conheceram esse passado. Aquilo era uma coisa muito higiênica, muito branca, muito limpa, tinham lá as máquinas magníficas, exemplares históricos e patrimoniais de grande interesse e valor, mas o contexto era completamente artificial, nada daquilo tinha a ver com a realidade da indústria têxtil, nem no século XIX nem no século XX. O que é que deve ser um museu? O museu deve tentar preservar as reais características da produção daquela fábrica quando estava em laboração.

Em Portugal, e provavelmente também no Brasil, em muitas oficinas de uma fábrica era freqüente encontrar nas paredes, por exemplo, calendários com fotografias pornográficas. Então, acho que no museu, se quisermos reconstituir uma oficina, temos que manter o calendário com a senhora a mostrar os dotes com que a natureza a dotou, era assim que estava, com a natural sujidade de um espaço de laboração, embora, claro dentro das normas museológicas e da legislação que se devem respeitar, relativas à limpeza, às distâncias entre os equipamentos expostos, mas não se pode adulterar completamente o real ambiente de trabalho que havia naquele momento para criar uma coisa artificial, branquinha, limpinha. Aquelas não eram as condições que então existiam na indústria, na têxtil ou em qualquer outra. Para um visitante pouco informado ficará a ideia a maravilha que era trabalhar na indústria têxtil. No Museu da Indústria Têxtil, apesar de não dispormos das condições que acho que deveriam existir, mesmo assim procuramos proporcionar ao visitante a dureza que era trabalhar nas fábricas têxteis. Por exemplo, colocamos dois teares do princípio do século XX a trabalhar, para se ouvir o barulho infernal que produzem, e depois dizemos aos jovens: “imaginem um salão com cem teares destes a funcionar em simultâ-

neo e os operários a trabalharem naquele espaço durante oito horas (ou mais) por dia”. E eles ficam assim: “ah! Não tinha pensado”. Essas é que eram as reais condições de trabalho. E o museu deve ter essa preocupação, porque, caso contrário, está a adulterar completamente a realidade que existiu no passado, pois as condições históricas da industrialização foram muito duras, muito sofridas.

E isso é uma coisa que os ingleses respeitam, é algo que aprecio muito nos museus industriais britânicos, também não em todos, mas numa grande parte, ou seja, mostrar a dureza das condições de trabalho, as condições sociais, ao nível da própria fábrica, de modo que se a parede de uma fábrica estava normalmente suja, a parede da fábrica agora transformada em museu vai permanecer suja, claro que de uma forma controlada, porque não podemos apresentar um espaço museológico de uma maneira totalmente degradada. Aliás, os alemães têm uma fábrica, aliás, diga-se, têm um museu em Söllingen (Alemanha), especializado em cutelarias, uma antiga fábrica do sector fundada no século XIX, que quando deixou de trabalhar, pouco depois tinha sido transformada num museu. De modo que quando entramos nas seções, tirando uma pequena parte reservada à loja, está tudo como era quando a fábrica se encontrava em laboração. Exatamente como era, não caíram nada, está mais ou menos sujo, pois era aquele o real ambiente de trabalho, era ali que os operários trabalhavam, e é este ambiente que deve ser transmitido aos visitantes, são essas mesmas condições que têm que ser preservadas.

|95

TB: Vale considerar, dentro da reflexão do Património Industrial, a dimensão da cultura imaterial. A partir de sua experiência, como a cultura imaterial poderia estar presente neste debate?

JLC: Pode estar presente através dos sons, dos ruídos, isso é muito importante, pois a surdez era uma doença profissional. Por exemplo, na indústria de cutelaria, no século XIX, a esperança de vida era de 45, 50 anos. Porque os operários inalavam todas as poeiras que existiam naquela atmosfera, eram

mal pagos, eram miseráveis, não tinham a menor consciência política ou sindical, afogavam as mágoas na bebida e ficavam destrozados, aos 35 anos ficavam velhos, aos 40 eram idosos e aos 45 morriam (há um trabalho estatístico sobre as condições de vida dos operários de cutelaria de Sheffield que revela esta situação). Era uma coisa assustadora, pouquíssimos sobrevivia-
viam aos 50 anos. É isso que tem que se transmitir nos museus. A experiência que tenho com alunos de mestrado, jovens com pouco mais de 20 anos, que já não têm essa memória, pois tudo mudou e cada vez mais rapidamente, é que quase duvidam do que estou a dizer. Ora, esta área do património e da museologia industrial deve, precisamente, contribuir para que formulem uma ideia correta das condições de vida na indústria oitocentista, ou pelo menos a mais aproximada possível.

TB: Na sua concepção, como poderia então ser uma experiência diferenciada de preservação do Património, de musealização?

96 |

JLC: Preservando as peças na sua integridade, apresentá-las de modo a que estejam completas. Se tiverem de ser restauradas, as partes que foram alvo do restauro devem estar assinaladas, diferenciadas, por exemplo, pintando-as de uma cor diferente, e o restauro tem sempre de ser reversível. O processo de restauro tem de ser documentado, com todos os seus passos registados, as peças têm de ser fotografadas ao longo do mesmo, e tem de se elaborar documentação acompanhando todas as diferentes intervenções, todas as fases do restauro, que foram sendo feitas sucessivamente. Porque neste domínio não existe trabalhar mais ou menos bem, não se pode improvisar, ou se trabalha da maneira correta ou tudo que se fizer poderá estar mal feito.

Por isso, muitas vezes é difícil realizar um restauro com os necessários requisitos, pois existem problemas financeiros, técnicos, falta de documentação original, desconhece-se o percurso da peça durante a sua vida útil etc. Quando necessitamos de intervir, temos que o fazer com a maior exigência,

aliás, com toda a exigência, para que essa intervenção constitua um processo que possa responder de facto àquilo que atualmente corresponde aos padrões da disciplina de restauro e conservação, que são muito exigentes. Não é fácil fazê-lo, inclusive numa situação de crise como a que vivemos agora, não há dinheiro para nada, e estas necessidades são as menos compreendidas pelos agentes políticos, que muitas vezes são completamente indiferentes à área da cultura, às suas necessidades e as dificuldades que existem. Claro que hoje em dia as normas e as leis que existem para as instituições que tenham público impõem também condicionalismos, mas temos que saber encontrar as soluções mais adequadas e possíveis. Hoje em dia, para se fazer algo de positivo neste sector dos museus tem que ter conhecimentos, imaginação e dinheiro, são esses os três vetores.

TB: O senhor possui uma visão ampla em termos teóricos e práticos a respeito de Património Industrial. Nas suas largas análises de campo, poderia comentar sobre algumas experiências que são inviáveis e o contraponto disso, ou seja, em termos de Património Industrial, museologia, que tipo de ações se desenvolvem no mundo hoje?

| 97

JLC: Parece que nos vamos vestindo de uma espécie de couraça de indiferença com tantos atentados que o património vem sofrendo. Recordo que o que mais me chocou foi a destruição de uma linha ferroviária, destruição parcial, mas que é a mesma coisa, pois inviabiliza a circulação ferroviária em Trás-os-Montes, que é a linha do Tua. Foi inaugurada em 1887 e essa linha tem uma particularidade, porque foi a primeira vez que uma linha ferroviária nacional foi construída inteiramente por engenheiros portugueses, uma vez que neste domínio éramos dependentes da engenharia francesa e britânica; outra particularidade é que se trata de uma linha de montanha, ao longo de uma paisagem fantástica, contígua à zona classificada pela Unesco do Alto Douro Vinhateiro. E aconteceu que este caso revelou existir um Estado dentro do Estado, uma

empresa de energia (EDP – Eletricidade de Portugal), empresa poderosa (que demite ministros que lhe fazem críticas, isto ocorreu no atual governo), e que por vezes fica isenta do pagamento de impostos, tendo, contudo, lucros exorbitantes. Esta empresa tem estratégias próprias, o que é legítimo, mas quando envolve bens públicos, então surge um problema sério. O que aconteceu é que solicitou ao governo uma concessão para construir uma barragem mesmo na foz do Tua (rio afluente do Douro), que vai submergir essa linha ao longo de cerca de 20 km, vai liquidar um vale, com uma diversidade riquíssima em termos ambientais, ecológicos, um vale magnífico do ponto de vista paisagístico, e vai, sobretudo, interromper uma ligação em direção a todo o nordeste transmontano, isolando ainda mais esta região. Uma região onde a população tem vindo a decrescer, fugindo para o litoral por falta de oportunidades, uma população idosa que vive numa situação difícil. Não só a linha ficará submersa como toda a região de Trás-os-Montes ficará cortada da sua ligação ferroviária ao resto do país, que era fundamental. Isto é um autêntico crime, porque é um atentado à paisagem, ao património, destruindo uma das poucas linhas de montanha que temos, que foi vital para o desenvolvimento daquela região. Esta linha do Tua poderia ser revitalizada, contribuindo para o desenvolvimento do interior do país, prestando um serviço útil às populações. Para além disso, essa barragem não é preciso para nada. A contribuição que a mesma prestará para o acréscimo de energia elétrica é mínima, 0,07%. Então qual o interesse da barragem? É que o acréscimo de energia que produz, por pouco que seja, constitui um negócio do interesse exclusivo dessa empresa, vendendo essa energia para o exterior nos períodos de ponta, através de uma interconexão com a Europa. Não é aceitável que os interesses de uma empresa, neste momento privada, se sobreponham aos interesses nacionais, e a APPI-TICCIH Portugal foi a primeira entidade a manifestar-se contra a construção da barragem, mas a EDP tem uma grande influência no governo, como referi. O projecto já foi aprovado em todas as instâncias. Mas eu e um colega da Faculdade de Letras do Porto, espe-

cialista na região do Alto Douro, apresentámos uma proposta de classificação patrimonial da linha do Tua numa tentativa de impedir a construção da barragem, e os Serviços do organismo do património da Zona Norte deram um parecer positivo a essa proposta, que era o passo fundamental para a sua aprovação. Só que a EDP interveio (indiretamente, é claro) e quando o processo foi para Lisboa para decisão final, nessa instância – que, por incrível que pareça, integrava um engenheiro representante de Portugal na Comissão das Grandes Barragens – foi dado um parecer de não aceitação da proposta de classificação, apesar dos mesmos Serviços já terem dado a sua aprovação. Mesmo tendo tido parecer favorável, foi reprovado. Em condições normais estaria mais que aprovado, dado o seu evidente valor patrimonial. Isto foi em 2014. Um crime contra a região e o património ferroviário. A barragem não serve para nada e vai liquidar um bem público, para além de impedir definitivamente a circulação ferroviária na região e a população local estar completamente contra a sua construção.

Em Portugal há uma grande promiscuidade entre políticos de turno e a empresa citada. Aliás, foi realizado por Jorge Pelicano um documentário, intitulado “Pare, Escute e Olhe” (uma frase muito conhecida que constava junto das passagens de nível como sinal de alerta), que está muito bem feito, e que até obteve um prêmio num festival internacional, no qual a maior parte das pessoas entrevistadas, que viviam nas proximidades da linha, afirmavam que era o único meio de transporte de que dispunham. De facto, olhamos aquela população de idosos, e são muito poucos os que, mal informados e enganados, dizem: “é bom que se construa a barragem”. Inclusivamente, houve uma cerimônia inicial das obras (lançamento da primeira pedra) com a presença do primeiro ministro da época (que atualmente está preso, com uma acusação de corrupção) na qual mente descaradamente: disse que “a construção da barragem vai contribuir enormemente para o desenvolvimento desta região, porque vai ocupar a mão de obra jovem, qualificada, e vai criar postos de trabalho”, quando se sabe que a construção de barragens são obras efêmeras, a mão-de-obra

vem de fora, e depois vão-se embora, ficando a região ainda mais desertificada e sem recursos. Este comportamento constitui a maior desfaçatez que há. É mentira, desonestidade. Por acaso, um repórter da televisão filmou essa cerimônia e o então primeiro-ministro dizendo: “isto precisa de muito betão (concreto)” e essa frase ficou famosa, pela negativa. Hoje continua a denunciar-se este atentado ao património ferroviário, mas já não há nada a fazer. A construção da barragem é um erro tremendo, pois vai dar cabo de uma região, isolando-a ainda mais, ou seja, reforçando o seu atraso. E o que mais choca é que não se aproveita o seu potencial paisagístico, turístico, pois aquela região é magnífica, e o aproveitamento da linha poderia constituir um fator de desenvolvimento regional.

TB: Há também um documentário brasileiro, “Narradores de Javé”, da Eliane Café, que trata dessas questões.

100 |

JLC: Exato. Uma vez fui a um congresso ao Brasil, há 29 anos, era muito jovem (risos), organizado pela Eletropaulo, com convidados estrangeiros, tudo muito bem organizado e muito interessante. Apercebi-me que esta empresa era extremamente poderosa, e via-se que tinha uma força e influência política enormes.

TB: Então nestes processos também há experiências positivas. Conte-nos algo que o Senhor destaca como importante nestes últimos anos!

JLC: Sim, em 2014, com cerca de 200 participantes, o que para Portugal é um bom número, fizemos um congresso internacional sobre o Património Industrial, no Porto. Vieram uns 30 investigadores do Brasil (Cristina Meneguello e Silvana Rubino, da Unicamp, Manoela Rufinoni, da Universidade Federal de São Paulo, Nivaldo Vieira de Andrade Júnior, da Universidade Federal da Bahia, Anicleide Zequini, do Museu Paulista, Gildo Magalhães dos Santos Filho, da Universidade de São Paulo, Ronaldo Rodrigues da Silva, do TICCIH Brasil,

entre muitos outros), e tudo correu muito bem, foi um êxito. Os participantes também gostaram, alguns publicaram notícias simpáticas nos seus blogs. No último dia realizaram-se as visitas pós-congresso, precisamente à linha do Tua, e outra na zona ao sul do Porto, visitando o Museu de Chapelaria, o Museu do Papel, uma tanoaria antiga (onde se constroem as pipas para o vinho), e a única fábrica de lápis da península Ibérica, que é um magnífico exemplo de Património Industrial ao vivo, com máquinas da década de 1930 ainda em funcionamento. Aliás, este exemplo remete-nos para algo de novo que surgiu recentemente, com grande sucesso, que é precisamente o turismo industrial.

TB: Considerando sua trajetória rica e valorosa para conhecimento de todos, como pensaria em envolver as novas gerações nessa temática do Património Industrial?

JLC: Nós, em Portugal, e na Europa, nomeadamente na Europa do Sul, temos um problema: é que ao contrário do que havia 20 anos atrás, há hoje uma dificuldade que, precisamente, tem conseqüências ao nível do envolvimento das novas gerações nesta temática do Património Industrial. Hoje, os estudantes que terminam a graduação, não podem dedicar-se apenas a uma área específica, têm que agarrar tudo o que lhes aparecer, pois há um grande desemprego juvenil. Não podem dedicar-se a um só assunto – no caso ao Património Industrial, mesmo que este lhes interesse particularmente –, como há anos atrás, quando fiz a opção pelo Património Industrial. Nos dias de hoje, eles não se podem dar ao luxo de se dedicarem apenas a uma só área, têm de ser “polivalentes”, porque têm que estar sempre na expectativa de poder ter de aceitar um emprego que eventualmente surja em qualquer área, para a qual têm de demonstrar capacidade, conhecimentos. Hoje não há empregos, de modo que de há uns anos para cá é muito difícil fixar jovens em qualquer área, porque isso corta-lhes as outras possibilidades, de modo que um jovem, compreensivelmen-

te, tem alguma relutância em especializar-se. Por exemplo, neste congresso que organizámos participaram muitos jovens investigadores, com comunicações muito interessantes, mas a maioria deles não vai continuar a investigar o Património Industrial porque, precisamente, não pode descurar outras áreas.

Neste momento, não há financiamento, particularmente para as áreas das ciências sociais e humanas, que não são consideradas prioridade para o desenvolvimento. É uma ideia errada, mas faz parte de um certo discurso político. Aliás, um conhecido jornalista escreveu há uns tempos num artigo: “para que queremos professores de História?” E o problema é que este discurso está a generalizar-se. E isto coloca uma questão importante, pois muitos dos que o repetem deviam saber que é completamente errado, tanto mais que dispõem de formação académica, inclusivamente fomos nós que formámos muitos deles. Então perguntamos: o que aconteceu? Não fomos suficientemente exigentes. Alguma coisa falhou na sua formação, a culpa é nossa! Por isso, as áreas de ciências sociais e humanas são desvalorizadas. Mas existe uma contradição, a sociedade precisa de mão de obra qualificada nestas áreas. As instituições da área do património precisam de profissionais de História, Arqueologia, Antropologia, Sociologia etc. Por exemplo, atualmente todos os quadros de pessoal dos museus do Estado estão incompletos, em 60%, 70%, mas o Estado não contrata ninguém. Também não permite que os municípios contratem, que as universidades contratem. É extremamente frustrante, porque está a formar-se uma juventude com horizontes mais rasgados, muito qualificada, em geral muito melhor preparada do que a da minha geração, e que não pode escolher a área em que quer trabalhar, porque não há empregos. Muitos foram obrigados a emigrar. Portugal “dá-se ao luxo” de formar os jovens e depois “exporta-os”, sem ganhar nada com o investimento que fez na sua formação. Esta é uma situação gravíssima. Na Espanha é pior ainda, pois tem uma taxa de desemprego juvenil ainda maior do que a nossa.

TB: Professor, para finalizar, diante desse quadro e cenário mundial, qual é a sua mensagem para os jovens que querem dedicar-se a este tema? A fala de um investigador experiente para a juventude.

JLC: Se eles gostam mesmo, se se identificam com a área do Património Industrial, podem dedicar-se a outras atividades por necessidade de sobrevivência, mas nunca abandonem esse interesse, continuem a acompanhar o desenvolvimento da disciplina, para mais tarde, quando a crise desaparecer (não vai durar eternamente), estarem em condições de poder aproveitar qualquer oportunidade que surja. Em síntese, posso dizer, porque é verdade, o Património Industrial não interessa apenas do ponto de vista cultural, histórico, arqueológico, mas porque hoje em dia constitui um atrativo cultural em crescimento e cada vez mais estão a nascer em todo o mundo os projectos mais variados, por exemplo, no domínio do turismo. A atividade turística é a indústria do século XXI, e o turismo industrial – ou seja, o turismo do Património Industrial – é uma das suas componentes com enorme potencial.

| 103

Investir na preservação e valorização do Património Industrial é dinheiro bem gasto, que vai ter resultados positivos em médio prazo. Numa cidade a sul do Porto, São João da Madeira, já há três anos que criaram circuitos turísticos de Património Industrial, com enorme sucesso. Visitam-se várias fábricas têxteis, uma fábrica de lápis, um museu de chapelaria, e três anos depois da sua criação, não só atraíram muitos visitantes como até já conseguiram recuperar o investimento inicial. Para além das visitas serem pagas, os visitantes acabam por dinamizar o comércio local, a restauração, a hotelaria etc. E o projecto também já se auto financia, com uma vantagem: colocou São João da Madeira no mapa, o que se não fosse este projecto teria muitas dificuldades em o fazer. Aliás, nunca o tinha o conseguido, pois sem esta atração que cativa os visitantes, estes não visitariam São João da Madeira, que está muito próxima do Porto, o qual tem um poder de atração turística muito superior, desviando para si os turistas. O turismo industrial é um sucesso de público, tem todas as vantagens,

sociais, culturais, patrimoniais, ambientais, educativas etc. Assim, o Património Industrial é uma “mina” para quem o souber explorar adequadamente, porque com a turistificação a que se tem vindo a assistir nos últimos anos, este património, que é ainda pouco usual como objecto de visita – geralmente o mundo das fábricas, das máquinas, é pouco conhecido, é um mundo à parte –, apresenta um atractivo muito maior e pode contribuir para o desenvolvimento local e regional. Na Europa, principalmente, a exploração turística do Património Industrial tem vindo a conhecer um enorme sucesso. O que nos leva a pensar que então, em vez de destruir, vamos preservar, reutilizar, valorizar este património e depois é como uma “pescadinha do rabo na boca”, tudo está implicado, a sua componente cultural, turística, educativa, financeira etc. Como diz o título de um livro publicado em Portugal no início da década de 1970, que ficou famoso, “isto anda tudo ligado”.

104 | *Telma Bessa,*
Braga, junho 2015





Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1981) e mestre em Ciências Documentais pela Universidade de Évora (2005).

Entre 1981 e 1989 foi professora do ensino básico e secundário, tendo estado requisitada, entre 1986 e 1989, no Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural. Desde novembro de 1989 que exerce a sua atividade profissional, bibliotecária, na Biblioteca Nacional de Portugal. Paralelamente desenvolveu atividade docente no ensino superior, como assistente convidada no Departamento de História da Universidade de Évora, entre outubro de 1998 e maio de 2005, e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, de 2006 a 2010. Sócia fundadora da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa (AAIRL), criada em abril de 1980. Fez parte da sua Comissão Executiva, à qual presidiu de abril de 1983 a maio de 1987. De 1987 a janeiro de 1994 foi vice-presidente da direção da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) e, de janeiro de 1994 a setembro de 2004, presidente da direção. No âmbito da atividade associativa participou em vários grupos de trabalho (papel, vidro, têxteis, inventário do património industrial), participou em intervenções arqueológicas (fábrica de garrafas da Amora, Real Fábrica de Vidros de Coima, fábrica de papel do Engenho Novo), em projetos museológicos (Núcleo da Tinturaria da Real Fábrica de Panos da Covilhã, 1ª fase do Museu Mineiro do Loustal), em exposições, na organização de encontros e seminários nacionais e internacionais. Dirigiu a revista da APAI, *Arqueologia e Indústria*, de 1998 a 2004.

Dra. Maria Luisa Ferreira Nunes dos Santos

Biblioteca Nacional – Lisboa

TB = Telma Bessa

ML = Maria Luisa

TB: Hoje é dia 02 de julho, estamos com Maria Luisa, sócia fundadora da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, que trabalha atualmente na Biblioteca Nacional (BN) de Portugal. Vamos conversar sobre a sua trajetória, as pesquisas realizadas e quais os projectos que desenvolveu dentro da área do Património Industrial e esse caminho até chegar à BN. Então vamos inicialmente pedir para a Maria Luisa apresentar-se, falar qual sua profissão, falar um pouco de si.

| 107

ML: Sou Maria Luisa Nunes dos Santos, bibliotecária na Biblioteca Nacional de Portugal, e presentemente não estou em nenhum projecto na área do Património Industrial, embora tenha trabalhado nesta área desde o início dos anos 80. Na área académica também lecionei na Universidade de Évora, com a Professora Ana Cardoso de Matos (que introduziu na Universidade de Évora a disciplina de Arqueologia Industrial), algumas disciplinas ligadas ao estudo do Património Industrial, entre 1998 e 2005.

Comecei as atividades na área do Património Industrial ainda no meu tempo da faculdade, quando fiz o curso de História, anos 70, aqui na Universidade de Lisboa. Entrei na faculdade no ano letivo de 1976-1977 e, logo nesse primeiro ano, fui aluna do Jorge Custódio, numa cadeira que se chamava “Introdução à História – Metodologia e Crítica”, em que, a par da introdução teórica, tínhamos oportunidade de aprender e

aplicar os métodos da investigação histórica. O curso de História tinha passado por uma grande modificação, foi um período muito rico na faculdade, em que novas perspectivas de investigação se abriam a todos nós. Nessa cadeira, integrei um grupo de trabalho que tinha como objetivo estudar e aplicar o método regressivo, que tomava como ponto de partida a observação e análise de uma realidade presente para ir recuando no tempo, percorrendo um fio condutor que nos permitia ir compreendendo a realidade atual. Havia dois subgrupos, um a trabalhar o método regressivo numa zona rural (Loures) e outro numa zona industrial, em Lisboa (a área do Beato). Aquele trabalho foi-nos entusiasmando, fazíamos várias visitas de observação aos locais, registávamos os dados e íamos confrontando e complementando essa informação recolhida no terreno com a documentação consultada em arquivos e bibliotecas. Estamos a falar de uma cadeira no primeiro ano de faculdade, mesmo de iniciação à investigação histórica.

Depois, quando já estava no terceiro ano, tive a oportunidade de escolher uma cadeira como opção que era lecionada também pelo Jorge Custódio, “Revolução Industrial e Problemas da Indústria em Portugal nos séculos XVIII, XIX e XX” Foi aí que realmente começámos a trabalhar mais diretamente as questões industriais. Era uma cadeira em que refletíamos sobre o fenómeno industrial e sobre a industrialização em vários países, com enfoque especial em Portugal, e identificávamos os mais variados tipos de fontes para o seu estudo. Estamos a falar de 1978, 1979, a investigação sobre a história da indústria em Portugal não estava muito desenvolvida, havia poucos estudos realizados e poucas obras publicadas. E, na área da Arqueologia Industrial, tinha havido apenas em 1978 uma exposição em Tomar, sobre a Real Fábrica de Fiação de Tomar, mas nada mais. Nessa cadeira da faculdade, integrei um grupo de trabalho que trabalhou sobre as exposições industriais, com o levantamento e análise de fontes que nos permitissem conhecer e perceber as implicações e alcance das exposições industriais, pois na época não havia nenhuma recolha feita e publicada sobre o tema. Consultámos catálogos, relatórios,

notícias nos jornais, tivemos que confrontar a informação dos catálogos das exposições com a informação contida noutras fontes ligadas às indústrias e às fábricas que expunham os seus produtos, e fomos-nos apercebendo de que a realidade industrial em Portugal tinha tido maior expressão do que muitas vezes se pensava. O nosso grupo era muito coeso, entusiasma-mo-nos verdadeiramente com aquele trabalho, que tinha um objetivo académico, e quisemos continuar para além dele. E o Jorge Custódio apoiou-nos sempre, não só acompanhando o trabalho, mas incentivando-nos a aprofundá-lo mais e mais.

Ainda antes de terminarmos o curso, realizou-se em Faro, em maio de 1980, o IV Congresso Nacional de Arqueologia, para o qual o Jorge Custódio nos sugeriu que apresentássemos uma comunicação sobre o trabalho que estávamos a desenvolver, focando-nos uma zona industrial de Lisboa, Alcântara. A comunicação intitulou-se “*Alcântara nas exposições industriais de Lisboa: um estudo de Arqueologia Industrial*”, e foi a primeira vez que houve, num congresso de arqueologia realizado em Portugal, comunicações sobre Arqueologia Industrial (do nosso grupo e de Jorge Custódio). Nessa época ainda havia muitos vestígios da atividade industrial em Alcântara, havia pequenas unidades que ainda estavam em funcionamento e que nós tivemos a oportunidade de visitar, observando os processos de trabalho que aí se desenvolvia. A par dos vestígios do passado industrial de Alcântara, havia na época um ambiente industrial ainda vivo. A linha ferroviária da ponte 25 de abril ainda não tinha sido construída, embora já estivesse projetada, e na zona da sua futura implantação existiam ainda vestígios de fornos de cal e de antigas oficinas; na zona junto à antiga ribeira de Alcântara encontravam-se evidências de fábricas de curtumes, de estamparia, de cerâmica, da própria fábrica de pólvora. No núcleo central de Alcântara encontravam-se os edifícios (alguns ainda com atividade fabril, outros já reconvertidos para outras funções e outros parcialmente abandonados) das mais importantes unidades industriais aí implantadas no séc. XIX e no início do séc. XX, como a Fábrica de Sabão da CUF, a Fábrica de Lanifícios Daupias, a Na-

politana, a Fábrica de Açúcar da SIDUL, a Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonense (primeiro exemplo português de uma unidade fabril com estrutura de ferro, incombustível, construída no final da primeira metade do séc. XIX e que é hoje a LX Factory), para citar apenas algumas e não esquecendo as instalações da companhia de transportes Carris, ainda em atividade e que hoje também acolhe o museu da empresa.

Conseguimos, no início desses anos 80, identificar e registar um pouco do que ainda existia, Alcântara foi para nós um laboratório para aplicação dos métodos da Arqueologia Industrial. Um exemplo deste trabalho “de laboratório” foi a visita que fizemos à Fábrica de Lanifícios Daupias, com origem numa unidade ligada a Jacome Ratton, (um dos fundadores da Real Fábrica de Fiação de Tomar, uma das mais modernas que existiu em Portugal ainda no séc. XVIII, contemporânea da revolução industrial inglesa). Esta fábrica estava completamente abandonada, só conseguimos entrar com autorização da Companhia de Seguros que então detinha a sua posse, e nela foi possível não só reconhecer as fases por que a fábrica tinha passado, como identificar os diferentes espaços ligados à produção têxtil, os locais de implantação de máquinas e equipamentos, o sistema de vigilância ainda bem visível, e recordo-me que havia uma grande quantidade de blocos de madeira utilizados na estampagem dos tecidos. Hoje já desapareceram quase todas as evidências que existiam nessa época, outras foram ficando abandonadas, algumas (poucas), têm sido reutilizadas para novas funções. Mais se poderia e deveria ter feito para preservar alguns desses vestígios e integrá-los em projectos novos, mantendo a memória da vivência de um bairro industrial.

Esta foi a nossa origem como grupo que apresentou o caso de Alcântara no Congresso Nacional de Arqueologia. Foi aqui que começámos a trabalhar, de facto, no terreno. De todo o trabalho então realizado, apresentámos apenas uma pequena parte, apenas a relacionada com as fábricas que tinham estado representadas nas exposições industriais, mas foi durante os trabalhos de preparação para esse congresso que Jorge Cus-

tódio nos propôs a ideia de criar uma Associação, num momento em que, em Portugal, o movimento associativo ligado ao estudo e defesa do património cultural ganhava um grande vigor. Até ao 25 de abril de 1974 não era possível ou, pelo menos, era muito difícil desenvolver atividades neste âmbito, mas depois assistiu-se ao nascimento, por todo o país, de dezenas, centenas talvez (creio não estar a exagerar) de associações de defesa do património. Foi neste contexto, e simbolicamente num café de Alcântara (o café Taiti, que já não existe, junto ao Largo do Calvário) que surgiu a ideia de criar a Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa (AAIRL), cuja formalização ocorreu a 28 de abril de 1980. A Associação reunia então pessoas com diferentes formações e diferentes experiências, que se interessavam pela temática da arqueologia e do Património Industrial – havia o núcleo inicial, com formação em História, mas imediatamente se juntaram pessoas ligadas à arquitectura, à engenharia, a outras áreas. Embora a associação fosse circunscrita à região de Lisboa, o interesse pelo Património Industrial despontava também noutras zonas do país. Havia contactos de pessoas e associações de várias regiões com a AAIRL, realizaram-se conferências, encontros e pequenas exposições, criando-se um movimento muito interessante e criativo. |111

Foi neste contexto que Jorge Custódio recebeu o convite, por parte do então Instituto Português do Património Cultural, para organizar uma grande exposição em Lisboa sobre Arqueologia Industrial. Essa exposição começou a ser organizada em 1983 e realizou-se em 1985, na Central Tejo, que na altura não estava ainda recuperada e é hoje o Museu da Electricidade. Nesses anos de 1983 a 1985, formou-se uma equipa de trabalho que visitou o país de norte a sul, identificando sítios industriais, recolhendo depoimentos, fotografando, identificando e recolhendo alguns documentos, máquinas, instrumentos e outros objectos destinados à exposição e à sua organização. Criaram-se grupos de trabalho sectoriais de investigação, dos quais também fiz parte, para as áreas que iam ser objecto da exposição, criaram-se sinergias e relações várias

com pessoas, empresas e grupos interessados no Património Industrial, entre os quais as associações industriais, que participaram e apoiaram muito ativamente a organização. “Arqueologia Industrial: um mundo a descobrir, um mundo a defender” foi uma exposição única, organizada em dois núcleos, muito visitada, cujo catálogo, infelizmente, nunca foi possível publicar. Foi um momento inesquecível para quem participou na organização da exposição e certamente um marco importante para quem a visitou. Entre os visitantes estiveram muitas escolas, o tema era novidade para muitos e, de facto, chamou a atenção para a importância de preservar, valorizar, estudar o Património Industrial.

Neste contexto, em que também se sentia a necessidade de conhecer e reunir todos os que se dedicavam ao estudo do Património Industrial, realizou-se, em 1986, o primeiro Encontro Nacional sobre Património Industrial, em cuja comissão organizadora participei, com duas sessões preparatórias, uma em Guimarães e outra em Coimbra e, depois, uma sessão plenária em Lisboa. Foram apresentadas muitas comunicações, e as atas foram publicadas. A partir daí o movimento de identificação, inventário, estudo, preservação e valorização do Património Industrial não mais parou, um pouco por todo país. E embora muito deste património se tenha perdido ou esteja ainda em vias de se perder, existem hoje várias e muito interessantes experiências, museológicas ou outras, de preservação, reutilização e valorização do Património Industrial. Produziram-se também muitos trabalhos nesta área, incluindo teses e outros trabalhos académicos. Quando falamos do que se perdeu, não posso deixar de mencionar alguns casos que nos chocaram profundamente, no decurso deste nosso caminho em prol do estudo e preservação da memória industrial. Por exemplo, na zona do Campo Pequeno/Arco do Cego, onde é hoje a sede da Caixa Geral de Depósitos, funcionou a Fábrica de Cerâmica Lusitânia, que, além do complexo industrial em si com as suas oficinas e outros equipamentos, incluía, no edifício central dos escritórios, o ateliê do azulejista português Jorge Colaço (a fachada da entrada da fábrica tinha um painel da sua au-

toria, que felizmente foi salvo e entregue ao museu da cidade. Importantíssimo era também o forno Hoffman, intacto e um dos poucos ainda existentes na Europa). Foi nessa fábrica que se produziram os tijolos para a vizinha Praça de Touros do Campo Pequeno. Na altura em que a Caixa Geral de Depósito adquiriu o terreno para construção da sua sede, desenvolveu-se no âmbito de uma disciplina do curso de Arquitetura um trabalho coletivo sobre as hipóteses de reutilização daquele espaço. Desse trabalho resultou uma exposição com os projectos e respetivas maquetas, realizada no próprio edifício da fábrica. Lembro-me de ter visto propostas muito interessantes que preservavam muitos traços da memória fabril. O interesse deste complexo fabril, na perspetiva do Património Industrial, levou a que fosse pedida a sua classificação, com base nas suas características industriais e tecnológicas, destacando-se os fornos Hoffmann e o ateliê de Jorge Colaço. Mas a demolição avançou mais depressa, os fornos Hoffmann foram destruídos e perdeu-se a essência daquilo que era a Fábrica de Cerâmica Lusitânia. O projecto executado nada contemplou do antigo complexo fabril, para além de uma chaminé, totalmente isolada do seu contexto. Esse foi um dos casos que mais me chocou, porque havia a possibilidade de preservar elementos importantes integrando-os num projecto novo e acabou por ser tudo arrasado.

|113

Outro caso ocorreu numa fábrica de papel de Tomar, também em meados dos anos 80. Quando a visitámos pela primeira vez, existia ainda, já inativa, uma lixiviadora mecânica rotativa, esférica, exemplo único de uma tecnologia desenvolvida no séc. XIX para a indústria do papel e que até então conhecíamos apenas de gravuras. Explicámos ao representante da empresa, que nos acompanhava, a importância daquele equipamento do ponto de vista patrimonial e o interesse da sua preservação, pois seria certamente muito raro. Pouco tempo depois voltámos à fábrica, no âmbito de uma visita guiada às fábricas de Tomar. Dissemos que iríamos mostrar aquele equipamento único e, quando chegámos, tivemos a triste notícia de que tinha sido desmontado e enviado para sucata. Muitos

outros casos poderiam ser contados, mas, apesar de tudo, hoje existe já uma consciência maior e mais difundida do que é o Património Industrial e da importância da sua preservação.

Voltando à AAIRL, na sequência do primeiro Encontro Nacional do Património Industrial verificou-se que o seu âmbito de atuação tinha de ser mais vasto, não se podia restringir à região de Lisboa. E daí decorreu a mudança da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa para Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI). A minha experiência associativa, quer na AAIRL quer na APAI, foi extremamente rica, sob diferentes aspectos. Além de sócia fundadora da Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa (AAIRL), fiz parte da sua Comissão Executiva, à qual presidi de abril de 1983 a maio de 1987. De 1987 a janeiro de 1994 fui vice-presidente da direção da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) e, de janeiro de 1994 a setembro de 2004, presidente da sua direção. Profissionalmente, quando terminei o curso de História, impunha-se a independência e a sobrevivência económica, e seguir um caminho apenas ligado à investigação, na época, não o permitiria. Assim, enveredei pelo ensino básico e secundário e comecei a lecionar no final de 1981. Na sequência da exposição realizada na Central Tejo em 1985, fui, no ano seguinte, requisitada pelo então Instituto Português do Património Cultural para prossecução de alguns dos trabalhos então iniciados – era necessário alguém que desse continuidade ou terminasse alguns dos processos ainda pendentes da exposição e fizesse a ligação com outras entidades, nomeadamente as que se tinham predisposto a guardar o espólio recolhido para a criação futura de um museu da indústria. Integrada no Departamento de Arqueologia desse Instituto e do que lhe deu continuidade, aí fiquei, em regime de requisição, durante três anos. Entretanto, fiz uma pós-graduação em Ciências Documentais e concorri para a Biblioteca Nacional, onde trabalho desde novembro de 1989. Mas a par da vida profissional, fui desenvolvendo várias atividades associativas, primeiro na AAIRL, depois na APAI.

Durante os três anos em que estive requisitada no Departamento de Arqueologia, era a única pessoa dedicada à Arqueologia Industrial. Da parte do director do Departamento havia o entendimento que a Arqueologia Industrial era importante e deveria ser dado apoio ao seu desenvolvimento em Portugal, mas a um nível mais global. Da direcção do Instituto, não era considerada uma prioridade, não havia o reconhecimento suficiente que se refletisse na colocação de mais pessoas ou definição de linhas de atuação nessa área. O trabalho que aí realizava, por não corresponder a uma definição de objetivos ou um plano de atividades, era praticamente reativo, isto é, limitava-se a dar resposta aos casos que esporadicamente apareciam. Perante a impossibilidade institucional de desenvolver trabalho sistemático na área da Arqueologia Industrial, o director do Departamento de Arqueologia, sabendo da minha militância na Associação de Arqueologia Industrial, considerou que eu poderia trabalhar nos projectos associativos, desde que fosse sempre referido, em todos os trabalhos em que participasse, o apoio do Departamento. E esse foi, de facto, um apoio precioso para poder desenvolver atividades no âmbito da Arqueologia Industrial. Durante esse período de três anos em que estive requisitada no Departamento de Arqueologia, pude trabalhar em arqueologia e Património Industrial praticamente a tempo inteiro.

|115

Durante essa época participei em vários projectos e atividades, sendo um deles a organização da *Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro*, realizada em 1989 em Lisboa, no Barreiro e na Marinha Grande, de cuja comissão organizadora fiz parte. Integrada no grupo de trabalho do vidro da APAI tinha participado, entre 1982 e 1985, na prospeção arqueológica realizada na antiga fábrica de garrafas de vidro da Amora (Seixal) e nas várias campanhas de intervenção arqueológica nos terrenos da Real Fábrica de Vidros de Coima (Barreiro), uma unidade manufactureira do século XVIII. Para a Conferência Internacional, organizámos uma exposição no Palácio Stephens, na Fábrica de Vidros da Marinha Grande, uma experiência muito especial pela liga-

ção muito forte que teve com o mundo operário vidreiro, que incluiu a construção de um forno-tipo do século XVIII por operários especializados e a experiência de produção de vidraça pelo antigo método do sopro. Foi verdadeiramente um exemplo de arqueologia experimental, que entusiasmou todos os participantes.

Outro projecto em que trabalhei foi o do Museu dos Lanifícios da Universidade da Beira Interior, especificamente na criação do núcleo da Tinturaria da Real Fábrica Panos da Covilhã. Foi um processo que teve início em 1985 e que culminou com a abertura ao público do museu, em 1992. Foi a primeira experiência museológica em que participei, extremamente rica por englobar muitas componentes do trabalho de museologia industrial, desde a intervenção arqueológica propriamente dita, à conceção arquitetónica e museográfica, à reconstituição de equipamentos desaparecidos, tudo acompanhado da necessária investigação, recolha, inventário...

116 | Fiz também parte do grupo de trabalho do papel, constituído ainda no tempo da AAIRL na sequência de contactos com uma outra associação, a Tecnicelpa – Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel. Nesse âmbito, desenvolvi com outros colegas e em colaboração com a Câmara Municipal de Santa Maria de Feira um trabalho de inventário da indústria de papel da região de Santa Maria da Feira. A descoberta da indústria papeleira dessa região, ainda antes do início do inventário e tendo como “guias” técnicos da Tecnicelpa, foi para mim uma surpresa. Já conhecia e tinha estudado um pouco as fábricas de papel de Tomar, mas aqui entrávamos num outro mundo, não só pela quantidade de unidades ainda em laboração, mas onde coexistiam fábricas já modernizadas e pequenas unidades tecnologicamente muito próximas do início da industrialização. Algumas delas trabalhavam ainda com o equipamento original, faziam, sobretudo, reciclagem de papel. A primeira vez que entrámos numa delas, a fábrica onde hoje é o museu do papel, foi uma sensação

única: num ambiente escuro, uma enorme tina de mós verticais, um moinho de galga moía o papel grosso, sujo, e transformava-o em pasta, para depois se fazer papel de embalagem, grosso e poroso, numa máquina antiquíssima, praticamente toda de madeira, com a qual trabalhavam duas pessoas. Era a primeira máquina que ali se tinha montado e não parecia muito diferente das primeiras máquinas contínuas que surgiram no início do século XIX. Fabricavam papel em contínuo, e ali pudemos perceber bem os processos completos do fabrico do papel. Nas fábricas modernas, naquelas máquinas contínuas imensas, a pasta entra de um lado e o papel sai de outro lado, já seco, não se vê o seu percurso lá dentro. E naquela fábrica não, nós víamos tudo, víamos o processo completo. O papel era enrolado, ainda muito húmido, e era depois cortado, com enormes facas guilhotina, semelhantes às que se usavam para cortar bacalhau. As folhas resultantes do corte eram colocadas em cordas, no piso de cima da fábrica, que tinha um sistema de ventilação com grandes janelas de tabuinhas. As folhas de papel secavam assim, com a ventilação natural, como roupa pendurada em cordas. Na região de Santa Maria da Feira havia ainda bastantes fábricas que utilizavam este tipo de secagem. Lembro-me também de um outro processo, que vi numa fábrica de cartão da Maia, que consistia em pôr as enormes folhas de cartão a secar ao ar livre, estendidas no chão como roupa a corar ao sol, tudo isto à beira dos rios e ribeiras, pois parte dessas unidades funcionava ainda com energia hidráulica. Chegámos a fazer aí uma intervenção arqueológica numa importante fábrica já arruinada, a antiga fábrica do Engenho Novo, em Paços de Brandão. A Câmara Municipal de Santa Maria da Feira apoiou todo o processo de inventário e também a intervenção arqueológica que nos permitiu perceber onde tinham estado implantadas as máquinas contínuas, as tinas e outros equipamentos, e identificar as áreas onde se desenvolviam os vários processos de fabrico.

| 117

TB: E essa foi sua última intervenção, ou último contato com a ação de intervenção arqueológica?

ML: O último trabalho mais prático a que estive ligada foi o das Minas do Lousal, no concelho de Grândola. Foi um projecto com aspectos muito particulares, integrado num programa que, a ser levado a bom termo, criaria ali um espaço muito interessante do ponto de vista do conhecimento do património mineiro (como, aliás, veio a acontecer, ainda que de uma forma diferente daquela que inicialmente tínhamos proposto). Estas minas integram-se na faixa piritosa ibérica, onde pontuam as minas de Huelva e Rio Tinto, em Espanha, Castro Verde, São Domingos, Aljustrel, Lousal e Canal Caveira, em Portugal. As minas do Lousal tinham sido abandonadas nos anos 80, mas ficara o complexo mineiro e a aldeia, com os seus habitantes. A APAI foi contactada pela Câmara Municipal de Grândola que, em conjunto com a empresa proprietária da mina, a SAPEC, criara em 1997 a Fundação Frédéric Velge, entidade gestora de todo o complexo mineiro, para o qual se pretendia um projecto de musealização integrado num programa de desenvolvimento económico e social designado *RELOUSAL - Programa de Revitalização e Desenvolvimento Integrado do Lousal*. Já tinham ali sido criados um centro de artesanato numa zona de antigas oficinas e um restaurante, a antiga casa da direção ia ser alvo de intervenção para se tornar uma unidade hoteleira, mas havia ainda muito trabalho de recuperação e reabilitação a fazer. Pediram-nos que apresentássemos e executássemos um programa museológico.

Apresentámos uma proposta que envolvia a recuperação e musealização de vários espaços da mina, incluía a recuperação do poço da mina e de uma galeria, para que pudesse ser visitável, e a recuperação e adaptação de outros edifícios para instalar os vários núcleos museológicos. Por ser a solução que envolvia menores encargos financeiros, propusemos que o desenvolvimento do programa do museu se iniciasse com a recuperação e musealização da central eléctrica, que constituiria o núcleo das energias, e pela criação do centro de interpretação com auditório no edifício onde tinham funcionado o ponto e os lavabos dos mineiros. No futuro, desenvolver-se-iam os outros núcleos (o geológico e o da exploração mineira, que

compreenderia a descida à mina, mas que implicavam maior investimento financeiro) e a musealização de outros espaços. A central elétrica e todos os equipamentos que nela se encontravam foram recuperados e aí nasceu o primeiro núcleo do Museu Mineiro do Lousal, com uma exposição que tinha como tema “Energia e Minas”. Quando estávamos a meio da execução do projecto, houve um incêndio numa parte da central elétrica, mas foi possível recuperar ainda uma parte do quadro elétrico, os danos foram alguns, mas não impeditivos que os trabalhos continuassem na linha que estava proposta. Este foi um trabalho muito interessante, sobretudo do ponto de vista da ligação à comunidade mineira, porque a primeira atitude que a população teve em relação a nós, à equipa da APAI, foi de alguma desconfiança. Havia um desânimo generalizado, comentavam “Ah! Já disseram tantas vezes que iam fazer alguma coisa, mas não fazem nada...”. Durante as férias de verão, dois colegas nossos com mais disponibilidade de tempo instalaram-se no Lousal, seleccionaram e estudaram a documentação existente na antiga casa da direcção e estabeleceram maior contacto com a população, foi pedido aos antigos mineiros e às suas famílias que identificassem objectos que tinham em casa com ligação ao trabalho na mina, pediram-lhes que contassem as suas memórias, começou assim a haver um entrosamento maior com os habitantes, a desconfiança inicial foi desaparecendo. No decurso dos trabalhos fomos sempre bem acolhidos, até porque um aspeto muito importante deste envolvimento da população foi o facto de serem os próprios habitantes do Lousal a trabalhar na execução do projecto, o que muito contribuiu para que sentissem o museu como coisa sua. Foi, aliás, um aspeto muito positivo desta primeira fase de concretização do museu mineiro do Lousal, a participação da população na recuperação dos espaços. Houve ali mais do que a partilha de memórias e a cedência de peças para exposição. Vou contar um caso curioso, que penso ilustrar bem este envolvimento: havia um coro formado por antigos trabalhadores da mina, que às vezes atuava de forma mais ou menos espontânea no restaurante, era um coro de cante alentejano

com alguns temas mineiros. Sugerimos ao senhor que estava à frente do coro e que tinha acompanhado desde o início a concretização do projecto de musealização que, no dia da inauguração, o coro atuasse. A primeira reacção foi negativa: “Isso é com os senhores, nós não vamos cantar”. Mas no dia da inauguração, na presença de centenas de pessoas, foi tocante vermos o grupo coral começar a juntar-se e, de repente, começar a cantar. Todos se calaram para os ouvir, foi emocionante e revelou o quão satisfeitos estavam com a abertura do museu.

Este foi o último projecto em que trabalhei integrada na APAI. O trabalho associativo é um trabalho absorvente, essencialmente voluntário e que toma muito do nosso tempo. E com o passar dos anos começa a tornar-se muito difícil aguentar em simultâneo uma vida profissional intensa e uma vida associativa igualmente intensa. Mantivemo-nos na direcção da APAI até 2005 porque tínhamos assumido o projecto do Lousal e havia dificuldade em encontrar quem quisesse garantir o trabalho da direcção da associação. Até aí, encontrávamo-nos pelo menos uma vez por semana, ao final do dia, na sede da APAI, para as reuniões da direcção, e noutros dias para as reuniões de trabalho. Durante muitos anos foi isso que aconteceu, era uma rotina quase diária, até que chegou a altura em que já não era possível continuar. Felizmente, após um período mais crítico e de alguma inatividade que se seguiu a 2005, a APAI “refundou-se” e tem agora à frente uma equipa dinâmica, mais jovem e com vontade de propor e levar por diante novos projectos. Embora tenha deixado a direcção da APAI e o envolvimento nos seus grupos de trabalho, continuo a ser sócia, talvez um dia volte a ter tempo para me poder dedicar mais às suas atividades. E aconteça o que acontecer, a experiência destes anos de trabalho ligados ao Património Industrial e ao movimento associativo (foram 25...), com os seus bons e maus momentos (que também os houve), foram extremamente enriquecedores e, embora não tenha aqui mencionado os nomes das pessoas com quem me cruzei, com quem trabalhei e com quem muito aprendi neste período, que foram muitas, algumas das quais

já não estão entre nós e deixaram saudade, refiro-os aqui em conjunto, vou sempre guardar de todos boas recordações.

TB: E nesse processo, o que a senhora, como pioneira, diria para as novas gerações?

ML: Quando comecei a dar aulas, no início dos anos 80, lectionei a disciplina de Estudos Sociais a crianças de 10, 12 anos. A escola onde estava colocada como professora ficava numa zona industrial dos arredores de Lisboa e percebi que podia começar a fazer sentir nas crianças o interesse pelo Património Industrial. Pedi-lhes que fizessem um trabalho que consistia em identificar as fábricas que ficavam junto às casas em que habitavam, em falarem sobre elas com os pais, com os avós ou outros familiares, para tentarem descobrir o máximo que pudessem sobre elas. E foi muito interessante ver o entusiasmo com que abraçaram o trabalho, acabaram por fazer o levantamento de todas as fábricas da zona, através dos familiares de alguns, que nelas trabalhavam, conseguiram até visitar algumas delas, todos contavam com entusiasmo as suas “aventuras fabris”, descreviam a fábrica, relatavam histórias que os pais lhes tinham contado, falavam de máquinas, de objectos. Percebi que, de facto, não só tinham adorado fazer aquele trabalho como tinham percebido melhor aquela realidade em que viviam, tão próxima e até aí tão desconhecida. No final, todos ficámos com uma visão geral da indústria existente naquela zona e do papel que tinha na vida dos seus habitantes. E é isto: importa que as novas gerações compreendam esta importância de observar com muita atenção o que nos rodeia, questionar o que vimos, tentar perceber a realidade para além do que é apenas aparente. Que compreendam que trabalhar em equipa é uma mais-valia quando se fala em património e em Arqueologia Industrial, as diferentes perspetivas sobre um mesmo objecto ajudam-nos a interpretá-lo e aumentam o conhecimento que podemos ter sobre ele, podem mesmo alterar a forma como inicialmente o vimos e analisámos. No que à vida associativa diz respeito, se enveredarem por essa via

de atuação na sociedade, que percebam não ser esse o espaço para os grandes egos se manifestarem, que vejam na vida associativa um espaço aberto à discussão e debate de ideias, mas sem conflitos e sem rivalidades.

Telma Bessa,

Lisboa, julho de 2015.





Museóloga e docente de museologia. Mestre em Museologia e Património (UNL-FCSH), pós-graduada em Museologia Social (UAL) e licenciada em História Social (UL-FL). Técnica superior do Ecomuseu Municipal do Seixal - Câmara Municipal do Seixal (desde 1989-2009 e em 2011). Responsável técnica/directora do EMS de Dezembro 1989 a Novembro 2009. Exerceu o cargo de subdirectora do Instituto dos Museus e da Conservação de Dezembro 2009 a Fevereiro 2011. Docente convidada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nos mestrados de Museologia (seminário de programação museológica) e de Práticas Culturais para Municípios (seminário património cultural e museus) (desde 2006). É membro do ICOM, participando nos corpos gerentes do ICOM-Portugal desde 2002, actual membro vogal da Direcção (triénio 2011-2014). Principais áreas de interesse: programação e gestão museológicas, função social dos museus e museus comunitários, património industrial, património flúvio-marítimo; processos de patrimonialização; educação patrimonial.

Dra. Maria da Graça da Silveira Filipe

Universidade Nova de Lisboa

TB = Telma Bessa

GF = Graça Filipe

TB: Hoje é dia 02 de junho. Estamos com Graça Filipe, professora do Mestrado de Museologia, na Universidade Nova de Lisboa. Vamos conversar sobre a sua trajetória, sobre as pesquisas realizadas e quais os projetos que desenvolveu e desenvolve atualmente. Vamos inicialmente pedir à professora Graça Filipe para apresentar-se, falar da sua profissão, portanto, falar um pouco de si.

GF: Bom, muito obrigada por esta conversa. Não é fácil, mas vamos falar da trajetória e de como eu trabalho há várias décadas. Eu fui professora de História, há três décadas, e quando comecei a trabalhar, realmente interessei-me pelas questões do património e museus após trabalhar numa autarquia, concretamente Ecomuseu na cidade do Seixal. Isso aconteceu no final da década de 1980. Trabalhei mais de duas décadas seguidas num projecto que é bastante territorializado. De facto foram duas décadas de trabalho muito focadas naquele paradigma do território, trabalhando com outros colegas, em termos de militância, no sentido por entender que o meu trabalho não é meramente de funcionária pública que se limita a cumprir uma tarefa. Na verdade esse trabalho no Ecomuseu e a possibilidade de desenvolver um projecto de uma maneira muito dinâmica e interativa com outros projectos locais fez com que, ao longo desse período (1989 a 2009), eu me preocupasse cada vez mais com as questões do nosso papel, não só enquanto investigadores e técnicos do património, mas também o nosso papel no conjunto de agentes e interações, em torno da ideia, daquilo que torna um sítio ou um determinado bem cultural, ou uma determinada manifestação cultural, em património.

Essas questões são importantes de serem pensadas nos processos de “patrimonialização”. No caso do Ecomuseu do Seixal, isto realmente deu uma diferente perspectiva. Aquilo que era o Ecomuseu municipal no final da década de 1980 fez com que eu desenvolvesse, no âmbito nas minhas funções na administração pública local, uma gestão patrimonial e uma ação ligada a uma entidade museológica. Estou a referir aspectos do meu percurso profissional e pessoal, e das minhas preocupações, em pensar como é que nós temos agendado os processos de valorização do património e da sua gestão. Patrimonializa-se e depois como é que se gere, e como, de facto, se faz? Pois passa-se da teoria à prática. Como, de facto, conseguimos agendar este processo de restituição e possibilitar a reapropriação do património pelas milhares de empresas, pelas populações e pelo público em geral? Esta questão está ligada à gestão, e à ação patrimonial, obviamente trouxe-me um outro tipo de preocupação. A minha experiência tem a ver com as equipas de trabalho. Conciliando a investigação com as várias áreas profissionais, (em Portugal, nas últimas décadas, foi uma explosão) nós precisamos de muitas atribuições, muito saber e muitas competências. Décadas atrás não nos dávamos conta dessa necessidade de multidisciplinaridade. Isso valorizou também a minha experiência profissional, que eu, como disse, tinha vindo do ensino da História, e fui desenvolvendo o meu conhecimento na área do património, do museu, da gestão patrimonial, da transversalidade em várias áreas profissionais, ligadas ao património e à programação museológica.

Durante vários anos colaborei com colegas nas universidades ao nível dos cursos e pontualmente colaborei com um e outro professor quando me convidavam para alguma palestra. Eu tinha feito meu mestrado em museologia e património e, em 2006, quando fui convidada pelos coordenadores do curso de mestrado em museologia e de práticas culturais a participar no mestrado, aceitei o desafio, e desde 2006 tenho conciliado meu trabalho na administração pública, na gestão do património e na docência. E nosso ensino ainda é muito teórico (apesar do processo de Bolonha), mas essa necessidade de

trabalhar com as gerações novas, cada vez mais novas, é uma realidade diferente da época em que fiz o mestrado, nesse momento em que a maior parte de nós tinha uma experiência profissional em museologia, não é o que acontece agora, e a maior parte dos alunos da museologia não tem uma experiência na área da museologia. Esta experiência de docência na área do património e museologia é, sem dúvida, interessante e acaba por nos obrigar a desenvolver as nossas reflexões teóricas e a forma de passar a experiência que nós também temos na vida prática, mas, para mim tem sido muito importante conciliar esses aspectos.

Portanto, na minha perspectiva e na minha experiência, eu acho que talvez não trabalhasse hoje, como trabalho, na área do património, se também não tentasse ensinar alguma coisa ou partilhar, transmitir, e interagir no contexto académico e com a docência no meio académico. E, por sua vez, esta necessidade de ir refletindo, de ir transmitindo também nos faz, muitas vezes, sintetizar, teorizar até a forma como nós trabalhamos nas tais relações entre as pessoas. No âmbito e no quadro profissional, a gestão de pessoas, de equipas e no final a ideia de que afinal de contas o trabalho com património e o trabalho com o museu nos obriga constantemente à experimentação e à construção de métodos. O trabalho com património é, muitas vezes, muito frágil no sentido de que o que constituímos como um quadro adquirido num dado momento, em outro momento desconstrói-se, se não tivermos alguma sustentabilidade na reapropriação dos patrimónios por comunidades, por públicos, o que é sempre uma situação bastante frágil. Eu acho que os patrimónios só se concretizam enquanto tal, quando têm o retorno, a pertinência, validade para os outros e não apenas para nós que os investigamos e valorizamos na perspectiva académica. Acho que é uma área profissional que ainda consegue entusiasmar, não escolheria mudar de área de trabalho.

|127

TB: A opção de trabalhar na gestão de um museu e enfrentar as limitações e desafios da área, e ao mesmo tempo, exercer a docên-

cia numa universidade, no sentido de preparar as novas gerações, pode ser interpretado como uma união perfeita. Poderia comentar como tudo isso começou e qual seu primeiro projeto museológico?

GF: Sim, a minha formação de base é a História. Embora não tenha sido uma escolha muito óbvia. Durante muito tempo eu interessei-me pela área das ciências, mas é difícil contornar uma realidade, que é o facto de que eu era muito jovem quando se deu o 25 de abril, e a História ter surgido como uma oportunidade e possibilidade em que eu via um modo de conciliar o intelectual das ciências humanas com outras ações e intervenções. Na verdade, ao trabalhar em património e num museu, eu ingressei e interessei-me pela experiência do Seixal nos anos 1980. Foi meu primeiro concurso. Concorri a primeira vez para trabalhar numa entidade pública e num museu, após a graduação em História, e fui admitida. Isto para dizer que também sempre me interessei muito por arte, por História contemporânea, mas do ponto de vista patrimonial eu sempre tive um interesse muito particular nos patrimónios mais técnicos e industriais. Também provavelmente por isso, antes da História eu queria ingressar na área das Ciências. Há também outra explicação muito óbvia, como estava muito virada para as questões das dinâmicas sociais, da participação, também a questão do património técnico, industrial, no contexto de Portugal nos anos 1980 foi muito estimulante, aconteceram coisas bastante importantes, em alguns casos, com resultados menos interessantes conseguidos por alguns investigadores profissionais, mas foi uma década em que se afirmou bastante uma área do património ligada à Arqueologia Industrial, ao Património Industrial e foi por aí, na verdade, que eu mais investi pessoalmente.

Ao trabalhar no Ecomuseu do Seixal, (1989) éramos uma equipa pequena, e quando eu deixei de ser directora (2009), tínhamos uma equipa de 45 pessoas. Numa entidade com tutela municipal, foi talvez uma das equipas que mais cresceu e na equipa eu envolvi-me mais no lado da investigação histórica, das temáticas do Património Industrial. Também estava a trabalhar muito com o território (Seixal, lado sul da estância do

Tejo), aí que as dinâmicas da industrialização e desindustrialização eram e são, marcantes em termos sociais, económicos, culturais, e, portanto, para aquele tipo de experiência museológica e patrimonial, que foi desenvolvida mais ou menos neste período. A questão da temática industrial, por um lado, teve ligação com o rio, com as questões do mar, marítimo-fluviais, e foi muito parecida com a ação patrimonial desenvolvida a partir da autarquia sobre esta figura, que é até hoje seguida pela autarquia, que é a figura de um museu do território, museu centralizado que adotou a designação de ecomuseu, mas que poderia ter tido outro nome. Mas isso para dizer que meu percurso, como tudo o que nos acontece na vida, não é traçado por nós. Eu não tracei. O meu foi um percurso que foi acontecendo, sempre emergindo de interesses que também eram meus interesses.

De 2009 até 2011 ainda trabalhei no Ministério da Cultura (no Instituto do Museu e da Conservação, antes de ser fundido com património), depois voltei a trabalhar no contexto autárquico. Algum tempo depois, voltei por um período para o Seixal e agora estou a trabalhar (até final de 2015) noutra projecto não linear e estático, na cidade de Tomar, relacionado com património técnico industrial e reabilitação urbana. Estou de novo, enfim, com as “mãos na massa”, tentando inventar algo de diferente, com suas fragilidades no sentido de ter mais riscos também, por ser mais dinâmico e social. Trabalhar em projectos interativos é mais estimulante e vamos experimentando, ensaiando neste contexto da ação patrimonial e dinâmicas territoriais. Embora os tempos não estejam muito fáceis neste momento em que se vive, numa suposta contenção de recursos na área pública, infelizmente traz um certo retorno a um centralismo burocrático, administrativo, centralismo nas decisões políticas em relação a coisas que pessoalmente acho que não deveriam estar tão sujeitas a círculos políticos e à centralização da decisão política, mas isso já é outro problema.

|129

TB: Nos debates teóricos que envolvem Museologia, Património, Arqueologia Industrial e a partir de sua experiência, poderia co-

mentar qual a sua concepção de Património Industrial e sua importância para a sociedade hoje?

GF: Sem dúvida a questão das várias competências, das várias profissões é importante. Também me tenho interessado, principalmente, em lidar com contextos de desindustrialização em que há um reconhecimento do valor associado a sítios, espaços, saberes técnicos que foram descontinuados, há uma certa ruptura nesse processo de aplicação do saber técnico. No contexto português, muitas vezes reparte-se muito, não são apenas os engenheiros, os empresários que valorizam esses patrimónios, os edifícios industriais, sistemas técnicos, maquinaria etc. São muitos os próprios trabalhadores, operadores de máquina, administradores, que são conhecedores muitas vezes quase que de maneira empírica de certos processos produtivos, mais associados com a perda do trabalho, a perda do emprego, a perda da importância económica e social. Quando fecham uma fábrica, quando se desativam unidades técnicas industriais, há de facto uma ruptura, há sentimento de perda muito grandes. E esse processo, eu acho que na nossa sociedade contemporânea, leva-nos a nós, técnicos do património, por um lado, e, por outro, também investigadores sociais, a ter que nos embrenhar bastante pela memória oral, pelas relações entre as pessoas; quais são os significados dos valores atribuídos a determinados contextos industriais, não apenas pela natureza tecnológica desses bens, ou pelos contextos económicos. E essa dinâmica de trabalho, para mim, tem sido um desafio grande. Lidando com unidades industriais e empresas já com muitos anos, acabamos por nos relacionar com pessoas de várias gerações, e o que eu observo bastante é que o Património Industrial, por tudo o que sabemos e o que as convenções dizem, é que Património Industrial não são só as máquinas, os edifícios, a arquitectura, os arquivos, mas é tudo isso. Mas o facto de nós intervirmos no processo de “patrimonializar” no contexto das indústrias implica, a meu ver, que nós trabalhamos com os detentores de experiências da sociedade industrial. E isso, na minha opinião, é que pode levar

a alguma “luz”, enfim, alguma inspiração, também no sentido científico, para tentarmos uma via de interpretação e comunicação desses contextos em que os antigos trabalhadores, sejam eles os operários ou os engenheiros, todos eles possam ter o papel de mediadores.

Um problema com que eu tenho lidado em situações concretas é o processo burocrático, porque fica dependendo a catalogação, ou a classificação dos lugares do património. Penso que não podemos ficar dependendo apenas dos mecanismos, lugares ou processos de investigação mais formalizados através da universidade, e temos que agir de forma mais integrada com as pessoas que podem realmente viver, aproveitar e reapropriar-se, em seu tempo útil de vida humana, desse processo de valorização do Património Industrial. A minha experiência tem sido tanto mais estimulante quanto as pessoas participam desse processo de transmissão ativa de memórias e saberes, pois essas pessoas são antigos operadores de máquinas, são aquelas que realmente têm memórias do tempo industrial e da vida industrial, que não são necessariamente só memória positiva, e que podem ajudar a perceber a sociedade contemporânea, a exploração laboral, os problemas ambientais, as situações de crise, o valor social do trabalho, e que os museus ligados à técnica, à indústria, considerem estes aspectos e estejam ligados a uma dinâmica social. E isso é importante porque valoriza os espaços e contribui para os protagonistas refletirem sobre eles próprios, e também viverem algum retorno da importância desses espaços não meramente como objectos que se encerram num discurso expositivo, mas também para que essas pessoas intervenham nesse processo.

|131

TB: Desde os anos cinquenta, o debate sobre Património Industrial vem sendo divulgado e assumido por diversos países e instituições, académicas ou não. A contribuição de intelectuais ingleses, franceses, espanhóis, portugueses, brasileiros, e vários outros, tem tornado o debate sobre Património Industrial mais amplo e plural. A senhora poderia comentar sobre alguns estudiosos que contribuem na perspectiva do seu trabalho?

GF: Bom, apesar do panorama dos nossos estudos do património e dimensão museológica em Portugal serem bastante dinâmicos, e serem para mim fonte de inspiração, não gostaria de modo algum, de subestimar influências várias. Não há dúvida que nestas últimas décadas, nesta dimensão da ação patrimonial, património e desenvolvimento, dinâmicas participativas, há um autor importante que é Hugues de Varine. Ao começar a trabalhar no Ecomuseu do Seixal e a preocupar-me bastante com questões como: por que um ecomuseu? Como usar este termo “ecomuseológica”? Como ter aplicação ao que se estava a ler e, dentro de cada contexto, como podemos construir uma via própria? Todas essas questões presentes, sempre com fundamentação teórica e metodológica, porque nós não trabalhamos sobre a prática sem uma sustentação teórica. Portanto, Hugues de Varine foi, e é ainda hoje, na minha visão, um autor fundamental não só por ler seus trabalhos desde a década de 1970, mas também por ter tido o privilégio de ao longo desses últimos anos, de poder interagir com ele e refletir com ele em vários momentos da minha experiência profissional. Aliás, fizemos há pouco tempo um artigo em conjunto sobre o futuro dos ecomuseus, que é também uma reflexão prospectiva, no qual fizemos o exercício, analisar criticamente o que se tem passado nas últimas décadas com os ecomuseus, e, de uma forma mais ampla, com os museus. Tentamos pensar numa perspectiva de quais são os riscos e as tendências para estes museus. É um artigo muito simples, não tem fins académicos, foi publicado em português na Revista Al-Madan, e está disponível em francês no site do próprio De Varine.

Como todos os outros meus colegas, li George Henri Rivière, que teve bastante importância na minha primeira aproximação com a museologia. Não queria aqui subestimar os autores portugueses, as pessoas que estiveram perto de nós, e eu tive também o privilégio de ter contacto, e ainda tenho, com Maria Olímpia Lameiras-Campagnolo. E os seus trabalhos são, a meu ver, uma bibliografia imprescindível sobre algumas questões que me têm preocupado mais, nomeadamente sobre as

questões da programação museológica, de como organizar; de como conceber o museu; e de como organizar o trabalho do museu. Essas são preocupações que tenho, porque quando nós no dia a dia temos que enquadrar dinâmicas de trabalho em equipa multidisciplinar, isso é fulcral. Porque não basta só gerirmos a nossa agenda de trabalho, é preciso dar perspectivas, dar vias de cooperação multidisciplinar para determinados objetivos, que são objetivos muitas vezes difíceis de colocar às tutelas, portanto, temos que ser um bocadinho utópicos. Colocar as nossas metas lá no alto, essa é minha opinião, sermos ambiciosos no sentido de nos colocarmos numa posição de “aonde nós queremos chegar”, aonde é possível chegar no contexto de equipas, e com as expectativas de quem vê, de quem espera e de quem acompanha nosso trabalho. Nomeadamente quando trabalhamos muito próximo de uma comunidade local, e trabalhar numa autarquia e em um projecto local, tem-se constantemente esse desafio. É que somos muito observados, estamos sempre a ser avaliados, o que estamos a conseguir em relação ao património, e nós muitas vezes, acho eu, confundimos um pouco aquilo que é a nossa meta teórica, conceitual com aquilo que é exequível fazer com os meios que nós temos. Acho que esse é um dos grandes riscos na área da ação patrimonial. É que muitas vezes renunciamos um propósito bastante utópico, por exemplo a questão da participação da comunidade na gestão do património ou devolver determinados bens culturais, manifestações culturais a uma associação, enfim, a uma população, e porque muitas vezes nós não temos as ferramentas para fazer isso. Não temos o poder para agenciar esse processo, o que me parece é que raramente queremos dar-nos por fracos como técnicos do património, e dizer que muitos dos nossos objetivos não estão nas nossas mãos, nós não temos o poder para essa valorização do património. Aliás, esta é a grande discussão que nós temos hoje do património, da economia, da cultura. É que raramente nós temos a coragem de colocar, e porque que não é a economia a reverter para a cultura e para o património? Mas a verdade é que acabamos por ter a tática de tentar entrar pela via de dizer que o patri-

mónio pode ser interessante para a economia, que o património é um recurso provavelmente apto para o desenvolvimento económico. Nós não temos “a faca e o queijo na mão”, nós não conseguimos fazer isso.

E a propósito, nas nossas referências teóricas na área do Património Industrial, há inúmeros autores que tratam do património técnico industrial com problemáticas que são muito interessantes. Tenho-me interessado bastante e trabalhei num território com grande influência marítima e fluvial, com comunidades ribeirinhas em grande mudança, comunidades de pescadores que estão a desaparecer, profissões ligadas com a construção naval e a navegação; profissões tradicionais que estão a desaparecer. E este trabalho tem sido marcante nas últimas décadas, e nós que trabalhamos com património estamos sempre a lidar com perdas. Perdas do poder económico por parte de determinados grupos profissionais, perda do saber por parte de áreas profissionais e áreas do saber que ficam obsoletas em relação aos novos valores económicos, da industrialização, da terceirização da nossa sociedade. Portanto, para dizer que a ligação com a História contemporânea tem sido para mim uma fonte necessária para o meu trabalho. E é também minha opção, é uma área onde também continuo a trabalhar, mais ligada à investigação sobre os processos de industrialização e sobre a história industrial, mas ancorada na História contemporânea. Claro que é um risco, são coisas muito próximas, é bem mais confortável trabalhar sobre outros períodos históricos como meus colegas que trabalham com História medieval, com História moderna. Mas acho que vou continuar a interessar-me por essas áreas e por esse trabalho um bocadinho mutável, e interessa-me essa dinâmica em que se encontram as investigações da história, dos estudos do património, de uma museologia mais dinâmica, mais próxima das questões que ligam os museus com as mudanças da sociedade.

TB: Considerando o trabalho de investigação que exige cuidado, atenção e paciência, ao se deparar com diversas fontes, ou a ausên-

cia delas, como lidar com as fontes históricas e, na sua experiência, quais são as utilizadas e os documentos analisados?

GF: Há aqui dois aspectos, porque quando trabalhamos na investigação ligada a esses contextos industriais, e, obviamente, o Património Industrial traz-nos isso. Neste momento não estou a trabalhar sobre a indústria da cortiça, nem sobre o universo da cortiça, mas trabalhei durante bastante tempo, e iniciámos um processo de musealização de algumas áreas de uma antiga unidade industrial corticeira de meados do século XX em Portugal, na cidade do Seixal. Cito este caso porque durante muito tempo trabalhámos imenso com fontes ligadas à cortiça, à indústria da cortiça, aos processos de produção e transformação da cortiça, porque nós precisávamos de conhecer bem esse setor, para trabalharmos do ponto de vista patrimonial e museológico. Quando estamos a trabalhar numa área do património, penso, e estou mesmo convicta que isso acontece com todos nós nestas áreas, temos que nos embrenhar bastante com as fontes de estudo, da indústria, da técnica, dos processos de produção, ou até, muitas vezes, com os aspectos sociais ligados a esses contextos históricos, sociais, geográficos, tecnológicos. Isso acontece muito com a indústria. De facto, para nós conseguirmos começar a tirar alguns resultados do ponto de vista da interpretação e da comunicação de um contexto técnico e industrial, nós temos que estar muito por dentro do mesmo. Até para podermos conversar, comunicar e interagir com esses mediadores dos processos, os trabalhadores, os técnicos. É também porque quando queremos valorizar, interpretar e comunicar esses contextos, nós fazemos isso para públicos, pessoas que na maior parte das vezes não têm nenhuma iniciação nessas áreas, e, portanto, em termos de fontes, são fontes muito diversas, e sem dúvida que a história contemporânea é fundamental, pelo facto de trabalharmos sobre esses períodos e esses contextos.

Acho muito importante, do ponto de vista patrimonial e museológico, percebermos o que já fizemos das nossas próprias tentativas de construir um discurso, uma narrativa. É importante comparar, portanto, as fontes, que são fontes ligadas e

inerentes à própria museologia, inerentes aos próprios estudos do património. É importante perceber que outros processos, que outros projectos, já ocorreram e compará-los. Por exemplo, algo muito interessante, hoje fala-se muito na sustentabilidade dos museus, não só com perspectiva restrita económica, mas do ponto de vista geral, mas principalmente, face a essas dificuldades de obtenção de recursos, para os projectos patrimoniais, para os museus, acho que é vital conhecermos as experiências anteriores, conhecermos a história de outros museus. Conhecer como é que outros, antes de nós, já tentaram construir narrativas sobre temáticas idênticas àquelas que nós estamos a tentar construir à volta de certos patrimónios. Nomeadamente à volta de patrimónios industriais. Esta questão comparativa, para a qual muitas vezes temos muito pouco tempo, e há muito pouca oportunidade para fazermos um trabalho mais aprofundado, leva-me a salientar aqui a importância das fontes e dos arquivos dos próprios museus. Aliás, é uma coisa que nós devemos cuidar, é deixar documentação dos projectos em que estamos a trabalhar, o que estamos a fazer, o que tentamos fazer, o que não convém fazer, dados do que fizemos. Deixar essa documentação do trabalho é fundamental porque quando nós estamos a investigar um museu, um projecto em torno do património, é verdadeiramente precioso que nós encontremos esses arquivos. Enfim, é vital encontrar esses arquivos. Às vezes são arquivos recentes. É importante perceber na área do património técnico e industrial quais foram as tentativas do final do século XIX para criar museus ligados à indústria; qual a intenção no momento, o que aconteceu; algumas dessas coleções foram desfeitas ou integradas noutros projectos.

Às vezes temos a sensação de que o que estamos a fazer agora é tudo novo, mas nem sempre é tudo novo. É muito interessante percebermos como em outros contextos sociais, historicamente completamente distintos, algumas questões já foram pensadas. Não é retornar a um ponto onde outros tiveram, mas olhar para onde também outros já estiveram, é, de facto, muito interessante também do ponto de vista

das limitações da ação individual em torno do património. Acho que quando nos focamos demasiado em projectos individuais ou projectos que vivem de uma ocasião ou de uma oportunidade mais académica, e quando nós não conseguimos conjugar isso com um verdadeiro interesse ou uma certa pertinência social, isto é uma associação que precisamos fazer em torno do património. Temos que pensar onde é que nós ancoramos os nossos projectos, os museus que queremos ainda criar, por exemplo, onde estão ancorados do ponto de vista da mais valia social e cultural. Para mim, e com base na minha experiência de trabalho, são tão interessantes e estimulantes as fontes que me levam à compreensão, mas numa perspectiva histórica, das temáticas patrimoniais e museológicas, dos temas relacionados com as indústrias ou com a desindustrialização. Como valorizo os estudos que analisam os estudos de património, as fontes que me levam a perceber outros projectos anteriores, outros processos, e outras fontes que muitas vezes são relativamente recentes, mas para poder comparar com experiências de trabalho, projectos de criação de museus, é possível dar importância a outros projectos idênticos aos nossos, com temáticas contemporâneas.

|137

Do ponto de vista dos contextos técnicos e industriais, as fontes são o próprio contexto industrial, as ruínas, o espaço, o território, a oficina. Daí que é com tristeza que às vezes vemos projectos de valorização ligados à indústria que destruíram esses contextos, a arquitectura já adulterada, com pouco valor como fonte, e se perde. São grandes áreas com problemas ambientais ou com grande pressão imobiliária do ponto de vista da intervenção urbana. E, além disso, é primordial que reconheçamos o valor do objecto inserido no contexto e a possibilidade de nós estudarmos com o complemento do conhecimento humano, do operador da máquina, do engenheiro que montou. Porque temos essa tríade, quer dizer, a documentação técnica (o arquivo técnico), o lugar (o objecto), e a documentação oral (a possibilidade de inquirir informações das fontes orais, a experiência) isso é importante.

Obviamente, sou da área de História, continuo a dar importância também à necessidade dos museus e instituições tratarem seus arquivos e os colocarem à disposição do público. Isso infelizmente, mesmo na área da Arqueologia Industrial, e de um modo geral, nestas últimas décadas, em projectos que a arqueologia tem um papel central, vemos a compartimentação científica e nem sempre temos acesso a arquivos, à documentação científica, e isso é um problema. Às vezes temos até artefactos, mas artefactos desligados da documentação científica, e não têm praticamente valor no nosso trabalho no plano museológico. Por isso dou importância aos arquivos para, por exemplo, retomar a valorização dos patrimónios arqueológicos, ou algumas coleções, para o que é importante termos as informações, a documentação sobre os mesmos. É para isso que estou a incentivar a importância dos arquivos ligados à área do património e dos museus. A nossa Lei de base do património incentiva isso mesmo. Quadro de Museus, de 2004, também vem incentivar a importância dos arquivos dos museus. Muitas vezes para retomarmos a esses processos precisamos desses arquivos.

TB: A senhora poderia citar algumas dificuldades encontradas neste processo de investigação e experiência na gestão do Património?

GF: Além de tudo isso, o que me atormenta hoje, no meu percurso profissional, diria que é a falta de tempo. Porque como trabalhamos com museus e património, precisamos compreender processos de industrialização, precisamos de reflexão profunda sobre as fontes. Por que valorizamos um objecto e não outro? Musealizamos uma coisa em nome de que? Por que criamos museus sobre uma coisa e não sobre outra? Quem interfere nessas decisões? Tudo isso me leva a pensar que precisamos refletir, estudar, dialogar com saberes diferentes, e nós não temos o tempo necessário. Não estou falando de recursos, de pessoas, pois acho que muitas vezes, aqui em Portugal, vemos meios e processos de requalificação de sítios com obras vultuosas, que talvez fosse melhor investir mais nas memórias das pessoas vivas, e não em arquitecturas, criar es-

paços para depois nem sequer termos formas de lhes dar vida, de os utilizar. Em muitas situações gastamos dinheiro em requalificar os espaços e era muito mais importante gravar, filmar, ouvir as pessoas, estar com as pessoas que têm memórias sobre estes espaços. Isso é uma perda muito grande. Precisamos de um tempo, a memória exige-nos diálogo, um tempo para registrar, para pensar, tudo é muito rápido, as questões e divisões saem do nosso controle.

TB: Este debate rompeu fronteiras e, de fato, os processos de revitalização ou refuncionalização de antigos espaços têm apresentado diversas possibilidades, de acordo com vários fatores, contexto social, económico, cultural etc. Na sua perspectiva, qual o futuro destas questões e do Património Industrial?

GF: Bom. Há muitos anos estamos discutindo isso. Eu vejo que nós temos cada vez mais que desfocar a discussão do património e museus da questão da fruição, da discussão do turismo, da utilização imediata. Claro que precisamos mediatizar, dinamizar o património, obviamente. Mas esta ideia (que me tem atormentado), esta pressa em dar utilidade económica a tudo o que está em torno do património, eu penso que isso está neste momento a dar alguma ruptura, porque nós percebemos o valor do turismo, da fruição, das atividades de lazer, do chamado setor cultural, mas há um trabalho de fundo que devia estar mais embebido no social. Entretanto, eu acho que terá muito mais sentido um conjunto de projectos e investimentos na área do património que visam a tal reapropriação e a tal da utilidade social de salvaguardar elementos do passado-presente, que é património do presente (passa-se tudo num tempo tão curto), e é essa questão. Obviamente nós temos que refletir mais, investir mais num diálogo na prospectiva “o que queremos de facto?” Pois às vezes partilhava essa preocupação com meus alunos, temos consciência de que cada vez que estamos a musealizar qualquer coisa, ou a criar museus, ou a instituir património, estamos a passar compromissos para os vindouros. Esta ideia de que património é inalienável. E realmente acho que é muito mais importante, neste momento. Não queremos prever o futuro, mas devemos ser ponderados

nessa necessidade, às vezes desmedida, de guardar tudo, de dar valor a tudo, sem esta possibilidade de nos concentrarmos mais nas pessoas, nas comunidades de interesse, e não necessariamente como rentável do ponto de vista turístico, do ponto de vista do governo, da fruição imediata. E precisamos de tempo para investigar, para dar espessura àquilo que de facto dizemos hoje o que é património. A questão da investigação, do estudo, do simbolismo, deve estar ancorada, o que não tem carga simbólica não particulariza os museus. Hoje os museus vivem numa concorrência desleal com várias dinâmicas comunicacionais, de redes sociais. Mas as pessoas têm que de facto aprofundar aquilo que os singulariza, que os particulariza enquanto instituição de memória, de saber, de produção de conhecimento, de transmissão.

TB: Considerando sua trajetória, suas realizações e enfrentamentos na área profissional e pessoal, dentro da gestão patrimonial, no trato das relações pessoais e no ensino da museologia, poderia tecer algumas considerações para as novas gerações que estão iniciando este processo de investigação?

140 |

GF: O que costumo conversar com colegas, alunos e com todos é que nós (como em qualquer profissão) temos que fazer as coisas em que acreditamos. É preciso acreditar no que fazemos. A mensagem fundamental é que, parece que (voltando à questão do tempo, dos diálogos) temos que nos preocupar em construir algo que para nós tenha um sentido social. Não condeno obviamente que se pode trabalhar numa empresa, na área do património, na área da gestão do património (obviamente terá que ser rentável profissional e tecnicamente), mas penso que hoje em dia devemos trazer e fixar na área do património e dos museus quem realmente se sinta envolvido numa dinâmica do valor a acrescentar à sociedade. É, sobretudo, isso.

Telma Bessa,

Lisboa, junho 2015





Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Pós-graduação em Museologia Social na Universidade de Lusófona (1997) Mestrado em Estudos Locais e Regionais na FLUP (2009). Doutorada em História e Filosofia da Ciência, especialidade Museologia pela Universidade de Évora (2015), com a tese “Da fábrica ao Museu: identificação, herança e difusão da cultura técnico-industrial”.

Em 1992 participa no projeto de investigação do Inventário do Património Industrial da cidade do Porto. Em 1996 participa no Programa museológico e na abertura do Museu da Ciência e Indústria do Porto. De 2000 a 2011 assume funções de Diretora do Museu da Indústria do Porto. Responsável pela gestão de coleções, programação e serviços educativos. Professora de História do Traje e de Museologia na escola Artística ARVORE. Em 2014, responsável pelo curso de formação contínua “Introdução ao Turismo Industrial” na FLUP. Desde 2014 Investigadora integrada no CIDEHUS - Universidade de Évora onde desenvolveu um programa Pós Doutoramento na área do turismo e de património, colaborando atualmente em vários projetos no âmbito do património industrial.

Autora de livros e artigos sobre reconversão e musealização de edifícios industriais, programação museológica, museus e património industrial, história da técnica e da indústria. Bolseira Pós Doutoramento da FCT, membro integrada desde Setembro de 2017, no Instituto de História Contemporânea, da FSCH da Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, desenvolve um projeto dedicado à História do Ensino da Engenharia em Portugal (1911-1960).

Doutora Maria da Luz Braga Sampaio

Universidade de Évora (CIDEHUS) e IHC - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

TB = Telma Bessa

ML = Maria da Luz

TB: Hoje é dia 15 de maio e estamos com a professora doutora Maria da Luz no Museu da Eletricidade, Lisboa, e vamos conversar sobre a sua trajetória, sobre as suas pesquisas e projetos. Então vamos inicialmente pedir à professora doutora Maria da Luz para se apresentar, falar um pouco de sua profissão e de si.

ML: Meu nome é Maria da Luz Braga Sampaio. Eu formei-me em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mais tarde fiz uma pós-graduação em Museologia Social aqui na Universidade Lusófona, depois fiz o mestrado em História Local e Regional na Universidade do Porto, e neste momento, entreguei a minha tese de doutoramento na Universidade de Évora, que é uma tese na área de Património Industrial¹. Posso dizer que desde os tempos da faculdade sempre me interessou a história da indústria, não era um tema que na altura fosse muito estimulado pelos professores, mas era aquilo já que eu tinha em mente. De maneira que, por curiosidade, fiz-me sócia da Associação Portuguesa da Arqueologia Industrial, a APAI, justamente no momento em que estava a sair da faculdade, portanto ainda enquanto aluna de História. Desde o início, a minha ideia era trabalhar sobre a história da indústria, o movimento operário, o Património Industrial, que eram os grandes temas que estavam na minha cabeça. Fascinavam-me as mudanças no século XIX, as tecnologias, a condição da mu-

|143

1 Esta tese ganhou em 2016 o prêmio da APOM – Associação Portuguesa de Museologia.

lher operária, enfim, havia uma série de temas que me eram bastante queridos.

Quando saí da faculdade, onze meses depois, acabei por enquadrar um projecto, não na história da indústria, mas na história da educação, dirigido pelo professor António Sampaio da Nóvoa, e este projecto, a que estive ligada quase dois anos, tinha por objetivo a produção e edição de um repertório analítico sobre a imprensa pedagógica. Trabalhei numa equipa com alguns investigadores todos eles recém-licenciados como eu, que trabalhavam esta temática sob a orientação deste professor universitário. E quando chegámos ao fim deste projecto foi-me proposto avançar com esse tema. E porque não com um mestrado na área da educação? E fazia sentido, uma vez que estava há dois anos a trabalhar esse tema. Só que eu teimosamente disse que não, pois o que eu queria era trabalhar o Património Industrial. Então saí da área da história da educação e voltei para o Porto com a ideia do Património Industrial. E foi quando tive contacto com o professor Lopes Cordeiro, que trabalha esta área, e depois de várias andanças e de bater em várias portas, iniciámos o inventário do Património Industrial da cidade do Porto. Trabalhei com ele neste inventário, que foi apoiado pela Câmara Municipal do Porto, pelo Pelouro de Animação da Cidade, e que pretendia conhecer o Património Industrial existente na cidade. Estávamos nos anos 1990, justamente em pleno processo de desindustrialização e deslocalização da indústria da cidade, que, aliás, já se tinha iniciado na década de 1980, um processo que ocorreu em muitas cidades industriais. Face a esse processo de desindustrialização e da transferência da indústria da cidade do Porto para outros concelhos da periferia pretendia-se ter um registo dos edifícios e locais industriais que existiam, em que situação se encontravam, e qual o potencial para serem reconvertidos ou utilizados.

Na sequência deste trabalho, acabamos por apresentar também uma lista de potenciais edifícios para albergar o museu da indústria, um projecto museológico que fazia todo sentido

desenvolver numa cidade como o Porto que tinha um passado industrial e comercial muito forte. O processo de industrialização da cidade está associado a muitos investimentos, nomeadamente à própria comunidade inglesa que no Porto estava associada ao trato do vinho do Porto, e que teve vários membros que estiveram envolvidos em muitos projectos fabris e também em sociedades empresariais com o objectivo de instalar novas unidades fabris nos sectores têxteis e metalúrgicas. Conhecendo agora profundamente alguns fenómenos, fruto até de publicações recentes, confirma-se a importância que tiveram os ingleses na transferência tecnológica e no seu papel como investidores para a indústria que se desenvolveu no Porto. A ideia de se criar um Museu da Ciência e da Indústria fazia, pois, todo o sentido e a Câmara avançou com esse projecto, porém resolveu não assumir sozinha e convidou a Associação Industrial Portuense, que mais tarde mudou a sua denominação, para Associação Empresarial de Portugal, e juntos, Câmara Municipal do Porto e Associação Industrial Portuense criaram a Associação Para o Museu da Ciência e da Indústria. Eu comecei a trabalhar neste projecto após ter desenvolvido o inventário do Património Industrial juntamente com o professor Lopes Cordeiro, no Porto. Desde a primeira hora e após analisar as várias possibilidades de edifícios, vimos que o edifício que poderia ser reconvertido em Museu da Indústria seria o edifício das antigas moagens Harmonia, no Freixo, junto ao Palácio do Freixo. E posso dizer-lhe que, em 1996, estávamos instalados já nas moagens. Tinham sido feitas pequenas obras de adaptação; o edifício era muito grande e com vários pisos. Era uma típica moagem, austro-húngara, construída em 1892, que cem anos depois estava muito degradada, mas, vamos dizer, era um edifício que estava original, com sua chaminé, o seu cais etc. Após algumas obras, instalámos lá a Associação para começar a criar o museu. E eu que tinha feito o inventário, havia percorrido a cidade, conhecia bem a indústria existente. Então iniciámos também o levantamento da maquinaria para começar a criar uma coleção de Património Industrial, estive envolvida nesse processo desde

a primeira hora. E, portanto, podemos dizer que, juntamente com alguns apoios da Câmara, apoio de transporte, gruas, empilhadores e pessoal (um grupo de funcionários da Câmara Municipal do Porto), começámos a levantar esses testemunhos do Património Industrial, uma vez que eles estavam em fábricas que iriam desaparecer ou iriam ser transferidas para outras regiões. Esta era a única forma de manter uma memória da indústria através dos objectos daquelas fábricas e foi assim que começámos a criar a coleção.

A associação formou-se em 1994, e em 1996 estávamos já instalados dentro do edifício. Inaugurámos em 1997 este espaço com uma exposição ligada à ciência, uma exposição que foi produzida pela Associação dos Professores de Matemática; chamava-se “Explorar, jogar e descobrir: matemática ao alcance de todos”. E a moagem foi preparada para receber esta exposição que foi apoiada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (o professor Mariano Gago era o ministro) foi um momento em que havia fundos comunitários para apoio à ciência. E a partir da inauguração começámos a trabalhar dentro da moagem, a receber o público escolar e simultaneamente a criar uma programação. Havia, então, dois trabalhos paralelos, a programação e, por outro lado, a constituição da coleção. A exposição de “Matemática” era muito grande, durou dois anos, mas começou a criar problemas de manutenção, porque os guias tinham de ser substituídos, era preciso contratar novos estagiários, havia vários módulos que precisavam ser revistos porque os materiais começaram a apresentar desgaste, a parte informática tinha de ser revista e avançámos, então, com outras exposições e, pouco a pouco, fomos mostrando as peças que estávamos a levantar, como uma locomóvel, uma máquina de furar, teares, maquinaria da moagem ou seja, algumas peças que eram relevantes para o entendimento do edifício e outras que eram muito grandes e precisavam de ter um lugar definitivo. As atividades foram decorrendo, fomos desenvolvendo vários projectos e, no âmbito da divulgação da ciência, desenvolvemos trabalhos com as escolas, com as famílias, *workshop* etc.

E quando chegámos a 2001, o Porto foi cidade Capital da Cultura. Nós estávamos esperançados que fosse um momento importante para alavancar o projecto, até porque, entretanto, tínhamos desenvolvido um programa museológico com o professor José Manuel Lopes Cordeiro e com a equipa de projetistas, e mais tarde envolvemos outros consultores e começámos a desenvolver a ideia de uma exposição permanente para o museu. Paralelamente fomos também concorrendo a fundos comunitários, realizando seminários, exposições etc. E a ideia era realmente tentarmos no âmbito da Capital da Cultura em 2001, que pudéssemos ter uma grande exposição que permitisse recuperar os espaços. Havia uma candidatura preparada que permitiria a reconversão de espaços industriais, pois havia financiamentos europeus dirigidos para a requalificação de equipamentos culturais. Devo dizer que nos anos 90 vários museus dedicados ao Património Industrial foram construídos com o apoio desses fundos comunitários, museus de iniciativa autárquica, mas também arquivos, bibliotecas, houve muita dinamização cultural. Neste ano de 2001 recebemos outras exposições, mas não houve uma iniciativa que permitisse alavancar o projecto do museu como havíamos pensado. Entretanto, em 2002 nós tínhamos preparado uma candidatura para reconversão e adaptação do edifício a museu, pois apesar de nos termos instalado em 1996, este era um espaço provisório, havia que fazer obras definitivas. E tentámos candidatar esta reconversão às linhas de financiamento dos fundos comunitários existentes. Acontece, porém, que o processo foi tardando, e quando chegámos a 2003, o executivo autárquico mudou e a prioridade deixou de ser os museus. A candidatura em 2003 para a reconversão do edifício foi apresentada e dada como prioritária, mas não avançou. Devo dizer que a candidatura teve dois momentos distintos: houve um primeiro momento em que o projecto era arrojado, de grande dimensão. Mas quando chegámos ao início dos anos 2000 sentíamos que havia que redimensionar o projecto devido ao panorama nacional, e é neste contexto que o museu vai acabar por mudar a denominação para Museu da Indústria, pois havia a necessidade de objetivar o seu propósito e de se tornar

um projecto mais dirigido para uma determinada área: a história da indústria na cidade do Porto.

É evidente que o facto do museu ter sido uma Associação não foi a melhor opção do ponto de vista do modelo de gestão de projecto, porque o que se verificou foi que a Câmara priorizou os museus municipais, deixando para trás os que não eram 100% municipais. Dizia-se que a AIP (Associação Industrial de Portugal), atual AEP, iria financiar os projectos, mas não financiava. Esta empenhou-se no lançamento de um grande projecto: um Centro de Ciência e espaços para Congressos, o denominado Europarque, na cidade de Santa Maria da Feira. Este projecto tinha uma grande dimensão, de tal maneira que acabou por “sugar” muitos dos recursos que poderiam ter sido distribuídos por vários projectos. E a AIP, atual AEP, optou por este projecto: o Europarque. Esta situação acabou por nos trazer, mais tarde, problemas vários, é o que acontece quando os museus e a cultura deixam de ser uma prioridade. O facto é que o executivo que entrou em 2003 e já no segundo mandato acabou por fazer um protocolo com o Grupo Pestana (que explora e constrói as pousadas em Portugal) e passou a antiga Fábrica de Moagem Harmonia e o Palácio do Freixo para as mãos deste grupo, e este foi transformado numa Pousada de Portugal, e nós fomos obrigados a retirar o museu daquele espaço.

De qualquer forma, posso dizer-lhe que desde 1991 até 2008 não trabalhei noutra coisa que não fosse o Património Industrial. Foram anos muito ricos, constituímos uma coleção, conheço cada peça como se fosse eu mesma. Entretanto, em 2007, na passagem do edifício para este grupo privado – Grupo Pestana -, mudámos de instalações, fomos para a zona industrial do Porto e colocámos as coleções lá e tentámos, apesar de não termos qualquer tipo de apoio, nem da Câmara nem da AEP, mas mesmo assim tentámos abrir o espaço ao público, mesmo que fosse só com visitas guiadas, e aliás tínhamos constantes pedidos de visitas guiadas. Só que a Câmara do Porto resolveu acabar com o museu e resolveu também acabar com a equipa que estava a trabalhar no museu. Por-

tanto, de repente, digamos assim, tudo parou. E um trabalho de praticamente dezassete anos ficou em suspenso. As coleções deixaram de ter qualquer tipo de tratamento e havia em Ramalde muito a fazer, nomeadamente no arquivo de documentação que tínhamos levantado nas empresas, este também carecia de tratamento. Importa referir que quando fazíamos levantamentos de peças e maquinaria, procurávamos também a documentação alusiva às empresas, às máquinas, procurávamos os catálogos antigos, os folhetos, os desdobráveis, os cartazes publicitários, procurávamos ainda contactar com os operários, que muitas vezes nos ajudavam a desmontar as peças, levá-las para o museu e montá-las lá, e procurávamos que eles também fossem o nosso público, não queríamos trabalhar só com escolas, queríamos trabalhar com todos, até porque eles têm um saber sobre as peças, têm a vivência operária, sabem do processo produtivo de cada setor, um saber que era imprescindível para a musealização das peças. Eles eram pessoas que traziam outras até o museu, contavam as suas histórias junto das peças, e, portanto, criava-se uma dinâmica muito interessante com a comunidade operária, muitos deles já reformados, outros desempregados. O museu foi encerrado em 2011, já lá vão quatro anos, e nós tivemos que parar a nossa atividade porque a Câmara não quis criar nenhum serviço complementar ou dar continuidade de uma outra forma nem equacionar tão pouco uma solução que permitisse cuidar daquela coleção e documentação.

Entretanto, entrou um novo executivo há um ano e estamos a aguardar que haja enfim alguma decisão, no sentido de se encontrar novamente um espaço, porque onde estão os arquivos e as coleção alojados é um espaço privado, e, portanto, isso não é um bom negócio, mas é uma opção política e é um custo para este executivo. Julgo que no momento se estará à procura de um novo espaço e a repensar uma outra solução. Não sabemos qual. De qualquer forma, acho que devem ser estudadas outras soluções que passam por desenvolver um novo projecto museológico, ou transformar aquelas coleções, numa reserva visitável, por exemplo. Aliás, na Lei Quadro de museus, de

2004, refere-se à possibilidade de se criar museus ou estruturas de quadro de pessoal, mas também apontam outra figura que é a “Coleção visitável”, que é um espaço com uma coleção, onde investigadores e alunos podem aceder, e as peças podem ser mantidas, conservadas e estudadas. O investimento é em pessoal de manutenção e segurança, e a abertura deste espaço ao público é pontual. Não faz sentido termos feito um trabalho tão grande, um investimento tão grande de conservação das peças e depois ter que fechar, ficar tudo suspenso... Diria até abandonado... Há registos contabilísticos da Associação que demonstram os investimentos realizados desde a simples lubrificação das peças, limpezas mais profundas, até a troca de bases, portanto não faz sentido tanto investimento depois estar tudo fechado. Foi um momento muito difícil da minha vida o encerramento do museu, e o facto de ter ficado sem emprego, que na realidade foi isso que aconteceu. Éramos uma equipa de quatro pessoas e faria sentido incorporar as pessoas em outros serviços da Câmara, nem que fosse de forma provisória, ou estudar outras possibilidades no âmbito municipal, mas nem isso aconteceu e foi realmente um momento muito complicado deixar o espaço, as coleções, os trabalhos de divulgação. A Comissão Liquidatária, que, entretanto entrou em funções, compreendeu essa situação e mantivemos sempre uma relação de proximidade, compreendeu que para aquelas pessoas que ali trabalhavam, aquilo que ali estava era muito mais que “ferro velho”, eram testemunhos da indústria do Porto e neles havia peças que funcionavam, que estavam em óptimas condições e até podiam voltar a funcionar. Elas poderiam ser utilizadas através da realização de ateliers ou *workshop*.

Depois, 2011 foi um ano muito difícil (já 2010, com a extinção da Associação para o Museu da Ciência e Indústria), mas incentivada por algumas amigas resolvi avançar para fazer o meu doutoramento na área de Património Industrial móvel, uma vez que achei que aquela coleção merecia que se desenvolvesse em torno dela um projecto de investigação que permitisse mostrar como podemos valorizar os objectos técnicos industriais. Entreguei há um mês (na universidade) a tese que

se chama “Da fábrica para o museu: identificação, patrimonialização e difusão da cultura técnico-industrial”. É uma homenagem ao Património Industrial móvel e é uma forma de mostrar, através de um caso concreto, através daquela coleção as diferentes narrativas que elas encerram e como podemos ter um outro olhar sobre estes objectos que são vistos muitas vezes como sucata, como objectos feios, ferrugentos, mas que no entanto encerram uma história que por vezes começa num país estrangeiro, porque a máquina vem da Inglaterra, França, Bélgica, Suécia, para Portugal, passa pela alfândega, depois vai para uma fábrica, depois pode ser vendida em segunda mão, pode entrar noutra fábrica indo finalmente parar a um museu. Parar a um museu porque elas representam um saber técnico, um modo de operar, um investimento específico e, estas peças vão para os museus que, por sua vez, foram criados para conservar e divulgar estas peças, devendo constituir-se como estruturas educativas com as suas, equipas de trabalho, e que vão dar continuidade a um projecto recolhendo novos objectos, integrando-os numa coleção, o que lhes dará um valor e um sentido. Nestes últimos três anos fiquei preenchida por estes estudos, associados ao doutoramento, que são uma fronteira entre o passado e o futuro. |151

Acho que o Património Industrial carece de uma grande reflexão, é um património muito difícil de se trabalhar, mas muito necessário. Tanto mais necessário com esta crise que estamos a viver, com o desaparecimento da indústria nomeadamente no Ocidente, na Europa, verificando-se que a indústria passou toda para os países asiáticos, o que coloca, outra vez na ordem do dia, a dependência que os países acabam por ter de outros países. E mais uma vez a história da indústria pode-nos dar uma contribuição importante para conhecer como foi, como se desenvolveu, como foi transferida, como usámos, a tecnologia e como se verificou o desenvolvimento económico nos últimos séculos, e como que agora podemos outra vez reinvestir ou (re)valorizar a indústria.

TB: Vê-se que sua dedicação ao tema do Patrimônio Industrial vem de longa data, e a partir de sua experiência, poderia comentar

o que é Patrimônio Industrial e qual sua importância para a sociedade?

ML: Quando estava a fazer o doutoramento, na Universidade de Évora, fui confrontada com novas abordagens sobre o património e conheci grupos de alunos que estavam a desenvolver estudos e reflexões sobre o Património Industrial, e esses grupos deram-me outra concepção do Património Industrial. Realizámos colóquios, seminários, base de dados bibliográficos, conexão com outros projectos a nível internacional, criou-se um blog que veicula as questões e problemáticas do Património Industrial. E quando vemos estes movimentos, tão espontâneos, e isso tem um valor especial, pois não são baseados em nenhuma teoria ou movimento militante, são antes baseados numa sensibilidade que as pessoas ganham no seu caminho, no seu percurso de vida e por isso procuram aprofundar os seus conhecimentos conhecer as suas comunidades que estudam (por exemplo, existe um trabalho muito interessante sobre os mármore de um colega que conhece a fundo como foi importante essa indústria, como foi talhado, cortado o território da extração dos mármore, a sua comunidade) é uma experiência quase sensorial. Esta questão do património é também uma questão sensorial. Como é que nós definimos este património, como valorizamos, quando mantemos contacto com esta realidade, quando conhecemos as realidades patrimoniais. Na minha investigação percebi que no Porto não havia quase nenhum habitante que não tivesse uma ligação à indústria. Com quem contactava, todos me diziam: “Porque meu pai trabalhou naquela fábrica”, “porque meu avô era engenheiro”, “porque o pai era técnico nesta empresa”, então a indústria marcou os habitantes, marcou o seu passado e presente e ainda marcou a paisagem da cidade, marcou as vivências da população. Quando nos apercebemos do processo de desindustrialização que a cidade do Porto viveu, quando vemos os dramas das pessoas que ficaram sem os seus trabalhos, quando estabelecemos uma correspondência direta entre o espaço físico, a fábrica abandonada e o espaço social, o

desempregado da indústria, apercebemo-nos das fragilidades desta população, que na maior parte das vezes não teve depois a possibilidade de ser reintegrado no mundo do trabalho. A nova indústria que se criou, ou o posto de trabalho no setor terciário, exige quadros técnicos com outra formação, e, ainda hoje, com esta crise que vivemos, todo este quadro social ficou mais patente e ainda mais agravado.

O Património Industrial tem uma directa relação com a visão do território, uma visão das nossas cidades, das nossas populações. Os museus dedicados ao património industrial têm por isso um papel muito importante na leitura destes processos. Um dos artigos que li, de um inglês, diz mais ou menos assim: “Eu quando entrar num museu não quero ver os objectos, mas quero ver os homens por trás dos objectos”. “(...) Quero ver as pessoas, saber como elas viveram, que percurso de vida tiveram, onde chegaram, como batalharam”. E nós temos histórias de vida fantásticas. E o Património Industrial tem-me ensinado muito (como mulher e mãe). Posso dizer-lhe que quando nós olhamos para as mulheres operárias, e vemos os horários que elas faziam, os filhos que tinham, mas também as cooperativas que foram criadas, as associações mutualistas (para dar apoio na hora de uma doença, ou para um funeral). Essas movimentações que vemos revelam-nos como a sociedade estava estruturada e como criava laços de solidariedade entre si. No caso das mulheres operárias, elas trabalhavam muitas horas, (tinham muitas ocupações: a laboral, a doméstica, a familiar. A fábrica também as ajudou na promoção social (tinham ordenado, embora menor que o dos homens), mas tinha o seu próprio salário. Ou seja, essas histórias, que atravessam séculos, são histórias que nos continuam a marcar, a nós mulheres e homens, principalmente nos momentos de crise, aprendemos com estas realidades e como gostaríamos que não se repetissem. A questão que se coloca é como é que estas pessoas conseguiram ultrapassar fases tão complicadas das suas vidas. O Património Industrial é tudo isso, não se pode restringir a uma definição, é antes uma vivência, é uma

forma de olhar a sociedade e o território. E tudo isto que nos marca e torna-se relevante para as nossas vidas.

TB: A partir da sua trajetória e inserção no mundo do trabalho, quais as principais dificuldades existentes, do ponto de vista geral?

ML: As dificuldades são várias, não há políticas que preservem os arquivos empresariais, por exemplo, as empresas nem sempre os preservam, aliás, na maior parte dos casos as empresas, muitas vezes desfazem-se deles, até os queimam. Quando pensamos em documentação há lacunas enormes nessa área e há um caminho a ser feito, de sensibilização, junto das administrações, promovendo políticas públicas que promovam a defesa documental (precisamos também de documentos para fazer história). Esse é um trabalho importante, estamos na era da digitalização, e é importante desenvolver projectos de digitalização de documentos, a criação de arquivos digitais, ou novos projectos de investigação académica. As universidades, as associações de património industrial, são importantes, pois elas podem apresentar propostas junto das câmaras, das empresas, do governo, dos grupos parlamentares, para se ter legislação mais eficaz na proteção dos arquivos. Há a ideia de deduzir os impostos das empresas que investirem na preservação dos arquivos. Acho importante o estudo de medidas específicas, pois muitas vezes eles ficam sensíveis ao argumento da isenção fiscal e esta é uma forma de preservarem arquivos ou outras peças. Há um trabalho grande a fazer para se envolver os estudantes, a participarem em campanhas de preservação de documentação e de objectos industriais, pois os objectos também são fontes, testemunhos históricos. Aliás, a minha tese parte do objecto enquanto fonte histórica, o que eu leio no objecto, o que a partir dele me leva a investigar neste ou naquele sentido, cada objecto tem suas próprias características, utilizadores e definições e, portanto, temos que seguir estas pistas. E os projectos de investigação muitas vezes desenvolvem-se criando diálogos com as entidades à sua volta, criando-se empatias, criando-se sinergias. Os professores uni-

versitários também têm essa função, não é somente trabalho administrativo ou de lecionar. Embora neste momento, os professores de uma maneira geral estejam sobrecarregados de trabalho, porque os governos acharam que os professores são burocratas ou devem transformar-se em burocratas, o que é um erro crasso. Os professores têm que ter tempo para preparar suas aulas, para ensinar, para melhorar suas competências, terem ações de formação específicas, desenvolverem projectos e sensibilizar os alunos para desenvolver e participarem nestes projectos. Mas a realidade é que os professores estão desmotivados, não querem desenvolver projectos, estão sobrecarregados de relatórios, burocracias. E devo dizer-lhe que no que diz respeito à minha investigação, e ao trabalho de campo, eu tenho batido às portas das empresas, e como qualquer outra pessoa, um 'designer', um engenheiro, posso receber respostas positivas ou negativas.

Vou contar uma história, que me aconteceu agora no doutoramento. A peça que eu queria estudar tinha sido comercializada por uma empresa e eu bati-lhe à porta, mostrei as credenciais, procurei também outros elementos que mediassem a relação com a empresa e pedi-lhes para consultar os arquivos deles. E estive mais de um mês a ver a documentação, que estava metida num grande contentor de cartão, numas prateleiras. Estive lá a ver, fotocopiei, fotografei e depois deste processo e apesar dos documentos que realizei e as propostas que fiz junto da administração voltou toda a documentação para os contentores onde estavam. Eu tentei sensibilizar os senhores para que algumas pastas fossem para a documentação do Arquivo Ativo da empresa, onde havia melhores condições. Há muito trabalho, há muita investigação, há muitas coleções para serem estudadas no campo do Património Industrial.

|155

TB: A partir da sua investigação, poderia citar quais as fontes possíveis para o trabalho com o tema Patrimônio Industrial?

ML: Temos, além da documentação na própria empresa, os jornais e documentação dispersa por muitos locais. No in-

terior das bibliotecas existe muita documentação, nomeadamente Relatórios de Contas de empresas, temos os Boletins de Associações, depois temos também os Arquivos Distritais que têm documentação importante sobre a história da indústria, temos os arquivos associados ao Ministério das Obras Públicas. Temos os arquivos municipais, onde encontramos documentação muito importante, nomeadamente os licenciamentos. Há, no entanto, muitas lacunas e temos municípios que não têm esta documentação organizada ou disponibilizada. Há uma responsabilidade acrescida por parte de quem trabalha o Património Industrial, para sensibilizar as empresas, tentar preservar acervos, fundos fotográficos, os antigos filmes, e procurar meios e apoios para preservá-los. Vivemos num período em que as instituições não têm orçamentos para manter o que têm, nem para receber novos arquivos. Chamo atenção também para as universidades, que têm um papel importantíssimo neste processo. Também tenho encontrado coisas interessantíssimas de particulares. Numa investigação anterior, conseguimos obter postais, fotografias, registos de festas da comunidade, documentos alusivos às suas vidas profissionais, verificámos que cada pessoa guarda em si um conjunto de memórias do objecto, possui documentos, que pretende ficar com eles, verificámos que a própria comunidade é detentora de um espólio importante e, por isso, devemos fazer a história com essas pessoas. Claro que outras se perdem e nos impedem de estudar determinados contextos.

TB: A investigação é uma experiência transformadora, no contato com as fontes, com as pessoas. Poderia citar alguns estudiosos que colaboram com essa perspectiva cuidadosa, minuciosa no processo?

ML: Nós em Portugal temos trabalhos muito importantes aos quais não podemos nos furtar, que desde os anos 80 foram escritos na Arqueologia Industrial, história da indústria, museologia industrial e do Património Industrial. Desde Jorge Custódio, Lopes Cordeiro, Elisa Calado Pinheiro, Fernanda Rollo,

Jorge Alves, Amado Mendes, Ana Cardoso de Matos, a Graça Filipe, Luísa Santos, são referências. Outros que têm trabalhado na área de museologia no geral, como Raquel Henriques da Silva, Mário Moutinho, António Nabais, João Brigola, pessoas que estudam e desenvolvem estudos ou projectos específicos na área da museologia, e, entretanto, vão surgindo novas gerações que estão a produzir trabalhos muito interessantes, associados às universidades de norte a sul, em várias áreas, como arquitectura, geografia, sociologia, antropologia. Enfim, o Património Industrial, a Arqueologia Industrial, a museologia, analisados sob diferentes perspectivas e áreas disciplinares têm cativado as novas gerações.

Temos também um panorama internacional com investigadores e intelectuais que marcam o panorama das abordagens sobre Património Industrial. Devo-lhe destacar o incontornável Neil Cossons ou Louis Bergeron (foi presidente do TICCIH, ele refere que o património industrial é um novo património) e também Kenneth Hudson e na museologia Hugues de Varine, com trabalhos muito interessantes e marcantes. E há brasileiros, Ulpiano Menezes, Marcus Granato, Margarete Lopes, entre outros, que têm uma contribuição importante nesta área da museologia. Na minha tese de doutoramento percorri portugueses, espanhóis, ingleses, suecos, franceses, canadianos, brasileiros. Os canadianos têm desenvolvido abordagens muito inovadoras ao nível da história da cultura material, dos estudos patrimoniais e da museologia. Devo dizer que por todo o mundo os estudos do património técnico e industrial estão nas agendas, de uma maneira ou de outra, com ou sem redes de apoio, com ou sem políticas culturais mais bem formatadas para estas áreas, de forma intensa ou menos intensa o património industrial é hoje esse novo património que necessita de ser estudado, preservado, divulgado, reabilitado... E a sublinhar esta realidade, encontramos em crescimento a produção de estudos e projectos nesta área, o que é incentivador, e nos permite desenvolver e reconfigurar a nossa história, que agora contempla e cruza diferentes dimensões e abordagens, desde a política, a social, a económica, a cultural, a tecnológica, e

nos permite alargar os horizontes, rever e relacionar diferentes realidades e traçar novas realidades, encontrar novas configurações, estabelecer novas relações, o que nos faz ganhar uma nova consciência da construção e desconstrução do conhecimento e, a partir daqui, também podemos promover novas análises outros projectos para as novas gerações.

TB: Diante desse quadro animador, na sua opinião, como atrair as novas gerações para a investigação sobre o Patrimônio Industrial?

ML: Começar nos bancos de escolas. Temos uma carência de estudos sobre património, de uma maneira geral. O respeito pelos nossos valores culturais deve começar no banco da escola, assim como as crianças aprendem a estudar inglês, educação física devem ter educação patrimonial. Mas há boas iniciativas, inclusive passando pelos “mídias”, pela internet. Esta educação patrimonial deve ser desenvolvida nos vários níveis de ensino e ao longo do desenvolvimento do jovem, porque quanto mais cedo se fizer, mais as gerações estarão sensibilizadas e com uma educação mais completa (não é só inglês, matemática). Temos que ter valores e a educação patrimonial é fundamental para isso, não só nas escolas, mas envolvendo também as famílias, a comunidade, sensibilizando a todos.

158 |

TB: Agora, após anos de dedicação ao tema do Patrimônio Industrial, e nos últimos quatro anos ao doutoramento, envie uma mensagem para os que estão entrando no mundo do estudo do Patrimônio Industrial!

ML: É difícil. Aquilo que posso dizer é que nós, como indivíduos, devemos ter respeito pelo ser humano porque ele passa pelo respeito pelo património. Olhar à nossa volta e ver quais são os nossos valores, aquilo que nos valoriza enquanto seres humanos, nos torna mais próximos uns dos outros, o que nos leva a ser mais completos e mais próximos dos outros, procurando respeitar as suas emoções, porque isso também é património. Portanto, o jovem tem que, acima de tudo, ter a noção do respeito pelo outro, aceitar o outro, respeitar a diver-

sidade do outro. É isso que lhe posso dizer, todos nós somos património, para além de todas as discussões sofisticadas e teóricas, o ser humano é o maior património.

TB: De onde vem esta paixão que não está nos livros?

ML: Esta forma de ver o património, vive-se. Os dias que mais marcaram minha vida foram quando ouvi pessoas que relataram as suas vidas de forma transparente e que me deram lições de vida importantes. E essas lições de vida é que nos marcam, acho que foi a partir daí que o património entrou na minha vida.

TB: E para finalizar, o que é fazer uma tese?

ML: Antes de mais, é um projecto que nós temos que acreditar, é uma tarefa muito importante que nos propomos fazer. É um projecto que é muito individual e que tem e deve ter o apoio e a cumplicidade das nossas orientadoras(es), mas é um projecto que deve ir até o fim. A sua proposta inicial deve pressupor que temos capacidade de ir até o fim, que é um projecto executável, viável com um tema, uma metodologia, e percurso de investigação e, finalmente, deve apresentar um novo contributo. Mas é também caminhada de descobertas, de exploração, de conjugar diversas coisas para chegar a resultados, ir mais além, e neste caminho temos de falar com pessoas, ir a arquivos, procurar documentação. Como vou preencher esse vazio? Onde vou encontrar informação? É um processo que pode durar muito tempo, menos tempo. Mas chega uma hora que temos que ser pragmáticos: agora vamos tirar conclusões, vamos ver até onde podemos chegar, e reconhecer que existe sempre coisas em aberto, para serem concluídas, tratadas, ultimadas, e deixar para outros essas etapas. Isso não é uma caminhada que se fecha, mas que abre, que nos enriquece e depois haverá outras.

Telma Bessa,

Lisboa, junho 2015.



Guilherme Pinheiro Pozzer é licenciado, bacharel e mestre em história pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP) com especialização na área de “Política, Memória e Cidade”.

Atuou em instituições de defesa e preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural em Campinas tais como o “Museu da Cidade”, “Museu de Arte Contemporânea” e na “Coordenadoria Setorial de Patrimônio Cultural”. Foi docente para ensino fundamental e médio, colaborou na produção de livros didáticos e na capacitação de professores para o trabalho com patrimônio. Atualmente é doutorando na Universidade do Minho (Portugal) com financiamento do CNPq e membro dos centros de investigação CICS.NOVA (Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais), em Portugal, e HUM-666: Ciudad, Arquitectura y Patrimonio Contemporáneos, na Universidade de Sevilla (Espanha).

No mestrado investigou a atual Estação Cultura, em Campinas, a partir da perspectiva da história urbana, do patrimônio e da arqueologia industrial com a dissertação “A antiga estação da Companhia Paulista em Campinas: estrutura simbólica transformadora da cidade. (1872-2002)”. No doutorado investiga ruínas industriais a partir do estudo de caso da Fábrica Sampaio, Ferreira e Cia. no Riva d’Ave. Tem interesse nas áreas de patrimônio industrial, arqueologia industrial, história urbana, educação patrimonial e processos de ativação patrimonial, memória e identidade.

Dr. Guilherme Pinheiro Pozzer

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - São Paulo, Universidade do Minho - Braga

TB = Telma Bessa

GP = Guilherme Pozzer

TB: Hoje é dia 08 de maio e estamos na cidade de Braga, em Portugal, com Guilherme Pinheiro Pozzer, historiador que está cursando o doutorado na Universidade do Minho. Vamos conversar sobre a sua trajetória, sobre as pesquisas realizadas e projetos envolvidos na área do Patrimônio. Então vamos inicialmente pedir ao Guilherme para apresentar-se, falar um pouco de si.

GP: Eu comecei fazendo a graduação na Unicamp em 1989 e, quando comecei, gostaria de estudar sobre a Idade Média. Porém, o estudo sobre a Idade Média no Brasil é bastante complicado e acabei me aproximando do campo do Patrimônio por conta de um estágio na Prefeitura Municipal de Campinas (Coordenadoria Setorial de Patrimônio Cultural), dentro de um projeto de restauro no Palácio dos Azulejos, um dos casarões dos barões do café, que é o único que tem a fachada de azulejos e é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Então eu comecei a fazer um trabalho de pesquisa nesse campo. Acabei me aproximando da professora Cristina Meneguello, que era quem fazia a ligação da universidade com a prefeitura. E lá eu resolvi estudar sobre Patrimônio, e como ela tinha vínculo com o tema do Patrimônio Industrial, eu comecei a trabalhar com a estação ferroviária de Campinas, a antiga companhia paulista.

Na verdade, o trabalho que desenvolvi (que depois virou meu projeto de mestrado) foi no sentido de compreender as representações simbólicas da ferrovia na cidade de Campinas, como

ela era apreendida e como transformou o espaço urbano. Eu acabei me deparando com essa questão histórica, da segunda metade do século XX, a degradação constante das ferrovias a partir do momento em que se parou de investir na expansão da malha ferroviária, no transporte de populações e se deixou o ferroviário exclusivamente para cargas. E me deparei também com a mudança da sensibilidade da população em relação àquele espaço que mudou bastante. Porque na verdade as estações ferroviárias eram vistas como espaços modernos, progressistas, luxuosos, e provocaram em todos os lugares em que passaram mudanças imensas. Trouxeram investimentos, alterações no trânsito, mudanças na forma de pensar a mobilidade urbana, a percepção de tempo e espaço, a separação dos espaços, a segregação. Foram estas reflexões que tentei estudar no mestrado e a forma como as estações eram representadas por jornais, pelo poder público, pela própria companhia. A companhia ferroviária paulista foi a primeira companhia fundada com capital nacional.

162 |

TB: Você poderia comentar como se deu em seus estudos a relação da ferrovia com a abordagem patrimonial?

GP: Bom, as representações mudam ao longo do tempo. A percepção sobre o espaço muda. E até mesmo num mesmo tempo, as percepções são diferentes, às vezes, de acordo com a classe social, com a cultura que você tem. E as ferrovias passaram a ser ressignificadas ao longo do tempo. Elas sempre foram vinculadas à visão do progresso e foram portadoras de significados múltiplos. Às vezes a própria documentação que a gente lê sobre a ferrovia, sobre estações, sobre maquinário ferroviário, é marcada profundamente por imagens monstruosas, imagens que as relacionam à força da natureza, às vezes assustadora, às vezes, maravilhosas. E com o passar do tempo, no Brasil, à medida que as ferrovias foram se degradando e os espaços em torno das ferrovias foram se tornando espaços degradados, de prostituição, áreas de consumo de drogas, mesmo aquelas que não tinham essas características passaram

a ter essas imagens, foram sendo representadas também dessa forma. E a perda do uso original, às vezes, também levou a novas representações e à resignificação do espaço. Como as ferrovias eram vinculadas à atividade industrial se tornaram Patrimônio do tipo que a gente chama industrial, e passaram a ter novos significados, a partir dessas mudanças. Por exemplo, a estação ferroviária de Campinas se transformou num centro cultural (estação cultura) atualmente. E o Patrimônio pode ser abordado de diferentes formas.

TB: De acordo com as suas pesquisas, ou em sua opinião, qual a concepção de Patrimônio?

GP: Patrimônio é tudo aquilo que a sociedade considera importante para uma representação do seu passado, e é uma reflexão sobre seu presente e ao mesmo tempo um vislumbre do talvez, do que no futuro possa ser preservado, retomado. A definição do Patrimônio muda, depende da época, depende de quem está olhando, depende do referencial.

|163

TB: A partir de suas pesquisas, poderia citar alguns estudiosos com quem você desenvolveu um diálogo e que contribuem nesta reflexão sobre Patrimônio?

GP: Um dos estudos interessantes é de François Choual, que trabalha sobre como o Patrimônio nas áreas urbanas está sendo pensado. No Brasil, a professora Beatriz Mugayar Kuhl estuda e escreve sobre Patrimônio ferroviário. Mas eu tento dialogar também com outras perspectivas, de uma forma mais ampla, principalmente porque trabalho com análise da arquitetura, análise do espaço. Bem, outro autor que me vem à cabeça é Umberto Eco, por exemplo. Ele tem um livro, *A Estrutura Ausente*¹, que trabalha com análise semiótica da arquitetura, em que ele passa a ver o espaço e a arquitetura como um discurso, e nesse sentido, a arquitetura pode nos proporcionar uma informação importante, tendo em vista os

¹ A estrutura ausente: introdução à pesquisa semiológica, publicado em 1968 [N.E.].

silêncios das fontes, porque boa parte do material trazido pelas empresas foi perdida. Esta é uma possibilidade de ver a história de uma forma diferente, trabalhando a arquitetura como cultura material mesmo.

TB: A partir de sua prática profissional no trabalho com o Patrimônio, como se desenvolvem os processos para considerar ou tornar um objeto Patrimônio?

GP: Depende do que se quer para aquele objeto, como a sociedade quer pensar aquele objeto. A ressignificação do espaço não passa necessariamente por uma reutilização ou por uma mudança das funções do objeto. A ressignificação pode passar apenas pela mudança da percepção do que aquele espaço significa para a cidade. Então, uma estação que antes era vista como espaço luxuoso e moderno, pode passar a ser ressignificada como um espaço degradado, um espaço violento etc. A questão da refuncionalização é uma questão importante, e talvez seja uma das discussões mais difíceis que se têm atualmente, porque ela envolve, às vezes, uma reforma ou simplesmente uma nova forma de usar aquele espaço. Transformar uma estação ferroviária ou uma fábrica em um centro cultural, ou numa área de esporte, ou mesmo numa área de lazer, numa área de espetáculos, necessariamente vai envolver mudanças estruturais no espaço, e essas vão alterar a maneira como aquele espaço, no momento presente, dialoga com o seu passado (o passado dele) e como aquele espaço era utilizado antes. A bem da verdade, acho que aí temos vários problemas, porque nem sempre as reformas são boas, e nem sempre esses trabalhos são bem executados. Às vezes altera-se de uma forma que é muito violenta, ou às vezes se altera de uma forma muito reverente com relação ao passado, quando precisaria de uma alteração mais forte. Mas acho que tudo passa, e depende de como a sociedade considera ser a necessidade premente para se fazer em relação ao que se pensa como Patrimônio. Às vezes não se considera algo como Patrimônio e simplesmente se derruba. O que é uma pena, porque às vezes, se desconsi-

dera que esse Patrimônio é parte representativa para um grupo que não tem o interesse vinculado ao capital imobiliário, à especulação imobiliária.

TB: Na sua vida acadêmica e profissional, poderia citar alguns contrastes ou problemáticas vividas?

GP: Às vezes penso que o principal problema na área do Patrimônio se refere a uma intervenção que descaracterize o lugar, o espaço ou objeto que está sendo trabalhado. Claro que se você for dar uma nova função, refuncionalizar, às vezes o espaço precisa de uma intervenção brutal. Mas a descaracterização torna aquilo um simulacro, uma representação do que foi no passado, um adereço, em muitos casos só a conservação da fachada ou uma alteração completa se faz necessária, mas acaba sendo só uma casca daquilo que foi o passado. E às vezes se transforma também só numa forma de lembrar as pessoas que aquele espaço existiu. E isso também é importante, pois nem sempre os espaços antigos se adequam às necessidades de hoje, e o presente deve ter uma reflexão sobre aquilo que é do passado, se é importante, ou seja, o que precisa ser preservado efetivamente e aquilo que pode ser preservado. É uma discussão entre a possibilidade e a necessidade da sociedade. Há, por exemplo, uma fábrica de papel aqui em Portugal, que é o museu do papel (localiza-se na rota do Patrimônio Industrial da região do Minho). É interessante como se pensa um museu, que ao mesmo tempo tem um percurso para vislumbrar como era feita a produção do papel. No caso, foi feita uma reforma bastante moderna, e ao mesmo tempo ligada ao que era a fábrica no passado. Na verdade, tudo passa pela discussão sobre a relação entre teoria e a prática. É muito bonito a gente falar que deveria ter um debate público, com a sociedade, mas às vezes isso se torna inviável, até pela urgência de se preservar alguma coisa, para que simplesmente não desapareça. Até a Arqueologia industrial como disciplina surgiu pela urgência das ações contra as demolições. Estava se demolindo tudo após a Segunda Guerra Mundial, então começou-se a preser-

var, antes de realizar estudos, antes de se fazer qualquer análise, a urgência era a ação de preservação.

Primeiro a gente discute a importância do espaço e depois é que preservamos, simplesmente porque há outros interesses envolvidos, interesses econômicos, privados. E às vezes primeiro tem que preservar para depois ver o que faz. Há casos em que o interesse do capital, a especulação imobiliária, são grandes problemas para o Patrimônio Industrial, porque este cobre áreas muito grandes, áreas centrais que são supervalorizadas. Para impedir que esse capital financeiro que quer investir naquela área que vemos como um potencial de Patrimônio (por exemplo, construa um condomínio num prédio histórico), às vezes é necessário preservar, então depende da situação do momento. Em geral, embora faça muito tempo que se discute Patrimônio Industrial, este Patrimônio ainda está se consolidando como algo importante para a sociedade. Normalmente as pessoas olham para o edifício de uma fábrica antiga e falam: “derruba isso aí, é tudo velho”. As pessoas se preocupam mais com castelos, casarões e mansões.

166 |

TB: O que seria então o Patrimônio Industrial?

GP: As definições passam pela ideia de que é todo aquele Patrimônio que é proveniente da indústria. A carta de Nizhny Tagil fala que não é necessariamente o Patrimônio produzido após a revolução industrial, mas é também produto de sociedades pré e proto industriais, embora sejam estes conceitos problemáticos. Todo tipo de indústria antes do chamado período da industrialização, mas estes conceitos devem ser discutidos. Por outro lado, em geral se considera como Patrimônio Industrial todo aquele Patrimônio que é fruto da atividade industrial, sejam eles documentos, fotografias desse período, arquitetura, documentos da própria fábrica, relatos dos trabalhadores, as oficinas, o maquinário, os espaços fabris, então são todos vinculados ao Patrimônio Industrial.

TB: Nesta tentativa de dialogar e interpretar esses espaços, comente o trabalho desenvolvido com as fontes de pesquisa!

GP: Quando trabalhei com ferrovias, e isso se expande além do Patrimônio ferroviário, percebi que no contexto do Patrimônio Industrial, o processo histórico é desmaterializado. Considera-se a história econômica, a história dos trabalhadores, mas a materialidade, o espaço é colocado de lado, funcionando apenas como cenário (os trabalhadores fizeram uma manifestação nas fábricas, ou os trabalhadores fizeram protesto em frente à estação). O espaço vira cenário, é um processo desmaterializado e, por outro lado, às vezes, quando se faz um trabalho apenas sobre a arquitetura ou uma visão arqueológica, você tem uma materialidade descontextualizada. Quando você tem uma análise pura e simples das estruturas, não se consegue interpretar a história social, as representações simbólicas, as interpretações daquele espaço. Então é só análise técnica do espaço. Tanto meu mestrado, quanto o doutorado se referem a uma análise da arquitetura e do espaço como uma forma de compreender a sociedade, as representações, às vezes o momento, perceber como aquela área provocou mudanças no lugar em que foi instalada. Neste sentido, acho que a arqueologia industrial é bastante importante porque ela é uma disciplina que necessariamente dialoga com outras disciplinas. A História tem que dialogar com a Arquitetura, A Arquitetura tem que dialogar com a Arqueologia, por sua vez, esta tem que dialogar com a Sociologia, e assim por diante. O diálogo interdisciplinar é importante para compreender de uma forma mais ampla esse objeto de estudo, sem que cada investigador tenha que fazer um estudo de tudo, mas fazer um estudo apurado do que representa, o que significa aquele espaço para a sociedade.

|167

TB: Nesta perspectiva, quais estudiosos você poderia citar que desenvolvem estas reflexões?

GP: Vejo as discussões que acontecem hoje na Unicamp muito interessantes. A professora Cristina Meneguello e a professora

Silvana Rubino trabalham nessa linha e incentivam os estudantes a trabalhar nessa visão mais ampla e aprofundada do Patrimônio. A professora Mugayar Kuhl, da USP, também desenvolve um trabalho bastante interessante nesse sentido e, ao mesmo tempo em que ela desenvolve trabalho na Arquitetura, ela tem uma preocupação de perceber o Patrimônio, as propostas de preservação e os diálogos com outros países em termos de preservação. Há trabalhos mais técnicos em termos arqueológicos, no Rio Grande do Sul (acho que na Universidade Federal de Pelotas) vi reflexões de investigadores preocupados em compreender o espaço e sua relação com os trabalhadores.

TB: Você poderia comentar como se desenvolve seu trabalho, como transita muito bem entre várias áreas de investigação?

168 |

GP: Trabalho com Patrimônio Industrial, mas minha formação é em História. Não tenho como fazer um trabalho de arqueólogo, porque não tenho formação em arqueologia. No entanto, necessariamente eu tenho que discutir com os métodos e as pesquisas da Arqueologia. Acho que é importante na área do Patrimônio. É um debate teórico mais aprofundado entre as disciplinas, os múltiplos saberes. Eu tenho a preocupação em estudar autores diferentes. Umberto Eco é da semiótica, Roger Chartier trabalha com representações, Carlo Guinzburg é historiador, e no livro *Olhos de Madeira*² trabalha com representação. Então o campo do Patrimônio permite que você dialogue, que use esses diversos saberes como forma de construir uma abordagem senão inovadora, no mínimo, necessária para tratar aquele objeto sobre o qual investigamos. Simplesmente é uma ferramenta que te habilita para construir aquela abordagem, compreender melhor seu objeto de análise, que pode ser inovadora, mas é o que você quer para sua pesquisa. Eu trabalho muito com as representações simbólicas, gosto de verificar as interpretações, as ressignifi-

2 Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância (*Occhiacci di legno. Nove riflessioni sulla distanza*), publicado em 1998 [N.E.].

cações de um objeto no tempo, às vezes um tempo curto, às vezes um tempo longo. São várias representações num mesmo tempo, depende do grupo cultural, da classe social. Na estação ferroviária temos o discurso da burguesia, daquelas pessoas – ditas silenciosas - que foram tiradas do espaço para o espaço se tornar nobre (foram para o outro lado da linha do trem), o discurso do poder público, dos usuários, dos trabalhadores. Então você busca diferentes maneiras de compor estas representações e estas visões sobre este espaço ao longo do tempo, através de jornais, literatura, documentos oficiais da empresa, por meio da arquitetura, plantas, fotografias, imprensa. De certa forma é um recorte de vários pequenos discursos para compor este quebra-cabeça.

TB: E qual é o seu quebra cabeça atual?

GP: Atualmente trabalho com uma fábrica aqui em Portugal, Sampaio Ferreira & CIA, fundada em 1896 na cidade de Vila Nova de Famalicão (próximo de Braga). Foi criada por um empresário quase autodidata, Narciso Ferreira, que era inicialmente um tecelão que tinha uma oficina têxtil caseira e que começou a investir parte do lucro que ia tendo. Ele começou a ter contatos e fundou uma fábrica têxtil, que na época era a maior da região. Em 1910 já tinha em torno de 800 trabalhadores, 200 teares mecânicos. A documentação da fábrica, depois que ela declarou falência no ano de 2005, foi quase toda perdida, existe pouca coisa preservada. Eu quero compreender, através do espaço, da estrutura da fábrica, como vamos abordá-la (está degradada e abandonada hoje, é um espaço imenso que sofreu vandalismo). Fazendo pesquisas em jornais, na pouca documentação que sobrou, que está pulverizada, nas poucas fontes que tenho para trabalhar. E uma das questões a se pensar é o que fazer com esse espaço, dialogar com outros objetos semelhantes, e pensar propostas de preservação. E claro, de acordo com as fontes, pois as fontes é que vão permitir o desenvolvimento do trabalho, ver qual abordagem optarei para fazer a escrita da tese. Não adianta

ter uma teoria sem ter uma documentação que dê suporte. Aqui existem muitos jornais operários que talvez me permitam compreender a visão daquele operariado sobre a fábrica. O professor Edgar de Decca tem um livro chamado *O Silêncio dos Vencidos*³, interessante para essa discussão, pois cito o discurso silencioso, porque nem sempre existem documentos que nos permitam verificar a representação, às vezes, de um objeto, de um espaço, e temos que trabalhar com pedacinhos e vamos criando interpretações em cima daquele objeto. Aí entra a contribuição da Arqueologia, que permite uma análise hermenêutica, do todo a partir de pequenas partes. E acho interessante essa abordagem.

TB: A partir dessa pluralidade de abordagens, como é que você percebe a discussão do Patrimônio Industrial no Brasil?

170 |

GP: Bom, as dificuldades das pesquisas não são privilégio do Patrimônio Industrial, e há dificuldades na área de humanidades. Antropologia, Sociologia, Arqueologia etc. sofrem os seus percalços. No caso do Patrimônio, às vezes temos que enfrentar o problema dos interesses privados, que não vêem aquele objeto como Patrimônio, efetivamente, e não se preocupam em preservar a própria história. A empresa não se preocupa em preservar a própria história e relega, destrói, vende parte do seu maquinário, sucateia, porque aquilo não tem mais sentido, porque o tempo passa, a modernidade vem e tem que usar máquinas mais modernas. Por outro lado, quando uma empresa faliu e deixou o espaço e maquinário, às vezes a sociedade não percebe aquilo como Patrimônio. Daí um esforço dos intelectuais, da sociedade, um esforço pela preservação. Há também falta de investimentos em arquivos, faltam investimentos em bibliotecas, isso pode dificultar o trabalho do pesquisador.

De todo modo, os trabalhos em torno do Patrimônio têm que existir independentemente do material que você dispõe. Às

3 1930: *O Silêncio dos Vencidos*, publicado em 1988 [N.E.].

vezes você trabalha só com aquilo que sobrou, os rastros, os restos, que permite compor uma visão sobre o passado, essa é a verdade. Lembro-me de uma frase que diz “o presente nada mais é que as somas de todos os passados”. Os restos materiais têm uma propriedade interessante: permanecem fisicamente no tempo, e ela em si, a materialidade, guarda em si mesma as múltiplas histórias desses diversos momentos do passado, mesmo que seja uma ruína. Como chegar a esses discursos é o trabalho do historiador. E quando não há nada dessa materialidade, é como contar a história de um espaço que não existe mais.

Quando trabalhei na estação ferroviária de Campinas, as pessoas não sabiam que ela era a segunda estação do Brasil e ela, em si mesma, contém diversas estações. Foram feitas várias reformas, destruição e reconstrução. Fiz a análise da edificação sem que a edificação existisse. Trabalhei com textos da imprensa, fotografias, folhetins reproduzidos em jornais, para falar daquela estação. Às vezes é um trabalho de micro história, como escreveu Carlo Guinzburg sobre a percepção social a partir de um moleiro⁴.

|171

TB: Como envolver as novas gerações, que têm vários atrativos de temas de estudo, para essa temática do Patrimônio Industrial?

GP: Falando especificamente do Patrimônio Industrial, conheci um trabalho sobre as ruínas de uma fábrica e um projeto educacional sobre isso. Então, pensando nisso, talvez a educação, desde a educação infantil, seja fundamental para criar interesse pela história local e pela história de um modo geral. Por outro lado, observamos que o Patrimônio Industrial ocupa um espaço tão pequeno no imaginário das crianças, dos estudantes, quando é comparado a Atenas, ao Partheon, aos monumentos ou ruínas das civilizações antigas (os deuses gregos e romanos sobrepõem-se em interesse em Marx, En-

4 Referência à obra O Queijo e os Vermes (*Il formaggio e i vermi. Il cosmo di un mugnaio del '500*), publicado em 1976 [N.E.].

gels ao interesse sobre Patrimônio, indústria, trabalhadores). A indústria não tem peso frente aos monumentos, que têm um peso maior ao longo dos anos. Precisamos de uma proposta educacional que expresse a ideia de que Patrimônio não é só aquilo que é monumental, pode ser uma coisa que é local, pequena, que diz respeito a um pequeno aspecto da realidade. A gente ainda tem muitos resquícios das histórias dos grandes feitos, grandes homens, grandes heróis, e isso passa por uma educação patrimonial. É muito comum falar de arquitetura greco-romana, análise da arquitetura medieval, mas quando se chega à história da indústria, pouco se fala da arquitetura do período e de como aquele espaço é pensado. Fala-se muito sobre as condições degradantes do trabalho, como afetava a vida dos trabalhadores, mas não se faz análise do espaço, como sendo um espaço de memória, de história, de aprendizado que também deve ser preservado.

172 | **TB: Considerando sua experiência em estudar fora do Brasil, como você sente as reflexões e avanços na área de Patrimônio Industrial?**

GP: O Brasil ainda é carente de discussões nesse campo, mas se você fala com professores aqui na Europa, eles também dizem “ahhh! Aqui também nós precisamos dessas discussões...”. A situação é a mesma. Hoje, na Europa, por exemplo, vive-se uma degradação do Patrimônio ferroviário. Isso nós já sabemos no que vai dar. A partilha de experiência é salutar. Eles podem aprender conosco nesse sentido. Nós sentimos hoje problemas nas ligações ferroviárias no Brasil devido à falta de investimento. Ainda se precisa dialogar mais entre as diversas realidades. Na verdade, a minha vinda para a Universidade do Minho deve-se a esta carência de pesquisadores especialistas no Brasil, porque eles têm uma experiência no campo da Arqueologia industrial, na formação de profissionais, que o Brasil ainda não tem. Está caminhando a passos não tão largos, embora hoje esteja melhor que nos últimos dez anos, mas ainda assim é uma área que tem carência. No entanto, percebemos que eles aqui enfrentam os mesmos problemas que nós:

falta de interesse, falta de investimento, falta de documentação, a necessidade de se preservar antes de se estudar, de se preservar antes de mostrar que aquele espaço tem relevância.

E o diálogo pode desenvolver-se com maior frequência. Percebe-se que o caminho é estreitar as relações e há o reconhecimento de muitos estudiosos brasileiros aqui na Europa. Ainda é necessário investimento dos governos nas pesquisas que contribuam para o avanço da pesquisa e para os pesquisadores terem melhores condições de trabalho.

TB: Poderia tecer algum comentário, deixar uma mensagem para as novas gerações que trabalham com o tema do Patrimônio?

GP: É importante identificar esse campo da pesquisa como campo de possibilidades não só do objeto, mas também da sua realidade. É um campo que pode proporcionar um trabalho bastante agradável. É uma questão interessante, não é sacerdócio, é profissão, então quando se escolhe esta profissão, tem que desenvolver da melhor forma possível e ter *feedback* tanto do campo dos seus pares, como do campo da sociedade, uma reverberação do seu trabalho na sociedade, pois aquilo contribui para a preservação da memória na sociedade. Para isso, você tem que se sentir pertencente a esse campo de trabalho, não necessariamente ser do lugar, mas criar um vínculo com o objeto que você está trabalhando, com o local. Meu vínculo atualmente se dá pela formação profissional, e cada vez gosto mais do que faço. Se você gosta do seu trabalho, necessariamente você vai ser recompensado (não financeiramente... esquece!), mas ver seu trabalho com algum eco na sociedade, de alguma forma, tudo passa pela maneira como você vê o presente. O Patrimônio Industrial me ajudou a entrar naquilo que me motivou tempos atrás, a entrar na História, uma melhor maneira de compreender o presente, mas na verdade, só me criou mais dúvidas, o que não é ruim, pois elas me incentivam a estudar mais, aprofundar mais, trabalhar mais.

TB: Com a situação atual de crise e as dificuldades, além da paixão pelo trabalho, como você vê o futuro das discussões no campo do Patrimônio?

GP: Vejo que o campo do Patrimônio é um campo em expansão. A partir do momento em que novos problemas urbanos comecem a aparecer, que novas necessidades surjam, pensar o Patrimônio passa a ser uma necessidade mesmo. E ao mesmo tempo, a preservação da história, das memórias, dos espaços, dos lugares, passa a ser uma questão que se coloca para o público. Nesse sentido, vejo um futuro bem interessante, bem bacana, sou otimista, e é necessário compreender a história das crises, dos processos de desindustrialização, porque isso está ocorrendo. O campo do Patrimônio permite que se reflita sobre as mudanças que estão ocorrendo agora. Acho que tem que se pensar o Patrimônio e os objetos com um olhar bem plural e tentando, às vezes, desmitificar, mas também dar e mostrar a importância que ele tem e isso necessariamente passa pela educação patrimonial.

174 |

Telma Bessa,

Lisboa, junho de 2015.





Professor do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador bolsista produtividade do CNPq. Foi professor da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV) entre 2008 e 2018. Também foi professor visitante nas Universidades de Duke (2004) e Princeton (2006-7), nos Estados Unidos, e pesquisador visitante no *International Institute of Social History* em Amsterdã, Holanda (2013) e no *re:work Institute* da *Humbolt University* em Berlim, Alemanha (2014). Entre 2010 e 2012 foi o coordenador nacional do GT Mundos do Trabalho da Associação Nacional de História (ANPUH). É autor de vários artigos e livros sobre a história social do trabalho no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Seu livro *Um Nordeste em São Paulo. Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista, 1945-1966* foi o ganhador do *Thomas Skidmore Prize*, promovido pelo Arquivo Nacional e a *Brazilian Studies Association* (BRASA), sendo publicado em inglês pela *Duke University Press* em 2016.

Professor Dr. Paulo Fontes

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC - Fundação Getúlio Vargas – FGV - Rio de Janeiro

TB = Telma Bessa

PF = Paulo Fontes

TB: Hoje é dia 30 de setembro de 2015, estamos em São Paulo e vamos conversar com o professor Paulo Fontes, que vai se apresentar, dizer o que faz e com quais projetos está envolvido atualmente.

PF: Meu nome é Paulo Fontes, eu sou professor de História do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Sou formado, Mestrado e Doutorado pela Unicamp¹, na área de História Social do Trabalho, que é a área que eu venho atuando já há algum tempo. No momento eu desenvolvo três projetos de pesquisa principais. O primeiro é um projeto sobre associativismo de bairro, nos anos 1940, 1950, em São Paulo, um projeto antigo que está terminando, e que espero, muito em breve será publicado como um livro. Há um segundo projeto que é uma biografia de um líder sindical metalúrgico conservador chamado Joaquim dos Santos Andrade, o famoso Joaquinão. E o terceiro projeto, que eu acho que tem mais a ver com interesses ligados ao tema dessa entrevista, chama-se Ruínas do Rio fabril, que propõe simultaneamente a elaboração de um inventário, um filme documentário sobre o Patrimônio Industrial na Zona Norte do Rio de Janeiro.

|177

TB: Professor, me permita perguntar, quais foram as motivações para o senhor abraçar esse tema do Patrimônio Industrial?

PF: Bem... É uma longa história e vou tentar resumir aqui. Acho que há três caminhos que me levaram para o Patrimô-

1 Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

nio Industrial. Três caminhos que são intercambiáveis. O primeiro tem a ver com meu universo familiar. Vindo de uma família de migrantes nordestinos em São Paulo e crescendo nos anos 1970, o mundo fabril sempre esteve ao meu redor. Meu pai não era operário, mas vários parentes e conhecidos da nossa família eram. Em segundo lugar, o meu próprio tema de pesquisa acadêmica. Eu estudei os trabalhadores industriais, operários, na cidade de São Paulo. No Mestrado e no Doutorado pesquisei os trabalhadores de uma fábrica na periferia de São Paulo, chamada Nitroquímica, no bairro de São Miguel Paulista. Um bairro tradicional da cidade, um bairro de migrantes nordestinos. E assim, eu mergulhei do ponto de vista acadêmico no que é o entendimento sobre o mundo fabril, o mundo industrial no Brasil. Por conta da dissertação, acabei lendo muito sobre isso, sobre outras experiências, outros textos. Então, digamos que a questão fabril, a questão industrial me interessa pessoal e academicamente. Mas aí teve outro passo para chegar ao Patrimônio Industrial. Foi o fato de que, durante o meu doutorado, fiz um estágio sanduiche em Manchester, na Inglaterra, que todo mundo sabe, é o berço da indústria têxtil, um lugar marcado pela sua cultura industrial. Lá eu me senti muito à vontade, adorei a cidade, gostei muito da experiência e pude travar contato com vários casos de indústrias, de galpões, de diferentes bairros operários, de fábricas que tinham acabado, que haviam deixado de cumprir sua função original econômica, mas que foram reutilizadas, ressignificadas no espaço urbano. E Manchester é uma experiência considerada positiva nesse tipo de reutilização desses espaços fabris, muita coisa foi destruída, mas muita coisa se preserva. Há, inclusive, toda uma utilização turística na cidade em torno desse Patrimônio Industrial. Eu fiquei completamente fascinado por aquilo, achei muito interessante, era um campo que eu não sabia que existia e fui atrás de saber da existência do The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial) TICCHI, que é a unidade da Unesco² para a preservação industrial.

E dei sorte porque isso acabou acontecendo numa confluência que esse tema começava a ser discutido por mais pessoas

2 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

no Brasil. Acho que em parte devido o processo de desindustrialização que o País estava vivendo no final dos anos 1990, especialmente São Paulo. As políticas neoliberais foram muito duras para determinados tipos de indústrias tradicionais e boa parte dessas, fecharam as portas. A Nitroquímica, por exemplo, não fechou completamente, mas fechou parte da sua produção. Tudo aquilo me chamava a atenção, e aí entra o terceiro caminho que me levou ao Patrimônio Industrial, que é a memória operária, que se articulava com as duas dimensões anteriores. Eu comecei a perceber que em muitos bairros e lugares da grande São Paulo o processo de desindustrialização estava deixando as comunidades órfãs de referenciais de identidade. E isso me tocou muito e comecei a me interessar por essas coisas. Por Patrimônio Industrial, por museus do trabalho e eu acho que, por sorte, eu fui me envolvendo muito em visitas aos museus do trabalho, no mundo todo. Tive a oportunidade de viajar muito, então eu acabei tendo uma experiência muito grande de ver experiências museológicas, de preservação. E preservação abarca uma diversidade muito grande de experiências. Devido às atividades acadêmicas, eu tive a oportunidade de, nos Estados Unidos, na Europa, na América latina, na Índia, conhecer variados museus na área do trabalho e conhecer experiências de reutilização para moradia, para desenvolvimento urbano.

Isso tudo foi me cativando (até escrevi academicamente sobre isso). Em 2003, quando lecionava na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, eu e algumas pessoas acionamos, via internet, a tentativa de criação de um grupo que estivesse interessado nessa perspectiva de Patrimônio. Tanto do ponto de vista mais acadêmico, de gente que se interessa em estudar essas coisas, mas principalmente do ponto de vista comunitário com essa dimensão mais política da memória. Pessoalmente me interessava pensar essa desestruturação dessa memória operária que eu via estar acontecendo em São Paulo. Na verdade, acho que esse processo continuou fortemente desde então e muitas das coisas que estão acontecendo em São Paulo, até do ponto de vista da política, tem a ver com essa desestru-

turação dessa São Paulo operária, um certo conservadorismo, tem a ver com o fim dessa São Paulo operária, nos termos que a gente conhecia até os anos 1980. Isso tem uma série de consequências sociais, políticas, culturais para como a cidade se vê. Então, só resumindo o que falei:

Eu acho que meu interesse pelo tema tem uma dimensão pessoal e razões acadêmicas. Acho que houve uma inspiração internacional pela possibilidade que tive de conhecer experiências muito ricas e interessantes em vários lugares do mundo, que eu acho que o Brasil poderia ter também. Ainda é um campo desértico, são poucas pessoas envolvidas, embora este número esteja crescendo e já existem congressos específicos para debater o Patrimônio Industrial. E acho que há a dimensão política da memória, da importância de uma certa memória e de identidades para o que eu acredito ser a construção da cidadania, a construção de uma sociedade mais democrática e justa. E acho que a memória “dos debaixo”, dos chamados excluídos da História, por assim dizer, é uma dimensão fundamental nesse sentido. E de novo, nosso país carece muito disso, apesar de ter uma história de lutas sociais tão incrível, tão intensa. Isso, no entanto, é pouco valorizado, é pouco difundido. As memórias dos subalternos são subalternizadas no Brasil e eu me sinto com um papel ativo politicamente no sentido de tentar interferir nisso.

Eu acho que esse campo da memória operária, da cultura operária, do Patrimônio Industrial, um caminho interessante, importante. Assim, eu diria que essas três dimensões são as razões que me motivaram a adentrar essa discussão do Patrimônio Industrial.

Penso que ao mergulhar nesse campo eu percebi uma profunda dimensão interdisciplinar da discussão de Patrimônio Industrial, que necessariamente tem que ser um trabalho articulado por profissionais de diferentes áreas. Uma das coisas legais desse campo é que ele exige um trabalho feito em equipe, coisa que em nossa universidade, muitas vezes a gente não está acostumado, não temos uma cultura nesse sentido.

Foi um pouco assim que lá no início do século XXI eu, em conjunto com outras pessoas, chamei para uma reunião sobre

Patrimônio Industrial. Na verdade, foi em uma ação voluntarista. Pegamos os e-mails das pessoas conhecidas, que estavam interessadas no tema, ou porque eram estudiosas, ou porque eram militantes, ou porque tinham um vago interesse, nem todo mundo que estava naquela reunião de 2003 sabia o que era direito Patrimônio Industrial, a verdade é essa. Mas dessa forma reunimos umas trinta pessoas, se não me engano. Eu acho que foi o primeiro encontro. É incrível pensar nisso, mas acho que foi o primeiro encontro de pessoas que viriam a ter, e têm até hoje, um papel protagonista nessa discussão. Porque a partir dali várias iniciativas, associadas àquele grupo ou não, ocorreram. Mas ali foi o pontapé inicial. Eu lembro que veio gente de Minas Gerais, Rio de Janeiro, e a partir daí fez-se contato com o TICCHI internacional, porque havia um pouco essa ideia de fazer uma filial do TICCHI no Brasil, fato que acabou se consolidando. Acho que contribuiu para que em alguns departamentos na academia, a história na Unicamp, por exemplo, se constituísse um grupo forte, com teses. Contribuiu para a existência de congressos... Não quero superestimar aquele evento, foi um evento pequeno, mas na verdade foi bom para colocar as pessoas em contato. Ali estavam historiadores, arquitetos, sociólogos, tinha gente ligada a museus e Patrimônio. Eu lembro que uns anos depois a revista do Iphan³ fez um número especial sobre Patrimônio Industrial, e foi algo importante para nós, pois era um certo reconhecimento da temática por parte dos organismos estatais que cuidam da preservação. Porque nós dizíamos naquela época, e isso vale, creio, até hoje, que o campo do Patrimônio, da patrimonialização do país tendeu a ver o Patrimônio Industrial de uma maneira muito negativa. Isso tem a ver com a própria história do debate sobre Patrimônio histórico e cultural no Brasil. Uma certa associação de Patrimônio a determinados períodos históricos e a determinados tipos de resquícios da elite. E, obviamente, os espaços do trabalho não são esses resquícios. Eu diria que há também uma questão de classe, que impregna a visão de Patrimônio. E tem a ver com questões específicas de como surgiu o Patrimônio no Brasil. É um cam-

|181

3 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

po dos modernistas, como Mário de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, tinham uma visão que privilegiava um certo legado colonial, em particular o barroco.

Portanto, os edifícios industriais, mesmo aqueles da primeira onda da industrialização do Brasil, em que havia uma certa imitação da fábrica manchesteriana, não eram vistos mesmo como Patrimônio. Afora um fato que considero essencial. Estamos falando das fábricas, dos galpões, ou das estações ferroviárias, ou das docas. Estamos falando, em geral, de terrenos imensos, de prédios grandes e, claro, o setor imobiliário olha tudo isso, os artefatos, os equipamentos, como altamente descartáveis. Ainda mais em uma fase de verticalização tão grande, de especulação imobiliária. A gente viveu um *boom* econômico até recentemente e esse setor imobiliário era um dos carros chefe desse *boom* econômico. Então nós perdemos muito nesses últimos dez anos. Numa cidade como São Paulo, em bairros como Mooca, Brás, ou Lapa, nós vimos exemplares fantásticos do ponto de vista do Patrimônio Industrial, serem destruídos. Embora a conservação desse Patrimônio tenha crescido, ela é ainda largamente insuficiente para fazer frente ao poder econômico que a especulação imobiliária tem numa cidade como São Paulo. Como diria Caetano [Veloso], “da força da grana que ergue e destrói coisas belas”⁴... (infelizmente, nos últimos tempos nem isso. Só se erguem coisas feias...).

Mas só para concluir, na verdade eu me vejo, como alguém que teve um papel modesto, de incentivador da difusão dessa discussão no Brasil. Até muito recentemente minha aproximação com esse campo foi meio de “agitador”, de alguém que tentou estimular tanto no campo da academia, como no campo das ações sociais, debates e políticas de preservação industrial. Mas não fiz ainda um estudo acadêmico próprio sobre Patrimônio Industrial. Creio que vou começar a fazer isso agora com mais propriedade e densidade no Rio de Janeiro, com o projeto do filme que mencionei antes.

4 Sampa, canção de Caetano Veloso e David Byrne, lançada em 1992 no álbum *Circuladô Vivo* (N.E.).

TB: Professor, sua trajetória é muito interessante e abre o leque para se debater muitas questões. Conheceu museus do trabalho, tem inserção social neste campo. O senhor poderia falar o que vem a ser Patrimônio Industrial?

PF: Obrigado por fazer essa pergunta, que é difícil de responder! Não vou te dar uma resposta precisa, mas eu diria que, antes de tudo, é um campo de discussões. Não sei se a gente precisa de uma definição. É um campo de discussões que se referem a enxergar no mundo industrial, e eu diria, em particular, no mundo industrial legado do século XIX e século XX, os resquícios, os vestígios, tanto do ponto de vista arquitetônico quanto urbanístico (que em geral é o que as pessoas olham), mas também do ponto de vista de uma cultura material de pequena escala, que são as máquinas, os utensílios que estão ao redor desse mundo fabril. E principalmente, e isso me interessa muito, me toca muito, que é a memória dos trabalhadores e também, por que não dizer, dos outros agentes sociais, empresários, agentes do Estado que agiam neste mundo. Eu acho que Patrimônio Industrial tem a ver com essas três dimensões, 1) este aspecto da estrutura arquitetônica, prédios, fábricas, as moradias dos trabalhadores, as linhas ferroviárias, os portos, digamos, tudo que diz respeito a esse vestígio do mundo fabril, 2) dentro desse mundo fabril é importante pensar nos maquinários, nesses elementos de menor porte, que fazem parte dessa dimensão industrial, e, 3) principalmente para mim, essa dimensão da memória dos operários, dos industriais, dos agentes do Estado, dos agentes sociais que estiveram vinculados a esse mundo.

Não basta, a meu ver, preservar um prédio, preservar uma máquina se você não leva em conta a dimensão dessa memória dos trabalhadores, das pessoas que estavam em torno daquilo. Para que serve aquela máquina, como funcionava, o saber-fazer, o processo de trabalho na perspectiva de quem estava ali. Não há nenhum livro de administração ou economia que ensine, pois, o saber-fazer tem a ver com as práticas daqueles agentes. Nenhum livro de engenharia vai explicar como as

coisas eram exatamente feitas. Pode ensinar de forma abstrata, técnica, mas do ponto de vista da produção é fundamental essa memória. Então eu acho que Patrimônio Industrial é levar em conta essas três dimensões.

Quando a gente fala de preservação de Patrimônio Industrial é pensar como todas essas dimensões devem ser preservadas. Eu acho que a gente deve evitar uma visão que muitas vezes é predominante entre as pessoas que estão nesse campo de discussão, que é uma visão que eu diria que é um pouco nostálgica, como se esse mundo industrial passado fosse composto só de coisas boas. Mas é um mundo de exploração, de sofrimento, um mundo de dor. Então acho que a gente tem que evitar essa visão romântica, inocente, nostálgica desse mundo fabril. Pensar os debates, as contradições e conflitos que fazem parte do Patrimônio Industrial. Como preservar isso? A gente não pode também ser utópico, romântico e pensar que todas as antigas fábricas vão ficar de pé. Isso é um absurdo, eu diria que essa visão é até reacionária. Claro que não vamos preservar todas as fábricas, assim como não se preservou todos os castelos e palácios. Na formação dos estados nacionais na Europa, houve políticas de preservação, de musealização, de preservação. Acho que o mundo industrial precisa ser considerado nessas políticas. Por isso que pessoas como nós pensamos que muitos lugares podem ter novos usos. Acho fantástico um prédio de uma fábrica têxtil em Sobral ser utilizado pela universidade. As experiências internacionais mostram fartamente que hoje é possível reutilizar esses prédios de forma mais econômica, ecologicamente sustentável, de forma articulada com as memórias e a cultura das comunidades locais, do que simplesmente colocar abaixo, destruir e construir, do ponto de vista arquitetônico. Os prédios também fazem parte dessa memória, e essas coisas são dialeticamente ligadas.

TB: Obrigada, professor Paulo! E sua narrativa abre tantas possibilidades de discussões! Permita-me perguntar algo mais técnico, ou conceitual, sobre o processo de preservação. O que seriam esses passos de tombamento, preservação e reutilização? Se possível, cite exemplos de espaços já revitalizados ou recriados em outras finalidades.

PF: Vou falar de minha experiência mais empírica mesmo. Para mim, me parece fundamental envolver a sociedade. Esta discussão não é só técnica, de acadêmicos, ou aficionados pelo Patrimônio Industrial, nem só pelo Estado. É importante que a comunidade local, os trabalhadores os sindicatos, as associações de bairro estejam também envolvidas, porque afinal de contas, esse Patrimônio pertence a essa sociedade, à comunidade.

Vou dar um exemplo que eu conheço, que é a própria Nitroquímica em São Miguel Paulista. Em meados dos anos 2000, a fábrica desativou uma série de galpões que começaram a se deteriorar e houve uma comoção real em torno daquela fábrica que simbolizava a memória das pessoas. Visivelmente ali havia a deterioração dos galpões, que abriam espaço para serem ocupados pelo banditismo, vandalismo, uma série de coisas que afetam as pessoas que passam ali, dos que moram ali e convivem todo dia. Diferente de alguém que passa, olha e vê o prédio e diz como é grandioso, e há uma outra visão das pessoas que residem ali, a gente não pode esquecer isso. Então a sociedade em suas várias esferas deve atuar. Foi o que aconteceu lá em São Miguel. Houve um envolvimento político do bairro, de associações, de sindicatos, e deu-se entrada no processo de tombamento. E o processo demorou muito para ser analisado, mesmo considerando que a legislação melhorou após a constituição de 1988. Foram considerados vários aspectos, os laços afetivos, simbólicos, históricos culturais na justificativa, que tem um peso grande, e muitas vezes a gente não sabe. A nossa legislação é uma legislação boa, embora os procedimentos sejam demorados, mas lutamos contra interesses econômicos muito poderosos, e isso complica a situação. E, ainda por cima temos um déficit de educação patrimonial.

Mas com uma iniciativa de fazer pressão, de mobilização, a comunidade é capaz, sim, de virar a situação e recorrer a parcerias, institutos de memórias, até a familiares dos proprietários que têm uma visão mais aberta. Muitas vezes eles têm interesse em preservar também, mas falta uma educação pa-

trimonial. E qualquer cidadão pode entrar com um pedido de tombamento no órgão de sua cidade. Ter informação histórica sobre o espaço é muito importante, ter um abaixo assinado, tudo isso ajuda. Há vários repertórios de ação que podem contribuir para esse processo que pode ser calmo, quando tem o espaço e ninguém sabe o que fazer com aquilo, ou pode ser algo conturbado. É conturbado por alguma razão. Ou o proprietário comprou e não quer diálogo, quer destruir mesmo, aí o Ministério Público deve ser acionado.

Há mecanismos legais que se podem fazer para enfrentar o processo de tombamento e preservação. Mas o fundamental é mesmo educação patrimonial desde cedo, nas escolas, palestras, atividades, não tenho dúvida que mudaria a situação a partir das novas gerações e o público é fundamental para isso.

TB: Professor, a partir de sua experiência e estudos dentro e fora do País, qual a mensagem o senhor deixaria para as pessoas, os jovens que querem abraçar essa temática do Patrimônio Industrial?

186 |

PF: Essa é uma questão difícil. Se for uma pessoa que sabe lidar com arquivos, leitura de documentos, jornais, é melhor durante a pesquisa, assim é bom ouvir, neste processo, algum técnico, pois ajuda nos encaminhamentos, fortalece a iniciativa coletiva. Eu não sou especialista, pessoa treinada nesta área, sou leigo. Para quem quer se dedicar a esta discussão do Patrimônio, das memórias, é preciso estar atento, ouvir os depoimentos dos trabalhadores, dos moradores. A ideia é buscar saídas coletivas, qual a utilização que deve ser feita do monumento fabril, das ruínas. É legal mobilizar os bairros, envolver as escolas, as associações, a juventude, valorizar as memórias. Seria uma educação patrimonial desde sempre e criar uma cultura de defesa do Patrimônio no cotidiano.

Telma Bessa,

Rio de Janeiro, setembro de 2015.





Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1987), mestrado em Science in Architecture Conservation - Katholieke Universiteit Leuven (1992), doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1996) e pós-doutorado em preservação na Università delgi Studi di Roma “La Sapienza” (realizada em quatro estágios entre 2001 e 2005). É Professora Titular (MS6, RDIDP, a partir de 30/06/2017) da Universidade de São Paulo, onde leciona desde 1998 atuando tanto na graduação quanto na pós-graduação (Área de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, linha de pesquisa História e Preservação da Arquitetura). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História da Arquitetura e Preservação, principalmente nos seguintes temas: conservação e restauração, bens culturais, arquitetura ferroviária, arquitetura do ferro e arquitetura industrial. É bolsista produtividade CNPq (nível II) desde 2010. Foi pesquisadora Associada do Núcleo de Apoio à Pesquisa - São Paulo: Cidade, Espaço e Memória da USP (NAP-SP) (08.2012-08.2016). Coordenou um dos eixos de investigação do projeto Plano de Conservação Preventiva para o Edifício Vilanova Artigas (FAUUSP) . Keeping It Modern - Getty Foundation (07.2015-12.2017). Desde novembro de 2015 é chefe do AUH.

Professora Dra. Beatriz Mugayar Kuhl

Universidade de São Paulo – USP - São Paulo

TB = TELMA BESSA

BM = BEATRIZ MUGAYAR

TB: Hoje é dia 16 de outubro, estamos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e vamos conversar com a professora Beatriz Mugayar, que vai apresentar-se, contar um pouco sobre sua trajetória profissional e quais projetos está desenvolvendo hoje.

BM: Meu nome é Beatriz Mugayar Kuhl, trabalho aqui na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo desde 1998. Fui formada pela própria FAU, fiz o mestrado na Bélgica e doutorado aqui mesmo na USP. Atualmente, estou trabalhando com alguns projetos de pesquisa: o principal não é ligado ao Patrimônio Industrial, mas ao próprio prédio da FAU, a conservação preventiva do prédio da FAU.

|189

TB: Professora, o que seria conservação preventiva?

BM: Em vez de ficar “apagando incêndio”, apenas resolvendo problemas urgentes no prédio, o melhor é observar o comportamento e prevenir determinados problemas. Trabalhar antes para evitar danos, problemas de maior porte, como perda de material, enfim. Quando as coisas se deterioram, a ação tem de ser mais incisiva; operar por prevenção evita ações mais invasivas.

TB: Professora, como o tema do Patrimônio Industrial começou a fazer parte de seus estudos? Por favor, nos conte como foi o início de tudo!

BM: O interesse por temas de preservação começou, na verdade, quando eu estava na graduação na FAU, a partir das disciplinas de História, que eram as disciplinas com as quais tinha maior afinidade. Eu tinha interesse por esse passado em contínua transformação, mutação, e aqui em São Paulo, pelo desaparecimento muito veloz de edifícios e de paisagens. Esse interesse começou na graduação, mas como não havia disciplinas voltadas para isso – na verdade havia uma disciplina optativa na faculdade, mas que não foi oferecida quando eu cursei – e não havia a obrigatoriedade dos estudos dessas questões, foi um processo autodidata: comecei lendo o que encontrava na biblioteca. Como estagiária num escritório de arquitetura, algumas vezes me deparei com projetos e obras dessa natureza, como numa casa que foi demolida há alguns meses na Avenida São Gabriel, uma casa modernista muito bonita. Comecei a estudar e entender esse edifício, a me preocupar como enfrentar o tema: como se faz um projeto num edifício recente de grande qualidade? Esse é um problema projetual. Na Faculdade, não lidávamos com isso: os exercícios eram, em geral, novas construções pensadas para terrenos vazios. Eu tinha, por um lado, este interesse teórico, a partir das disciplinas de História, e, por outro, essa dificuldade prática de não saber como projetar para esses casos: uma obra que visivelmente é de interesse, e que você não sabe o que fazer com ela. Depois de formada, fui conversar com alguns professores da FAU, o Antônio Luiz Dias de Andrade, o Janjão, e Benedito Lima de Toledo; eles me aconselharam que se eu realmente quisesse continuar nesse campo, deveria tentar fazer uma especialização: ou na Bahia, ou estudar fora. Por uma série de questões, acabei fazendo um curso de especialização na Bélgica, que na época era ligado ao Icomos¹ e tinha uma vocação internacional; o curso estava sediado na Universidade Católica de Leuven (Ktholieke Universiteit Leuven). Arrisquei, para ver se era um caminho para mim, se eu de fato me interessaria pelo tema. Tudo começou dessa forma.

1 Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

TB: Professora, me permita fazer uma pergunta: a partir desses caminhos e estudos de longa duração, em sua opinião, o que vem a ser Patrimônio Industrial?

BM: Há controvérsias sobre a definição de Patrimônio Industrial, na forma como se constituiu o campo. Costumo sempre partir de uma visão mais alargada do que seria o Patrimônio Industrial: não apenas ligado às unidades de produção, mas englobando também contextos mais amplos, abarcando inclusive residências, escolas, igrejas associadas a esses complexos e ainda os produtos e sua comercialização, a forma como esses produtos foram feitos, os processos de fabricação. Ou seja, procurar entender de maneira bastante abrangente o processo de industrialização.

TB: Professora, por que esse tema é importante para a sociedade, ou para constar numa grade curricular na universidade?

BM: Na grade curricular, na graduação, acho que deve ser tratado como tema a ser mencionado em algumas disciplinas como forma de sensibilização a respeito da existência da importância desse tipo de Patrimônio; principalmente numa cidade como São Paulo, muito marcada pelo processo de industrialização, pelas várias fases da industrialização em que os testemunhos estão desaparecendo. Muitas vezes, o arquiteto, querendo ou não, é chamado para projetar em áreas que têm um passado industrial; se ele minimamente não conseguir enxergar esse passado industrial, pode “passar batido” por elementos importantes. Entender a importância da história da transformação urbana, a história da arquitetura na cidade de São Paulo, é entender não só os aspectos físico-materiais, mas a paisagem, a vida operária, e não somente aquela ligada de modo direto à fábrica. É preciso entender o tipo de espaço que serviu de moradia para muitos trabalhadores dessa fábrica, as formas de sociabilidade, as estruturas voltadas à sua formação e capacitação profissional. Acho importante sensibilizar o olhar dos estudantes a respeito dessa estrutura complexa.

Enxergar a estruturação dessa cidade, como se transformou ao longo do tempo e o papel de tudo aquilo que é relacionado à indústria nesse contexto é da maior relevância.

TB: A senhora estudou aqui na FAU e, hoje, leciona aqui. Como a senhora percebe o interesse dos alunos por essa temática? O que mudou?

BM: Eu vejo hoje um interesse maior por esse tipo de temática; existe uma consciência adquirida mais ampla em relação ao que significa o papel dessas estruturas dentro de um contexto urbano. Acredito que a formação do arquiteto vem mudando; não apenas há a consciência histórica a respeito dessa transformação, mas também a percepção da potencialidade do aproveitamento dessas estruturas, que vem também pela via da chamada sustentabilidade. O processo de demolir e reconstruir gera uma série de problemas que chama a atenção das pessoas hoje: significa toneladas de materiais circulando pela cidade de São Paulo e pensar no que fazer com os escombros. Existem vários caminhos que levam a uma conscientização maior em relação ao papel que esses edifícios podem desempenhar; a demolição deixa de ser a alternativa mais interessante. Essa mudança na sensibilidade é perceptível no número de trabalhos de graduação que são voltados para o aproveitamento de estruturas existentes, industriais ou não. Existe um número maior de trabalhos voltados para intervenções em edifícios já existentes, que antes eram raros.

TB: Então a senhora percebe que os estudantes ou essa nova geração tem uma visão mais ampla, ou integralizada das questões do Patrimônio, ou da relação e segmentos da própria sociedade?

BM: Bom, pelo menos eu gostaria que assim o fosse. Mas sinto de fato uma mudança que percebo até do ponto de vista quantitativo, pelo número de alunos que se interessa por esse tipo de problema. Acho que é um assunto que está na pauta para eles nos dias de hoje. O que fazer com esses complexos, será

que demolir e fazer uma torre de apartamentos é a única opção? Essas questões são um incômodo para os estudantes; isso é muito mais perceptível agora, do ponto de vista quantitativo, do que quando cursei a faculdade, com meus colegas contemporâneos de FAU. Os exercícios eram em geral voltados para um terreno, limpo, isolado, no qual projetávamos sem ver o que estava em volta; isso não era um problema para nós. Hoje, o exercício projetual se dá num terreno ocupado por algo, um quarteirão, uma área da cidade, como em lugares marcados pelo processo de industrialização como Mooca, Brás, Lapa, por exemplo. Acho que existe um interesse maior dos estudantes para entender essas estruturas e transformá-las, claro, para dinâmicas atuais, mas sem partir da premissa de que se pode fazer tábula rasa em tudo e construir novas coisas aleatoriamente. Procurar entender essas estruturas e fazer as alterações de forma mais pontual, mais focada; acho que há essa preocupação.

TB: Professora, focando no mundo do trabalho, o que a senhora poderia apontar como inovador neste sentido de valorização desses aspectos?

|193

BM: Essa percepção está começando no Brasil; há alguns cursos de mestrados profissionais, especializações, que estão surgindo em várias partes do País. Um problema que vejo é que o trabalho de manutenção, de conservação preventiva, consome tempo, consome verbas, mas não tem resultado imediato, em curto prazo, sobre o qual fazer publicidade. É um trabalho que se mostra a médio ou longo prazo, e representa uma economia enorme para as instituições públicas, ou mesmo estruturas pertencentes a particulares. Acredito que agora se começa a ter consciência disso; apesar de ser um trabalho que não aparece muito – não é uma coisa óbvia para as pessoas que observam –, mas a médio e longo prazo tem um grande interesse, inclusive do ponto de vista econômico. Esse é um campo que está começando a se abrir. Do ponto de vista de projetos, acho que hoje para os estudantes formados na FAU e que traba-

lham, que têm seus escritórios de projetos, a quantidade de trabalho, a proporção de projetos de intervenções em estruturas existentes vem crescendo. Não se atua mais necessariamente em demolições e novas construções; há mais propostas de transformação, seja de edifícios tombados, protegidos em Zonas Especiais (ZEPECs) ligadas ao Patrimônio Cultural, ou ainda em áreas envoltórias; está crescendo o número de intervenções nesses âmbitos. Cresceram ainda, significativamente, as intervenções em edifícios tombados; escritórios de projetos especializados participam de concursos de projeto, trabalham também com obras existentes que podem ser reaproveitadas. Acho inclusive que do ponto de vista do projeto é muito instigante, pois você tem de dialogar com o que está lá, não nega a existência e faz uma coisa totalmente nova. Nesse momento, porém, estamos em crise, em época de vacas magras; os escritórios de arquitetura vão passar por uma fase dura. Mas acho que, também por isso, o reaproveitamento de estruturas existentes, fazendo o necessário para que funcionem de maneira adequada, é um ramo de trabalho que pode florescer nos próximos anos.

TB: E do ponto de vista do poder público, a senhora poderia citar alguma iniciativa inovadora que considera essa dimensão mais preventiva, ou de intervenção que não segue o modelo “tábula rasa”?

BM: Posso citar o projeto da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, que está dando bons resultados, os concursos do Proac²; há uma linha que é de concurso de projetos para edifícios tombados, dois ou três edifícios são contemplados por ano. Os projetos estão em desenvolvimento e as obras devem começar num futuro próximo. Acredito que o fato de escolher o projeto de intervenção a partir de concurso é uma iniciativa muito interessante, que mobiliza a comunidade dos arquitetos; é um campo de trabalho e de reflexão que se abre, pois para participar de concurso você tem que apresentar ideias,

2 Incentivo à Cultura do Estado de São Paulo.

debater problemas e agir de maneira propositiva em relação a eles. O projeto é escolhido a partir de várias soluções possíveis para um mesmo problema projetual; desse modo, é possível escolher, comparativamente, a melhor delas. Isso dará resultados bem mais interessantes do que partir de uma única solução. Abre-se assim um campo de reflexão e de atuação. A partir do momento em que forem implementados esses projetos de qualidade, que foram os escolhidos para enfrentar os problemas determinados, haverá a potencialidade de mobilizar mais profissionais. Foram projetos não só para a cidade de São Paulo, mas espalhados por todo o estado, e que devem ajudar na reflexão sobre projetos para bens tombados. O tombamento não deve ser associado ao congelamento da obra; tombamento é um reconhecimento de valor do edifício. Essa ação da Secretaria de Estado da Cultura vai ajudar a quebrar essa visão arraigada do tombamento como congelamento, como aquilo que impede, e pode mostrar como um bem tombado pode ser tratado de modo propositivo. Essa iniciativa vai ser muito importante para mudar determinadas percepções e para atingir resultados de boa qualidade.

|195

TB: Esse debate de projetos de arquitetura, de conservação preventiva, é muito específico e, por ser bastante técnico, ainda não conseguiu romper fronteiras, ser pauta do conjunto da sociedade. A senhora poderia comentar, a partir de diálogos com os alunos, o que vem a ser esse processo de tombamento e intervenção?

BM: É um processo bastante complexo. O tombamento não resolve todos os problemas. Entendo a preservação como um guarda-chuva que envolve estudos, documentação, registros, identificação daquilo que pode ser considerado um bem cultural e também a intervenção em si. A partir desse processo de estudo e registro, o tombamento é um reconhecimento oficial de que algo tem valor para a sociedade. O tombamento impõe alguns limites: o bem não pode ser destruído nem ser transformado livremente, de forma aleatória, mas pode sim ser alterado. Entendo o tombamento como um reconhecimento de

valor. O processo de preservação pode depois se desdobrar na intervenção em si. O projeto de intervenção num bem tombado deve ser baseado num estudo sobre a obra específica, apresentado aos órgãos envolvidos e aprovado oficialmente. Deve também ser discutido de maneira mais ampla, especialmente se pensarmos nos edifícios públicos. A discussão tem, claro, uma dimensão técnica que deve ser avaliada com o corpo técnico dos órgãos responsáveis. Mas é também interessante um debate mais abrangente para verificar o interesse da transformação daquela obra para uma determinada finalidade. A equipe envolvida deveria ter canais de diálogo para entender e apreender os anseios da comunidade, ou de grupos organizados, com relação àquela obra ou conjunto de obras. O processo depois se volta para a intervenção em si no edifício e a sua manutenção ao longo do tempo: protegê-lo de ameaças que eventualmente possa sofrer, fragilidades que possa ter, e o processo de gestão. Não adianta tomba a obra, restaurá-la e depois virar as costas, deixar o edifício à sua própria sorte. É importante pensar em como se dará a gestão da obra ao longo do tempo, seja uma obra particular ou uma obra pertencente a estruturas públicas. Não adianta apenas gastar o dinheiro – e normalmente são somas consideráveis que devem ser investidas na reestruturação de qualquer obra, seja ela tombada ou não, seja particular ou pública; até na nossa casa, por exemplo, fazer uma pintura significa ter despesas; será um dinheiro mal empregado se não se pensar como, depois, o edifício vai ser mantido. São obras que têm interesse para a sociedade e que também, em muitos casos, receberam investimentos públicos. O comportamento dessas obras ao longo do tempo faz parte de uma compreensão mais alargada do que é preservação.

TB: A senhora poderia citar alguns estudiosos, autores que inspiram esta reflexão de maneira complexa, de forma alargada?

BM: Existem várias frentes de reflexão. Existe o debate sobre o reconhecimento do que é de fato bem cultural. Como se reconhece o que é um bem cultural? Existem diversos autores que

discutem isso, a partir, por exemplo, da problematização do inventário e das formas como são apreendidos oficialmente, a partir do tombamento. É também interessante questionar aquilo que não é tombado, o avesso do tombamento. Vários autores, em especial os ligados às humanidades, historiadores, geógrafos, sociólogos, antropólogos, por exemplo, estão refletindo sobre esses problemas. Existem muitos outros autores que atuam especificamente no campo da intervenção, aquilo que se faz com a obra – seja ela reconhecida oficialmente como bem cultural, ou não –, como agir em relação a ela. Há uma série de profissionais, como arquitetos, engenheiros, restauradores, conservadores, que estão discutindo como atuar. É um campo alargado de competências profissionais envolvidas, cada qual dando suas contribuições. O que eu sinto, porém, é que está havendo um descolamento muito maior do que o desejável entre esses âmbitos: a reflexão sobre o que são bens culturais e a discussão de como intervir neles; são caminhos que estão correndo paralelos, com alguns diálogos, mas menos do que seria desejável. Às vezes, é como se os profissionais que tratassem dos problemas de reconhecimento dos bens culturais se desinteressassem da sorte desse bem cultural, daquilo que ocorre com ele do ponto de vista material, estrutural, de aproveitamento. Por outro lado, os profissionais mais centrados na parte física do bem tendem, muitas vezes ao isolamento, centrados nas questões técnicas, sem ver a relação dos bens culturais com a sociedade. Não são dois mundos diferentes; existe um distanciamento e é necessário diálogo para que floresça um trabalho multidisciplinar na prática, e não somente na teoria. Em geral, há um grupo trabalhando de um lado, e outro, do outro.

|197

TB: O que está faltando para uma reflexão e prática mais integralizada e multidisciplinar sobre Patrimônio Industrial?

BM: Eu acho que, em primeiro lugar, o reconhecimento das especificidades e necessidades relacionadas às várias disciplinas. Muitas pessoas não entendem o papel, os aportes, que po-

dem ser trazidos pelas várias competências. Acho que existe falta de conhecimento daquilo que os vários campos do conhecimento podem trazer para a discussão. Existe até mesmo certo preconceito: “Isso é bobagem teórica”, ou “isso é muito técnico”. Claro que é necessário contemporizar e isso exige um esforço de entender o outro. Acho que hoje em dia ninguém está muito preocupado em entender, de fato, o outro.

TB: Com esta perspectiva do diálogo e interdisciplinaridade na prática, a senhora poderia citar um trabalho que aponta nesta dimensão?

BM: A partir de meu percurso pessoal, posso dizer que a percepção da necessidade de trabalhos multidisciplinares começou a partir do contato direto com as obras: quando comecei a trabalhar diretamente com elas, tentando entender como funcionam. Isso somado à minha própria formação aqui na FAU: quando fiz o curso, a formação era bastante ampla, com estudos gerais abrangendo várias disciplinas. Creio que essa sensibilização na etapa de formação dos arquitetos pode ajudar muito para conscientizar sobre a necessidade de trabalhos multidisciplinares: a articulação de uma ampla formação teórica com o contato com a realidade construída das obras. Quando comecei a atuar profissionalmente, como na casa da Avenida São Gabriel, por exemplo, o meu interesse começou a se focar em questões mais específicas, entender como funcionava a casa, porque uma solução foi feita daquele jeito, quem fez a casa, que materiais foram usados, quem eram as pessoas que moravam. Nos meus anos de formação e atuação profissional, o contato direto com a obra foi muito importante, como na Bélgica, quando fiz especialização e mestrado: o trabalho com as casas do Victor Horta que estudei e com que trabalhei como estagiária num escritório de arquitetura, e a loja de departamentos que foi tema de meu mestrado.

Esse contato direto com a obra faz com que você se questione como funciona, de onde veio aquela estrutura, que material foi usado, quem eram as pessoas que moraram aqui; no caso da

loja, quem eram as pessoas que frequentavam e trabalharam ali, por que os andares tinham ornamentações diferentes, pés direitos diferentes, janelas em posições diversas. Tudo isso remete ao mundo do trabalho. Para mim, o contato direto com a obra ajudou a enxergar as questões de maneira mais abrangente. O levantamento métrico-arquitetônico ajuda ainda a perceber as coisas de outro modo; é um tempo de vivência na obra muito diferente do de uma simples visita. Para mim, foi isso que despertou o interesse por aspectos mais variados, como a forma de fabricação de materiais e os diversos modos de ocupação dos ambientes.

TB: Neste sentido de enxergar o todo, com uma visão integrada da obra, do processo, quais as dificuldades encontradas?

BM: Há muitos problemas, toda espécie de problemas, de todos os matizes. Existem as patologias da edificação, as deformações estruturais, por exemplo. No Museu Horta, havia uma deformação muito grande na escadaria principal. Foi uma casa projetada para três pessoas e que passou a receber milhares de visitantes por ano. Há vários problemas relacionados ao comportamento físico e toda uma série de questões relacionada com a crítica das fontes: onde achar documentos, onde está a documentação, onde foram parar os arquivos e como interpretar esses documentos. Os arquivos públicos na Bélgica são muito bem organizados, mas o país passou por duas guerras e há muitos documentos perdidos. Do arquivo pessoal do Vitor Horta, não sobrou quase nada. Os arquivos da prefeitura estão organizados e o acesso é relativamente simples, facilitado, coisa que aqui no Brasil é mais complicada. Nossos arquivos não estão tão bem organizados, há documentação perdida, há documentos dispersos, que levam meses para serem encontrados. O acesso é difícil e muitas fontes estão perdidas. Uma coisa sempre muito instigante é comparar as fontes documentais entre si e com as obras; isso sempre revela coisas. Entender uma obra, o que está no projeto, o que mudou e porque, é um trabalho de reflexão muito rico. Os problemas físicos

em si são também muito significativos. No prédio da FAU, por exemplo, há problemas do comportamento da estrutura e toda uma outra série de questões que surgem em relação aos usos e apropriações por parte dos usuários. Tudo é muito interessante, prospectivo, mas também conflituoso. Como lidar com os diversos anseios num espaço que é limitado, as exigências de todo mundo que precisa trabalhar nesse espaço que tem de funcionar. Isso se desdobra numa série de questões que são muito importantes e que coloca, cada uma delas, uma série de problemas. Por exemplo, para intervir neste prédio há que considerar o comportamento, os aspectos relacionados ao desempenho das estruturas: a cobertura sempre apresentou problemas; acabamos de passar por uma obra muito grande e temos que monitorar questões como o desempenho da impermeabilização, do isolamento térmico e da entrada de luz.

TB: Como envolver as novas gerações nesse debate e intervenção nessas questões?

200 |

BM: Pela minha experiência aqui dentro da FAU com os alunos ao longo dos anos, percebi que, assim como me envolvi mais quando entrei em contato direto com os problemas, também para eles, o contato com a obra do ponto de vista físico ajuda a fomentar o interesse. Claro que as motivações de quem entra no curso de arquitetura são as mais diversas, mas, para alguns, o contato com a realidade construída funciona como motivador. Vi, ao longo desses anos, que o envolvimento direto dos alunos com o prédio foi maior quando o edifício estava em pior estado. Quando foram colocadas as redes de proteção, quando o edifício se tornou um incômodo muito grande do ponto de vista físico, houve um envolvimento maior dos alunos com relação ao entendimento do que é este prédio, como ele funciona, como podemos mobilizar a comunidade. Agora que o edifício entrou num estágio mais estável, que pode ser apropriado de novo em sua integridade, sinto que houve uma diminuição do interesse dos alunos em relação ao edifício; está tudo funcionando, não estão caindo pedaços de concreto

na cabeça de ninguém, não há mais rede de proteção. Sinto que agora o desafio é justamente voltar e incentivá-los sem que haja alguma coisa premente que esteja pressionando esse interesse. O olhar dos alunos fica mais aguçado se o problema está mais evidente; na ausência de problemas, o desafio é motivar de novo os estudantes para terem um olhar atento em relação a esta obra.

TB: A senhora poderia enviar uma mensagem para essas novas gerações que querem abraçar a temática do Patrimônio?

BM: Creio que principalmente cultivar esse olhar curioso com relação às coisas, um olhar aberto e sem preconceitos, sem ideias pré-concebidas. Um mundo diferente se descortina quando você tenta enxergar o outro sem ter todas as ideias pré-concebidas. Procurar enxergar as coisas pelo que elas são, não apenas pelo que você acha que elas são. Um dos problemas relacionados ao Patrimônio Industrial é que ainda não houve abertura para preservar os locais de trabalho, o ambiente de trabalho; falta enxergar esses edifícios não só como estruturas, mas como estruturas que abrigavam atividades produtivas, com seu maquinário, ferramentas, trabalhadores. Um olhar mais aberto, que pode aparecer a partir do contato com as coisas como elas são. Esse pode ser um bom caminho, inclusive, para descobrir novas formas de atuação profissional.

|201

TB: Poderia nos dar sua opinião sobre a importância e o futuro do debate sobre Patrimônio Industrial?

BM: Vejo com muita alegria que o interesse pelo campo se tem ampliado muito em comparação com o período em que comecei a estudar mais diretamente o tema, no doutorado. Antes era um grupo limitado de professores; hoje a discussão está muito mais alargada, há mais áreas envolvidas. O que é muito difícil são os trabalhos de fato interdisciplinares. São vários os estudos monodisciplinares, que se multiplicaram; mas não há, de fato, uma interdisciplinaridade. Uma experiência que pode

mudar paradigmas, dar resultados interessantes, porque envolve uma série de reflexões é Paranapiacaba³. Os estudos que o Condephaat e o Iphan⁴ têm desenvolvido sobre a conservação de ferrovias também. Os estudos multidisciplinares devem ser aplicados em casos de intervenção. Vejo com muito interesse o caso de Paranapiacaba, pois envolve uma vila industrial, uma área natural protegida, um complexo sistema de transporte; envolve urbanismo, história, questões projetuais, restauração e, também, preservação de área natural. Esse pode ser um trabalho bem prospectivo, pela própria natureza do objeto; o trabalho necessariamente deve ser assim, multidisciplinar.

TB: Professora Beatriz, muito obrigada!

Telma Bessa,

São Paulo, outubro de 2015.

3 Paranapiacaba é um distrito do município de Santo André, no estado de São Paulo, que surgiu como centro de controle operacional e residência para os funcionários da companhia inglesa de trens São Paulo Railway, que operava as estradas de ferro responsáveis pelo transporte de cargas e pessoas entre o interior paulista e o porto de Santos.

4 Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.





Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (1988), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1992), realizou doutorado-sanduiche na Universidade de Manchester (Reino Unido) obtendo o título de doutora na Universidade Estadual de Campinas (2000). Realizou estágio de pós-doutoramento na Universidade de Veneza (IUAV), Itália, em 2005, e na Universidade de Coimbra, Portugal, em 2008. É docente em regime de dedicação exclusiva do departamento de História da Universidade Estadual de Campinas desde 1998, atuando nos cursos de História e de Arquitetura e Urbanismo. Recebeu, dentre outros prêmios, o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico Zeferino Vaz em 2011. Foi por 4 anos presidente do Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial (TICCIH-Brasil), do qual é membro fundadora, e é representante nacional junto ao TICCIH Internacional (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage). É também membro do Board do TICCIH Internacional. Foi coordenadora e coordenadora associada de graduação (2001-2005), chefe de departamento (2007), Diretora Associada do Museu Exploratório de Ciências - Unicamp (entre 2008 e 2012) e assessora da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Universitário da UNICAMP (2013-2015). Foi presidente da ANPUH São Paulo (Associação Nacional de História - regional São Paulo) entre 2012 e 2014. É coordenadora da Olimpíada Nacional em História do Brasil para escolas públicas e particulares, que iniciou em 2009 e está em sua 10ª edição (2018), assim como dos Cursos de Formação online da Olimpíada, voltados aos professores de história.

Professora Dra. Cristina Meneguello

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
São Paulo

TB = Telma Bessa

CM = Cristina Meneguello

TB: Hoje é dia 20 de outubro, estamos em Campinas com a professora Cristina Meneguello. A professora poderia dar início ao nosso diálogo se apresentando e comentar com quais projetos está envolvida atualmente?

CM: Bom, eu sou Cristina Meneguello, sou historiadora, graduada, mestra e doutora em História. Sou professora na Unicamp há dezessete anos e envolvida seriamente com o tema do Patrimônio Industrial, há muito tempo já. Mas me sensibilizei de fato para o tema entre 1994 e 1995, quando fiz parte do meu doutorado em Manchester, na Inglaterra, e fiz um curso lá de um ano sobre a arquitetura industrial. Foi quando eu aprendi a enxergar esse Patrimônio, essa memória do trabalho, essa memória da industrialização física na cidade, em forma de edifícios industriais e perceber que era um tema interessante para a gente pensar também aqui para o Brasil.

No momento há muitos trabalhos e teses que eu oriento sobre Patrimônio Industrial, porque a gente conseguiu, nessa última década, fazer da Unicamp um lugar para as pessoas que querem trabalhar com Patrimônio Industrial e com uma memória do trabalho. Também já estive no Conselho do Condephaat¹ por vários mandatos, e sempre dei especial atenção aos vários pedidos de tombamento de edifícios industriais. Faço parte da equipe que está concebendo o futuro Museu do Tra-

1 Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

balho e do Trabalhador em São Bernardo do Campo e estou num projeto temático da Fapesp², coordenado pelo professor Gildo Magalhães Santos, que está fazendo um levantamento de todas as hidrelétricas do estado de São Paulo - as que estão em funcionamento, as abandonadas, as em estado de ruínas -, e no meu caso, é pensar uma possível rota de visitação industrial para essas hidrelétricas, aspecto muito negligenciado em termos de Patrim nio Industrial.

TB: Então a sua motiva o principal de envolvimento com o tema do Patrim nio Industrial foi durante o curso de doutorado?

CM:  . Durante o doutorado eu descobri que existia essa discussão que a gente não tinha aqui no Brasil, que é a discussão do Patrim nio Industrial em si. Após retornar, eu fui procurada pelo Paulo Fontes, com quem você já conversou, dizendo que devíamos ter um Comit  Brasileiro de Patrim nio Industrial e fizemos uma primeira reunião para discutir essa possibilidade. E o percurso do Paulo Fontes foi semelhante. Ele também havia estudado em Manchester, se não me engano, um ano ou dois após eu ter voltado. Acho que ele também foi “picado pela mosca”, assim, da indústria, e queria discutir as possibilidades de sua preserva o, porque de uma forma ou de outra, como comentou o Eduardo Romero, todos nós já estudávamos Patrim nio Industrial sem saber.

Nós estudávamos o tema chamando-o de história do trabalho ou de história do trabalhador, ou chamando de história da arquitetura industrial. A gente só não sabia que tudo o que fazíamos podia ficar abrigado debaixo dessa mesma asa, chamada Industrial Heritage. Então o Paulo Fontes organizou uma primeira reunião, que aconteceu na Escola de Sociologia e Política em São Paulo. Participamos ele, o falecido Philip Gunn, a Telma Correia, a Silvana Rubino, que nessa época ainda não era minha colega de trabalho da Unicamp, algumas pessoas que já trabalhavam comigo, orientandos, e nessa primeira reunião, fizemos o esboço de que precisaríamos criar o Comit .

Porém o que nos foi informado é que o Comitê só poderia ser fundado com a presença de dois presidentes nacionais de TICCHI. Então para isso eu e Silvana organizamos o 1º Encontro em Patrimônio Industrial na Unicamp, isso foi no ano de 2004. E nós chegamos a fazer uma segunda reunião com menos pessoas, e se não me engano, Ronaldo Rodrigues também estava nessa reunião. Era assim um germe, uma semente, porque depois esse grupo trabalhou com isso e disseminou o tema.

Aí nós fizemos o Encontro na Unicamp, que foi bastante improvisado, porque não tínhamos muitas verbas e, mesmo assim, lançamos o I Encontro Nacional de Patrimônio Industrial (um dia arrumando minhas coisas revii muitos trabalhos de 2004). Nós colocamos os alunos para fazer café e suco de laranja, eu lembro que a Silvana Rubino emprestou a centrífuga de fazer suco da casa dela, eu levei minha cafeteira, e os alunos iam para um cantinho e faziam os cafés, mesmo dizendo que não sabiam fazer café. Aprenderam em cinco minutos! Foi bem improvisado. Mas o nível dos trabalhos já era altíssimo e nós ficamos muito surpresos com aquilo. No final desse encontro, nós fizemos uma ata que foi assinada e, nesse Encontro, a Unicamp financiou e nós trouxemos o prof. José Manuel Lopes Cordeiro, representando Portugal, e a Belém Oviedo, representando o México. Eles estavam presentes, testemunharam, assinaram conosco a fundação do Comitê que, desde essa data, tem uma função errática. Ele organiza eventos, se pronuncia em questões pela internet, mas é muito difícil que alguém lidere o Comitê porque todo mundo tem uma vida profissional paralela.

E participo também do TICCIH Internacional. Desde então a gente tem esse contato com o TICCIH Internacional. No Encontro anterior, não o desse ano, mas o que foi em 2012 em Taiwan (República da China), eu fui eleita membro do Board Internacionale. Continuo membro do Board, pois fui reconduzida neste último Encontro em Lille, na França. Tem poucas pessoas representando a América Latina de forma geral. Ficamos eu e o Jaime Mingone, que representa o Chile. Ele é

um excelente pesquisador e o próximo encontro internacional será no Chile em 2018. Será a primeira vez que acontece um Encontro Internacional do TICCIH na América Latina. Será muito importante para nós, esse momento.

TB: Na sua opinião, qual a importância desse tema para a sociedade?

CM: Eu acho que tem importância fundamental porque é um tema que tem uma invisibilidade muito alta. A importância do trabalho, dos trabalhadores, é muito oculta, ela é celebrada só em alguns momentos, mas é uma presença socialmente incômoda e acho que a gente tem obrigação de dar visibilidade a esse aspecto. Acho que a arquitetura industrial, recentemente valorizada, não pode se gabar daquele charme que aparentemente os casarões ecléticos têm, ou de despertar sentimentos enobrecidos, como outro tipo de arquitetura tem. Se você for olhar o que foi preservado no país em termos do passado colonial, é quase um consenso, você não precisa explicar porque você tem que preservar uma capela do século XVII, é um pouco óbvio no olhar de todos. O ecletismo que temos é considerado bonito, romântico, palatável aos olhos, mas a arquitetura industrial é diferente, ela é repetitiva na sua beleza, ela é muitas vezes rude, ela cria ambientes de sujidade, de barulho. Para alguns, isso desperta uma sensibilidade extrema, mas para outras, as pessoas olham e dizem: “isso é um barracão. Ah, porque vai preservar isso? Isso é uma oficina”. Assim não pode se valer de um senso comum estético. Ainda temos que insistir, argumentar e dizer por que é importante.

Eu me lembro de um processo que eu cheguei a consultar no Condephat, que era de proteção de uma série de pontes de ferro no estado de São Paulo. E havia alguns que argumentavam: “não, a gente preserva uma ponte porque ela é exemplar de todas as demais”. Que é uma ideia equivocada, não tem metonímia no Patrimônio Industrial. “Ah! Vamos preservar a chaminé, que a chaminé vale pelo todo”. Não, aqui a parte não vale pelo todo, pelo contrário, é um conjunto complexo. Esses

bens que foram listados agora em julho de 2015 pela Unesco³ como Patrimônio Industrial, eles o foram como vastos complexos. Por exemplo, na Noruega, é um vale inteiro, que inclui porto, as casas operárias, a fábrica de fertilizante. É o conjunto todo. No Japão, o que foi preservado é uma área que só pode ser entendida no todo, no conjunto. O trem que leva até o porto, o porto que leva até a distribuição, é assim que você consegue entender o Patrimônio. Eu acho que aqui a gente ainda entende, por exemplo, “ah. Então vamos preservar essa fachada, mantendo essa volumetria...”, e isso não dá para dimensões futuras na compreensão do que é aquele Patrimônio.

Eu chamo atenção para a arquitetura porque eu dou aulas para o curso de arquitetura também, aliás quando fiz o concurso docente na Unicamp, foi para atuar junto ao curso de Arquitetura, mas sou do Departamento de História e atuo nesse curso também. Mas são 17 anos ensinando futuros arquitetos e isso intensificou ainda mais essa sensibilidade que eu tinha, porque ela é palpável. Você consegue deixar dentro da cidade as marcas para as pessoas entenderem: “olha, essa fábrica era assim, as pessoas trabalhavam dessa forma”, para se entender a linguagem daquilo. Acho que a gente ainda está bastante a dever aqui no Brasil. E fico abismada. Há duas semanas vi dezenas de assinaturas, até de pessoas que eu considero esclarecidas, pela demolição da Ponte Hercílio Luz, em Florianópolis, “porque é um elefante branco, porque está incomodando, porque não acaba nunca essa reforma”. Então impera essa falta de sensibilidade de enxergar que aquilo é uma espécie de Torre Eiffel de Florianópolis. Como as pessoas não veem isso? Não enxergam a beleza, a importância, a técnica daquela ponte? Será que agora que a Unesco classificou como Patrimônio mundial a Forth Bridge, ponte na Escócia, será que aqui no Brasil vão pensar duas vezes? Não é aquilo que está prejudicando a cidade de Florianópolis, pelo contrário, aquilo é um cartão postal de uma beleza indescritível. Então quando eu vejo isso eu concluo que a gente ainda não chegou onde deveria chegar e que estamos duelando com coisas que os outros

|209

3 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

países já resolveram há muito tempo. Não estou me referindo só aos países europeus, porque para esses era evidente que ia ser assim, porque o processo de desindustrialização deles começou nas décadas de 1960, 1970 e o olhar para o Patrimônio Industrial começou antes. Mas ao você ver como é avançada essa discussão no México, no Chile, na Argentina, no Uruguai (agora com o tombamento de Fray Bentos com sua fábrica de carne processada), e a gente vê que aqui no Brasil estamos ainda funcionando por ondas de preservação: no início na década de 1930, o tombamento de uma série de engenhos, e da Fábrica de Ferro Patriótica, em Congonhas do Campo, ou da Fábrica de Ferro São João do Ipanema, em Iperó, perto de Sorocaba, aí tem uma espécie de silêncio. E mais para frente você vai ter uma ação de preservação, aqui e ali, de fábricas e teceLAGENS, mas é tudo muito errático, a gente não enxerga uma política. Não há política federal de preservação de Patrimônio Industrial no Brasil. Estadual, aqui em São Paulo, também vai aos trancos e barrancos. Não há uma política, é conforme a sensibilidade dos técnicos que trabalham no Condephaat, que, aliás, são muito sensíveis para o tema. Começa com a Marly Rodrigues, que já se aposentou, até as novas gerações que estão lá dentro: Deborah Neves, Tony Zagato, Amanda Caporrino, Ana Luiza Martins, foram e são extremamente sensíveis, mas depende de pessoas na parte técnica e depende das pessoas certas que estejam sentadas lá no Conselho no momento de uma votação. Então ainda há muito que se fazer.

TB: Com toda essa experiência que a senhora tem, poderia nos explicar o que vem a ser Patrimônio Industrial?

CM: Eu fui migrando de uma definição técnica, de todos os bens relacionados à questão da indústria, e da indústria entendida como natureza transformada pelo homem, para uma concepção mais ampla, em que tudo está relacionado ao mundo do trabalho, e nesse sentido, acho que a gente pode ter uma reaproximação com a arqueologia industrial. Durante muito tempo nós tentamos fazer distinção entre arqueologia indus-

trial e Patrimônio Industrial. É até um lugar comum na introdução de muitos textos da área e em muitas teses, mas eu acho que você restaurar um engenho de açúcar do século XVI é você trabalhar com Patrimônio Industrial, com memória do trabalho, com arqueologia, com inventário. Isso abre outro mundo de possibilidades, o dos saberes, do saber-fazer. Voltando então ao que eu estava dizendo, vejo o tema hoje como ligado à memória do trabalho. Vou dar um exemplo concreto: desde 2008 coordeno todos os anos a Olimpíada Nacional em História do Brasil para alunos do ensino fundamental e médio, e nela pautamos algumas questões para orientar os estudos. E uma das tarefas para os alunos no ano de 2012 era: na sua cidade, entreviste uma pessoa de um ofício que está em extinção ou fotografe um antigo lugar de trabalho. E a reação inicial deles era dizer: mas na minha cidade não há nada disso, não há “local de trabalho fabril” na minha cidade. E a gente respondia, via e-mail: “olha, converse com seus pais, com seus professores de história, você vai descobrir”. E eles de fato descobriram, e geraram milhares de pesquisas e redações feitas que guardamos, com entrevistas com ferreiros, costureiras, sapateiros... Isso daria um trabalho lindo. Está separado aqui para um dia eu trabalhar com isso: gente que trabalhou em moendas de farinha, fábricas que já tinham fechado, que estavam abandonadas, tudo a partir da narrativa de jovens de 15, 16, 17 anos. A gente orientava as perguntas: como era o dia a dia dessas pessoas, como se divertiam, como era o espaço de trabalho e com respostas de todo país, eu me surpreendi muito com a quantidade de locais ainda não conhecidos, não catalogados, não listados, uma lista extensa de bens dos quais muitos talvez hoje não existam mais. A velocidade de perda é muito grande, é irreparável.

|211

TB: Dentro do contexto da discussão conceitual de Patrimônio Industrial, a senhora poderia citar alguns autores que iluminam esta reflexão?

CM: Olha, vou citar de memória as pessoas que eu admiro, de quem li o trabalho, que foram me abrindo a compreensão desse tema, e vou esquecer muita gente. Em Portugal, para mim,

foram as pesquisas de José Manuel Lopes Cordeiro. Na Itália, é o Gigi Fontana, pelo trabalho que ele faz à frente do Mestrado em Patrimônio Industrial em Pádova, e o Maximo Preite, em Florença, que desenvolveu estudos sobre o Patrimônio Industrial na Europa e sobre o Patrimônio Industrial mais recente, moderno, aliás, Patrimônio que no Brasil realmente desaparece, pois não há defesa imediata para ele, porque as fábricas do tijolo vermelhinho do século XIX, as pessoas ainda tem uma pontinha de consideração .“Ah! Mas parece que isso aqui é tão antiquinho!”, mas se for um “Café Jardim” do Rino Levi, derrubam sem dó nem piedade.

Aqui no Brasil, sem dúvida, nós temos o trabalho da Beatriz Mugayar Kuhl, que possui um conhecimento enorme, um aparato teórico e muitas referências que também se baseiam nos autores italianos, pois ela estudou em Roma. Mas, enfim, ela tem uma clareza muito grande dessa discussão. É uma pessoa que eu li com muita atenção. E meus colegas de jornada, de caminhada, que eram da área de história social do trabalho, o Paulo Fontes, o Antonio Luigi Negro, Alexandre Fortes, João Fábio Bertonha, todos nós estudamos diferentes aspectos do mundo do trabalho dentro do qual localizo o tema do Patrimônio. É difícil para o estudante brasileiro porque não há um inventário do Patrimônio Industrial brasileiro. Eu estava organizando (agora estou impossibilitada em termos de saúde), junto com o Eduardo Romero e a Manoela Rufinoni, um livro, um levantamento sobre o Patrimônio Industrial tombado no estado de São Paulo. A gente fez um primeiro levantamento, do qual o Ademir Pereira Santos, que dá aulas na [Faculdade de] Belas Artes em São Paulo, também participou, mas vamos precisar atualizar esse estudo antes de publicar. Mas é uma iniciativa isolada. Mas estas pessoas que mencionei (Manoela, Eduardo) são nomes também fundamentais nos estudos de Patrimônio Industrial.

TB: Professora, me permita perguntar quais os problemas que existem neste processo, que dificuldades foram enfrentadas nesse caminho?

CM: Patrimônio industrial é um tema que não fica preso só dentro da academia. É muito difícil você trabalhar com esse tema sentado no seu gabinete, fazendo apontamentos. Este é um tema que te impele a tomar posturas. Dar o rosto à mostra. Eu me lembro de uma experiência que, para mim, foi particularmente triste, quando ocorreu a demolição da primeira fábrica de cervejas Brahma no Rio de Janeiro, fundada em 1888, para a expansão do Sambódromo. Aquilo foi um absurdo, um erro crasso, eles destombaram o local. E eu que pensei que fosse só no Brasil, mas todos os países praticam o destombamento, impulsionados por questões escusas, pela força da especulação imobiliária. Conheci um colega agora no Encontro do TICCIH em Lille na França, e ele apresentou que no Egito foi praticado, em certa ocasião, o destombamento de quase quatrocentos bens de um dia para o outro, e que todos foram demolidos naquela semana mesmo. |213

Bem, foi destombada a fábrica Brahma, dinamitada, implodida, como se isso fosse um grande acontecimento e, na época, o TICCIH Brasil tentou muito fragilmente se posicionar. E na época um repórter me entrevistou e disse assim: “é, mas o Niemeyer, que é autor do projeto original do Sambódromo, concorda com a demolição”. Um falseamento, porque no projeto original dele, ele havia mantido a fábrica lá, fez a passarela do samba na lateral da fábrica da Brahma. E aí eles criaram essa mítica, em minha opinião, falsa e mentirosa, sobre a derubada, dizendo que a fábrica atrapalhou o projeto original. E com isso derrubaram a fábrica para fazer banheiro e estacionamento. Uma falta de sensibilidade total. Fui entrevistada e disse que faltava inteligência arquitetônica para as pessoas envolvidas. E o repórter insistiu: “é, mas segundo o Niemeyer, aquilo não é importante em termos de arquitetura”. Eu me irritei e retruquei: “o Niemeyer já morreu”. Ele ainda não tinha morrido naquela época, eu o disse no sentido que não

dá para ficar usando esse tipo de argumento de autoridade, de que um arquiteto decide o que fica para a posteridade e o que desaparece. Aliás, foi usada mais de uma vez no caso dele, como na derrubada da fábrica de bolachas Duchon, em São Paulo, que foi demolida com o aval dele, como se ele fosse dono da fábrica e do futuro da fábrica que ele havia projetado. Às vésperas dela ser tombada estadualmente, pediram um parecer a ele, que disse que aquilo não tinha importância. Uma fábrica modernista belíssima, inclusive com uma marquise serpenteante muito semelhante à da casa do Baile em Pampulha, Belo Horizonte, em 1942. Uma linguagem que ele nitidamente perseguia. Então, na entrevista sobre a Brahma, eu já estava com isso atravessado - talvez. E minha frase, bem, foi muito deselegante da minha parte, mas foi quando eu percebi que aquilo não era só uma questão intelectual, mas era uma questão sanguínea mesmo, sabe?! E que não dá para você ficar simplesmente teorizando. Eu acredito que todos nós temos que puxar abaixo assinado, apelar para a grande mídia, escrever, mobilizar.

214 |

Bem, eu tenho um pequeno artigo, já antigo, contra a demolição dos barracões da Lapa. E fui atacada por colegas de profissão, dizendo que eu era saudosista. Não é saudosismo: aquilo é irrecuperável, uma vez perdido. Então eu acho que essa é uma primeira dificuldade. E eu vejo isso nos jovens que oriento: eles não são indiferentes ao seu tema. É um tema pulsante, e se eles puderem fazer algo para preservar aquilo que eles estudam, eles o farão. E aí você conhece as dores de sair da sua zona de conforto, porque na universidade é muito confortável, você fica falando entre iguais. E sair de sua zona de conforto implica inclusive enfrentar seus erros, porque você pode errar na medida, no julgamento. Mas é um tema que exige de você: gestos.

É a mesma coisa nessa atividade que estamos fazendo, pouco a pouco, construindo a concepção do Museu do Trabalho e do Trabalhador. As pessoas trabalham, algumas vão gostar, outras vão achar horrível, mas todos esperam atingir o objetivo dando de si o seu melhor conhecimento. E, em termos de pes-

quisa, uma segunda dificuldade é a parte dos arquivos, porque estão todos dispersos. Estão destruídos ou abandonados. Quem, na nossa área, nunca achou plantas originais da fábrica dentro da própria fábrica abandonada? É um material muito facilmente descartado. Por exemplo, realizando este Projeto Temático da Fapesp da pesquisa sobre as hidrelétricas, você encontra funcionários da concessionária responsável que afirmam: “ah! Lá não tem documento nenhum”. E aí, o funcionário que está no local, no meio do mato (porque hidrelétrica é no meio do nada) diz: “bom, eu tenho um armário com umas coisas aqui”. E quando ele abre a gaveta, você localiza todas as anotações de quem trabalhava na hidrelétrica, que dia faltou, qual foi o problema pelo qual faltou, os incidentes relatados, fotos antigas, plantas e projetos, e isto é matéria bruta de pesquisa, que estava em lugar nenhum, e para a concessionária aquilo não existe. Temos recolhido esse material e temos levado aos cuidados da concessionária ou da CPFL porque eles têm uma boa biblioteca, pensando que mesmo que não seja de interesse imediato, daqui a dez anos, a cinquenta anos, pode ser utilizado, e hoje, esse material não está organizado, pior, é um material desprezado, e muitas vezes está em péssimo estado. Às vezes, sobre os edifícios industriais, a única coisa que se tem ou que restou é o que o jornal da cidade dizia sobre eles: “hoje aconteceu um incêndio”, “hoje aconteceu a inauguração de uma ala nova”. A própria indústria não guarda nada, às vezes porque também não tem interesse político em guardar os documentos e registros do que aconteceu lá dentro. A gente sabe que o ambiente de um trabalhador de uma indústria é cheio de relações de poder, com acidentes de trabalho, greves, com assédio... Então, mesmo quando existe uma memória empresarial organizada e constituída, há aspectos que ela não preserva ou não dá relevo. Ou seja, mais uma das dificuldades em trabalhar nessa área.

|215

TB: Considerando sua experiência, a partir da realidade da universidade pública hoje, como envolver as novas gerações nesta temática?

CM: Isso se liga ao que eu estava falando, do desaparecimento da documentação e dos materiais relativos ao Patrimônio Industrial. As ferramentas, as máquinas, que são o primeiro item a ser descartado junto com a documentação. E qual é a serventia de um barracão industrial esvaziado de suas máquinas? Pois é o conjunto que demonstra como as máquinas se conectam umas com as outras, como era o funcionamento delas, como é a linha de produção. Isso não é preciosismo, você perde saberes fundamentais, saberes da história da tecnologia, saberes dos operários, saber que não está nos livros, saber como aquilo funciona, como se interliga, os processos e etapas de produção, tudo isso desaparece com o maquinário. Quando estive em Barcelona, visitei o Museu da Ciência e da Técnica da Catalunha, que fica na cidade de Terassa, próximo a Barcelona. É de fato um Museu de Arqueologia Industrial, um prédio belíssimo, do arquiteto Muncunill, uma linguagem industrial modernista do início do século XX, uma obra maravilhosa. Lá dentro do Museu eles mantiveram a percepção de toda a linha de produção, então em meio às colunas de ferro, aquela correia de couro que sai da máquina de vapor principal se distribui por todas as máquinas, então você entra e visualiza todo o processo de produção, entende uma fábrica do século XIX-XX. É muito diferente de você entrar e ver um painel de papel colado na parede mostrando uma imagenzinha do que era uma fábrica. As máquinas são grandiosas e devem ser visualizadas em sua forma. Não é grandioso, é sublime.

Então, outra dificuldade é que não temos mais as máquinas, as ferramentas, e dentro muito em breve, não teremos mais as pessoas que sabem como operar essas máquinas, os operários. Então, conhecer o passado industrial vai se tornar cada vez mais um exercício hermético, gerando incompreensão de como era essa rotina do trabalho, de como era essa produção. E para envolver as novas gerações? Pela universidade é um caminho que, ainda que limitado, é positivo, porque se você der uma busca, fizer um levantamento das dissertações e teses recentes das grandes universidades brasileiras, eu creio que praticamente se triplicou o número de trabalhos sobre fabri-

cas, usinas, sistemas ferroviários, memórias operárias. Esses temas foram intensos na década de 1980, houve um hiato, um silêncio, e agora o tema voltou. Eu acho isso excelente, porque se ligam ao Patrimônio Industrial, não só as pessoas da História, da Sociologia, mas também engenheiros e arquitetos, o pessoal da história da técnica... E nesse processo, é lógico que se está envolvendo jovens pesquisadores que vão ser professores, e vão levar essa discussão adiante.

Mas para envolver as novas gerações, implica um pouco esse trabalho de levar, de convidar o olhar, de aprender a enxergar. Eu contei a história das tarefas daquela Olimpíada de História quando os alunos antes da pesquisa diziam que na cidade deles não havia “lugar de trabalho”. E aí eles descobriram que não só existiam fábricas, como bairros inteiros de operários, que havia a três quadras da casa dele uma antiga indústria, ou um antigo galpão que eles não sabiam que existia ou enxergavam e não sabiam o que era. Então é ensinar esse olhar e sensibilizar, principalmente incentivar, as novas gerações a enxergarem isso. E mais: que não se trata de coisa do passado, não é o passado, é o presente. Estamos vivendo agora no Brasil uma fase de desindustrialização (embora eu tenha levado uma bronca enorme de um colega português que diz que o Brasil é um país industrial), então vamos dizer que vivemos uma fase de obsolescência industrial, uma substituição de processos que estão tornando outros obsoletos frente aos novos que aparecem. Então, cada vez mais vai ficar evidente para as pessoas esse passado industrial recente e a desaparecimento de certos saberes. Por isso é urgente despertar nos jovens essa percepção, esse saber olhar.

|217

TB: Em sua opinião, qual o futuro dessa discussão do Patrimônio no Brasil?

CM: Bom, eu sou uma otimista. Eu poderia responder de uma forma totalmente pessimista, dando continuidade lógica à ideia de que está tudo desaparecendo, de que daqui a pouco não teremos mais nada e ficar apenas lamentando aquilo que

se perdeu. Mas sou positiva, acho que cada vez mais pessoas estudam o Patrimônio Industrial. Há muitos professores de história que já fazem esta discussão nas escolas, que incentivam os alunos a entrevistar as pessoas da família, dos bairros, os operários, que buscam montar um museu da técnica na sua escola. Não é pelo objeto em si, mas é pela memória dos saberes que aqueles objetos implicam. Isso é inteligente, sensível. Pensamos que as tecnologias afastam as gerações, pois eu penso que temos que usar a tecnologia como fator de aproximação entre gerações.

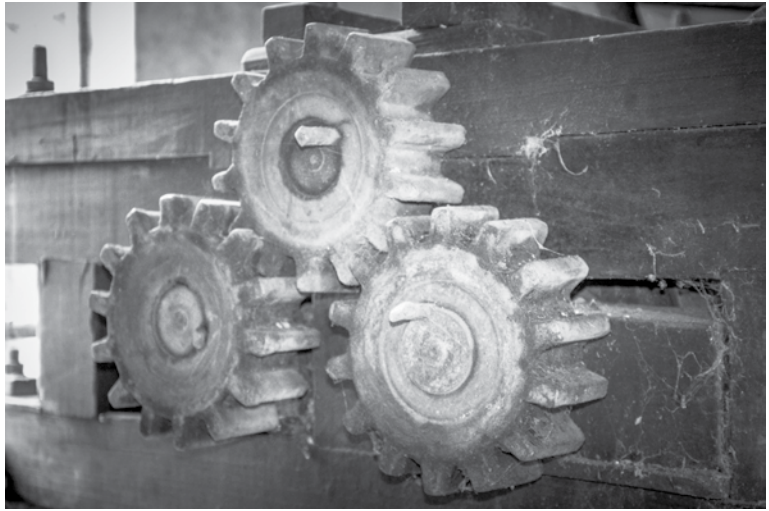
TB: Poderia deixar uma mensagem para os estudantes, as pessoas que querem abraçar esse tema?

CM: Eu acho que a mensagem é: enxerguem a beleza dessa arquitetura e entendam a importância social dessas pessoas, dos inventores, dos trabalhadores, de todas as pessoas em todas as pontas do processo produtivo. É perceber a importância desses saberes técnicos dentro das suas cidades. Os edifícios e os complexos industriais não estão lá para incomodar, não são descartáveis para serem derrubados e darem lugar a um prédio de quarenta apartamentos. É preciso ter inteligência arquitetônica e criar uma reutilização inteligente desses lugares, trazê-los para dentro da vida na cidade. Para os estudantes, dediquem-se a esse tema de pesquisa, porque no Brasil há centenas, milhares de Patrimônios a serem estudados, e em certo sentido, pesquisar é assentar mais um tijolinho para a criação de um inventário nacional do nosso Patrimônio Industrial. É um trabalho hercúleo, urgente e necessário.

TB: Professora, muito obrigada!

Telma Bessa,

São Paulo, outubro de 2015.





Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (2000), mestrado em Gestão Urbana (2005) e Doutorado em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco (2015). Servidora pública efetiva do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Pernambuco – Iphan/PE, onde atua como técnica em arquitetura e urbanismo, exercendo a função de coordenadora do grupo de trabalho de Normatização das Poligonais de Entorno e Parâmetros Construtivos dos bens tombados no âmbito do Iphan/PE. Colaboradora do Laboratório de Urbanismo e Patrimônio Cultural (LUP) do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase na área de desenvolvimento urbano e patrimônio histórico, atuando principalmente nos seguintes temas: conservação urbana, legislação para a preservação do patrimônio cultural e natural, desenvolvimento urbano e patrimônio industrial.

Professora Dra. Ana Paula Bitencourt

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- Iphan/PE.

TB = Telma Bessa

AP = Ana Paula

TB: Hoje é dia dezoito de abril de dois mil e dezesseis. Estamos com Ana Paula Bitencourt, em Recife, no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan/PE. Então, Ana Paula, a gente poderia iniciar o nosso diálogo você se apresentando, dizendo a sua trajetória profissional, onde você lecionou, sua atuação em projetos na área do Patrimônio.

AP: Certo. Bem, minha experiência na área do Patrimônio cultural começou como estagiária, no ano de 1998. Fui uma das primeiras estagiárias do Iphan/PE e me identifiquei bastante com o estágio em razão de gostar da área acadêmica, de pesquisa, especialmente da pesquisa histórica atrelada ao Patrimônio cultural. Após o estágio no Iphan, fui bolsista de iniciação científica na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (1999), onde desenvolvi um estudo sobre as vilas operárias construídas a partir da década de 1930, na cidade do Recife, resultante de uma ação denominada por Liga Social Contra os Mocambos. Após o término da faculdade, como recém-formada, participei de um programa de intercâmbio chamado “Coop-student”, na Universidade Ryerson, em Toronto, no Canadá, no ano de 2000. Neste programa, passei um semestre na cidade canadense, participando ativamente da rotina acadêmica da Universidade, onde exerci atividades de monitoria nas disciplinas de projeto arquitetônico e realizei pesquisas sobre cursos de mestrado e doutorado oferecidos

pelas instituições canadenses na área de arquitetura e urbanismo.

Ao retornar ao Brasil, fui convidada, pelo Iphan /PE, para participar como coordenadora de campo do Inventário Nacional de Bens Imóveis em Sítios Urbanos (INBI-SU) no Sítio Histórico de Olinda (2001). Foi de fato um trabalho desafiador e muito importante por poder participar ativamente da rotina dos moradores do Sítio Histórico de Olinda, adentrando em dezenas de imóveis para a realização do levantamento físico e arquitetônico. Depois desse trabalho, fui contratada como consultora da Unesco¹, pelo Programa Monumenta/BID, para atuar como fiscal das intervenções realizadas no Sítio Histórico de Olinda.

Em 2002, fui convidada para assumir o cargo de arquiteta colaboradora do Programa “Urbis”, no Departamento de Proteção da Direção Nacional do Iphan, em Brasília. Era um programa voltado para a elaboração e realização dos Planos de Revitalização em diversos sítios históricos urbanos tombados em todo o Brasil. Em 2003, retornei para Recife, e, no mesmo ano, ingressei no Mestrado em Desenvolvimento Urbano, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na área de concentração de Gestão Urbana, onde desenvolvi a minha dissertação sobre o instrumento da “Transferência do Direito de Construir voltado para a conservação do Patrimônio Cultural”, apresentando como estudo de caso a cidade de Curitiba. Em 2005, defendi a minha dissertação e, no mesmo ano, ingressei como arquiteta e urbanista no primeiro concurso realizado para o Iphan, sendo lotada na Coordenação Técnica da Superintendência do Iphan/PE. Ao longo dos anos na Instituição, fui coordenadora técnica substituta da Superintendência, do Escritório Técnico de Olinda e do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

Em 2010, ingressei no Doutorado em Desenvolvimento Urbano, do Iphan, desta vez, na área de concentração da Conservação Urbana. Minha tese apresentou como objetivo inicial

1 Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

o Patrimônio ferroviário, ou seja, compreender a questão do valor, da valoração, e critérios utilizados para conferência do valor. A minha proposta inicial de pesquisa centrava-se no valor do Patrimônio ferroviário no âmbito local. No entanto, por ser doutorado, fui incentivada pela minha orientadora e pelo próprio programa de pós-graduação a expandir as fronteiras geográficas do conhecimento. Desta forma, meu trabalho continuou com a mesma temática, no caso: “o Patrimônio ferroviário” e a questão do “valor”, só que no âmbito internacional. Por esta razão os meus estudos de caso passaram a ser as ferrovias consideradas Patrimônio da humanidade e o valor universal excepcional. O objetivo central da minha tese voltou-se então para compreender que valores foram atribuídos ao Patrimônio ferroviário que justificassem a sua inscrição na lista do Patrimônio mundial. E aí eu tive que pesquisar e desenvolver todo um arcabouço teórico-metodológico. Realizei pesquisas na sede da Unesco e na sede do Icomos², ambas em Paris, onde foi possível acessar documentos primários e demais bibliografias específicas e disponíveis apenas nessas localidades. Foi um trabalho que contribuiu bastante para o meu aprimoramento profissional, pois precisei mergulhar em todas as discussões internacionais, em prol da preservação do Patrimônio cultural, do Patrimônio Industrial e, em específico, do Patrimônio ferroviário, bem como as questões centrais e filosóficas entranhadas no entendimento do “valor”. Finalizei a minha tese de doutorado no segundo semestre de 2015, e ao longo destes anos de estudo precisei conciliar as minhas atividades profissionais no Iphan com os estudos do doutorado e atividades de docência em cursos de pós-graduação.

Fui professora da disciplina de “Legislação”, do curso de Especialização em Patrimônio Histórico da Faculdade Damas; e das disciplinas de “Elementos de Tombamento” e “Patrimônio Industrial” da Universidade Católica de Pernambuco. Participei também de um capítulo do livro “Revisitando o Instituto do Tombamento”, no qual discorro sobre a minha dissertação de mestrado (2011).

2 Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

TB: E quais as motivações que fizeram com que você se aproximasse mais desse tema neste processo?

AP: O que me motivou a querer estudar a temática do valor foi a necessidade de um maior aprofundamento teórico para embasar os pareceres técnicos para justificar a proteção de bens culturais e análise de intervenções nestes bens. Os valores conferidos a um bem são os elementos balizadores e que devem nortear a sua proteção para as presentes e futuras gerações. Por isso é tão importante compreender como se dá esse processo de atribuição, julgamento e validação dos valores. Em relação ao Patrimônio ferroviário, foi o fato de que no ano de 2007 houve a extinção da Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima - RFFSA, e então o que foi que aconteceu? Todos os bens ferroviários da Rede Ferroviária com valor histórico e cultural passaram a ficar sob a tutela do Iphan, que passou a ser a instituição responsável pela sua salvaguarda e a sua valoração. Mas que critérios poderiam ser utilizados para conferir esse valor? Que atributos justificariam o reconhecimento dos bens culturais ferroviários como bens culturais dignos de preservação? Estes foram os principais questionamentos que motivaram a minha busca pela compreensão do processo de valoração do Patrimônio ferroviário na Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário.

224 |

Porque é assim: nós temos alguns bens que são tombados, ou seja, são inscritos em um ou mais Livros de Tombo, regulamentado pelo Decreto-Lei de 25/37; e existem os bens ferroviários inscritos na Lista do Patrimônio Cultural, instituída pela Portaria n.º407/2010, que se configura numa forma de acautelamento específica para os bens ferroviários. Então coube ao Iphan a tarefa de receber e administrar os bens de valor cultural, oriundos da RFFSA, como também de atribuir, de identificar, quais eram os bens ferroviários e que valores poderiam ser a eles atribuídos. E aí, emergiu uma problemática real: a falta de metodologia específica para a valoração desse enorme contingente de bens ferroviários, que foram meio que “jogados de bandeja” para o Iphan. Foram centenas de bens,

não só bem móveis e integrados, como também bens imóveis, tais como armazéns, estações etc., e que coube ao Iphan a tarefa de identificar e valorá-los.

TB: E como foi em Recife, no caso do projeto de sua tese mesmo, e a ação fora dos muros acadêmicos?

AP: A maior contribuição da minha tese, acredito ser a metodologia utilizada para identificar os atributos e interpretar os valores que justificaram a inscrição das ferrovias na lista do Patrimônio Mundial. É uma metodologia que poderá ser facilmente aplicada aos bens ferroviários acautelados e a serem tutelados pelo Iphan. É uma metodologia que poderá ser aplicada também em outros bens culturais que não se enquadram na categoria de bens industriais ferroviários. Na atualidade, percebo que existe a preocupação e necessidade de se desenvolver metodologias para a atribuição, julgamento e validação dos valores, principalmente pela noção de valor, de objeto de conservação, pautada no significado que a coisa tem não apenas para o técnico, mas para toda uma comunidade envolvida com aquele bem. A direção do Iphan nacional tem ventilado a necessidade de se construir uma nota técnica para auxiliar na identificação dos atributos e atribuição dos valores aos bens ferroviários. Acho que é uma iniciativa muito louável.

|225

TB: E o que existe hoje? O que o Iphan e seus técnicos estão desenvolvendo nessa área de valoração para o setor ferroviário?

AP: As normativas são um passo muito importante, pois abordam a questão do valor histórico, da memória. Mas em termos de metodologia mesmo, muito pouco tem sido desenvolvido até então. Ainda é um campo muito recente. A portaria n.º407/2010, por sua vez, apresenta lacunas, por tratar dos valores sem se aprofundar na metodologia para a sua conferência, julgamento e validação, o que dá margem a diferentes interpretações e a distintas formas de valoração.

TB: Então, Ana Paula, essa discussão do Patrimônio é muito ampla, há várias interpretações, e o que seria mesmo o Patrimônio Industrial?

AP: Bom, eu acredito que Patrimônio Industrial é todo aquele Patrimônio que tem as suas raízes relacionadas com a história da industrialização. As primeiras conceituações na Grã-Bretanha consideravam como monumentos industriais qualquer estrutura ou edificação oriunda da Revolução Industrial, incluindo os processos industriais e técnicos, bem como os meios de comunicação. O problema é que essa vinculação rendeu críticas por parte de muitos estudiosos em razão das diferentes épocas e fases da industrialização nos diversos países. As Cartas de Nizhny Tagil e os Princípios de Dublin são documentos que abarcam um entendimento do Patrimônio Industrial. Consideram bens da cultura industrial tanto os bens imóveis, como edifícios e maquinarias, como também os meios de transporte e os bens de natureza imaterial, caracterizados como o *know-how*, a organização do trabalho. Eu comungo com Beatriz Kuhl por considerar que a noção de Patrimônio Industrial ainda está se consolidando. É um entendimento multidisciplinar e que deve ser pensado de uma forma mais integrada e abrangente, ou seja, os aspectos materiais, imateriais, a arqueologia, a história, as questões sociais, políticas e econômicas de uma dada sociedade é que compõem de forma indissociável o Patrimônio Industrial de uma localidade.

Neste contexto, mais amplo, insere-se o Patrimônio ferroviário, não apenas pela relação das ferrovias com o desenvolvimento das indústrias, mas também pelo fato de as indústrias terem impulsionado a construção das diversas vias férreas em todo o mundo. No entanto, percebe-se que este entendimento mais holístico do Patrimônio Industrial ainda não se encontra consolidado nos órgãos de preservação. No âmbito do Iphan, eu percebo que embora se reconheça os engenhos, as vilas operárias e os bens ferroviários como Patrimônio Industrial,

ainda se encontra muito evidente os bens tombados ou valorados isoladamente sem uma interconexão com os demais elementos que colaboram e que constituem um entendimento mais amplo do Patrimônio Industrial. Eu penso que este Patrimônio deva ser considerado sob uma ótica multidisciplinar, onde não apenas a arquitetura está envolvida, mas os demais setores, as diversas áreas e disciplinas.

TB: Você poderia contar um pouco como é que foi esse desenvolvimento, no setor do engenho, no setor ferroviário... Eu tenho a impressão de que em Pernambuco está muito avançado. O que existe aqui em torno dessa discussão?

AP: O Iphan tem realizado, nestes últimos anos, alguns inventários, a exemplo do Inventário do Patrimônio Ferroviário em Pernambuco (2009), Inventário de Varredura do Patrimônio Material do Ciclo da Cana-de-açúcar (2011), que tratam mais especificamente do Patrimônio Industrial. Existe também o Inventário do Patrimônio religioso (2014). Todos têm essa abrangência da identificação, porque o inventário é um instrumento de reconhecimento, de proteção, mas não é um instrumento de tutela como o Tombamento ou a Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário.

|227

TB: E quais as áreas que estão mais envolvidas junto com o Iphan com essa discussão?

AP: Estes inventários, propriamente ditos, foram realizados por empresas de arquitetura, contratadas mediante processo licitatório. Então nesse grupo de profissionais havia historiadores, arquitetos, arqueólogos, tem toda uma gama de profissionais de formações variadas no campo de Patrimônio cultural.

TB: E você mencionou a Beatriz Kuhl. Ela é da área da arquitetura. Você poderia citar alguns estudiosos com os quais você dialogou no Nordeste do Brasil, ou fora do Brasil?

AP: Tenho como referência os trabalhos da Beatriz Kuhl, que participou da banca de qualificação do meu doutorado. Também foram de extrema relevância os estudos de Gabriela Campgnol, de Manuela Ruffinoni, de Cristina Meneguello. No tocante à noção do valor, utilizei alguns filósofos, tais como Johannes Hessen, Steven Connor, Risiere Frondizi; e teóricos da Conservação Urbana, como Munos Vinãs, Randal Mason, Sílvio Zanchetti, Norma Lacerda e minha orientadora, Virgínia Pontual. No âmbito internacional, pontuo alguns estudos fundamentais para a compreensão desta visão mais sistêmica do Patrimônio ferroviário, como Neil Cossons, Anthony Colls, Lewis e Michael Robbins. Para compreender o Patrimônio mundial e a Unesco, foram muito importantes os estudos de Jukka Jokilehto, Sophia Abadi, Britta Rudolf, Cristina Camerom, dentre outros.

TB: E o que é a ferrovia?

228 | AP: O entendimento de ferrovia pode ser bem amplo e genérico, como bem define Michael Lewis ao considerar uma faixa linear preparada para guiar as rodas de um veículo sobre ela, sem que as mesmas saiam dela. A concepção moderna de ferrovias, por sua vez, foi definida por Robbins, como a combinação de uma via ferroviária, com transporte de carga e de passageiros, tração mecânica e algum controle público.

TB: E no teu caso, na tua tese, ferrovia é...

AP: Eu concordo com o entendimento que vem sendo desenvolvido pela Unesco, que é um pouco diferente da nossa forma aqui de pensar. No âmbito do Iphan, por exemplo, o reconhecimento das ferrovias como Patrimônio cultural se dá a partir de uma visão mais segmentada, mais pontual, sendo representadas, muitas vezes, apenas por uma estação, por um armazém. Na esfera da Unesco, tenho constatado que o Patrimônio ferroviário condiz mais com a ideia de sistema, de uma composição dos diversos elementos ferroviários, ou seja,

não é só armazém, não é só a casa do ferroviário, não é só a vila, mas é todo um contexto que se reconhece. O Patrimônio ferroviário é composto pela via férrea, pela paisagem que se conforma com a presença da ferrovia, imbuída de história, de aspectos imateriais e intangíveis. Então, eu percebo que essa questão de pensar mais o macro é uma coisa que a gente ainda está engatinhando aqui. Eu acredito que pela própria questão do tombamento, que dificulta um pouco, porque o conteúdo do tombamento é muito focado na matéria. A gente ainda tem uma separação entre a matéria e o imaterial, e eu defendo que um não existe sem o outro, então como o instrumento do tombamento tem muito esse enfoque, né?! Eu acredito que a visão do Patrimônio ferroviário ainda não tem sido consolidada de uma forma sistemática, como no âmbito internacional.

Um dos estudos de caso que utilizei na minha tese foi a ferrovia Semmering, na Áustria, que foi a primeira ferrovia inscrita na lista do Patrimônio ferroviário. Esta ferrovia é compreendida e reconhecida como Patrimônio, não apenas pelos seus aspectos materiais: via férrea, locomotiva, edificações de apoio; mas toda uma relação que a ferrovia apresenta com a paisagem circundante, como algo inter-relacionado e indissociável. Não é só a linha férrea, mas é toda uma paisagem... Até mesmo a arquitetura das edificações que foram construídas nos arredores da ferrovia é tão importante e reconhecida quanto a própria ferrovia. É o percurso, a percepção da paisagem pelo sujeito, a harmonia, o diálogo e a composição dessa ambiência com a ferrovia. Tudo isso é percebido e reconhecido como Patrimônio ferroviário. E aí também são reconhecidos os elementos imateriais, ou seja, a história da construção da ferrovia, as inovações tecnológicas desenvolvidas pelo engenheiro Von Ghega. É muito interessante como a história da sua construção é ressaltada e reconhecida através da existência de um memorial ao engenheiro Ghega. Eu tive a oportunidade de andar nesta ferrovia e conversar com algumas pessoas, e pude constatar que a ferrovia Semmering é mais reconhecida pelo nome do engenheiro que a construiu do que propriamente pelo seu nome oficial. A história da Ferrovia Semmering é

fascinante. O engenheiro Ghega, para construí-la, fez pesquisas em diversas ferrovias mundiais, principalmente as americanas, para poder desenvolver a ferrovia Semmering. Foi a primeira ferrovia construída nos Alpes. Pioneira na tecnologia ferroviária nas montanhas, numa época que a tecnologia não era tão avançada. Então houve, exatamente com esse pioneirismo, um intercâmbio tecnológico que influenciou a construção de várias outras ferrovias em todo o mundo. Além disso, é considerada como excepcional pelo seu uso ininterrupto, até os dias de hoje. Isso é outro aspecto que a Unesco reconhece: a integridade funcional, ou seja, a ferrovia existe e permanece com o seu mesmo uso, sua mesma função desde o período de sua construção. Enfim, ela foi de 1854, então até hoje ela ainda continua sendo utilizada! E a questão da autenticidade é também um pouco diferente em relação à autenticidade reconhecida em outros bens culturais. Em que sentido? A Unesco permite a mudança, a transformação, para que a ferrovia continue sendo utilizada. Por quê? Porque existem materiais que precisam ser renovados, substituídos para que a ferrovia seja segura, para que ela possa continuar sendo utilizada de forma sustentável e seja preservada dentro do contexto no qual ela se encontra inserida.

TB: Professora Ana Paula, poderia, por favor, comentar um pouco sobre a sua pesquisa, o estudo que você fez, a sua ideia inicial, o seu objeto, o trajeto?

AP: A minha ideia inicial foi investigar os valores atribuídos às ferrovias locais a partir da Teoria da Representação Social. A partir das pesquisas realizadas, percebi que a problemática do entendimento do Patrimônio ferroviário ultrapassava as barreiras locais e tinha origem em todo um entendimento atrelado ao alargamento da noção de Patrimônio cultural. Da mesma forma o valor. A questão do valor universal excepcional é um tema que está em constante transformação porque precisou acompanhar as diversas discussões em relação à noção de valor. Apesar da mudança dos estudos de caso, a minha

tese permaneceu na temática do Patrimônio ferroviário e dos valores.

TB: E nessa sua análise de reutilização do espaço, como reutilizar os espaços fabris, o entorno, considerando não só como espaço de produção, qual é a sua opinião sobre isso?

AP: O Patrimônio Industrial apresenta atributos materiais e processos que representam a história de uma sociedade, permeada por acontecimentos tecnológicos, políticos, econômicos, sociais e culturais. Então, a primeira coisa para a gente compreender nosso Patrimônio é tentar identificar os atributos que estes bens apresentam e quais os seus significados, que valores são conferidos e quais se pretende preservar. Eu acho que ao Patrimônio não se atribui apenas um valor, mas uma multiplicidade de valores que se relacionam e se apresentam em uma ordem hierárquica. O Patrimônio, portanto, tem uma gama de valores, dentre eles o valor econômico também, que muitas vezes não é levado em consideração. Eu acho que o valor econômico, em diversos momentos, é tido como um valor que entra em divergência direta com a preservação do Patrimônio. No meu ponto de vista, o valor econômico não tem que ficar no topo de uma hierarquia de valores, mas ele tem que estar dentro da multiplicidade de valores que são conferidos ao bem cultural. A sustentabilidade é imprescindível para que se continue a usar e a preservar o bem patrimonial. Então, eu acredito que as ações devem vislumbrar também o valor econômico, forma harmônica e dialogando com outros valores culturais, possibilitando, destarte, o seu uso sustentável.

|231

TB: Você poderia discorrer melhor sobre isso, de como essas ruínas e esses espaços que não são muito aproveitados, aqui no Brasil, seja a linha ferroviária, ou fábricas que faliram, ou se transformaram em galpões abandonados como essa discussão, sobre esses espaços, sobre essas instâncias poderia existir considerando a dimensão econômica?

AP: Você está falando no âmbito de Pernambuco, ou no âmbito geral?

TB: Poderias falar à vontade? Aqui e lá.

AP: Vou falar o caso da linha ferroviária High Line, em Nova Iorque, porque é um exemplo interessantíssimo. Era uma linha ferroviária cravada em uma localidade com um grande fluxo de pessoas e carros, e que por conta da sua localização perigosa ocasionou muitos acidentes e mortes, sendo reconhecida, durante um período, como “linha da morte”. Por causa destas fatalidades, a linha passou a funcionar numa plataforma suspensa até ser desativada e abandonada. Depois de anos, a própria comunidade local resolveu revitalizá-la por todo o significado que aquela linha férrea apresentava para eles. Eles se organizaram, criaram várias formas de angariar recursos para preservar os elementos ainda existentes daquela linha férrea, que foi transformada em um parque linear suspenso. Há uns cinco anos, eu tive a oportunidade de visitar a High Line e pude presenciar um pouco desse processo. O projeto de intervenção incorporou os trilhos da via férrea e um pequeno trecho da linha, compondo as jardineiras e todo um mobiliário existente para dar apoio aos espaços utilizados, como café e parque. O espaço é utilizado para contemplação. As pessoas fazem caminhada, tem várias atividades, várias exposições ao longo de toda a linha, que possibilitam compreender a história e os significados da linha férrea. É um exemplo interessante porque, ao mesmo tempo em que conta uma história, é um espaço de usufruto, um espaço de convivência, é um espaço em que as pessoas têm opção de lazer. Há também uma fábrica ali próxima que foi desativada. Era uma fábrica até de biscoito (Nabisco), onde hoje em dia funciona um polo gastronômico. Então existem as paredes originais, as aberturas e toda uma readaptação para o uso gastronômico. É a história sendo contada nas paredes, nas fotos antigas ali expostas. São algumas ações pontuais no mundo que exemplificam a sustentabilidade de estruturas antigas preservadas. Aqui no Brasil,

eu poderia citar o complexo ferroviário de São João Del Rei, em Minas Gerais, a Vila Ferroviária de Paranapiacaba, em São Paulo, que é tombada pelo Iphan e também está na lista de tentativa do Patrimônio Mundial da Unesco. É uma vila que se formou em razão da construção da ferrovia e representa a forte influência da arquitetura inglesa na construção e na tecnologia ferroviária.

Em São João Del Rei há um trecho do complexo ferroviário que é tombado pelo Iphan e que ainda apresenta algumas locomotivas antigas, um trecho da linha férrea, também tem alguns elementos ferroviários, como armazém e estação. É um trecho do complexo que ainda continua sendo utilizado, só que para atividades turísticas, e que constitui um importante exemplo porque possibilita vislumbrar e compreender de uma forma mais abrangente a história da ferrovia no Brasil.

TB: E aqui no Nordeste, poderia citar alguns exemplos?

AP: Em Recife, a gente tem algumas iniciativas de preservação da memória ferroviária, como o Museu do Trem, que se encontra instalado na antiga estação central do Recife e que apresenta em seu acervo algumas locomotivas antigas, mobiliários, elementos ferroviários que contam a história da ferrovia em Pernambuco. Tem também a estação ferroviária de Bezerros, que abriga um centro cultural.

|233

TB: Poderia citar alguns estudiosos que inspiraram suas pesquisas?

AP: Sim. Veja só, aqui, em nível nacional, me inspirei nos estudos da Beatriz Kuhl, Cristina Meneguello, Manoela Rufinoni. No âmbito internacional, pesquisei muito os documentos produzidos pelos consultores do Icomos, o que para mim foi um grande desafio porque eu tive que ir às fontes primárias dos relatórios, das atas de reunião, dos documentos técnicos produzidos, para identificar os estudiosos e as suas produções em relação ao Patrimônio ferroviário mundial. Fui desvendando

os autores-chave à medida que ia analisando todos estes documentos internacionais. Como nem todos estes documentos estavam disponíveis para consulta, foi necessário pesquisar direto na fonte, ou seja, nos arquivos e na biblioteca da sede da Unesco e do Icomos.

TB: E quais são as experiências no Brasil de um trecho de ferrovia desativado que hoje é museu, que hoje é espaço cultural?

AP: Olha, eu acho que as iniciativas mais comuns são estações ferroviárias transformadas em centro cultural. Em minha opinião, o mais difícil é ter algo que não esteja entre quatro paredes. Então eu diria que a Vila de Paranapiacaba é um bom exemplo, porque não é apenas uma estrutura ferroviária, é uma vila ferroviária, é um trecho ferroviário que ainda permanece, que tem o seu percurso, é toda uma paisagem conformada que propicia a preservação da memória ferroviária. A ferrovia tem uma relação muito harmônica com seu entorno, e as casas têm uma arquitetura muito peculiar, elas contam toda uma história. A ferrovia representa todo um intercâmbio tecnológico. A Vila de Paranapiacaba, para mim, é um exemplo emblemático, tanto é que ela está na lista de candidatura para inscrição na Lista do Patrimônio Mundial da Unesco. E a gente tem o museu ferroviário em São João Del Rei, em Minas Gerais, que também faz parte do Complexo ferroviário de São João Del Rei. Tem alguns exemplos emblemáticos aqui no Brasil em relação a Centro Cultural, mas poucos em relação a esta visão mais abrangente, mais sistemática, mais dinâmica do Patrimônio ferroviário.

234 |

TB: Então, Ana Paula, qual a sua avaliação sobre esta discussão no Brasil? Quais são as maiores dificuldades?

AP: Eu acho que exatamente essa junção da questão imaterial, da gente incorporar essa imaterialidade na materialidade, porque eu acho que os próprios instrumentos de salvaguarda não têm tanta flexibilidade para que haja essa relação. O

tombamento (estou dizendo aqui pelo Iphan) centra-se muito na matéria, então às vezes o aspecto imaterial, embora esteja agregado, não está reconhecido, porque quando o bem é inscrito em um ou mais dos quatro livros de tomo (Arqueológico, Paisagístico e Etnográfico, ou Histórico, de Belas Artes, ou de Artes Aplicadas), há uma tendência em evidenciar o atributo material do bem correspondente ao livro de tomo no qual ele se relaciona. O desafio, portanto, é pensar como conjunto, é pensar de forma multidisciplinar, com o envolvimento de outras disciplinas que não seja só a Arquitetura, mas também a História, Arqueologia, a Sociologia. Enfim, pensar nos aspectos imateriais, o modo de fazer, o modo de vida das pessoas, toda a simbologia, toda a técnica utilizada, a sua representação social. O Iphan de Pernambuco desenvolveu um trabalho bem interessante: “um trem de história”. É um trabalho de história oral, a partir da escuta de alguns ferroviários, do seu modo de vida, das suas lembranças.

TB: O que era esse projeto? O trem da história?

| 235

AP: Foi um trabalho desenvolvido pelo Iphan em parceria com o Museu da Pessoa, com o foco na escuta, nos relatos dos ferroviários, evidenciando toda essa questão da memória, da simbologia, do Patrimônio imaterial. O desafio é exatamente atrelar essa memória à concepção histórica de pedra e cal, que ainda é muito forte nos órgãos de preservação. Então eu acho que o desafio é trazer esta questão da imaterialidade como algo não segregado, mas algo que é único, indissociável da matéria. Esta imaterialidade é muito evidente nas ferrovias indianas, que compuseram, juntamente com outras ferrovias europeias, os estudos de caso da minha tese de doutorado. Na ferrovia indiana Darjeeling eu pude constatar o grande poder simbólico que a ferrovia exerce sobre a comunidade. Algumas locomotivas permanecem sendo utilizadas ainda hoje com as mesmas tecnologias como na época da sua construção, ou seja, à lenha. Ainda existe o ofício do trabalhador encarregado de colocar a lenha na locomotiva, de ligar a locomotiva

que ainda anda na velocidade de dez quilômetros por hora. As pessoas permanecem entrando ou saindo com o trem ainda em movimento. As pessoas ainda utilizam o trem para acessar as altas colinas, para as plantações de chá preto. A ferrovia Darjeeling foi construída pelos britânicos para alcançar o alto das Cordilheiras e poder incrementar a produção do chá, que continua até hoje. É um ofício que permanece desde aquela época assim como alguns equipamentos antigos também, como oficinas, armazéns e estações. Algumas estruturas ainda mantêm equipamentos de sinalização, mobiliários originais, bilheterias. Então eu pude perceber que os indianos reconhecem esta imaterialidade, o simbolismo e o papel das ferrovias como parte de suas vidas, de suas histórias.

Na Áustria, a questão simbólica foi muito relacionada à questão do engenheiro que idealizou a Ferrovia Semmering. Então eu acho que cada ferrovia tem o seu papel, apresenta um significado, seja em termos de tecnologia, porque foi um avanço na época, seja em termos de história, de cultura. Faz parte da vida daquelas pessoas, propiciou o acesso a lugares antes nunca desbravados, foi pensada para superar os mais distintos desafios geográficos, propiciou o desenvolvimento econômico e social de várias comunidades. Enfim, representam toda uma história. E eu acho que reconhecer estes atributos materiais e imateriais, considerando todas essas dimensões, como elementos que devem ser reconhecidos e preservados de forma integrada, é o grande desafio das políticas de preservação. Muitas vezes o elemento tombado de uma estrutura fabril é apenas uma chaminé ou apenas uma estação, no caso de uma ferrovia, quando muitas vezes, se tem outros elementos que poderiam ser agregados e reconhecidos como constituintes de todo um complexo industrial capazes de contar a história daquela fábrica, daquela população em uma dada época.

TB: É muito fragmentada a ação de preservação. Em sua prática docente nestes anos você identificou interesse dos seus alunos por essa temática?

AP: Muito. Eu acho que aqui em Pernambuco a gente tem muito poucas pessoas que estudam especificamente o Patrimônio Industrial ferroviário, mas existe um número de trabalhos crescente nestes últimos anos sobre esta temática. É um campo que ainda está se desenvolvendo. Em São Paulo a gente vê que está mais desenvolvido, tem muitos trabalhos, grupos de especialistas que tratam especificamente sobre o Patrimônio Industrial, sobre as fábricas, ferrovias, sobre o Patrimônio Industrial mesmo, de uma forma mais ampla. Acredito que um dos fatos que vêm impulsionando um maior interesse sobre esta temática é o alargamento da noção de Patrimônio cultural, e também a necessidade de valorar os bens ferroviários, ou seja, identificar quais merecem ou não ser salvaguardados, em razão da sua significância cultural.

Por isso as pesquisas têm se centrado tanto no reconhecimento dos atributos dos bens ferroviários e apontado cada vez para a necessidade de estabelecer uma metodologia para a conferência deste valor. O valor é a base de tudo, então a gente só vai preservar o que tem valor, o que significa algo não apenas para um técnico, mas para toda uma coletividade envolvida de alguma forma com aquele bem. É preciso identificar e considerar toda aquela multiplicidade de valores conferida pelos diversos grupos, porque aquela comunidade atribui valores que devem ser considerados. Eu acho que o grande desafio é esse, enquanto instituição: é a gente escutar as pessoas, incorporar os seus discursos, porque um bem não é bem só para um técnico, mas para uma comunidade.

Tenho acompanhado algumas pesquisas no grupo de trabalho do Laboratório de Urbanismo e Patrimônio – LUP, da UFPE, coordenado pela professora Virgínia Pontual, que tratam da autenticidade do Patrimônio ferroviário de Caruaru; da significância cultural de uma estrutura fabril, na cidade de Pesqueira, no interior de Pernambuco; da integridade dos núcleos fabris, dentre outros. Acompanhei também um estudo sobre uma fábrica de tecidos desativada, em Camaragibe, que será utilizada como centro educacional, dentro de um com-

plexo formado por shopping e torres de edifícios comerciais e residenciais.

TB: E qual é a política pública, ou qual é a política que o Nordeste está desenvolvendo para transformar estes espaços?

238 | AP: Eu vejo que, em muitos casos, as intervenções são motivadas pelo retorno financeiro que elas podem propiciar. O nosso capitalismo acaba muitas vezes dominando, assim como o valor econômico acaba se sobressaindo em relação aos valores culturais. Como eu disse anteriormente, é importante que se atribua valor econômico a um bem, mas acho que ele não tem que estar no topo de uma hierarquia. Existem outros valores mais importantes, mas que também precisam dialogar com o valor econômico. Eu não sou a favor daquele monumento intacto, sem utilização, esperando apenas o processo natural do tempo. Eu acho que o monumento tem que ser usado, mas com parcimônia, de forma a não comprometer os atributos que justificam a sua preservação. Que seu uso seja de uma forma consciente, que não se torne mais importante do que a história, a integridade e a representação social do bem, em prol desse interesse econômico. Eu acho que o grande desafio é esse.

Hoje há um problema muito grande, que é a mobilidade. Realmente seria interessante se a gente conseguisse reativar as nossas linhas ferroviárias, conseguisse utilizar todas, aliando o seu uso com a preservação dos bens ferroviários, mas infelizmente existem muitos interesses por trás de tudo isso, e o nosso rico Patrimônio histórico acaba muitas vezes negligenciado, sem ter a atenção, os cuidados e os investimentos que realmente merece ter.

TB: E como é que você nota o interesse dessa juventude? Eles comungam dessa concepção?

AP: Olha, estou falando da preservação de modo geral. Eu acho que as pessoas estão expondo mais a sua preocupação

com a preservação do Patrimônio histórico, com o desenvolvimento acelerado das construções que comprometem cada vez mais a qualidade de vida e a história das nossas cidades. Há movimentos que vêm lutando mais pelo Patrimônio histórico, isso é uma coisa que está muito evidente aqui em Recife, como por exemplo o movimento “Ocupe o Estelita”, que é um movimento que teve uma repercussão nacional, contra o projeto de construção de treze torres comerciais e residências na área do Cais José Estelita, em uma área de grande potencial paisagístico e com a presença ainda de elementos ferroviários. Então isso é um retrato de que a população está sim preocupada com o que está acontecendo com a cidade, com as transformações, com a destruição do nosso Patrimônio histórico, com esse capitalismo que está acima de tudo e de todos. Reflete que as pessoas estão preocupadas com a qualidade de vida, com a criação de espaços de lazer, com a história, com a cultura. Eu acho que isso representa bem uma mudança de comportamento, porque é um movimento que tem uma adesão gigantesca, muita gente lutando, e reivindicando, e de grande repercussão no âmbito local e no âmbito nacional.

|239

TB: E qual a mensagem que você daria para essas novas gerações que querem se aproximar do tema Patrimônio Industrial?

AP: Olha, eu sou muito suspeita para falar, porque eu sou apaixonada pelo Patrimônio, porque eu adoro! Eu me realizo quando vejo um monumento preservado que fala essa história, quando você vai para algum lugar que você consegue identificar, consegue fazer relações com o que existe, você consegue se transportar para aquela época. Eu fico sem palavras. Acho uma sensação indescritível você conseguir compreender a história, uma sociedade, uma comunidade através das paredes, através do que existe lá, eu acho que isso é muito interessante. Porém, eu acho que a gente só valoriza quando a gente compreende, quando a gente entende, então eu acho que a educação patrimonial é a chave de tudo, e acho que uma coisa que tem que ser vista desde o ensino básico mesmo e tem

que ser muito incentivado nas escolas. Acho que isso é uma construção, não é uma coisa que é pronta. É uma construção que tem que ser moldada desde que a criança já aprende a compreender a sua história. Porque eu acho que a gente só valoriza, só atribui valor ao que a gente entende, o que nos remete a algum significado, seja ele do ponto de vista intelectual ou da percepção, do sentimento. E para significar algo tem que ter alguma relação do bem com o sujeito que o percebe. A educação patrimonial, sem dúvida é a base para todo o sucesso da salvaguarda do Patrimônio cultural.

TB: E você vê isso na questão das políticas públicas em Pernambuco?

AP: O Iphan desenvolve trabalhos de educação patrimonial, tanto é que a gente tem o setor do Patrimônio imaterial, tem a Casa do Patrimônio. Acho que o Iphan, especificamente, está muito preocupado com isso. Eu já acompanhei algumas oficinas de educação patrimonial, pelo Iphan, em escolas públicas. É uma metodologia bem interessante. Os alunos recebem informações sobre o Patrimônio cultural das suas cidades, desenham o que alguns monumentos representam, fazem associações, mapas mentais... É todo um trabalho que nos facilita compreender qual a relação daquelas crianças com aquele Patrimônio histórico. Eu penso que as ações de educação patrimonial devem fazer parte das ações de preservação do Patrimônio cultural, assim como também é necessário que nos descolemos da matéria para que possamos pensar e reconhecer, valorar o Patrimônio cultural sob um enfoque mais multidisciplinar, sistêmico e holístico.

Obrigada.

Telma Bessa,

Recife, abril de 2016.



Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000), doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e pós doutorado na Universidade de Évora Portugal (2015). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasil, experiências sociais, memória, cultura, história oral e reestruturação produtiva.



Ana Cardoso de Matos é Professora da Universidade de Évora (Departamento de História) e membro do Centro de Investigação CIDEHUS / UE. É a responsável na Universidade de Évora do Mestrado Erasmus Mundus TPTI - Técnicas, patrimoines, territoires de l'industrie. É membro do: conselho consultivo da Fundação do Museu Nacional dos Caminhos-de-Ferro; Board do International Union of Railways History Association (IRHA); do Comité de História da Electricidade e da Energia, Fundação EDF; da Associação Ibérica de História Ferroviária; do conselho editorial da revista HoST- Journal of History of Science and Technologie e da revista TST- Transportes, servicios y telecomunicaciones; e do conselho científico das revistas e-Phaistos, revue d'histoire des techniques e da revista MIDAS-museus e estudos interdisciplinares. Pesquisadora de vários projectos entre os quais o 'Projeto HAR2016-75871-R (2016-2019) Matemática e Engenharia: novos pontos de vista críticos (séculos XVI-XX).

"Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e PT2020, no âmbito do projeto UID/HIS/00057 / 2013– POCI-01-0145-FEDER-007702"

"This work is funded by national funds through the Foundation for Science and Technology and the European Regional Development Fund (FEDER) through the Competitiveness and Internationalization Operational Program (POCI) and PT2020, under the UID / HIS project / 00057 / 2013 - POCI-01-0145-FEDER-007702"



Este livro foi composto em fonte Minion Pro, impresso no formato 14 x 21 cm, com miolo em papel off set 75 g e capa em supremo 250g, tiragem de 100 exemplares em setembro de 2018.

O conjunto de entrevistas apresentadas neste livro coordenado pelas pesquisadoras Ana Cardoso de Matos e Telma Bessa Sales traz-nos uma nova visão acerca do património industrial. Com uma abordagem que tematiza os estudos e as trajetórias de diversos estudiosos do Brasil e de Portugal, os percursos de formação de cada autor (a); as várias temporalidades e vinculações institucionais distintas, a obra valoriza as narrativas orais de quem vivenciara o processo de construção e consolidação dessa área de pesquisa nos dois países.

Na escolha teórico-metodológica as autoras demonstram sensibilidade ao considerar a complexidade que é trabalhar com história oral, as narrativas – e os próprios narradores como principal fonte documental. Esta permite ao mesmo tempo ‘envolver-se’ com as narrativas de modo a transformar a pesquisa numa experiência que apresenta a multiplicidade de testemunhos como um ‘mosaico de diferenças’.

O objetivo é contribuir para o debate complexo e contínuo sobre o património industrial. Possibilita uma ampliação do nosso entendimento dos modos como esta área se firmou e ainda vem se afirmando em diversos espaços, dentro e fora das universidades.

Enfim, este livro faz-nos mais que leitores ou integrantes dos grupos que defendem o património, coloca-nos como produtores de conhecimento, pesquisadores de nossa própria história além-fronteiras, enfrentando os dilemas apresentados ao longo do caminho.

Que novos estudos e pesquisas possam surgir acerca do património industrial na esperança de que a experiência da alteridade, o confronto significativo entre diversas representações seja uma ferramenta de diálogo, encontro e inclusão.



CIDEHUS

Centro de Estudos
de História da
Universidade de Évora

CISMPETE
2020

PORTUGAL
2020



FCT

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Apoio:

CIDEHUS

Centro de Estudos
de História da
Universidade de Évora



Mestrado Académico
em Geografia (MAG-UVA)



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-9539-025-6



9 788595 390256